

Amanda Chofard

**ASPECTOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS DO BRASIL:
UM RECORTE DE VARIANTES DOCUMENTADAS PELO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Linguística
Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling
Margotti

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Chofard, Amanda

Aspectos lexicais do português do Brasil : um
recorte de variantes documentadas pelo Atlas
Linguístico do Brasil / Amanda Chofard ;
orientador, Felício Wessling Margotti, 2019.
247 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Linguística,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Variação lexical. 3. Atlas
Linguístico do Brasil. 4. Dialetologia. 5.
Geolinguística. I. Margotti, Felício Wessling. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Amanda Chofard

**ASPECTOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM
RECORTE DE VARIANTES DOCUMENTADAS PELO ATLAS
LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-
Graduação em Linguística

Local, 28 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Gorski
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Aos meus amados pais e a minha avó,
Hilda, exemplo de força e de mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela educação que me deram e por todo o amor e carinho que, mesmo de longe, foram essenciais nessa caminhada.

Ao meu companheiro João, que sempre esteve ao meu lado acalentando minhas dores e angústias e também me dando forças para que essa jornada se tornasse mais leve.

A todos os meus familiares, que me apoiaram e me ajudaram durante esses dois anos.

À querida professora Vanderci de Andrade Aguilera, exemplo de professora, que me acolheu no segundo ano da graduação me orientando desde os primeiros passos da vida acadêmica. A quem sou muito grata por ter me incentivado a tomar novos ares, conhecer o desconhecido e explorar o inexplorado. Meu muito obrigada, professora!

Ao professor Felício Wessling Margotti, grande orientador, que desde os primeiros contatos me atendeu prontamente e sempre esteve presente me auxiliando com todo o suporte acadêmico, compartilhando todo seu conhecimento e amor pela Geolinguística.

À professora Edair Maria Gorski, que esteve presente em grande parte dos momentos mais significativos desse percurso, partilhando saberes desde a arguição do projeto apresentado na seleção do mestrado até a defesa desta dissertação.

A toda equipe do ALiB, pela disponibilização dos dados, tornando possível a realização deste trabalho.

Às minhas grandes amigas e parceiras, presentes do ALiB, Dayse e Marina, que sempre estão ao meu lado prontas para me ajudar no que for preciso.

Ao Valter e à Vanessa, pelo auxílio no processo de cartografiação.

A todos os amigos que a UFSC me deu, pelo companheirismo acadêmico e pessoal.

Aos professores Marco Antonio Martins, Fabiane Cristina Altino e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott que aceitaram ser suplentes das bancas de qualificação e defesa.

À CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

A variação é algo inerente às línguas naturais e pode ser explicada segundo os princípios da Dialetoлогия e da Geolinguística Pluridimensional, os quais norteiam este estudo. Assim, inserida no campo dos estudos lexicais, esta dissertação tem como principal objetivo descrever e analisar as designações registradas, pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, para cinco itens lexicais que compõem o Questionário Semântico Lexical (QSL) do projeto, a saber: *banana dupla*, *filho mais moço*, *carne moída*, *glutão* e *semáforo*, contribuindo, desse modo, para a descrição do português do Brasil, o qual revela estreita relação com a composição étnico-cultural. Como objetivos específicos propõem-se: (i) mapear, por meio do *software* SGVCLin, as variantes de cada um dos cinco itens lexicais em estudo, em todos os pontos pesquisados pelo ALiB, distribuídos pelo território brasileiro; (ii) averiguar se as variáveis independentes controladas pela pesquisa contribuem para a utilização de determinada variante lexical; (iii) verificar em obras lexicográficas as acepções referentes aos itens estudados, bem como compará-las com as variantes cartografadas; e (iv) identificar áreas dialetais, traçando isoléxicas, quando possível. Para tanto, o *corpus* utilizado neste trabalho compreende os dados coletados *in loco* pela equipe do ALiB nas 250 localidades que integram a rede de pontos do projeto, perfazendo o total de 996 informantes estratificados segundo as variáveis sexo e duas faixas etárias. Para cumprir com os objetivos propostos, buscou-se seguir os passos: (i) seleção do *corpus* a ser analisado; (ii) levantamento e tabulação das variantes registradas; (iii) revisão de literatura para a constituição do referencial teórico; (iv) cartografia das formas linguísticas documentadas para os itens lexicais investigados (cartas monodimensionais, de arealidade e de arealidade gradual); (v) elaboração de tabelas e gráficos para posterior análise da produtividade das variantes e também das variáveis extralinguísticas observadas; (vi) pesquisa lexicográfica para verificar a dicionarização, ou não, das variantes encontradas nos dicionários: Aulete (1980), Cunha (2007) e Houaiss (2009); e, por fim, (vii) exegese dos dados e resultados obtidos. Dentro desse contexto, a análise do *corpus* demonstrou que todos os itens lexicais investigados são poliformes e condicionados, principalmente, pela dimensão diatópica, o que revela a importância da cartografia linguística para a compreensão da distribuição espacial dos falares brasileiros.

Palavras-chave: Variação lexical. ALiB. Dialetoлогия. Geolinguística.

ABSTRACT

Variations are inherent in natural languages and can be explained according to the principles of Dialectology and Pluridimensional Geolinguistics, which guides this study. Thus, in the field of lexical studies, this dissertation has as main objective to describe and analyze the designations registered by the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) for five lexical items that make up the Lexical Semantic Questionnaire (QSL) of the project, *namely banana dupla, filho mais moço, carne moída, glutão e semáforo*, contributing to the description of Brazilian Portuguese, which reveals a close relationship with the ethno-cultural composition. The specific objectives propose are: (i) to map, through the SGVCLin software, the variants of each of the five lexical items under study, in all the points researched by the ALiB, distributed throughout the Brazilian territory; (ii) to determine if the independent variables controlled by the research contribute to the use of a certain lexical variant; (iii) verify in lexicographic works the meanings regarding the items studied, as well as compare them with the mapped variants; and (iv) identify dialectal areas, tracing isolexicals, when possible. To do so, the corpus used in this work comprises the data collected *in loco* by the ALiB team in the 250 localities that integrate the network of points of the project, making up the total of 996 informants stratified according to the variables gender and two age groups. In order to comply with the proposed objectives, the following steps were taken: (i) selection of the corpus to be analyzed; (ii) survey and tabulation of registered variants; (iii) literature review for the constitution of the theoretical reference; (iv) cartography of the documented linguistic forms for the lexical items investigated (one-dimensional charts, areality and gradual arealities); (v) elaboration of indexes and graphs for later analysis of the productivity of the variants and also of the observed extralinguistic variables; (vi) lexicographic research to verify the variance of variants found in dictionaries: Aulete (1980), Cunha (2007) and Houaiss (2009); and, finally, (vii) exegesis of the data and results obtained. Within this context, the analysis of the corpus showed that all the lexical items investigated are polyphorous and conditioned mainly by the diatopic dimension, which reveals the importance of linguistic cartography to understand the spatial distribution of Brazilian speeches.

Keywords: Lexical variation. ALiB. Dialectology. Geolinguistics.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Perfil dos informantes | 64 |
| Quadro 2 - Variantes documentadas para a questão 194 - semáforo e seus agrupamentos..... | 70 |
| Quadro 3 - Variantes documentadas para a questão 043 - banana dupla e seus agrupamentos..... | 88 |
| Quadro 4 - Variantes documentadas para a questão 178 - carne moída e seus agrupamentos..... | 113 |
| Quadro 5 - Variantes documentadas para a questão 184 - glutão e seus agrupamentos | 129 |
| Quadro 6 - Variantes da Região Nordeste agrupadas em outras (QSL 184 - glutão)..... | 138 |
| Quadro 7 - Variantes da Região Centro-Oeste agrupadas em outras (QSL 184 - glutão) | 141 |
| Quadro 8 - Variantes da Região Sudeste agrupadas em outras (QSL 184 - glutão)..... | 144 |
| Quadro 9 - Variantes da Região Sul agrupadas em outras (QSL 184 - glutão) | 148 |
| Quadro 10 - Variantes documentadas para a questão 131 - filho mais moço e seus agrupamentos | 155 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 194 - semáforo..... | 73 |
| Tabela 2 - Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 194 - semáforo..... | 74 |
| Tabela 3 - Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 194 - semáforo | 75 |
| Tabela 4 - Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 194 - semáforo..... | 77 |
| Tabela 5 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 194 - semáforo..... | 78 |
| Tabela 6 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 194 - semáforo..... | 81 |
| Tabela 7 - Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 043 - banana dupla..... | 91 |
| Tabela 8 - Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 043 - banana dupla..... | 95 |
| Tabela 9 - Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 043 - banana dupla | 97 |
| Tabela 10 - Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 043 - banana dupla | 99 |
| Tabela 11 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 043 - banana dupla | 103 |
| Tabela 12 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 043 - banana dupla..... | 104 |
| Tabela 13 - Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 178 - carne moída | 114 |
| Tabela 14 - Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 178 - carne moída | 115 |
| Tabela 15 - Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 178 - carne moída..... | 117 |
| Tabela 16 - Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 178 - carne moída..... | 118 |
| Tabela 17 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 178 - carne moída..... | 120 |
| Tabela 18 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 178 - carne moída | 121 |
| Tabela 19 - Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 184 - glutão..... | 133 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 20 - Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 184 - glutão | 134 |
| Tabela 21 - Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 184 - glutão | 136 |
| Tabela 22 - Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 184 - glutão | 140 |
| Tabela 23 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 184 - glutão | 143 |
| Tabela 24 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 184 - glutão | 146 |
| Tabela 25 - Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 131 - filho mais moço | 157 |
| Tabela 26 - Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 131 - filho mais moço | 158 |
| Tabela 27 - Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 131 - filho mais moço | 159 |
| Tabela 28 - Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 131 - filho mais moço | 160 |
| Tabela 29 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 131 - filho mais moço | 162 |
| Tabela 30 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 131 - filho mais moço | 164 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Distribuição das variantes registradas para a questão 194 - semáforo por faixa etária..... | 83 |
| Gráfico 2 - Distribuição das variantes registradas para a questão 194 - semáforo por sexo | 85 |
| Gráfico 3 - Distribuição das variantes registradas para a questão 043 - banana dupla por faixa etária | 107 |
| Gráfico 4 - Distribuição das variantes registradas para a questão 043 - banana dupla por sexo | 110 |
| Gráfico 5 - Distribuição das variantes registradas para a questão 178 - carne moída por faixa etária..... | 124 |
| Gráfico 6 - Distribuição das variantes registradas para a questão 178 - carne moída por sexo..... | 125 |
| Gráfico 7 - Distribuição das variantes registradas para a questão 184 - glutão por faixa etária..... | 150 |
| Gráfico 8 - Distribuição das variantes registradas para a questão 184 - glutão por sexo | 152 |
| Gráfico 9 - Distribuição das variantes registradas para a questão 131 - filho mais moço por faixa etária..... | 167 |
| Gráfico 10 - Distribuição das variantes registradas para a questão 131 - filho mais moço por sexo | 168 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADDU – Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai
ALE – Atlas das Línguas da Europa
ALF – *Atlas Linguistique de la France*
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALiR – *Atlas Linguistique Roman*
BA – Bahia
CNH – Carteira Nacional de Habilitação
ES – Espírito Santo
GO – Goiás
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG – Minas Gerais
MS – Mato Grosso do Sul
MT – Mato Grosso
PA – Pará
PI – Piauí
PR – Paraná
QFF – Questionário Fonético-Fonológico
QMS – Questionário Morfossintático
QSL – Questionário Semântico-Lexical
RJ – Rio de Janeiro
RO – Rondônia
RP – Resposta prejudicada
RS – Rio Grande do Sul
SC – Santa Catarina
SE – Sergipe
SGVCLin – *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas
SP – São Paulo
TN – Tradução nossa
TO – Tocantins
UFBA – Universidade Federal da Bahia
WorkALiB – Workshop Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 25 |
| 1.1 | OBJETIVOS | 28 |
| 1.2 | PERGUNTAS DE PESQUISA E HIPÓTESES | 28 |
| 1.3 | ESTRUTURA DO TRABALHO | 31 |
| 2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS | 33 |
| 2.1 | LÍNGUA E DIALETO | 33 |
| 2.2 | VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS | 37 |
| 2.3 | O LÉXICO | 39 |
| 2.3.1 | As ciências do léxico: um breve panorama | 42 |
| 2.4 | DIALETOLOGIA | 43 |
| 2.4.1 | O método dialetológico | 44 |
| 2.4.2 | A Dialetoлогия e a Geolinguística no Brasil | 49 |
| 2.4.3 | Projeto Atlas Linguístico do Brasil | 50 |
| 2.4.3.1 | Rede de pontos | 53 |
| 2.4.3.2 | Informantes | 54 |
| 2.4.3.3 | Questionários | 54 |
| 2.4.3.4 | Caminhos percorridos e um breve olhar para o futuro do ALiB | 55 |
| 3 | OS ITENS LEXICAIS EM ESTUDO | 57 |
| 3.1 | O INSTRUMENTO TÉCNICO SEMÁFORO | 57 |
| 3.2 | AS DUAS BANANAS QUE NASCEM GRUDADAS | 59 |
| 3.3 | A CARNE DEPOIS DE TRITURADA NA MÁQUINA | 59 |
| 3.4 | A PESSOA QUE COME DEMAIS | 60 |
| 3.5 | O FILHO QUE NASCEU POR ÚLTIMO | 60 |
| 4 | METODOLOGIA | 63 |
| 4.1 | <i>CORPUS</i> | 63 |
| 4.2 | PERFIL DOS INFORMANTES | 64 |
| 4.3 | REDE DE PONTOS | 65 |
| 4.4 | CARTOGRAFAÇÃO | 65 |
| 4.5 | ETAPAS DA PESQUISA | 67 |
| 5 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 69 |
| 5.1 | QUESTÃO 194 - SEMÁFORO | 69 |
| 5.2 | QUESTÃO 043 – BANANA DUPLA | 87 |
| 5.3 | QUESTÃO 178 – CARNE MOÍDA | 112 |
| 5.4 | QUESTÃO 184 - GLUTÃO | 128 |
| 5.5 | QUESTÃO 131 - FILHO MAIS MOÇO | 154 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 171 |
| | REFERÊNCIAS | 175 |
| | APÊNDICES | 185 |

| | |
|--|-----|
| APÊNDICE A – Carta 1 - ALiB QSL 194: Semáforo (Distribuição diatópica das variantes na Região Norte)..... | 185 |
| APÊNDICE B – Carta 1A - ALiB QSL 194: Semáforo (Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste) | 186 |
| APÊNDICE C – Carta 1B - ALiB QSL 194: Semáforo (Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste) | 187 |
| APÊNDICE D – Carta 1C - ALiB QSL 194: Semáforo (Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste) .. | 188 |
| APÊNDICE E – Carta 1D - ALiB QSL 194: Semáforo (Distribuição diatópica das variantes na Região Sul) | 189 |
| APÊNDICE F – Carta 1E - ALiB QSL 194: Semáforo (Arealidade da variante sinal) | 190 |
| APÊNDICE G – Carta 1F - ALiB QSL 194: Semáforo (Arealidade da variante semáforo)..... | 191 |
| APÊNDICE H – Carta 1G - ALiB QSL 194: Semáforo (Arealidade gradual da variante sinal) | 192 |
| APÊNDICE I – Carta 1H - ALiB QSL 194: Semáforo (Arealidade gradual da variante semáforo)..... | 193 |
| APÊNDICE J – Carta 2 - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte | 194 |
| APÊNDICE K – Carta 2A - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste..... | 195 |
| APÊNDICE L – Carta 2B - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste..... | 196 |
| APÊNDICE M – Carta 2C - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste..... | 197 |
| APÊNDICE N – Carta 2D - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul..... | 198 |
| APÊNDICE O – Carta 2E - ALiB QSL 043: Arealidade da variante banana gêmea..... | 199 |
| APÊNDICE P – Carta 2F - ALiB QSL 043: Arealidade da variante banana felipe | 200 |
| APÊNDICE Q – Carta 2G - ALiB QSL 043: Arealidade gradual da variante banana gêmea | 201 |
| APÊNDICE R – Carta 2H - ALiB QSL 043: Arealidade gradual da variante banana felipe | 202 |
| APÊNDICE S – Carta 3 - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte | 203 |
| APÊNDICE T – Carta 3A - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste..... | 204 |

| | |
|--|-----|
| APÊNDICE U – Carta 3B - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste | 205 |
| APÊNDICE V – Carta 3C - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste..... | 206 |
| APÊNDICE W – Carta 3D - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul..... | 207 |
| APÊNDICE X – Carta 3E - ALiB QSL 178: Arealidade da variante carne moída | 208 |
| APÊNDICE Y – Carta 3F - ALiB QSL 178: Arealidade da variante picadinho..... | 209 |
| APÊNDICE Z – Carta 3G - ALiB QSL 178: Arealidade da variante guisado | 210 |
| APÊNDICE AA – Carta 3H - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante carne moída | 211 |
| APÊNDICE AB – Carta 3I - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante picadinho | 212 |
| APÊNDICE AC – Carta 3J - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante guisado..... | 213 |
| APÊNDICE AD – Carta 4 - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte | 214 |
| APÊNDICE AE – Carta 4A - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste | 215 |
| APÊNDICE AF – Carta 4B - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste | 216 |
| APÊNDICE AG – Carta 4C - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste..... | 217 |
| APÊNDICE AH – Carta 4D - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul..... | 218 |
| APÊNDICE AI – Carta 4E - ALiB QSL 184: Arealidade da variante guloso | 219 |
| APÊNDICE AJ – Carta 4F - ALiB QSL 184: Arealidade da variante comilão | 220 |
| APÊNDICE AK – Carta 4G - ALiB QSL 184: Arealidade da variante esganado..... | 221 |
| APÊNDICE AL – Carta 4H - ALiB QSL 184: Arealidade das variantes danado, acanaiado e fominha..... | 222 |
| APÊNDICE AM – Carta 4I - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante guloso | 223 |
| APÊNDICE AN – Carta 4J - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante comilão | 224 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE AO – Carta 4K - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante esganado..... | 225 |
| APÊNDICE AP – Carta 5 - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte..... | 226 |
| APÊNDICE AQ – Carta 5A - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste..... | 227 |
| APÊNDICE AR – Carta 5B - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste..... | 228 |
| APÊNDICE AS – Carta 5C - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste..... | 229 |
| APÊNDICE AT – Carta 5D - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul..... | 230 |
| APÊNDICE AU – Carta 5E - ALiB QSL 178: Arealidade da variante caçula | 231 |
| APÊNDICE AV – Carta 5F - ALiB QSL 178: Arealidade da variante mais novo..... | 232 |
| APÊNDICE AW – Carta 5G - ALiB QSL 178: Arealidade da variante raspa de tacho..... | 233 |
| APÊNDICE AX – Carta 5H - ALiB QSL 178: Arealidade da variante bebê e nenê..... | 234 |
| APÊNDICE AY – Carta 5I - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante caçula..... | 235 |
| APÊNDICE AZ – Carta 5J - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante mais novo | 236 |
| APÊNDICE BA – Carta 5K - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante raspa de tacho | 237 |
| ANEXOS..... | 239 |
| ANEXO A – Rede de pontos do ALiB | 239 |
| ANEXO B – Base cartográfica da Região Norte..... | 242 |
| ANEXO C – Base cartográfica da Região Nordeste..... | 243 |
| ANEXO D – Base cartográfica da Região Centro-Oeste.... | 244 |
| ANEXO E – Base cartográfica da Região Sudeste..... | 245 |
| ANEXO F – Base cartográfica da Região Sul | 246 |
| ANEXO G – Base cartográfica do Brasil | 247 |

1 INTRODUÇÃO

Busca-se com este trabalho pesquisar a variação lexical nos dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, realizando, assim, uma descrição geolinguística e dialetológica de aspectos dos falares brasileiros. Mais especificamente, o estudo circunscreve-se às variantes lexicais para designar: (i) *banana dupla*, (ii) *filho mais moço*, (iii) *carne moída*, (iv) *glutão* e (v) *semáforo*.

O projeto ALiB surgiu em 1996, com sede na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e é coordenado por um Comitê Nacional que possui como presidente¹ a Dra. Jacyra Mota e coordenadores de equipes regionais, sendo elas: Regional Pará, Regional Ceará, Regional Bahia, Regional Mato Grosso do Sul, Regional Paraná e Regional Rio Grande do Sul, as quais contribuem para o desenvolvimento do projeto. De acordo com Romano (2013, p. 217), é “o marco divisório que separa os dois momentos da Geolinguística brasileira [...]”.

Com o objetivo de descrever o português falado no Brasil, o ALiB realizou inquéritos, *in loco*, em 250 localidades urbanas do país. Para tanto, utilizou um questionário que é dividido em: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), questões de prosódia, Questionário Semântico-Lexical (QSL), Questionário Morfossintático (QMS) e questões de pragmática, assim como temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura (COMITÊ NACIONAL, 2001). Seus informantes são estratificados, no interior, pelas variáveis sexo (masculino e feminino) e faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), totalizando quatro informantes por localidade e, nas capitais, acrescenta-se a variável escolaridade (nível fundamental e nível superior), perfazendo o total de oito informantes por ponto de inquérito.

Após uma longa jornada de coleta de dados do Oiapoque ao Chuí, em 2014 dá-se início às publicações do Atlas com o lançamento de dois volumes, o primeiro com caráter introdutório e o segundo com parte dos resultados obtidos nas 25 capitais investigadas, em que são apresentadas cartas linguísticas que revelam os aspectos fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos do português do Brasil.

A variação é entendida e atestada como inerente às línguas naturais desde tempos antigos, como é possível observar no mito bíblico

¹ De 1996 a 2018, o Projeto ALiB foi presidido pela Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (*in memoriam*).

Torre de Babel, o qual ilustra a heterogeneidade linguística, fundamento teórico que aqui assumimos como uma visão de língua.

A variação lexical, por sua vez, configura-se como a menos sistematizável no nível interno da língua, tendo em vista que os fatores que mais contribuem para sua existência são os extralinguísticos, fazendo necessário levar em conta as diferentes dimensões que contribuem nesse processo, corroborando, desse modo, com a ideia de que o léxico extrapola o sistema e é capaz de definir, não só o sujeito, mas também a comunidade linguística da qual esse sujeito faz parte, podendo apontar traços associados ao território geográfico, ao sexo dos falantes e à sua faixa etária, por exemplo, entre outros aspectos.

O léxico de uma língua é um conjunto de vocábulos que possui a função de nomear seres, objetos e conceitos que fazem parte da história, da cultura e de práticas sociais de determinada sociedade.

Para Vilela (1994, p. 06),

avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

Nesse sentido, Biderman (1989) assevera que o léxico preserva a herança cultural de um povo por meio de signos verbais. O léxico, para Oliveira e Isquierdo (2001, p. 09), também “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural”.

Dessa forma, o léxico de uma língua pode ser visto como uma forma de registro dos saberes, pois

ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1998, p. 91).

Na perspectiva do imenso território em que é falado, pode-se afirmar que o português do Brasil possui uma variação lexical bastante ampla, o que pode ser explicado pela influência das diferentes culturas e línguas que contribuíram para a formação dele. Diante de tamanha

diversidade, fica evidente que o léxico retrata as mudanças que ocorrem na vida dos indivíduos, nas sociedades e em tudo que as permeiam.

Os estudos sobre o léxico, nesta dissertação, podem contribuir, além da descrição da língua, para retratar a cultura do povo brasileiro, uma vez que abarcam dados de diferentes campos semânticos que podem mostrar as especificidades dos usos de cada comunidade linguística. Nesse sentido, utilizam-se os pressupostos da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998), pois esta, como um método Dialetológico, associa a dimensão diatópica a outras dimensões como, por exemplo, a diastrática, a diassexual, a diageracional, colaborando significativamente para desvendar as múltiplas faces do português do Brasil.

O interesse em fazer uma análise pluridimensional acerca das designações para *banana dupla*, *filho mais moço*, *carne moída*, *glutão* e *semáforo* se deve ao fato de poder observar como certas comunidades linguísticas se comportam, considerando as possibilidades de preservação ou de inovação de acordo com as necessidades e contextos em que se inserem, possibilitando, assim, um registro da diversidade linguística do português do Brasil. Além disso, vale ressaltar que a escolha dos itens foi motivada pela pressuposição de que eles podem apresentar diversidade de formas lexicais.

Para além disso, o trabalho dará continuidade a estudos que fizemos acerca das variantes para *semáforo* nas localidades do interior brasileiro investigadas pelo ALiB, entre os quais, citam-se *As variantes para sinal no interior nortista: afinal, o que revelam os dados do projeto ALiB?* (CHOFARD, 2014); *Sinaleiro, semáforo ou sinal: a variação lexical com os dados do projeto ALiB* (CHOFARD, 2014); *A região Sudeste e a variação lexical: sinaleiro, semáforo ou sinal?* (CHOFARD, 2014); *Designações para semáforo: um estudo a partir dos dados do ALiB na Região Centro-Oeste* (CHOFARD e LOURENÇO, 2016).

Esses trabalhos foram realizados durante o período da graduação, quando fui bolsista de Iniciação Científica pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil, sob orientação da Prof. Dra. Vanderci Andrade Aguilera, na Universidade Estadual de Londrina/PR.

Ao longo desse período, muitos trabalhos vinculados ao ALiB foram desenvolvidos, como transcrições e revisões de inquéritos para o projeto, levantamentos para pesquisas, tabulações, artigos, resumos expandidos, painéis, entre outros que contribuíram grandemente para o desenvolvimento acadêmico e profissional.

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho dialetológico, assentado nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998), possui como o principal objetivo descrever e analisar as designações registradas, pelo ALiB, para *banana dupla*, *filho mais moço*, *carne moída*, *glutão* e *semáforo*² no território brasileiro contribuindo, desse modo, para a descrição do português do Brasil, o qual revela estreita relação com a composição étnico-cultural.

Para isso, buscam-se cumprir os seguintes objetivos específicos:

- (i) Mapear, por meio do *software* SGVCLin, as variantes de cada um dos cinco itens lexicais em estudo, em todos os pontos pesquisados pelo ALiB, distribuídos pelo território brasileiro;
- (ii) Averiguar se as variáveis independentes controladas pela pesquisa contribuem para a utilização de determinada variante lexical;
- (iii) Verificar em obras lexicográficas as acepções referentes aos itens estudados, bem como compará-las com as variantes cartografadas;
- (iv) Identificar áreas dialetais, traçando isoléxicas, quando possível.

1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA E HIPÓTESES

Atualmente, há muitos estudos que descrevem o léxico do português do Brasil com base nos dados do projeto ALiB (AGUILERA, 2010; YIDA, 2011; ROMANO, 2012; PAIM, 2013; ARAGÃO, 2014; COSTA e ISQUERDO, 2014; ROMANO, 2015; MARGOTTI e ZIBETTI, 2016; AGUILERA, 2016; AGUILERA, 2017, entre muitos outros), reafirmando, desse modo, a grandiosidade da diversidade linguística brasileira que aponta para diferenças regionais e sociais. Dentro desse contexto, os questionamentos que motivaram o desenvolvimento desta dissertação foram:

- (i) *Como é possível identificar áreas dialetais do português do Brasil?*
- (ii) *Quais dimensões extralinguísticas podem estar atreladas às escolhas lexicais dos falantes?*

² A carta linguística referente aos estudos, nas capitais, sobre a variação lexical de *semáforo* já foi publicada (CARDOSO et al., 2014) e as dos demais itens encontram-se no prelo.

(iii) *Dentre as variantes documentadas para cada item lexical em estudo, existem vocábulos que não estão registrados em obras lexicográficas?*

Posto isso, formulamos as hipóteses que norteiam este estudo, as quais poderão ser ratificadas, reformuladas ou refutadas ao fim do trabalho.

(i) *Com base no levantamento das variantes lexicais no espaço geográfico recoberto pela pesquisa e na consideração de que variantes regionais revelam estreita relação com a composição étnico-cultural regional, é possível identificar, ou ao menos apontar, prováveis áreas dialetais existentes no português do Brasil.*

(ii) *Embora a diatopia seja considerada a dimensão que está mais atrelada à variação lexical, as dimensões sociais como a diasssexual e a diageracional, entre outras, também se mostram influenciadoras das escolhas feitas pelos falantes ao preferirem uma a outra variante.*

(iii) *As obras lexicográficas, por mais abrangentes que sejam, não contemplam todas as palavras existentes na fala, ou seja, nem todas as variantes de determinado item lexical encontram-se dicionarizadas, principalmente aquelas menos frequentes na língua, ou que dizem respeito a aspectos linguístico-etnográficos regionais menos visíveis, ou que são relativamente novas.*

Buscando fundamentar nossas hipóteses de pesquisa, recorremos a estudos já realizados na área.

Dessa forma, no que diz respeito à hipótese (i), Romano (2015, p. 274), após voltar o olhar para a variação lexical existente no Centro-Sul do Brasil, defende que

[...] áreas lexicais são possíveis de serem definidas, desde que sejam considerados os aspectos sociais e históricos envolvidos na configuração diatópica de determinada região, levando em conta fatores tais como migração e imigração, que, indubitavelmente, interferem na disseminação de variantes.

Corroborando com essa afirmação, Yida (2011) consegue, por meio de cartas linguísticas, afirmar que a proposta de divisão dialetal em

falares do Norte e do Sul, de Antenor Nascentes (1953), se mostra coerente e, ainda, que a presença de empréstimos como *chimia* e *musse*, na Região Sul, estão atreladas a imigrantes europeus, o que reflete a “etnicidade e cultura de sua formação inicial” (YIDA, 2011, p. 181).

Por sua vez, Ribeiro (2012, p. 449), na busca de investigar os brinquedos e brincadeiras infantis na área definida como Falar Baiano, chegou à conclusão de que o léxico apresentou-se apropriado para delimitar áreas dialetais e isso foi possível em seu trabalho por meio do “[...] estabelecimento de agrupamentos de lexias distintas usadas para nomear conceitos distintos e que, quando reunidas, por sobreposição de isoléxicas (um feixe de isoglossas), puderam demonstrar a variação diatópica”.

Em relação à hipótese (ii), estudos como o de Paim (2011, 2012), que analisam a variação lexical com os dados do ALiB, mostram que a dimensão diageracional se apresenta como relevante, pois por meio de sua observação torna-se possível estabelecer uma relação entre o presente e o passado, comparando as variantes que são utilizadas pelos informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) e pelos da faixa etária II (50 a 65 anos). Dessa forma, ao tratar da variação referente às designações para *menstruação*, a autora afirma que

[...] pode ser percebido que as informantes da faixa etária mais avançada (as duas pertencem à faixa etária 2) lembram e dão expressão às suas lembranças. Os depoimentos apontam para o entendimento, por parte dos mais velhos, de que a vida mudou e junto com ela também os itens lexicais para se referir ao fato de as mulheres perderem sangue todos os meses (PAIM, 2011, p. 153).

O fator extralinguístico sexo também pode se mostrar significativo, pois, como afirma Labov (2008), há distinções entre a fala de homens e mulheres. Paiva (2004 *apud* BUSSE, 2009) corrobora essa afirmação ao dizer que as diferenças mais significativas entre a fala dos informantes do sexo masculino e feminino situam-se no plano lexical.

Posto isso, acreditamos que todos os fatores extralinguísticos são capazes de ditar, em algum nível, a escolha de variantes lexicais, tendo em vista que eles são os principais condicionadores para que exista a variação nesse nível linguístico.

No que tange à hipótese (iii), Yida (2011, p. 179), com base nos dados das capitais do ALiB, verifica a dicionarização de 200 variantes

registradas para 12 questões do campo semântico alimentação e cozinha, e constata que 59% das variantes foram encontradas em dicionários e 41% não estavam dicionarizadas, o que, de acordo com a autora, “revela a necessidade de uma atualização das obras lexicográficas, pois muitas formas lexicais são de uso corrente na fala do brasileiro [...]” apesar de não estarem inclusas nos dicionários de português.

Também Razky (2013, p. 257), em sua pesquisa sobre *cigarro de palha*, busca em dois dicionários as variantes para o item lexical em estudo e chega à conclusão de que muitas das formas registradas não estavam presentes nos dicionários como entrada, nem dentro de uma entrada ou em uma entrada com outro sentido, o que reflete, nas palavras do autor, que “[...] uma carta lexical é, hoje, fonte incontornável para o fazer lexicográfico e/ou terminográfico, pois registra a diversidade lexical [...]”, podendo, desse modo, as cartas linguísticas serem grandes aliadas no trabalho dessas ciências do léxico.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação é composta por cinco capítulos. O primeiro, de caráter introdutório, traz os objetivos, as perguntas e hipóteses de pesquisa e a maneira como o estudo será estruturado. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica necessária para dar base a este trabalho abarcando, assim, os conceitos de língua e dialeto; alguns pressupostos sobre a variação linguística; uma revisão de literatura sobre o léxico e suas ciências; a Dialectologia e seu método, bem como seu desenvolvimento no Brasil e o projeto ALiB. O terceiro capítulo traz considerações sobre os itens lexicais em estudo. O quarto capítulo aborda a metodologia empregada, desse modo, expõe o *corpus* utilizado, o perfil dos informantes, a rede de pontos, o modo como se procedeu com a cartografia e as etapas da pesquisa. O quinto capítulo apresenta a descrição e análise dos dados. Por fim, seguem-se ao último capítulo as considerações finais, bem como as referências, os apêndices e os anexos.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 LÍNGUA E DIALETO

Língua e dialeto são conceitos que podem ser compreendidos de diferentes formas, tendo em vista que se constituem com base em uma série de perspectivas teóricas.

Para Saussure (2006), a quem se atribui o título de pai da linguística moderna, a língua é parte fundamental da linguagem, pois

trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p. 21).

A língua é, portanto, defendida como sendo a parte social da linguagem, como um sistema de signos exterior ao indivíduo, o qual não pode, de modo independente, criá-la ou alterá-la, explica o linguista. Além disso, a língua é uma abstração que se concretiza por meio da fala, havendo, desse modo, uma interdependência entre elas (SAUSSURE, 2006).

Chambers e Trudgill (1994), por sua vez, salientam que a noção de língua não é absolutamente linguística, pois há fatores políticos, geográficos, históricos e culturais, por exemplo, que estão intrinsecamente relacionados a ela. Logo, língua e sociedade são aspectos interligados, “[...] mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua” (ALKMIM, 2006, p. 20).

Diante dessas perspectivas, observamos a existência de visões de língua diferentes, uma que tem como base o conceito estruturalista, com um sistema linguístico homogêneo e abstrato, e outra sob o viés sociolinguístico, defendendo a existência de um sistema heterogêneo em que sua estrutura pode ser explicada por meio de fatores sociais e históricos.

Assim, ao encarar a língua como parte do social e indissociável da fala, torna-se possível defender uma visão de língua como o meio pelo qual os indivíduos se comunicam, configurando-se como uma atividade coletiva de todos os seus falantes, os quais renovam seus atos de fala e se diversificam em relação às áreas geográficas e a fatores sociais, fazendo da língua uma estrutura heterogênea e variável.

Apesar de ter uma estrutura heterogênea, Coseriu (1979) afirma que o sistema linguístico impõe regras que se fazem necessárias para que a língua cumpra sua função comunicativa dentro da fala, o que pode ser exemplificado por falantes pertencentes a diferentes regiões do mesmo território que possuem particularidades em seus falares e mesmo assim compartilham do mesmo sistema linguístico.

O homem e tudo o que o constitui estão em contínuo processo de transformação e, diante disso, são constantes as possibilidades de criar e modificar mecanismos que se adaptam à realidade vivida. Nesse sentido, a língua como principal meio de comunicação e interação participa das mudanças e se adéqua para atingir as necessidades atuais de seu falante e da comunidade linguística na qual este se insere, atestando a ideia de dinamicidade, uma vez que não se trata de um sistema fechado e imutável, mas sim de um sistema repleto de variação e diversidade. Por meio dessa variação existente, em especial a diatópica, torna-se possível tentar estabelecer os dialetos de uma língua, revelando, dessa maneira, os diferentes modos de falar.

Assim como não existe um único conceito de língua, também não há uma definição para dialeto que seja unânime entre os estudiosos, o que gera uma série de interpretações.

Manuel Alvar, buscando esclarecer o conceito de dialeto, o define como

[...] un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas, simultáneas a otra, que no alcanzan la categoría de lengua (ALVAR, 1961)³.

³ “Um sistema de signos desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação frente a outros de origem comum. De modo secundário,

Por sua definição, observa-se que Alvar leva em conta as limitações geográficas para o estabelecimento de dialetos, entretanto, o dialetólogo afirma que essa é a questão a que se deve menos importância, pois há dialetos que se encontram dispersos, seja por causa de diáporas ou por serem pertencentes a territórios que ficaram isolados ao se separarem de uma unidade anterior (ALVAR, 1961)⁴.

Visando estabelecer uma diferença entre os dois termos abordados nesta seção, Coseriu (1982, p. 11-12) afirma que

[...] un “dialecto”, sin dejar de ser intrínsecamente una “lengua”, se considera como subordinado a otra “lengua”, de orden superior. O, dicho de otro modo: el término *dialecto*, en cuanto opuesto a *lengua*, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una *lengua histórica* (un “idioma”).⁵

Estabelece-se, portanto, uma diferença baseada no *status* histórico que é atribuído à língua. Dentro dessa perspectiva, ao olhar para o português do Brasil, pode-se afirmar que diversos dialetos o compõem, como, por exemplo, o carioca, o gaúcho, o nordestino, o paulistano, o sulista, entre outros, os quais constituem diferentes modos de falar dentro do mesmo idioma, que é considerado como uma língua histórica.

O *status* de uma língua ou de uma variedade linguística está atrelado ao prestígio que essa possui e não por suas características e

podem chamar-se dialetos as estruturas linguísticas, simultâneas a outra, que não alcancem a categoria de língua.” (TN)

⁴ O texto original de Alvar foi publicado na Nueva Revista de Filología Hispánica, D. F. & Austin, Texas, 15, jan./jun. 1961. A versão digital, a qual tivemos acesso, encontra-se disponível no endereço eletrônico: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/hacia-los-conceptos-de-lengua-dialecto-y-hablas-0/html/00ec1fec-82b2-11df-acc7-002185ce6064_3.html>. Acesso em: 11 abr. 2018.

⁵ “Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, em outras palavras: o termo dialeto, em oposição à língua, designa uma língua menor distinta dentro de (ou incluída em) uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (um idioma).” (TN – tradução nossa)

qualidades próprias, o que gera, muitas vezes, um estigma do termo dialeto ao associá-lo a línguas primitivas, rudimentares e, até mesmo, a grupos de menor prestígio social (MARGOTTI, 2004). Contudo, aqui não atribuiremos valores e julgamentos ao termo e partiremos do pressuposto de que todas as pessoas são falantes de pelo menos um dialeto (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994).

Já Câmara Jr. (2004) defende que dialetos, sob uma visão puramente linguística, são falares regionais que possuem correspondência em seus traços fundamentais, sendo, dessa forma, uma definição que leva em conta, principalmente, a distribuição dos falares no espaço geográfico.

Nesse mesmo viés, que encara o espaço geográfico como de suma importância, Ferreira e Cardoso (1994) definem dialeto como um feixe de isoglossas, uma vez que essas se somam e apresentam semelhanças dentro de uma comunidade linguística. As autoras salientam ainda que

as isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilos (isoglossas diafásicas) (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 12).

Fica claro, portanto, que o dialeto se constitui com base na diatopia, mas também pode se definir pautando-se em aspectos socioculturais e até mesmo estilísticos.

A noção de isoglossas é necessária para a compreensão das fronteiras virtuais delimitadas entre um falar e outro, caracterizando-se como “[...] uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 12). Ao traçar isoglossas em um mapa, ou em uma carta linguística, torna-se possível estabelecer os espaços geográficos de determinado dialeto ou fenômeno em estudo, o que contribui para os conhecimentos acerca de determinada língua, mostrando, dessa forma, como se trata de algo importante e necessário, como já defendiam os dialetólogos brasileiros Amadeu Amaral (1920) e Antenor Nascentes (1953).

Neste estudo, reconhecendo a vasta diversidade linguística do Brasil e a importância da delimitação de áreas, adotamos a visão de

dialeto trazida por Ferreira e Cardoso (1994), buscando observar e delimitar os possíveis dialetos que compõem o português do Brasil por meio de isoglossas.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS

É inegável a existência da variação em todas as línguas e em todos os seus níveis. Para Tarallo (1990, p. 5), esse fenômeno pode ser visto como um “caos”, o qual “[...] basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (doravante chamadas ‘variantes linguísticas’) se enfrentam em um duelo de contemporização [...]”.

Assim, denominam-se por variantes as formas que estão em variação, sendo, portanto, os vários modos de dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 1990). Posto isso, verifica-se que as variantes constituem-se como as possibilidades existentes na língua, e ao conjunto dessas variantes, bem como ao fenômeno que se deseja observar, dá-se o nome de variável linguística. Para exemplificar, podemos pensar nas formas *tu* e *você* que, por sua vez, são variantes da variável *expressão pronominal de 2ª pessoa*.

A variação pode ser vista de duas formas: pela dimensão interna ou externa da língua (COELHO et al., 2015). Na dimensão interna, sabe-se que pode ocorrer em todos os níveis linguísticos, podendo ser, dessa forma, variação lexical, fonológica, morfológica, sintática, discursiva, entre outras. No que se refere à variação lexical, em especial, Moreno Fernández (1998) evidencia que essa explica a alternância do uso de formas léxicas em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas, podendo identificar o léxico de um grupo social que possui certa escolaridade, dada faixa etária etc. Diante das considerações do supracitado autor, relativamente à dimensão externa e seus condicionadores extralinguísticos, controlaremos, em nosso estudo, a variação diatópica, diageracional e diassexual, as quais serão detalhadas a seguir.

A variação diatópica se refere à variação geográfica, ao modo como os indivíduos de determinado território fazem uso da linguagem. De acordo com Coelho et al. (2015), a diatopia é a responsável por podermos identificar, por meio da fala, a origem de uma pessoa. Corroborando com tal afirmação, Cardoso (2010, p. 15) defende que

o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua

assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Assim, a diatopia se mostra essencial para os estudos dialetológicos, uma vez que busca identificar e descrever a diversidade linguística com base no espaço geográfico e em aspectos socioculturais associados a esse espaço geográfico.

A variação diageracional remete à idade dos indivíduos, ou seja, à geração ou faixa etária a que eles pertencem. Essa dimensão apresenta-se como uma das mais relevantes, de acordo com os estudiosos da variação linguística. Segundo Cardoso (2010), a preocupação com a idade dos informantes já se fez presente nos trabalhos de Rousselot, em 1891, o qual afirmava que esse aspecto é indispensável para distinguir o falar dos jovens e dos idosos, e seu local de origem. Entretanto, mesmo reconhecendo sua importância, foi apenas no século XX, com o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* que houve a cartografiação de dados obtidos segundo a faixa etária dos informantes, uma vez que esse aspecto, adicionado à diatopia, possui caráter pluridimensional (CARDOSO, 2010).

A variação diassexual, muitas vezes também chamada de diagenérica, como o próprio nome diz, refere-se ao sexo. Cardoso (2010) expõe que, assim como a variação diageracional, a atenção para com o sexo dos informantes já tinha sua importância reconhecida desde o início dos estudos dialetais, porém, essa variável aparece cartografada em atlas apenas no fim do século XX. Na sociolinguística, essa variação também é levada em conta e, para Labov (2008), na fala monitorada, as mulheres costumam usar menos formas estigmatizadas do que os homens e se mostram mais propensas ao padrão de prestígio, além de vigiarem mais a fala em contextos formais. Nesse sentido, essa dimensão pode revelar inúmeras diferenças entre os falares dos homens e das mulheres, além de também poder ser um aspecto relevante para os estudos sobre mudança linguística.

Diante dos condicionadores extralinguísticos aqui apresentados, entre outros, verifica-se que eles são essenciais para as investigações em torno da diversidade linguística. Todavia, de acordo com Coelho et al. (2015, p. 37), ao voltar o olhar para as dimensões externas da língua, não se pode acreditar que “[...] ocorram separadamente nem que sejam

independentes da dimensão interna da variação. Normalmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores que condicionam a forma como falamos”. Portanto, é preciso considerar essa interdependência existente entre o que é linguístico e o que é social.

2.3 O LÉXICO

O léxico é a parte da língua que se destaca por refletir os aspectos culturais das sociedades, tendo em vista que esse é o responsável por nomear tudo o que permeia a vida dos indivíduos, estando, dessa forma, em constante processo de renovação e ampliação.

Segundo Henriques (2010, p. 101), dá-se o nome de léxico para um conjunto de lexias, que são as palavras que compõem certa língua, assim, mesmo que pareça algo finito “[...] o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo”, já que engloba todos os vocábulos, desde as preposições até os regionalismos, neologismos e gírias.

Nessa perspectiva, o léxico é uma espécie de repositório de saberes de determinada comunidade linguística, pois espelha os costumes, as ideologias, bem como tudo o que faz parte da história sociocultural. Para Biderman (1992, p. 399),

o léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade, juntamente com os outros símbolos da herança cultural.

Além disso, Oliveira e Isquerdo (2001) asseveram que o léxico, assim como deixa transparecer os costumes e a tradição, também reflete as inovações tecnológicas, socioeconômicas e políticas, fazendo esse nível linguístico estar em constante processo de modificação, “ora se expande, ora se altera, ora cai em desuso” (ISQUERDO e NUNES, 2012, p. 220). E essa dinamicidade é o que motiva os indivíduos a nomearem de diferentes formas o mesmo referente e, por consequência, terem inúmeras variantes lexicais que podem ser incorporadas ao sistema ou não. “Podemos, assim, entender o nível lexical como um conjunto heterogêneo e multifacetado de unidades linguísticas que formam a língua de uma determinada comunidade de fala e que possui,

de certo modo, alguma regularidade” (BASSI; MARGOTTI, 2012, p. 54).

Voltando o olhar para o presente trabalho, observamos, diante das considerações feitas, a importância dos estudos lexicais e também das pesquisas em torno da língua falada, pois essa pode mostrar, muito mais do que a escrita, as necessidades dos falantes, as quais são expressas por meio do léxico, que pode revelar no contínuo processo de renovação lexical as novas lexias e as que deixaram de ser usadas, muitas vezes, sem serem registradas em obras lexicográficas.

A habilidade lexical de um indivíduo provém de suas interações sociais e, tendo como base uma sociedade heterogênea, admite-se que as pessoas tenham conhecimento de diferentes linguagens que possuem vocabulários distintos e específicos (DIAS, 2009). Conforme Bakhtin (1992 *apud* DIAS, 2009), o indivíduo será levado a fazer escolhas lexicais dependendo do enunciado que busca dizer. Dessa maneira, o gênero textual se apresenta como o responsável por determinar o que e como será dito. Portanto, o léxico de uma língua só faz sentido se estiver inserido em contextos discursivos que fazem parte da realidade de dado grupo linguístico.

Levando em consideração que a língua utiliza-se de recursos léxicos para cumprir propósitos comunicativos, Silva (1998) apresenta três competências que dizem respeito aos estudos lexicais, a saber: (i) a que trata o léxico como a maneira de observar a história social dos usuários de uma língua; (ii) a que classifica as variáveis tempo e espaço; e (iii) a que proporciona a ampliação do repertório mental do falante.

A primeira competência se refere ao tratamento do léxico sob a perspectiva social em que o falante arquiva e deixa transparecer a realidade extralinguística e o saber linguístico, proporcionando, assim, que se tenha acesso aos aspectos da cultura e da língua de uma comunidade, uma vez que “[...] incontestavelmente, a palavra é o lugar de observação dos fatos e dos feitos que pontuam o fazer das gentes [...]” (SILVA, 1998, p. 117).

Já a segunda competência reitera a expressividade das variáveis tempo e espaço no que diz respeito às particularidades lexicais de uma língua, entendendo assim que

em termos espaço-temporais, a diversidade de nichos culturais institui variantes combinatórias que recortam as significações de forma peculiar, instaura um repositório de possibilidades expressivas parassinonímicas e estabelece um

campo lexical que registra as modalidades recorrentes da palavra [...] (SILVA, 1998, p. 117).

Para exemplificar, tomemos como base as designações para *conjuntivite* nas capitais brasileiras⁶, as quais indicam uma diferença temporal entre os falares dos jovens e dos mais velhos, visto que os informantes da faixa etária II (50 a 65 anos) preferem o uso da variante *dor d'olho*, enquanto os da faixa etária I (18 a 30 anos) utilizam a forma *conjuntivite* e a apontam como sendo uma maneira mais atual de falar. Dentro desse mesmo contexto, temos também como estabelecer uma variação diatópica, ou seja, referente ao espaço pela ocorrência da variante *sapatão* estar presente apenas em São Luís e em Teresina, enquanto *conjuntivite* é mais comum nas capitais.

A terceira e última competência trazida pela autora concerne ao fato de que por meio do léxico é possível apreciar o universo físico e cultural em que o falante se insere, pois o vocabulário utilizado advém da bagagem lexical que o indivíduo possui. Essa competência, por sua vez, liga-se às questões escolares, haja vista que os estudos de base lexical podem contribuir no processo ensino-aprendizagem para a ampliação do vocabulário dos discentes, os quais podem se deparar, por meio de determinadas estratégias, com situações comunicativas de que nunca participaram antes e, nas palavras da pesquisadora, “criadas tais condições, assumindo-se sem culpa nem timidez que o limite do mundo do indivíduo é determinado pela palavra que referenda, a Escola estará cumprindo o seu papel transformador, razão e justificativa únicas de sua existência” (SILVA, 1998, p. 119).

Assim sendo, diante das três competências pertinentes aos estudos lexicais expostas anteriormente, torna-se evidente que esta dissertação procura dialogar com as duas primeiras, dado que buscamos identificar, por meio da variação lexical, os aspectos históricos e socioculturais, bem como analisar os condicionadores extralinguísticos que englobam as questões referentes ao tempo e ao espaço. A terceira competência não pode ser avaliada porque o ALiB não controlou a

⁶ Aqui nos referimos aos dados apresentados por PAIM (2011) no estudo intitulado “A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil”. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7963/6411>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

dimensão escolaridade nas localidades do interior, apenas nas capitais dos estados.

2.3.1 As ciências do léxico: um breve panorama

Muitas são as possibilidades e perspectivas de pesquisas relacionadas ao nível lexical. Nesse sentido, de acordo com Biderman (2001), as áreas que se voltam para o estudo e descrição do léxico são: a lexicologia, a lexicografia e a terminologia.

Nas palavras de Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7-8), podemos ter uma sucinta e esclarecedora explicação sobre a que se refere cada uma das ciências do léxico (lexicologia, lexicografia e terminologia, respectivamente).

Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

Portanto, apesar de serem áreas que se complementam, cada uma possui objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos próprios (OLIVEIRA e ISQUERDO, 1998, p. 7).

Consoante à explicação trazida pelas supracitadas autoras, a lexicologia estuda a organização do léxico sob diferentes perspectivas, tendo em vista que cada palavra possui especificidades históricas, fonéticas, morfológicas, sintáticas e também socioculturais. Assim, é papel da lexicologia analisar cientificamente a significação do léxico, levando em conta seus variados níveis (HENRIQUES, 2010, p. 102).

Vale ressaltar a estreita relação que há entre a lexicologia e a semântica, tendo em vista que a dimensão significativa da palavra está ligada ao léxico. Além disso, essa ciência também possui interface com a Dialetoleologia e com a Etnografia, uma vez que ambas estudam as palavras e a conexão estabelecida entre língua, cultura e sociedade (RIBEIRO, 2012).

A segunda ciência, a lexicografia, conforme Henriques (2010), possui uma ligação com a lexicologia, embora sem se preocupar com a

descrição do léxico visando à produção de obras lexicográficas, principalmente de dicionários. Ribeiro (2012), por sua vez, salienta que a prática lexicográfica é muito antiga, tendo seu início nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues.

Já a terminologia, de acordo com Biderman (2001, p. 19), “se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, de cada área específica do conhecimento humano. Esse subconjunto lexical, que constitui seu objeto, insere-se no universo referencial.” Ribeiro (2012) afirma que a terminologia busca a normatização de conceitos e termos, algo discutido pelas políticas linguísticas e que, em âmbito nacional, é pleiteado pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT.

Posto isso, a pesquisa ora apresentada volta-se para a área da lexicologia, levando em conta sua íntima relação com a Dialetoлогия e o objetivo de descrever, com base na diatopia e nos fatores extralinguísticos sexo e faixa etária os cinco itens lexicais observados.

2.4 DIALETOLOGIA

Com sua origem no fim do século XIX, a dialetologia pode ser entendida como a ciência que estuda os dialetos. De acordo com Cardoso (2010, p. 15), “[...] é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

No mesmo viés, Rossi (1980 *apud* RIBEIRO, 2012, p. 47) defende que a dialetologia

[...] se propõe inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua, ou de um grupo de línguas definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distributividade – espacial, cronológica, sociocultural etc. – dos traços linguísticos depreendidos. Baseia-se no princípio geral, formulado por Schuchardt, e de fácil comprovação empírica, de que toda língua se caracteriza pela <unidade na diversidade> e pela <diversidade na unidade>.

Voltando o olhar para a história, Silva Neto (1995) atribui a Cornu, Mussafia e Ascoli a fundação dessa ciência que possui como objeto de estudo a língua falada. Contudo, entre os três estudiosos,

destaca-se Ascoli, o qual descobriu de modo filológico um novo campo de estudos ao conceber um novo dialeto, o ladino, falado na Suíça e na região Norte da Itália.

A partir daí, conforme Silva Neto (1995), começaram os estudos sob essa perspectiva e, no início do século XX, passaram por uma espécie de renovação feita por Jules Gilliéron ao verificar a necessidade de recolher os dados, provenientes das falas populares, da maneira mais rápida possível e da criação de um método que tornasse viável a comparação dos falares. Desse modo, Gilliéron desenvolve o método empregado para a coleta de dados dos dialetos geográficos, a geografia linguística, e inicia a recolha de materiais para o *Atlas Linguistique de la France* que recobre o total de 638 localidades. Cabe ressaltar que o romanista acreditava que um especialista da linguagem não era a pessoa mais indicada para atuar como inquiridor. Assim, contou com a ajuda de Edmond Edmont para essa tarefa, um comerciante “[...] que tinha muito gosto da linguagem popular e dispunha de muito bom ouvido” (SILVA NETO, 1995, p. 20).

Portanto,

Gilliéron tem o mérito maior de definir um rumo para os estudos dialetais e, como afirma Rossi (1980, s. v. dialetologia): “[...] inscreve-se entre os responsáveis por uma das mais importantes tendências da passagem do século XIX ao século XX nos estudos linguísticos: o deslocamento do centro de interesse do som fônico à palavra (da fonética histórica à lexicologia histórica)” (CARDOSO, 2010, p. 43).

Posto isso, fica claro que a dialetologia avança e mostra-se interessada em descrever, principalmente, a variação diatópica, o que revela que, em seu princípio, possuía caráter monodimensional.

2.4.1 O método dialetológico

Dado o feito de Gilliéron, a geografia linguística, ou geolinguística, passou a ser um método dialetológico e comparativo (COSERIU, 1982). Nas palavras do autor, essa ciência

[...] presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales)

comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados (COSERIU, 1982, p. 103).⁷

Por se tratar de um método, a geolinguística possui alguns passos que são recomendados para a pesquisa sistemática: (i) seleção dos pontos a serem investigados; (ii) confecção do questionário; (iii) coleta dos dados; (iv) análise dos materiais recolhidos; (v) elaboração de mapas, ou cartas linguísticas, a fim de registrar o material coletado; e (vi) análise e interpretação do material revelado pelos mapas (RIBEIRO, 2012).

Desse modo, observa-se que esses passos levam a um produto final que são os atlas linguísticos, os quais podem ser entendidos como um conjunto de cartas linguísticas, sistematicamente organizadas, em que é possível observar, por meio de distintos fenômenos, os diferentes modos de falar.

Segundo Romano (2012), a primeira tentativa de elaboração de um atlas foi feita por Georg Wenker ao produzir, em volume único, o *Atlas Linguístico da Alemanha*⁸, entretanto, caracterizou-se como um trabalho malsucedido e criticado pelo método empregado em sua coleta de dados, já que utilizou o método de correspondência, tornando, assim, a pesquisa duvidosa, principalmente para análise de dados fonéticos, e, além disso, o alemão chegou a resultados opostos ao que esperava, uma vez que não conseguiu comprovar suas hipóteses por meio do traçado de isófonas a fim de delimitar áreas dialetais na Alemanha. Uma segunda tentativa foi feita por Gustav Weigand que, em 1909, publicou o *Atlas*

⁷ “[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falantes estudados.” (TN)

⁸ Originalmente intitulado de *Sprachatlas von Nord – und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch Mit hülfe der Volksschullehrer gesammelten* (ROMANO, 2012).

*Linguístico Daco-romeno*⁹, sendo mais bem-sucedido que o de Wenker, embora criticado pela semelhança com o *Atlas linguistique de la France* (ALF), de Gillierón (1909), que se configura como a primeira obra realizada com êxito. Após os trabalhos tidos como pioneiros, muitos outros foram elaborados, como o *Atlas linguístico da Córsega*, o *Atlas linguístico da Catalunha*, o *Atlas linguístico etnográfico da Itália e da Suíça*, o *Atlas das línguas da Europa* (ALE), entre outros.

Considerando que os atlas recobrem territórios geograficamente estabelecidos, Cardoso (2010), com base em Alinei (1994), reconhece quatro tipos de atlas, a saber: regionais, nacionais, de grupo linguístico e continentais.

Os atlas regionais, nacionais e continentais, como se vê exposto, definem-se pelos espaços geopolíticos que recobrem – uma região, não importando a sua dimensão, um país ou um continente. Os atlas de família de línguas, ainda que não possam prescindir do espaço geopolítico para a sua conceituação – o homem, portanto o falante de toda e qualquer língua, estará sempre situado num espaço definido –, têm como elemento fundamental na sua definição perseguir a identidade linguística que extrapolará, obviamente, fronteiras políticas, ganhando conformação geográfica específica (CARDOSO, 2010, p. 74).

Logo, esses tipos de atlas geram duas visões de espaço, uma que é pré-delimitada geopoliticamente e outra que se constitui a partir da difusão das línguas faladas por determinado grupo linguístico.

Os mapas linguísticos, por sua vez, podem ser de três tipos: fonéticos, lexicais ou propriamente linguísticos. Nos fonéticos, são registradas as variantes, encontradas na investigação, para o mesmo fonema. Nos lexicais, são expostas as palavras utilizadas para designar o mesmo conceito como, por exemplo, *tangerina*, *mexirica*, *poncã*, *bergamota*, entre outras, sem levar em conta a pronúncia, ou seja, os aspectos fonéticos. Já os mapas propriamente linguísticos, registram a

⁹ Originalmente intitulado de *Linguisticscher Atlas des dacorumänischen Sprachgebiets* (ROMANO, 2012).

integridade fônica e morfológica das expressões encontradas na coleta de dados (COSERIU, 1982, p. 112).

Os atlas linguísticos, de modo geral, podem conter diferentes tipos de mapas, fazendo deles uma coletânea de materiais que, segundo Coseriu (1982), apresentam vantagens como a clareza, a evidência imediata dos fenômenos, a garantia de uma técnica homogênea para lidar com os fenômenos, uma densidade de pontos investigados e, acima de tudo, não apresenta fatos isolados em um só falar, mas sim um conjunto de falares, oferecendo aos fenômenos uma visão espacial simultânea que pode levar a importantes induções de caráter histórico, geral e comparativo.

O autor também afirma que a geografia linguística se mostra como uma das grandes conquistas da ciência da linguagem do século XX, já que ela tem contribuído para demonstrar que toda mudança linguística parte do falante e se difunde por questões culturais e sociais, que não há mudanças simultâneas em toda a língua, que as mudanças fonéticas se disseminam com as palavras, e isso dependerá da aceitação que encontra no ambiente social, que os fenômenos linguísticos ocorrem em todos os níveis da língua e passam de uma língua para outra e, por fim, que as palavras são formas de cultura que acompanham em sua difusão os objetos e conceitos da civilização.

Diante do exposto, constata-se a grandiosidade e importância do método dialetológico, o qual foi se expandindo e aperfeiçoando. Entretanto, deve-se levar em conta que a variação linguística não se dá apenas em questão da distribuição espacial, mas sim da combinação da diatopia com as dimensões de cunho social, que já possuíam relevância nos estudos dialetais, porém não de forma sistematizada. Nesse sentido, desenvolve-se a chamada geolinguística pluridimensional que se estabelece pela interface da sociolinguística com a dialetologia e se consolida no final do século XX.

Baseando-se em Radtke e Thun (1996), Margotti (2004, p. 84) assevera que, ao invés de abordar os fenômenos de maneira monodimensional, é preciso ter uma abordagem pluridimensional, pois “como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais”.

Assim, essa nova fase da geolinguística é

[...] formada pelo eixo horizontal da Dialetologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro eixo inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço

geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala (BASSI e MARGOTTI, 2012, p. 51).

Margotti (2004) afirma que a monodimensionalidade acarreta uma restrição à análise e, nesse sentido, Cardoso (2002) também acredita que uma pesquisa com um ângulo mais amplo é essencial, assegurando que

[...] estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre os membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2002, p. 1).

Desse modo, com a pluridimensionalidade expandem-se os horizontes de pesquisa, todavia, diante dessas mudanças, surgem os desafios metodológicos, uma vez que o mapeamento linguístico torna-se uma tarefa muito mais complexa.

A esse respeito, Cardoso (2010) defende que será necessário, para a elaboração de cartas linguísticas, pensar de maneira inteligente e racional, pois são muitas informações que se cruzam. Nesse sentido, uma saída defendida é a diversificação e ampliação do número de cartas para cada fenômeno analisado, assim como é possível observar no *Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), o qual recorre a essa estratégia e apresenta seus dados com maestria.

Portanto, diante das considerações aqui apresentadas, observa-se que a geolinguística pluridimensional propicia uma ampliação do campo de estudo uma vez que incorpora variáveis sociais, abandonando, desse modo, a visão monodimensional que se configura, atualmente, como uma característica da geolinguística tradicional (CARDOSO; MOTA, 2006).

2.4.2 A Dialetoologia e a Geolinguística no Brasil

Diante das inúmeras diversidades recorrentes no português do Brasil, é necessária uma área de estudo que seja capaz de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2002, p.1).

As investigações em torno da diversidade linguística do português não é algo do século XXI, mas sim um estudo que foi reconhecido, conforme Cardoso (1999), com enfoque nas diferenças entre o português brasileiro e o europeu pelo menos desde o século XVIII.

Contudo, de acordo com Romano (2013), foi a partir da década de 1960 que os estudos geolinguísticos começaram a ganhar força no Brasil, o que vai ao encontro do que afirma Cardoso (1999) ao certificar que o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi, publicado em 1963, dá o primeiro passo no caminho da geolinguística brasileira, sendo assim, considerado o primeiro atlas linguístico feito no Brasil.

Desde essa época, segundo Romano (2013), diversos trabalhos passaram a ser desenvolvidos no país levando em conta a diversidade horizontal ou diatópica, sendo, atualmente, uma área reconhecida que conta com ricas obras publicadas como, por exemplo, Brandão (1991), Aguilera (1998), Aguilera (2005), Isquerdo (2008), Cardoso (2010), entre outros estudos geolinguísticos.

Sobre a periodização dos estudos dialetológicos no Brasil, Nascentes (1953 *apud* CARDOSO, 2010) propõe uma divisão da dialetoologia brasileira em dois grandes momentos: o primeiro, que é inaugurado em 1826 com um estudo de Borges de Barros¹⁰ e vai até 1920 com a publicação da obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, com trabalhos voltados sobretudo para o campo do léxico; já o segundo, que data de 1920 até o momento em que essa divisão foi proposta, caracteriza-se por estudos monográficos, englobando o léxico, a fonética e a fonologia e a sintaxe. De acordo com Cardoso (2010), nesse segundo momento destacam-se a publicação de trabalhos como *O Linguajar*

¹⁰ Estudo sobre a descrição do português do Brasil em confronto ao português europeu publicado na obra *Introduction do Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (1826).

Carioca (1922), de Antenor Nascentes, *O Dialeto Caipira* (1920), de Amadeu Amaral, e *A Língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim.

Cardoso (1999), por sua vez faz uma ampliação da periodização e acrescenta uma terceira fase, a qual tem seu marco inicial em 1952 com o decreto 30.643, de Getúlio Vargas, que instituiu como a principal função da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um atlas linguístico nacional. Contudo, diante das dificuldades encontradas para a realização de um atlas linguístico do Brasil, estudiosos como Serafim da Silva Neto e Celso Cunha estimularam a realização de pesquisas de amplitude regional, as quais marcam esse terceiro período, quando foram publicados os primeiros atlas estaduais ou regionais.

Mais tarde, Cardoso e Mota (2006) retomam as divisões pré-estabelecidas e incluem um quarto momento cujo marco é representado pela retomada do projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, em 1996.

Buscando fazer um balanço crítico da geolinguística brasileira, Romano (2013), por sua vez, propõe uma nova divisão que também se pauta em dois momentos: o primeiro define-se pela produção de atlas linguísticos estaduais e se caracteriza pela ausência de uma metodologia, de certa forma padronizada, para a realização de cada um deles, tendo em vista os distintos procedimentos, caracterizando-se pela elaboração de atlas de pequeno domínio, e o segundo começa em 1996, quando se iniciou a elaboração do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, cujas pesquisas de campo foram feitas a partir de 2001.

Posto isso, consideramos que todas as propostas de periodização possuem seu fundamento e sua relevância e destacamos a importância do projeto ALiB que certamente muito contribuiu e contribui para o crescimento da geolinguística brasileira, tendo em vista que criou certa uniformidade nos trabalhos posteriores a ele, possibilitando, dessa forma, estudos comparativos com perspectivas de estabelecer uma visão ampla da diversidade linguística do português falado no país.

2.4.3 Projeto Atlas Linguístico do Brasil¹¹

As iniciativas para a constituição de um atlas de caráter nacional remontam a 1952, com a instituição do Decreto 30.643, de 20 de março.

¹¹ Grande parte das informações contidas e apresentadas nesta seção encontram-se disponíveis no site do projeto ALiB. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Contudo, tendo em vista as diversas dificuldades encontradas, o projeto *Atlas Linguístico do Brasil* ganha forma somente em 1996 no seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Trata-se de um grande empreendimento cuja finalidade é a elaboração de um atlas nacional no que tange à língua portuguesa e, tendo em vista sua magnitude, configura-se como um projeto que envolve diversas universidades e é dividido por equipes regionais, a saber: Regional Pará, Regional Ceará, Regional Bahia, Regional Mato Grosso do Sul, Regional Paraná e Regional Rio Grande do Sul.

Dentro desse contexto, para gerenciar as atividades, buscando sempre manter uma unidade teórico-metodológica, foi instituído um Comitê Nacional que é composto, atualmente, pelos pesquisadores: Jacyra Andrade Mota (Diretora Presidente), Silvana Soares Costa Ribeiro (Diretora Executiva), Abdelhak Razky (Diretor Científico), Aparecida Negri Isquerdo (Diretora Científica), Conceição Maria de Araújo (Diretora Científica), Fabiane Cristina Altino (Diretora Científica), Felício Wessling Margotti (Diretor Científico), Marcela Moura Torres Paim (Diretora Científica), Maria do Socorro Silva de Aragão (Diretora Científica), Marilúcia Barros de Oliveira (Diretora Científica), Regiane Coelho Pereira Reis (Diretora Científica), Valter Pereira Romano (Diretor Científico) e Vanderci de Andrade Aguilera (Diretora Científica).

Desde a constituição do Comitê, que a princípio era formado por seis membros, que representavam os cinco atlas linguísticos que já haviam sido publicados, mais um representante dos atlas em andamento, realizam-se reuniões anuais, os chamados WorkALiB, para manter a integridade das equipes, discutir questões de ordem teórico-metodológicas, avaliar o andamento dos trabalhos, dentre outros aspectos. Até o momento, 13 foram os workshops realizados, o último em comemoração aos 20 anos de projeto.

Pautado nos fundamentos da dialetologia e da geolinguística pluridimensional, o ALiB prioriza a dimensão diatópica, mas não exclui as dimensões sociais, a saber: a dimensão diageracional, a dimensão diasssexual e a dimensão diassocial (escolaridade), entre outras relacionadas ao perfil dos informantes, e possui seis objetivos bem definidos, sendo eles:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças

diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.

2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.

4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Nesse momento, chamamos atenção para os objetivos um e três, os quais convergem com o que propomos para esta dissertação no que diz respeito a observar a variação semântico-lexical no Brasil e a traçar isoléxicas, se factível, para evidenciar possíveis áreas dialetais e também as diferenças regionais.

Ao tratar sobre a aplicação do método geolinguístico, Cardoso (2010, p. 89) afirma que as pesquisas dialetais fundamentam-se “em um tripé básico” que é constituído pela rede de pontos, informantes e questionários. Assim, a seguir discorreremos sobre como esses três aspectos metodológicos são constituídos no ALiB e também, brevemente, sobre seus caminhos já percorridos e a percorrer.

2.4.3.1 Rede de pontos

Para delimitar a rede de pontos do ALiB, foram levados em conta critérios demográficos, históricos e culturais. Além disso, deu-se importância para o povoamento e extensão de cada estado e região.

Diferente do que tem sido feito tradicionalmente em trabalhos de natureza dialetal, não se consideram prioritários critérios como antiguidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região, incluindo-se, assim, cidades de grande e médio porte e, inclusive, todas as capitais, à exceção apenas de Brasília (Distrito Federal) - em vista da data de sua criação - e Palmas, capital do recém-criado Estado de Tocantins, cidade ainda em formação, sem habitantes nela nascidos (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>>. Acesso em: 23 abr. 2018).

Dessa forma, a rede de pontos compreende 250 localidades distribuídas pelo país, das quais 25 são capitais e 225 são cidades

interioranas, que estão apresentadas, para melhor visualização, em um quadro no Anexo A.

De acordo com Ribeiro (2012), para a escolha das localidades foi levada em conta, além dos critérios já mencionados, a proposta de rede de pontos publicada por Nascentes (1958) em *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* e também as redes que constituíram os atlas estaduais que já haviam sido publicados.

2.4.3.2 Informantes

Os informantes, colaboradores da pesquisa, são pessoas nascidas, criadas e que, preferencialmente, nunca tenham se mudado de sua localidade de origem, a fim de atender a questões espaciais.

Tendo em vista que o ALiB leva em conta algumas dimensões sociais, no interior, seus informantes são estratificados segundo as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – 18 a 30 anos e faixa II – 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental) e, nas capitais, consideram-se essas mesmas variáveis, porém acrescentam-se quatro informantes de nível superior de escolaridade¹².

Assim, o *corpus* do projeto perfaz o montante de 1.100 informantes que seguem as estratificações supracitadas.

2.4.3.3 Questionários

Os questionários aplicados para a formação do *corpus* do ALiB foram elaborados pelos membros do Comitê Nacional com base nos questionários dos atlas que já haviam sido publicados e também nos questionários do *Atlas Linguistique Roman – ALiR* e do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (RIBEIRO, 2012).

Dentro desse contexto, os questionários foram divididos e organizados do seguinte modo (CARDOSO et al., 2013):

(i) QFF – Questionário fonético-fonológico, com 159 perguntas que buscam identificar áreas em que ocorrem determinados fatos fônicos;

(ii) QSL – Questionário semântico lexical, com 202 perguntas distribuídas em 14 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos,

¹² Para este estudo levamos em consideração apenas os informantes com nível fundamental de escolaridade e, desse modo, nas capitais, incluímos apenas os dados referentes aos primeiros quatro informantes.

fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana;

(iii) QMS – Questionário morfossintático, com 49 questões visando apurar fatos gerais do português falado no Brasil.

Somam-se a esses três questionários questões de prosódia, pragmática, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura.

2.4.3.4 Caminhos percorridos e um breve olhar para o futuro do ALiB

Em 2001 dá-se início a constituição do corpus do ALiB com a realização do primeiro inquérito no ponto 126, Quirinópolis - GO. Desde essa época, muitos são os estudiosos envolvidos nas etapas que se fazem necessárias. Assim, enquanto inquiridores e auxiliares se deslocavam pelo território nacional para realizar os inquéritos *in loco*, outros colaboradores, grande parte bolsistas de iniciação científica e alunos voluntários, se incumbiam de transcrever, fonética e grafematicamente, as gravações, trabalho árduo que se estende até hoje.

Passados 12 anos, em 2013, concluiu-se a etapa de coleta de dados e, em outubro de 2014, ocorre o lançamento dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, o primeiro com caráter mais introdutório e o segundo com os resultados obtidos nas 25 capitais investigadas, em que são apresentadas cartas linguísticas que revelam os aspectos fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos do português do Brasil.

Ao longo desse caminho, muitas pessoas deixaram suas contribuições e realizaram seus estudos, os quais envolvem diferentes abordagens e tipos de produção que vão desde artigos em periódicos até dissertações e teses apresentadas em diferentes programas de pós-graduação. Nesse sentido, em comemoração aos 20 anos do ALiB, Paim (2016) compilou as produções em quatro grupos, com o intuito de termos um panorama sobre as produções que se mostram vinculadas ao projeto, sendo eles:

(i) Publicações gerais, que incluem os trabalhos produzidos por todas as equipes regionais e perfazem o total de 296 estudos;

(ii) Teses, dissertações e monografias, que englobam os trabalhos de pós-graduação fundamentados no *corpus* do ALiB em suas diversas possibilidades de abordagem e constituem o montante de 60 pesquisas;

(iii) Livros organizados, que totalizam 18 obras;

(iv) Projetos de pós-graduação em curso, os quais são inúmeros e, assim como os já finalizados, possuem diferentes abordagens.

Observa-se diante desses números que muito trabalho já foi feito, entretanto, ainda há muito que fazer, como a finalização das transcrições e revisões dos inquéritos e os demais volumes do Atlas que incluirão os textos referentes às cartas linguísticas publicadas no volume 2 e também novas cartas e seus referidos textos. Para finalizar, apresentamos a reflexão que a diretora presidente do ALiB fez sobre o futuro:

Vinte anos, dois volumes, sete programados e uma imensa quantidade de dados a serem tratados: eis o futuro! [...] há trabalho para todos, há trabalho para muitos e em sucessivos momentos, por isso incentivar a abordagem dos dados ALiB é um caminho a ser perseguido. Por fim, mas não em último lugar, prevalece e continua o compromisso com a Geolinguística Pluridimensional no Brasil que implica a investida continuada nos dados e, porque não dizer, até a exaustão (CARDOSO, 2016, p. 15-16).

Nessa direção, o estudo que propomos fazer, quanto ao léxico, será uma pequena contribuição para a realização dos objetivos do ALiB.

3 OS ITENS LEXICAIS EM ESTUDO

Nesta seção nos dedicamos a apresentar os itens lexicais em estudo, bem como a fazer uma revisão da literatura acerca dos trabalhos já realizados a partir das lexias aqui investigadas.

3.1 O INSTRUMENTO TÉCNICO SEMÁFORO

O instrumento regulador de trânsito, cujo nome técnico é *semáforo*, possui sua origem no século XIX, em Londres, onde o principal meio de locomoção que se popularizou foram as carruagens com cavalos. Assim, o engenheiro John Peake pensou em uma solução para organizar o tráfego desse tipo de transporte, cujas carruagens lotavam as ruas décadas antes da chegada dos carros (ALBUQUERQUE, 2017).

De acordo com o site Sinal de Trânsito¹³, esse primeiro semáforo projetado funcionava a partir de dois braços que estendidos horizontalmente indicavam que era para parar e inclinados a 45° mostravam que era para seguir em frente. À noite, duas lâmpadas de gás o auxiliavam, uma vermelha e uma verde. Contudo, esse equipamento causou uma tragédia ao explodir, em menos de um mês de uso, e matar o policial que o operava. Por isso, deixou-se de usar o instrumento e novas iniciativas foram desmotivadas.

Passado o tempo, em 1912, foi instalado o primeiro semáforo elétrico bicolor e o feito é atribuído a Lester Wire, um oficial de polícia americano. O invento consistia em uma caixa de madeira com duas aberturas que permitiam a passagem da luz de duas lâmpadas que eram pintadas de verde e vermelho (AGUIAR, 2017). Começam, então, novos empreendimentos buscando o aperfeiçoamento desse instrumento.

Oito anos depois, em 1920, outro policial, chamado William Potts, criou o primeiro semáforo elétrico tricolor, em Detroit, nos Estados Unidos, o qual é muito semelhante aos que temos hoje. Aguiar (2017) afirma que a principal diferença dos atuais é que eles eram colocados no meio da rua e possuíam quatro faces.

¹³

Disponível

em:

<http://www.sinaldetransito.com.br/curiosidades_foto.php?IDcuriosidade=35&alt>. Acesso em: 24 abr. 2018.

No Brasil, segundo informações trazidas pelo jornal Estadão (2013), o primeiro semáforo de São Paulo foi instalado no Brás, em 1935, com o objetivo de garantir mais segurança nos cruzamentos.

Logo, podemos observar que ao longo da história as sociedades vão se modificando e o homem vai criando mecanismos e instrumentos para se adequar à realidade. Nesse viés, é evidente que a língua, como principal meio de interação e comunicação, participa desse processo e também se modifica para atender as novas necessidades, podendo, nesse sentido, adequar ou, até mesmo, criar novas lexias para designar objetos que surgem, como aconteceu com o lexema semáforo que, segundo a Revista Mundo Estranho (2011), o significado remete ao grego da Grécia Antiga com a junção dos termos *sema* (sinal) e *phoros* (que leva).

Com o crescimento das grandes cidades, o instrumento foi se tornando cada vez mais comum e necessário para a vida urbana. Consequentemente, além do nome técnico, distintas denominações são utilizadas para designar o mecanismo em questão, o que atesta que os falantes criam variantes lexicais, grande parte de origem popular, para atender suas necessidades.

Por meio da carta linguística *Semáforo (Carta L27)*¹⁴, publicada no segundo volume do ALiB (CARDOSO et al., 2014), abordando dados referentes às capitais, e pelas pesquisas realizadas por Chofard (2014) e Chofard e Lourenço (2016), com dados do ALiB obtidos em localidades (pontos) do interior, constata-se que as variantes mais recorrentes por todo o território brasileiro são: *semáforo*, *sinal*, *sinaleiro*, *sinaleira* e *farol*, podendo haver especificidades de acordo com a região analisada.

Diante desses estudos, verifica-se, em quase todas as regiões, o predomínio da escolha pela utilização de *semáforo*, o que pode ser explicado pelo aumento das frotas de veículos e idas a autoescolas para retirada do documento da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), o que permite aos sujeitos mais contato com a legislação de trânsito e acabem utilizando mais o nome técnico do instrumento. Contudo, é possível constatar variantes mais recorrentes em certas regiões que em outras, como, por exemplo, o uso de *sinaleira* em Santa Catarina; *sinal*, que é recorrente por todo o Norte e Nordeste; e *sinaleiro*, que aparece em todos os pontos analisados no Paraná.

¹⁴ Carta linguística elaborada por Fabiane Cristina Altino e Valter Pereira Romano.

3.2 AS DUAS BANANAS QUE NASCEM GRUDADAS

Atualmente, é difícil encontrar duas bananas que nascem grudadas, tendo em vista que, por sua aparência, acabam não sendo comercializadas nos supermercados. Contudo, antigamente, quando grande parte das pessoas vivia no campo, era mais comum encontrá-las, já que havia plantações de banana nos pomares e maior interação das pessoas com a terra, o que deu origem a uma série de histórias populares e até mesmo a brincadeiras.

Dentre as histórias contadas, acreditamos, com base nos relatos dos informantes, que a mais popular é que se uma mulher comer as bananas que nasceram grudadas ela poderá ter filhos gêmeos e até mesmo siameses. Além disso, também registramos uma brincadeira feita, a qual consiste em quem achar uma banana desse tipo ter o direito de mostrá-la para alguém e essa pessoa, então, deverá lhe pagar uma prenda. Perante o exposto, observamos que o referente do item em estudo é, ou ao menos já foi, muito presente na vida dos indivíduos, o que se confirma pelo fato de estar inserido, por meio das histórias e brincadeiras, no imaginário e na cultura do povo brasileiro.

Ao buscar uma explicação biológica, o blog Expedição Vida, de autoria da bióloga Fausto (2013), traz que o fato ocorre quando há a geminação dos tecidos celulares e esses acabam se unindo e se desenvolvendo juntos na mesma casca.

No que tange ao ambiente linguístico, mais adiante veremos que diversas são as variantes utilizadas para designar o item lexical em questão, entretanto, na literatura encontramos apenas um trabalho sobre o assunto (ROMANO; ISQUERDO, 2007), o qual vai olhar para os traços de ruralidade que podem ser identificados em indivíduos urbanos nas capitais das regiões Centro-Oeste e Sudeste, com os dados do ALiB, por meio de três questões do QSL, dentre elas a 043 que pergunta pelas bananas grudadas. Com os dados desse estudo, constata-se que a forma mais recorrente nas duas regiões estudadas por Romano e Isquierdo (2007) é *gêmeas/gêmea/banana gêmeas*, o que será confirmado no capítulo em que serão feitas as análises.

3.3 A CARNE DEPOIS DE TRITURADA NA MÁQUINA

Carne moída é uma palavra utilizada rotineiramente, tendo em vista que pertence a um campo semântico que integra e permeia a vida de todo ser humano.

Ao buscar trabalhos sobre essa lexia, verificamos que, com o *corpus* do ALiB, foram encontrados apenas dois trabalhos abrangendo a questão 178 do Questionário Semântico Lexical, sendo ambos da autoria de Yida (2006; 2011).

Nesse sentido, Yida (2011) aborda em seu trabalho de mestrado as questões que compõem o campo semântico Alimentação e Cozinha do QSL do ALiB nas capitais brasileiras. Dentro desse contexto, a autora registra sete designações para a questão 178 – carne moída e verifica que grande parte das variantes como, por exemplo, *picadinho*, *guisado* e *carne passada na máquina*, possuem arealizações no país. Ademais, o estudo revela que parte dos dados das capitais corrobora com a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), como é o caso de *picadinho* que foi registrada nas capitais que correspondem ao falar amazônico.

3.4 A PESSOA QUE COME DEMAIS

A questão 184 do Questionário Semântico Lexical também busca as variantes para um item que integra o dia a dia dos brasileiros falantes de português, sendo ele o item lexical *guloso*.

Assim como para a questão 178, de acordo com as buscas realizadas na literatura, apenas os trabalhos de Yida (2006; 2011) investigam as denominações dadas para “a pessoa que come demais”. Dentro desse contexto, a pesquisadora registrou 30 variantes, o que mostra o grande poliformismo desse item. Além disso, constatou que a designação *guloso* é utilizada em todas as capitais brasileiras, o que não possibilitou o estabelecimento de isoléxicas.

Com base nesses estudos, é possível conhecer o panorama linguístico do Brasil em relação a essa questão sob uma perspectiva macro, a qual será expandida no presente trabalho por englobar os dados do interior.

3.5 O FILHO QUE NASCEU POR ÚLTIMO

A designação para o filho que nasceu por último é investigada pela questão 131 do Questionário Semântico Lexical do ALiB.

Sobre esse item, sabemos que ainda não há publicação de suas cartas linguísticas, entretanto, além deste estudo que aborda todo o *corpus* do ALiB, há a pesquisa de mestrado de Sousa (2018) que investiga o item “filho mais moço”, dentre outros, na Bahia e no Amazonas, com base nos dados do ALiB.

Nesse sentido, a autora registrou cinco variantes, *caçula*, *filho mais moço*, *filho mais novo*, *filho derradeiro* e *último*, sendo *caçula* a forma mais produtiva. Ao fim do trabalho, a pesquisadora concluiu que há coincidências entre os dois estados analisados, mas também há especificidades próprias do falar de cada território.

Portanto, com os dados da pesquisa exposta temos pistas sobre o que é documentado no Brasil, contribuindo e indo ao encontro do que será apresentado no capítulo de análise de dados desta dissertação.

4 METODOLOGIA

Esta dissertação, de modo geral, segue os princípios metodológicos da Geolinguística ao levar em conta sua coleta de dados e o tratamento deles por meio da cartografiação. Desse modo, destinamos este capítulo para a apresentação dos materiais e métodos que serão utilizados ao longo do trabalho.

4.1 CORPUS

O *corpus* compreendido por este estudo refere-se aos dados coletados *in loco* pela equipe do ALiB nas 250 localidades, interior e capitais, que integram a rede de pontos do projeto. Todos os inquéritos realizados pelas equipes foram gravados e, em sua maioria, encontram-se transcritos, o que favoreceu o levantamento dos dados, uma vez que se fez necessário recorrer aos áudios apenas nos casos em que não há transcrição ou quando os trechos transcritos geraram certa hesitação.

Com base no controle de análises do Questionário Semântico Lexical (QSL) disponibilizado pelo projeto¹⁵ e também em estudos realizados anteriormente pela autora desta dissertação (CHOFARD, 2014; CHOFARD e LOURENÇO, 2016), selecionamos, a partir dos itens lexicais ainda disponíveis para estudo, cinco questões pertencentes a quatro campos semânticos (COMITÊ NACIONAL, 2001), a saber:

- (i) Campo semântico *Atividades Agropastoris*
QSL 043 – BANANA DUPLA/ FELIPE/ GÊMEAS: "... duas bananas que nascem grudadas?"
- (ii) Campo semântico *Ciclos da Vida*
QSL 131 – FILHO MAIS MOÇO/ CAÇULA: "... o filho que nasceu por último?"
- (iii) Campo semântico *Alimentação e Cozinha*
QSL 178 – CARNE MOÍDA: "... a carne depois de triturada na máquina?"
QSL 184 – GLUTÃO: "... uma pessoa que normalmente come demais?"
- (iv) Campo semântico *Vida Urbana*

¹⁵

Disponível

em:

<https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/versao_para_o_site_-_alib_-_qsl_-_05.10.17.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

QSL 194 – SINALEIRO/ SEMÁFORO/ SINAL: “ Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?”

Cabe ressaltar que a escolha dessas questões também foi motivada pela pressuposição de que elas podem mostrar diversidade de formas lexicais e, por extensão, algumas variantes possam caracterizar áreas dialetais ou processos de mudança em curso.

4.2 PERFIL DOS INFORMANTES

O perfil dos informantes segue em consonância com a metodologia empregada pelo ALiB. Dessa maneira, em cada ponto de inquérito foram coletados dados de fala de quatro informantes de ensino fundamental distribuídos de acordo com as variáveis faixa etária e sexo, como é possível visualizar por meio do quadro 1. Vale ressaltar que nesta dissertação utilizamos apenas os dados dos primeiros quatro informantes das capitais, uma vez que eles possuem o mesmo perfil dos informantes das localidades interioranas.

Quadro 1 - Perfil dos informantes

| Informante | Escolaridade | Faixa etária | Sexo |
|-------------------|---------------------|---------------------|-------------|
| 01 | Fundamental | I (18-30 anos) | Masculino |
| 02 | Fundamental | I (18-30 anos) | Feminino |
| 03 | Fundamental | II (50-65 anos) | Masculino |
| 04 | Fundamental | II (50-65 anos) | Feminino |

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Assim sendo, incluímos na amostra 996 informantes estratificados segundo as variáveis já mencionadas, uma vez que os dados referentes a quatro informantes encontram-se indisponíveis para análise, a saber: informante 3 do ponto 142 – Ouro Preto (MG), informante 4 do ponto 193 – Itaperuna (RJ) e informantes 1 e 4 do ponto 199 – Valença (RJ)¹⁶.

¹⁶ Os dados indisponíveis foram classificados como problemas técnicos.

4.3 REDE DE PONTOS

Diferentemente de outros atlas linguísticos feitos em conformidade com o modelo da denominada dialetologia tradicional, cujo foco era a língua rural, falada por pessoas mais velhas, analfabetas e topoestáticas, na dialetologia pluridimensional costuma-se incluir também a língua falada em espaços urbanos e controlar diferentes dimensões extralinguísticas, além das linguísticas.

A respeito da seleção das localidades, assim se manifesta Cardoso (2010, p. 91):

As características da contemporaneidade fazem com que a escolha de localidades não se pautе, como no começo dos estudos dialetais, prioritariamente pelo princípio do isolamento, antiguidade e pouco desenvolvimento, mas procure refletir, na sua configuração, o traçado que o mundo moderno vem delineando.

Posto isso, a rede de pontos adotada aqui também possui como base a utilizada pelo ALiB, portanto, engloba 250 cidades, consideradas áreas urbanas, distribuídas pelas cinco regiões do país¹⁷. Assim, contamos com os dados de 24 localidades da Região Norte, 78 da Região Nordeste, 24 da Região Centro-Oeste, 80 da Região Sudeste e 44 da Região Sul.

4.4 CARTOGRAFAÇÃO

Para dar início à cartografiação, procedemos ao levantamento dos dados nas transcrições e nas gravações dos inquéritos, quando necessário. Nesse momento do trabalho, foi necessário organizar a grande quantidade de dados no editor de planilhas *Excel* com o intuito de ter um rigor no tratamento das informações. Após a tabulação dos dados, as variantes documentadas foram cartografadas em bases georreferenciadas (Anexos de B a G)¹⁸, por meio do *software* SGVCLin

¹⁷ Um quadro com a relação dos pontos de inquérito do ALiB encontra-se disponível no Anexo A.

¹⁸ As bases cartográficas utilizadas foram publicadas no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (2014, p. 59-64).

- *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014)¹⁹.

Para a cartografia, levamos em conta todas as respostas dadas pelos informantes, bem como revisamos o trecho de retomadas, que estão no fim das gravações, com o intuito de verificar se alguma resposta havia sido fornecida quando retomada a questão. Contudo, nem todos os informantes conhecem o que lhes é perguntado ou, muitas vezes pelo volume de questões feitas, acabam não lembrando as designações para certos referentes. Desse modo, nos casos em que o item não foi obtido ou os informantes não souberam e não lembraram a resposta, como também nos casos em que houve algum problema em relação à gravação do inquerito ou quando o inquiridor queimou a pergunta, entre outras eventualidades, consideramos, em todos esses casos, como uma resposta prejudicada (RP).

Nos apêndices desta dissertação, podem-se observar as cartas linguísticas, elaboradas *ad hoc*, monodimensionais e de arealidade. Nas cartas monodimensionais, em que o mapeamento é feito por região, os dados são apresentados por meio de gráficos em formato de pizza. Já as cartas de arealidade, que trazem uma visão ampla de todo o Brasil, são de dois tipos: um que delimita as regiões em que há a ocorrência de determinada variante e outro que mostra a intensidade em que dada variante é produzida, utilizando, para isso, uma escala gradual de cores que representam percentuais de ocorrências. Por meio do primeiro tipo de carta de arealidade, é possível verificar, quando for o caso, áreas dialetais demarcadas por isoglossas. Para tanto, o *software* SGVCLin (2014) utiliza aspectos do método dialométrico, segundo Romano (2015), ao estabelecer um interponto entre as localidades contíguas.

Levando em consideração que este estudo engloba cinco itens lexicais, foi necessário criar séries de cartas linguísticas, as quais obedecem a uma ordem numérico-alfabética de identificação. Para exemplificar, tomemos como base as cartas referentes ao item lexical *semáforo*. Dessa forma, a Carta 1 apresenta a distribuição diatópica das variantes registradas na Região Norte, a Carta 1A mostra as ocorrências na Região Nordeste e, assim, sucessivamente. Cabe lembrar que, dentro de cada série de cartas, também há uma sequência a ser seguida, a saber: primeiramente são apresentadas as cartas monodimensionais por região (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul); em seguida são

¹⁹ Mais informações sobre o *software* podem ser encontradas no endereço eletrônico: <<http://sgvclin.altervista.org/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

apresentadas as cartas de arealidade simples e, por último, as de arealidade gradual.

Vale salientar que a apresentação das cartas e a análise das questões não segue, necessariamente, a ordem em que elas são organizadas no QSL (COMITÊ NACIONAL, 2001), já que não nos ocupamos de um campo semântico específico. Ressalta-se também que o tratamento pluridimensional dos dados não será feito por meio da cartografia, mas sim por meio de gráficos que trazem, em percentuais, o que foi obtido em relação às variáveis investigadas.

Diante do exposto, foi necessário elaborar várias cartas para o mesmo item e isso se justifica pela dificuldade de cartografar áreas geográficas com muitos pontos de inquérito como, por exemplo, no que diz respeito aos dados do ALiB, nas áreas correspondentes, principalmente, às regiões Nordeste e Sudeste. Ressaltamos que essa é uma dificuldade de cartografiação do projeto ALiB, cuja solução técnica ainda não está equacionada pela coordenação do projeto e equipe de cartografia.

4.5 ETAPAS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento deste estudo, seguimos os passos:

- (i) Seleção do *corpus* a ser analisado;
- (ii) Levantamento e tabulação das variantes registradas;
- (iii) Revisão de literatura para a constituição do referencial teórico;
- (iv) Cartografiação das formas linguísticas documentadas para os itens lexicais investigados (cartas monodimensionais, de arealidade simples e de arealidade gradual);
- (v) Elaboração de tabelas e gráficos para posterior análise da produtividade das variantes e também das variáveis extralinguísticas observadas;
- (vi) Pesquisa lexicográfica para verificar a dicionarização, ou não, das variantes encontradas nos dicionários: Aulete (1980), Cunha (2007) e Houaiss (2009), a fim de confrontá-las com as acepções trazidas.
- (vii) Exegese dos dados e resultados obtidos.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentadas a descrição e a análise das variantes registradas para as cinco questões do QSL em estudo. Tendo em vista as especificidades de cada item lexical, eles serão abordados separadamente, considerando-se os objetivos traçados para este trabalho.

5.1 QUESTÃO 194 - SEMÁFORO

A questão 194 do QSL pertence ao campo semântico *Vida Urbana* e busca as variantes para “o que costuma ter em cruzamentos movimentados com luz vermelha, verde e amarela”²⁰.

Com o levantamento das respostas em 996 inquiridos, referente a todos os estados do Brasil, incluindo os informantes de nível fundamental de todas as localidades (pontos de pesquisa) do interior e das capitais, obtivemos 19 variantes documentadas e todas foram consideradas para análise, contudo, foi necessário agrupar algumas formas, as quais serão descritas a seguir:

- (i) Formas perifrásticas: sinal > sinal de luz, dentre outras, e sinalização > sinalização de trânsito;
- (ii) Formas de ocorrências isoladas, rotuladas de “outras”: farolete, poste de sinal, lanterneira etc.

Assim, obtivemos sete variantes, agrupadas ou não, a serem cartografadas, acrescidas, para fins de cálculo de percentuais, das respostas tidas como prejudicadas (RP), totalizando oito rótulos que serão expostos no Quadro 2.

²⁰ Comitê Nacional (2001).

Quadro 2 – Variantes documentadas para a questão 194 - semáforo e seus agrupamentos

| RÓTULOS | VARIANTES AGRUPADAS |
|-------------|---|
| Semáforo | semáforo |
| Sinaleiro | sinaleiro |
| Sinaleira | sinaleira |
| Farol | farol |
| Sinalização | sinalização / sinalização de trânsito |
| Sinal | sinal / sinal de luz / sinal de trânsito / sinal luminoso |
| Outras | trânsito / farolete / pau de luz / zoiúdo / lanterna / poste de sinal / sinalizador / luminoso / fremasso |
| RP | não soube / não lembrou / item não obtido / questão não formulada / problemas na gravação |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Depois de feitos os agrupamentos, optamos por apresentar, na legenda das cartas monodimensionais, as variantes que foram agrupadas e realizadas em determinada região, a exemplo da Carta 1A, na qual consta o rótulo *sinal / sinal de luz / sinal de trânsito / sinal luminoso*, e da Carta 1B, em que consta o rótulo *sinal / sinal de trânsito*. Justificamos essa decisão devido ao fato de que, no âmbito geral, todas as variantes foram documentadas, embora tenham aparecido de diferentes formas em cada região. Por exemplo, na Região Nordeste, encontramos as respostas *sinal*, *sinal de luz*, *sinal de trânsito* e *sinal luminoso*, enquanto na Região Centro-Oeste registramos apenas as formas *sinal* e *sinal de trânsito*.

Diante das variantes documentadas para designar o instrumento regularizador de trânsito, buscamos averiguar se essas estão inseridas em obras lexicográficas, e suas acepções, com o intuito de melhor entender a utilização de cada forma.

Semáforo, de acordo com Cunha (2007, p. 713), significa “telégrafo aéreo instalado nas costas marítimas para assinalar os navios à vista e com eles se corresponder” e “poste de sinalização ferroviária ou rodoviária que orienta o tráfico por meio de mudança de cor das luzes”. É, de acordo com o referido autor, uma adaptação do francês *sémaphore*. A lexia também possui entradas tanto em Houaiss (2009) quanto em Aulete (1980e) e ambos trazem acepções parecidas com Cunha (2007), acrescentando a informação, quanto à etimologia, de que se trata de uma palavra vinda do francês, mas que é composta a partir dos vocábulos gregos *sêma*, *atos* + *phoros*.

O vocábulo *sinal*, em Houaiss (2009, p. 1747), possui em sua entrada algumas formas perifrásticas ao dar o significado relacionado ao

trânsito, a saber: sinal aberto, sinal fechado, sinal vermelho, sinal luminoso e sinal de trânsito, classificando os dois últimos como o mesmo que semáforo, ou seja, “aparelho de sinalização urbana”. Aulete (1980e, p. 3374) considera *sinal*, quando utilizada para designar o aparelho de trânsito, uma palavra do português popular do Brasil e apresenta a acepção “o mesmo que sinaleiro e sinaleira”. Salientamos que as formas perifrásticas trazidas na entrada de *sinal* contribuem para justificar o agrupamento dessas formas, o qual foi proposto anteriormente. Portanto, dentre as formas agrupadas, apenas sinal de luz não está dicionarizada.

A palavra *sinaleiro*, como proposto por Cunha (2007, p. 722), era empregada, no século XX, para nomear o “indivíduo incumbido de dar sinais a bordo e/ou nas estações das estradas de ferro”. Aulete (1980e, p. 3374) a define ainda como um brasileirismo utilizado para nomear o “aparelho destinado a dar automaticamente sinais luminosos para regular o tráfego: sinal; sinaleira; semáforo”. Como proposto por Houaiss (2009), essa é uma palavra que pode ser classificada tanto como adjetivo quanto como substantivo masculino e, nesse último caso, o lexicógrafo afirma que se trata do mesmo que semáforo e possui sinaleira como sinonímia.

Sinaleira é defendida por Cunha (2007, p. 722) como a maneira de designar o “sinal luminoso regulador do trânsito”. Aulete (1980e) a classifica como sendo, no Brasil, o mesmo que sinaleiro. Já Houaiss (2009) afirma ser uma forma do século XX com o mesmo significado que *semáforo*, bem como uma variante de *farol*, semáforo, *sinal* e *sinaleiro*.

Sobre as lexias *sinaleiro* e *sinaleira*, Macedo (2014, p. 185) afirma que

é possível supor que “sinaleiro” seja utilizado apenas no gênero masculino, porque o indivíduo que ocupava a função descrita, sempre era homem, por isso não se pode confundir as palavras “sinaleiro” e “sinaleira”, sua origem é dispersa e a última não se trata do feminino da primeira.

Farol foi definido por Cunha (2007, p. 350) como uma “construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes; lanterna, candeeiro | *faroll* sec. XV | Do cast. *farol*, derivado do cat. ant. *faró* e, este, do gr. *pháros*”. Houaiss (2009) e Aulete (1980b) também

trazem acepções ligadas ao mar e às navegações. Assim, Macedo (2014) infere que essa variante possivelmente começou a ser utilizada para designar o objeto de trânsito devido à semelhança existente, tanto na função como na aparência, com o sinalizador marítimo.

O termo *sinalização* aparece em Aulete (1980e, p. 3374) como “s.f. ato de sinalizar: A sinalização das ruas, estradas, vias férreas”, Houaiss (2009) traz uma definição semelhante e, assim como Cunha (2007), afirma ser uma lexia do século XX. Portanto, observa-se que essa palavra possui sentido mais amplo, o que corrobora para que também seja utilizada com uma variante da forma técnica *semáforo* . Constatamos também que seu agrupamento *sinalização de trânsito* não é registrada nas obras lexicográficas consultadas.

Dentre as formas classificadas como *outras* , apenas *trânsito* , *farolete* e *luminoso* encontram-se dicionarizadas, as quais serão abordadas a seguir.

A palavra *trânsito* aparece como entrada nas três obras lexicográficas consultadas, porém em nenhuma delas há acepções relacionadas ao instrumento regulador, o que nos leva a inferir que esta variante pouco produtiva pode ter sido utilizada pelo informante por fazer uma ligação entre o objeto e o contexto em que este se insere.

Em Cunha (2007) *farolete* aparece na entrada de *farol* como uma palavra do século XX, em Aulete (1980b) aparece como entrada, mas com acepção referente a uma peça de automóveis, assim como em Houaiss (2009).

Luminoso , por sua vez, também aparece dicionarizada pelos três autores, porém com acepções relacionadas a algo que dá luz, o que nos faz, de certo modo, compreender o porquê da utilização dessa variante, tendo em vista que o objeto regulador de trânsito opera por meio de luzes.

Já as variantes *pau de luz* , *zoiúdo* , *poste de sinal* , *sinalizador* , *lanterna* e *fremasso* não se encontram documentadas nos dicionários consultados. No entanto, em Cunha (2007) na entrada *lanterna* , aparece a forma *lanterneiro* como uma lexia de 1813, que também está documentada em Houaiss (2009) e em Aulete (1980c), mas sem algum significado relacionado ao contexto de trânsito.

Para dar início à análise da produtividade e da distribuição das variantes documentadas, primeiramente, apresentamos uma visão do que foi registrado em todo o Brasil e depois partimos para uma análise voltada para cada uma das cinco regiões que constituem o território brasileiro. Desse modo, junto aos dados fornecidos pelos 996 informantes que integram o *corpus* deste trabalho, obtivemos 1.302

respostas, as quais podem ser observadas, em números absolutos e percentuais, na Tabela 1. Destacamos que o número de respostas é maior que o número de informantes, pois alguns informantes deram mais de uma resposta e todas foram consideradas na análise²¹.

Tabela 1 – Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| sinal / sinal de luz / sinal de trânsito / sinal luminoso | 476 | 36,56% |
| semáforo | 398 | 30,57% |
| sinaleiro | 179 | 13,75% |
| farol | 116 | 8,91% |
| sinaleira | 103 | 7,91% |
| outras | 11 | 0,84% |
| sinalização / sinalização de trânsito | 10 | 0,77% |
| RP | 9 | 0,69% |
| Total | 1.302 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio dos resultados trazidos pela tabela de produtividade geral, observamos que a variante *sinal*, com seus agrupamentos, é a mais produtiva no Brasil, totalizando 476 ocorrências e o percentual de 36,56%. *Semáforo*, por sua vez, mostra-se como a segunda forma mais difundida no país, com o montante de 398 registros, que configuram 30,57% das respostas. As demais variantes também são relevantes no cenário nacional, no entanto, com um menor percentual como veremos, a seguir, em ordem decrescente de produtividade: *sinaleiro*, com 179 registros (13,75%); *farol* com 116 registros (8,91%); *sinaleira* com 103 registros (7,91%); *outras* com 11 registros (0,84%); e, por fim, *sinalização*, e seu agrupamento, com 10 registros (0,77%). Constatamos também o total de 9 respostas prejudicadas (0,69%) e 4 inquéritos tidos como não disponíveis para esta análise.

Depois de apresentados os dados sob uma perspectiva macro, faremos uma análise regional, na expectativa de que essa visão micro permita desvendar particularidades que não são refletidas na visão geral.

²¹ De todos os dados obtidos, foi desconsiderada apenas uma segunda resposta do informante 4, do ponto 110 – Cáceres (MT), tendo em vista que ficamos em dúvida em relação ao que pretendia ser dito.

Nesse sentido, foram geradas cartas linguísticas e tabelas de produtividade por região, as quais serão explanadas em seguida.

Tabela 2 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---------------------------|-------------------|--------|
| sinal / sinal de trânsito | 66 | 58,93% |
| semáforo | 39 | 34,82% |
| outras | 3 | 2,68% |
| RP | 2 | 1,79% |
| sinaleiro | 1 | 0,89% |
| sinalização | 1 | 0,89% |
| Total | 112 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Na Tabela 2, podemos observar que, na Região Norte, foram registradas cinco formas para denominar o instrumento regulador de trânsito, as quais totalizam 112 registros, dos quais 46 no Pará, 24 no Amazonas, 11 em Rondônia, 9 no Acre, 9 em Tocantins, 8 no Amapá e 5 em Roraima.

A variante *sinal* e seu agrupamento (com 66 registros e percentual de 58,93%), em consonância com a produtividade da mesma variante no conjunto geral dos dados de toda a amostra, é majoritária em todos os estados da região, exceto em Rondônia, onde possui o mesmo número de ocorrências que *semáforo*, e no Tocantins, onde a mais produtiva é *semáforo*. O segundo maior índice de ocorrências fica por conta da forma que é tida como técnica, *semáforo*, totalizando 39 respostas, representando 34,82%. As variantes *pau de luz*, *trânsito* e *fremasso* foram agrupadas em outras (2,68%) e documentadas, respectivamente, em Pedro Afonso (ponto 023 – TO), em Conceição do Araguaia (ponto 017 – PA) e em Almeirim (ponto 011 – PA). Já as denominações *sinaleiro* e *sinalização* (0,9%) possuem registro único em Porto Velho (ponto 021 – RO) e em Almeirim (ponto 011 – PA), nessa ordem. Duas respostas foram tidas como prejudicadas. Ressaltamos ainda que consideramos a variante *fremasso* como uma resposta válida, pois acreditamos na possibilidade de o informante, ao tentar articular a proparoxítona *semáforo*, ter feito a síncope da postônica (*semafro*) e a hipótese simultânea de /fr/ e /s/, resultando, desse modo, na forma produzida.

A partir da leitura da Carta 1 (APÊNDICE A), podemos visualizar a distribuição espacial das variantes registradas na Região

Norte. Com os maiores percentuais, as variantes *sinal / sinal de trânsito* e *semáforo* encontram-se difundidas por todo o território nortista, o que não possibilita o estabelecimento de isoléxicas de áreas dialetais específicas de uma ou de outra variante. O resultado mostra, todavia, certa uniformidade lexical na região no que diz respeito às formas linguísticas utilizadas para o instrumento de trânsito, já que duas formas recobrem toda a região e os demais registros são de ocorrências isoladas. No tocante a *sinaleiro*, esse item aparece como a única resposta da informante 4 de Porto Velho, a qual trabalha como cozinheira e copeira em um hotel da capital²², o que nos faz pressupor que utiliza essa variante por influência de possíveis hóspedes de outras localidades. Já *pau de luz* e *trânsito* (variantes agrupadas em outras) aparecem em pequenas cidades onde, segundo o Censo do IBGE (2010), a população não passa de 50.000 habitantes e o índice de urbanização de vias públicas é menor que 2%²³, nos levando a inferir que, possivelmente, não existam reguladores de trânsito nos cruzamentos dessas localidades, podendo, assim, levar os informantes a criar maneiras de denominar o que não é conhecido.

Tabela 3 – Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| sinal / sinal de luz / sinal de trânsito / sinal luminoso | 238 | 63,64% |
| semáforo | 82 | 21,93% |
| sinaleira | 26 | 6,95% |
| farol | 19 | 5,08% |
| sinalização / sinalização de trânsito | 4 | 1,07% |
| RP | 2 | 0,53% |
| sinaleiro | 2 | 0,53% |
| outras | 1 | 0,27% |
| Total | 374 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

²² Informação retirada da ficha de informante.

²³ Mais especificamente, em Pedro Afonso (TO), cidade em que se registra *pau de luz*, a população é de 11.539 pessoas e o índice de urbanização de vias públicas é de 1,8%. Já em Conceição do Araguaia (PA), onde a variante *trânsito* foi registrada, há 45.557 habitantes e as vias públicas urbanizadas perfazem o total de 1,6%.

A Tabela 3 traz a produtividade das designações registradas na Região Nordeste. Desse modo, constatamos que foram sete as variantes documentadas dentre o total de 374 respostas obtidas nos inquéritos realizados junto aos nove estados investigados, a saber: 105 na Bahia, 56 em Pernambuco, 56 no Ceará, 40 no Maranhão, 33 na Paraíba, 26 no Rio Grande do Norte, 24 no Piauí, 21 em Alagoas e 13 em Sergipe.

Assim como na Região Norte, no Nordeste a variante com maior número de registros é *sinal*, e seus agrupamentos, perfazendo 63,64% das respostas obtidas, o que totaliza 238 realizações. *Semáforo* aparece como a segunda forma mais utilizada, com 82 ocorrências e 21,93%, mostrando, assim, a grande preferência pela variante majoritária, já que a diferença percentual entre as duas formas mais recorrentes é considerável. As demais denominações registradas possuem menor índice de produtividade, sendo elas: *sinaleira*, com 26 (6,95%); *farol*, com 19 (5,08%); *sinalização / sinalização de trânsito*, com 4 (1,07%); *sinaleiro*, com 2 (0,53%); e *outras*, com 1 (0,27%). E, ainda, duas respostas foram consideradas prejudicadas (RP).

Por meio da carta lexical 1A (APÊNDICE B), torna-se possível analisar a distribuição espacial das variantes pelo território nordestino. Ao visualizar o panorama linguístico dessa região, fica claro que ela concentra grande diversidade lexical para designar “o que costuma ter nos cruzamentos movimentados com luz vermelha, verde e amarela”, sendo, dessa maneira, uma área de ampla heterogeneidade linguística.

Dentro desse contexto, observamos que a variante *sinal* encontra-se presente por toda a Região Nordeste, assim como *semáforo* que, apesar de possuir menor índice de registros, está bem difundida por todo o território.

Ao olhar a distribuição das demais variantes, uma, em especial, chama atenção, que é *sinaleira*, tendo em vista que se faz presente em todo o território baiano e nos pontos 038 (Corrente – PI) e 080 (Estância – SE), que estão localizados, respectivamente, próximo da fronteira do Piauí e de Sergipe com a Bahia. Assim, podemos inferir, de certo modo, que esta distribuição de *sinaleira* corrobora a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), no que tange ao Nordeste, já que o autor propõe a divisão dessa região em falar baiano e falar nordestino, sendo essa, nesse caso, uma variante própria do falar baiano.

Farol, por sua vez, aparece em menor escala, mas em grande parte dos estados nordestinos, com exceção do Ceará e de Sergipe. *Sinalização*, com quatro registros em toda a região, foi produzida por informantes da Paraíba, de Pernambuco e da Bahia. *Sinaleiro*, com duas ocorrências, foi resposta de dois informantes de Santana – BA (ponto

092). Já, como *hápax legomena*²⁴, a designação *poste de sinal* foi agrupada com *outras* e registrada em Irecê – BA (ponto 084).

Ao mudar de perspectiva e voltar o olhar para a Região Centro-Oeste, o cenário de produtividade das variantes se modifica em relação ao que foi exposto até então como se pode verificar na Tabela 4.

Tabela 4 – Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---------------------------|-------------------|--------|
| sinaleiro | 50 | 40,98% |
| semáforo | 43 | 35,25% |
| sinal / sinal de trânsito | 15 | 12,3% |
| farol | 7 | 5,74% |
| sinaleira | 2 | 1,64% |
| sinalização | 2 | 1,64% |
| RP | 2 | 1,64% |
| outras | 1 | 0,82% |
| Total | 122 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

No Centro-Oeste brasileiro, obtivemos a quantia de 122 respostas a fim de nomear o instrumento regulador de trânsito, sendo 47 no Mato Grosso, 47 em Goiás e 28 em Mato Grosso do Sul.

Diferentemente do que ocorre nas Regiões Norte e Nordeste, na Região Centro-Oeste predomina a variante *sinaleiro*, tendo 50 registros e perfazendo 40,98% do total. Quase concorrendo com a forma mais produtiva, *semáforo* é a segunda forma que se destaca, com 43 respostas e 35,25%. *Sinal*, e seu agrupamento, que nas respostas nortistas e nordestinas apareceram como predominante, aqui se encontra na terceira posição, com 15 documentações e 12,3%. Já as demais variantes tiveram baixo índice e serão apresentadas por ordem de produtividade: *farol*, com 7 ocorrências e 5,74%, *sinaleira* e *sinalização*, com 2 respostas e 1,64%; e *outras* com registro único e 0,82%. Dentro desse cenário, duas respostas foram prejudicadas, a saber: nos pontos 119 (São Domingos), pelo fato de o item não ter sido obtido, e 126 (Quirinópolis), pelo

²⁴ Trata-se de uma expressão que vem do grego e significa “algo que foi dito uma vez”. Informação disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/h%C3%A1pax>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

informante não ter lembrado a resposta, ambos no estado de Goiás. Ressaltamos ainda que, no ponto 110 – Cáceres (MT), a informante 4 procurou dar uma segunda resposta, a qual não foi considerada, pois ficamos em dúvida em relação ao que pretendia ser dito levando em conta, desse modo, apenas sua primeira resposta²⁵.

Na Carta 1B (APÊNDICE C), observa-se como é o panorama linguístico na Região Centro-Oeste. Assim, constatamos que *sinaleiro*, a mais produtiva, se apresenta como pelo menos uma das respostas em 19 dos 24 pontos centro-oestinos, distribuída por toda a região, fato que também acontece com a forma técnica *semáforo* que é produzida na mesma quantidade de localidades. Dentre as formas menos recorrentes, *farol* é forma documentada em um ponto do Mato Grosso do Sul (112 – Coxim), em dois de Goiás (122 – Goiás e 125 – Catalão) e em dois do Mato Grosso (103 – Aripuanã e 104 – São Félix do Araguaia); *sinalização* aparece apenas em duas localidades mato-grossenses (103 – Aripuanã e 104 – São Félix do Araguaia); *sinaleira*, por sua vez, localiza-se em pontos opostos do mapa da região, um no sudoeste (113 – Corumbá/MS) e outro no leste (121 – Formosa/GO); já, com realização única, *farolete*, agrupada em outras, aparece apenas como uma segunda resposta de um informante de Catalão – GO (ponto 125).

Diante da distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste, fica evidente a impossibilidade de traçar áreas isoléxicas.

Tabela 5 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| Semáforo | 156 | 35,14% |
| sinal / sinal de trânsito / sinal luminoso | 144 | 32,43% |
| Farol | 77 | 17,34% |
| Sinaleiro | 59 | 13,29% |
| Outras | 4 | 0,9% |
| Sinalização | 2 | 0,45% |
| RP | 2 | 0,45% |
| Total | 444 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

²⁵ A seguir, exibimos o trecho da transcrição do inquérito em que o informante 4 responde a questão 194 do QSL (ponto 110 – Cáceres (MT)): INF.- Sinalero. Senaco.

Na Região Sudeste, de acordo com os dados apresentados na Tabela 5, podemos observar que foram registradas seis formas de denominar o instrumento regulador de trânsito. Todas as respostas totalizam 444 registros, dos quais 234 em São Paulo, 127 em Minas Gerais, 61 no Rio de Janeiro e 22 no Espírito Santo. Diante desses resultados, salientamos que o maior número de respostas em SP e em MG se deve ao fato de esses estados concentrarem uma maior quantidade de pontos investigados.

No que se refere à produtividade das variantes documentadas, *semáforo* é a que possui o maior número de ocorrências, com o montante de 156 respostas e o percentual de 35,14%. Em seguida, e quase de modo concorrente, aparece a forma *sinal*, e seus agrupamentos, perfazendo 32,43% das realizações, o que corresponde ao total de 144 respostas. *Farol* se mostra como a terceira forma com maior índice de produtividade, totalizando 77 registros e 17,34%. Em menor escala aparecem as demais variantes, as quais serão apresentadas por ordem de produtividade: *sinaleiro*, com 59 realizações e 13,29%; *outras*, que agrupa as formas *trânsito*, *lanterna*, *sinalizador* e *zoiúdo*, com 4 ocorrências e 0,9%; *sinalização*, com 2 e 0,45%; e, por fim, foram registradas duas RP, uma pelo fato de o informante 2 de Santa Teresa – ES (ponto 191) não ter lembrado a resposta e outra por haver um problema na gravação do inquérito do informante 3 de Pirapora – MG (ponto 132).

Com o intuito de averiguar a distribuição diatópica das variantes documentadas, recorreremos à carta linguística 1C (APÊNDICE D). Ao observar a carta, fica evidente que *semáforo*, a variante mais produtiva na região, encontra-se distribuída por todo o território, contudo, ao olhar separadamente as formas predominantes em cada estado, constata-se que apenas em São Paulo a denominação tida como técnica é a mais produtiva, já que nos demais estados a preferência é pela variante *sinal*. Nesse sentido, pode-se inferir que a predileção dos paulistas pela forma técnica se deve ao fato de estarem situados predominantemente em grandes centros urbanos e terem mais contato com o instrumento e também com órgãos e situações em que a forma técnica emerge.

No que tange às demais formas obtidas na região, *farol* só não é realizado no estado do Espírito Santo e se mostra muito presente em São Paulo, sendo a segunda forma mais produtiva nesse estado. *Sinaleiro*, por sua vez, apresenta-se difundida por todo o território paulista e em quatro localidades do sul de Minas, a saber: Uberlândia (ponto 135), Campina Verde (ponto 137), Passos (ponto 140) e Itajubá (ponto 149). *Sinalização*, com duas realizações, aparece como primeira resposta de

dois informantes, um de Marília – SP (ponto 166) e outro de Barra Mansa – RJ (ponto 205). Por fim, temos as formas que foram agrupadas em *outras*, sendo elas: *trânsito*, em Muriaé – MG (ponto 146); *sinalizador* e *lanterneira*, em São Paulo – SP (ponto 179), sendo que essa última foi produzida como uma segunda resposta do informante 4, o qual a caracteriza como uma variante carioca, de acordo com o seguinte comentário epilinguístico:

INF.- É... Aqui a gente chama de farol, né.

INQ.- Eles chamam de outro nome em outros lugares?

INF.- Ah, na, na, no Rio é lanternera, né! (179-4 – São Paulo-SP)

E, como a quarta forma agrupada em *outras*, tem-se a variante *zoiúdo* produzida na terceira resposta do informante 4 de Votuporanga – SP (ponto 151), a qual parece ser uma forma jocosa de designar o instrumento regulador de trânsito conforme se verifica no comentário retirado da transcrição do inquérito:

INF.- É semáforo, é o, o sinalero. Tem vários apelido, né. ((risos)) Zoiúdo. (151-4 – Votuporanga-SP)

Diante da distribuição das variantes pela Região Sudeste, cabe, ainda, fazer uma última observação, tendo em vista a diferença entre os paulistas e os informantes dos demais estados no que diz respeito ao uso da forma *sinaleiro*: infere-se que o falar de São Paulo, no que tange a essa variante, esteja mais próximo do das regiões Centro-Oeste e Sul, enquanto o falar dos mineiros, cariocas e capixabas se aproxime mais dos falares nordestino e nortista.

Tabela 6 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 194 - semáforo

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-------------|-------------------|-------|
| Semáforo | 78 | 31,2% |
| Sinaleira | 75 | 30% |
| Sinaleiro | 67 | 26,8% |
| Farol | 13 | 5,2% |
| Sinal | 13 | 5,2% |
| Outras | 2 | 0,8% |
| Sinalização | 1 | 0,4% |
| RP | 1 | 0,4% |
| Total | 250 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A Tabela 6 traz a produtividade das formas registradas na Região Sul. Diante dos dados, constatamos que foram sete as variantes documentadas dentre 250 respostas obtidas nos inquéritos realizados junto aos três estados sulistas, a saber: 103 no Paraná, 95 no Rio Grande do Sul e 52 em Santa Catarina.

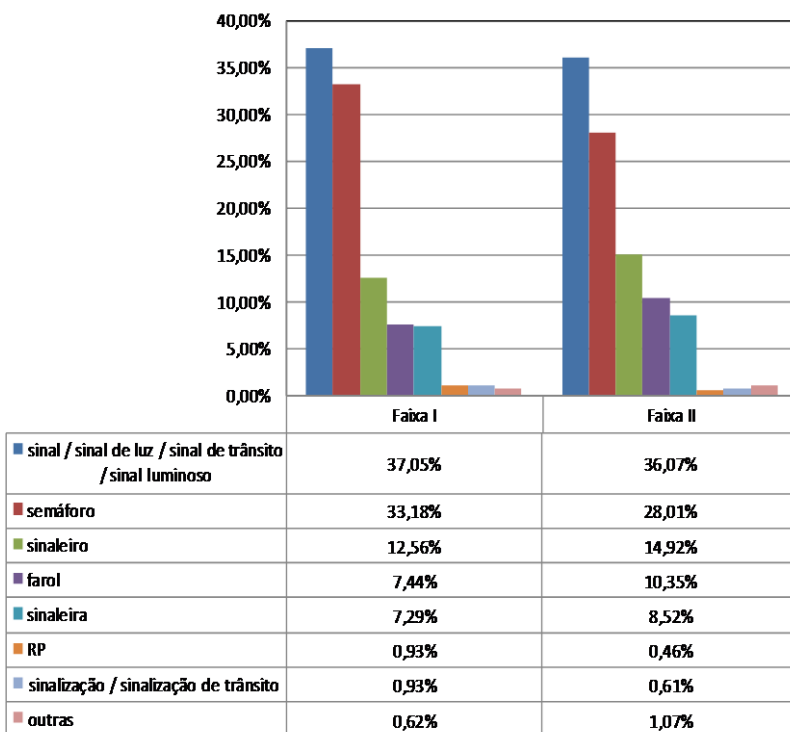
Da mesma maneira que na Região Sudeste, no Sul a variante mais documentada é a forma técnica, entretanto pode-se afirmar que há uma concorrência entre as duas formas mais produtivas, *semáforo* e *sinaleira*, uma vez que a primeira possui o montante de 78 respostas e 31,2%, enquanto a segunda totaliza 75 registros e o percentual de 30%, resultados que se mostram próximos. A terceira variante mais significativa é *sinaleiro*, com 67 ocorrências e 26,8%. Já *farol* e *sinal*, com índice mais baixo, tiveram 13 registros cada, o que corresponde a 5,2% das respostas. *Farolete* e *trânsito*, agrupadas em *outras*, correspondem a duas respostas e ao percentual de 0,8% dos registros. Como resposta única, *sinalização* aparece na fala de um informante de Adrianópolis – PR (ponto 216) e, por fim, uma resposta foi prejudicada, pois o informante 1 de Terra Boa – PR (ponto 209) afirmou não saber nomear o instrumento de trânsito.

Ao observar a Carta 1D (APÊNDICE E), constata-se, em relação à distribuição espacial das variantes, que todas as designações, exceto *sinalização* e *outras*, se mostram presentes nos três estados, embora com diferentes níveis de produtividade, o que comprova que não há uma variante associada especificamente a uma subárea da Região Sul. No Paraná, identificamos que a variante mais utilizada foi *sinaleiro*, a qual aparece como resposta de pelo menos um informante de cada ponto, exceto na cidade de Barracão (ponto 223), que não a apresenta e traz *sinaleira* como a variante dominante, perfazendo a primeira ou a

segunda resposta de todos os informantes do ponto. Em Santa Catarina, duas são as formas predominantes, *sinaleira* e *semáforo*, as quais se distribuem pelo território catarinense. Além disso, também é possível observar que a variante *sinaleiro* se concentra nos pontos com maior proximidade com o Paraná. Já no Rio Grande do Sul, a variante com o maior índice de produtividade é *sinaleira*, presente em todas as localidades investigadas. Dentre as formas menos recorrentes, *farol* é documentada nos três estados da Região Sul, com praticamente a mesma produtividade; *sinhal* também é registrada nos três estados, contudo, possui maior índice no Paraná e no Rio Grande do Sul, tendo em vista que aparece uma única vez em Santa Catarina no ponto 232 (Tubarão – SC); *sinalização*, como *hápax legomena*, foi registrada em Adrianópolis – PR (ponto 216), cidade que fica localizada no Sudeste do Paraná; agrupadas em *outras*, *farolete* aparece em Três Passos – RS (ponto 234) e *trânsito* em Morretes – PR (ponto 221).

Feita a descrição diatópica das designações registradas pelo ALiB para a questão 194 do QSL – semáforo, consideramos importante averiguar se as variáveis independentes controladas nesta dissertação, faixa etária e sexo, contribuem na escolha lexical dos informantes. Para tanto, serão apresentados os gráficos 1 e 2 que trazem, em números percentuais, os resultados obtidos, considerando o total das respostas coletadas junto aos informantes em todas as localidades.

Gráfico 1 – Distribuição das variantes registradas para a questão 194 - semáforo por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio do Gráfico 1, fica claro que a variável faixa etária não se mostra muito significativa no condicionamento das respostas, tendo em vista que possuem resultados semelhantes. Desse modo, cabe evidenciar que, dentre o total de 1.302 respostas obtidas, 645 foram dadas por informantes da faixa I e 657 por informantes da faixa II.

Nesse contexto, constata-se que a variante mais produzida pelos informantes das duas faixas é *sinal*, e seus agrupamentos, com 239 respostas por parte dos indivíduos de 18 a 30 anos e 237 pelos de 50 a 65 anos. Como a segunda forma mais produtiva aparece *semáforo*, que mostra uma pequena diferença entre os percentuais, sendo os jovens quem mais a utilizam, com o total de 214 registros contra 184 respostas dadas pelos informantes da faixa II. Embora a diferença percentual relativa à denominação técnica não seja tão grande, podemos inferir que

o fato de os jovens a utilizarem mais pode estar condicionado ao grande aumento das frotas de veículos e, conseqüentemente, da obrigatoriedade da retirada da habilitação para dirigir, o que leva esses indivíduos a terem contato direto com a forma semáforo que é utilizada pelos órgãos de trânsito, afirmação que vai ao encontro de comentários feitos por informantes, de 18 a 30 anos, da Região Sudeste:

INF.- Semáforo.

INQ.- Qual é o nome mais comum?

INF.- Sinalero.

INQ.- E quem que fala semáforo?

INF.- Semáforo assim... é mais as pessoa da agora, né?

INQ.- É mais moderno.

INF.- É mais moderno porque... cê vai tirá uma carta se você falá sinalero você já erra, né? (162-1 – Adamantina-SP)

INF. - Semáfro.

INQ. - É assim que chama aqui?

INF. - É, sinal ou semáfro. A autoescola, na autoescola todo mundo fala semáfro, né?

INQ. - Assim, na rua.

INF. - Sinal, ah, o sinal, gente, amarelo, vermelho... (205-1 – Barra Mansa-RJ)

Já *sinaleiro*, *farol* e *sinaleira* mostram-se como preferidas pelos informantes da faixa II, fato que também é lembrado por alguns informantes como é possível visualizar nos trechos a seguir:

INF.- Semáforo.

INQ.- Tem outro nome mais comum?

INF.- Antigamente falava farol. (136-4 – Patos de Minas-MG)

INF.- Semáforo.

INQ.- Conhece por outro nome?

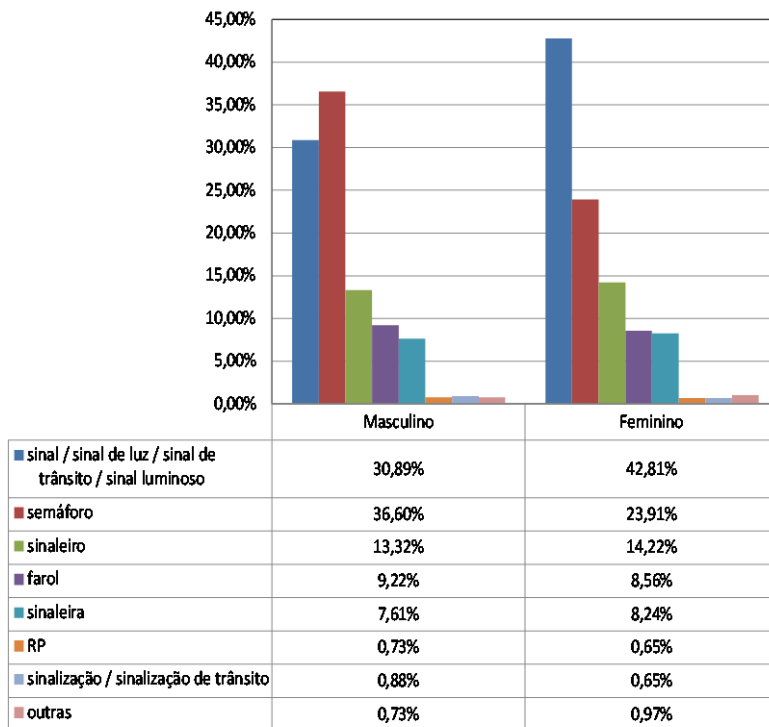
INF.- Sinalero.

INQ.- Qual é o mais comum?

INF.- Não aqui agora que a gente trato como semáforo, mas antigamente, no comecinho, mas no tempo antigo: “Ó, ocê passô sinalero, passô sinalero, sinal fechado”. (163-3 – Araraquara-SP)

Contudo, diante dos dados, não é possível afirmar que essas sejam variantes típicas da faixa etária II, tendo em vista que os informantes da faixa I também as utilizam significativamente. As demais formas documentadas também são utilizadas de modo, relativamente, equitativo.

Gráfico 2 – Distribuição das variantes registradas para a questão 194 - semáforo por sexo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Sobre a variável sexo, constata-se que os homens, com 683 registros, totalizam um maior número de respostas do que as mulheres que perfazem o total de 619, junto ao montante total de 1.302 lexias documentadas.

Pelos dados trazidos no Gráfico 2, é possível observar que o sexo pode estar influenciando a escolha de determinadas variantes, como é o caso das duas respostas mais produtivas no ALiB. Nesse sentido,

verifica-se que *semáforo* é a forma mais utilizada pelos homens, com 250 registros, e a segunda mais recorrente entre as mulheres, com 148, fato que ocorre inversamente ao olharmos para a variante *sinal*, e seus agrupamentos, que é a designação mais utilizada pelas informantes do sexo feminino, com 265 realizações, e a segunda de maior produtividade entre os informantes do sexo masculino, com 211. Aqui, novamente, inferimos que a relação com as autoescolas, cursos e exames de trânsito pode estar diretamente atrelada à predominância da forma técnica na fala dos homens, tendo em vista que esses são a maioria dos condutores de veículos estando, assim, mais presentes onde essa variante é veiculada como exclusiva.

Diante do exposto, podemos reafirmar a diferença na fala de homens e mulheres, fato já postulado por muitos estudiosos, dentre eles, Labov (2008). Todavia, o que os dados mostraram vai, de certa forma, em direção oposta ao que o autor defende, uma vez que aqui, aparentemente, são os homens os mais suscetíveis à forma de prestígio, ou seja, a utilizar a forma técnica *semáforo* que, por sua vez, também é a mais veiculada na mídia e em contextos que exigem maior grau de formalidade.

Para finalizar, vale mencionar que as demais variantes registradas não se mostram significativas no que diz respeito à variação diasssexual.

Retomando a análise diatópica, buscamos também verificar a arealidade das duas²⁶ variantes mais produtivas pelo Brasil, com o intuito de averiguar a possibilidade de delimitar áreas dialetais. Nesse sentido, primeiramente, serão apresentadas as considerações acerca da variante *sinal*, documentada como majoritária, e, depois, sobre a variante *semáforo*, segunda forma mais registrada.

Por meio da Carta 1E (APÊNDICE F), torna-se possível observar que a variante *sinal* encontra-se difundida por todas as regiões brasileiras, embora de forma heterogênea. Dessa forma, verifica-se que essa designação recobre todo o território nortista e boa parte do nordestino e sudestino, sendo menos frequente nas regiões Centro-Oeste e Sul. Ao visualizar a Carta 1G (APÊNDICE H), podemos compreender a intensidade dessa variante nos pontos onde é documentada, o que mostra, mais uma vez, sua forte presença no Norte, Nordeste e Sudeste, com exceção do estado de São Paulo, onde, apesar de ser registrada,

²⁶ Optamos por apresentar a arealidade das duas formas mais produtivas, pois mostram um total de respostas consideravelmente maior do que as variantes que aparecem a partir da terceira posição.

possui baixa frequência na grande maioria das vezes. Já no Sul e no Centro-Oeste, regiões com menor registro da forma *sinhal*, constata-se que, assim como em São Paulo, quando realizada, é por um ou no máximo dois informantes, o que revela que essa não é a preferência dos indivíduos dessas localidades.

No que diz respeito à arealidade de *semáforo*, observa-se na Carta 1F (APÊNDICE G) que essa também é registrada em todas as regiões, sendo mais frequente no Sul, no Sudeste, no Centro-Oeste e no Norte. Ao verificar na Carta 1H (APÊNDICE I) a intensidade em que essa forma se distribui, nota-se que poucos são os pontos onde ela é realizada pelos quatro informantes, fato que nos leva a afirmar que, mesmo sendo considerada a forma técnica e utilizada pelos órgãos de trânsito, o que acarreta um maior prestígio e veiculação midiática, ela não é, ainda, empregada com a mesma intensidade que *sinhal*, por exemplo, embora já se encontre bem difundida.

Perante o exposto, conclui-se que diversas são as formas de denominar o instrumento regulador de trânsito, e a cartografia se mostra como uma importante ferramenta utilizada para auxiliar na visualização da variação diatópica. Pela análise feita, fica clara também a impossibilidade de estabelecer áreas dialetais no Brasil por meio da variação lexical referente à questão 194 – *semáforo*, já que as formas registradas ocorrem simultaneamente em várias localidades, não ficando restritas a determinado território. Em relação às variáveis independentes controladas, os resultados evidenciam que a faixa etária não pode ser classificada como influenciadora das respostas dos falantes para essa questão. No que diz respeito à dimensão diassexual, no entanto, podemos inferir que há uma tendência de os homens utilizarem mais a forma técnica do que as mulheres, uma vez que elas preferem a forma *sinhal*, evidenciando, portanto, uma diferença na fala desses indivíduos. Ademais, cabe ressaltar que a pesquisa lexicográfica mostrou que a maioria das variantes utilizadas encontra-se dicionarizada.

5.2 QUESTÃO 043 – BANANA DUPLA

A pergunta 043 do QSL, constante no campo semântico *Atividades Agropastoris*, busca documentar as denominações para “duas bananas que nascem grudadas” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Na amostra selecionada, que totaliza 996 inquéritos, foram registradas 110 variantes, as quais foram agrupadas como ilustra o Quadro 3:

Quadro 3 – Variantes documentadas para a questão 043 - banana dupla e seus agrupamentos

| RÓTULOS | VARIANTES AGRUPADAS |
|-----------------|--|
| banana gêmea | banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeo / gêmeos / gêmio / irmã gêmeas |
| banana geme | banana geme / geme / gemi / gemis / banana gemas / gema / gemas |
| banana emendada | banana emendada / emendada / emendadas |
| engemada | engemada / engemadas / ingemada / gemada |
| inconho | inconho / inconha / iconha / enconha / banana incõe / incõe / inquem / banana inquem |
| banana coin | banana coin / coin / banana conha / conha / banana cunha / cunha |
| banana grudada | banana grudada / bananinha grudada / grudada / grudadas |
| banana felipe | banana felipe / banana filipe / banana filipinho / banana filipa / felipe / felipes / felipinha / felipinho / felipo / felipão / filipa / filipe / filipim / filipinho |
| banana filipada | banana filipada / filipada / filipadas |
| mabaça | mabaça / mabaças / mabaço / mabá / mabaça / mombaça / nadaça / nabaça |
| banana junta | banana junta / bananas juntas / junta / juntas |
| outras | colada / coladas / banana pregada / bananas pregadas / pregada / banana apregada / apregada / banana pegada / banana pegadas / pegada / bananas casadas / casal / banana germinada / banana geminada / geminada / pachuraca / banana aleijada / aleijada / aleijadas / banana conde / macha / macho e fêmea / banana irmã / irmãs / irmãs siamesas / siamesas / siamês / dois dedo / dois dedos / bananas defeituosa / melis / banana trasngênica / unida / banana dupla / dupla / banana agarrada / banana garrada / agarrada |
| RP | não soube / não lembrou / item não obtido / questão não formulada / problemas na gravação |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Sobre o agrupamento, evidenciamos que alguns critérios foram seguidos, como:

(i) Formas compostas: gêmea > banana gêmea, geme > banana geme, emendada > banana emendada, felipe > banana felipe etc;

(ii) Formas no diminutivo: banana grudada > bananinha grudada, filipe > filipinho etc;

(iii) Formas que apresentam o alçamento ou abaixamento da vogal pretônica: felipe > filipe, inconha > enconha;

(iv) Variantes que apresentam alternância morfofonêmica da vogal átona final: mabaça > mabaço, geme > gema, felipe > felipo;

(v) Formas que apresentam o fenômeno de apócope: mabaça > mabá;

(vi) Variantes morfêmicas que apresentam flexão de gênero e/ou número: filipe > filipa, gêmea > gêmeo, engemada > engemadas, filipada > filipadas etc;

(vii) Formas no aumentativo: felipe > felipão;

(viii) Formas que apresentam o alçamento da vogal tônica: conha > cunha;

(ix) Variantes que possuem nasalização da vogal pretônica: mabaça > mambaça;

(x) Formas com até cinco ocorrências, rotuladas em “outras”: colada, pregada, germinada etc.

Diante desses agrupamentos, totalizamos 12 rótulos a serem cartografados, além das respostas tidas como prejudicadas (RP). Vale lembrar que, na legenda das cartas monodimensionais, serão apresentadas apenas as variantes que foram agrupadas e documentadas em cada uma das cinco regiões.

Em posse das diversas formas documentadas, verificamos se essas estão registradas nas obras lexicográficas adotadas como referência neste estudo, bem como suas acepções.

Dentre as variantes agrupadas em *banana gêmea*, apenas as lexias *gêmea* e *gêmeo* foram localizadas nos dicionários. *Gêmeo*, segundo Cunha (2007), remonta ao século XIII e vem do latim *gemi(nus)*. Houaiss (2009, p. 962) traz como as primeiras duas acepções: “diz-se de ou cada um dos filhos que nasceu do mesmo parto” e, mais voltado para o item em questão, “diz-se de cada um dos frutos do mesmo ramo”. Aulete (1980c), por sua vez, documenta a forma *gêmeo* com as mesmas acepções que Houaiss (2009) e também possui *gêmea* como entrada, a qual aparece como o feminino de *gêmeo*, possuindo, assim, o mesmo significado. Sobre essas variantes, embora não seja registrada especificamente a designação *banana gêmea*, Isquierdo e Romano (2007, n.p) defendem que “a definição original de *gêmea* como aquilo que vem junto e em pares iguais é transferida para a denominação das bananas que nascem grudadas”.

No que se refere às formas agrupadas em *inconho*, apenas os vocábulos *inconho* e *incõe* possuem entradas. Dessa forma, tanto em Aulete (1980c) quanto em Houaiss (2009), *incõe* aparece como um brasileirismo e com mesmo significado que *inconho*, que é definido,

com acepções parecidas, como “pegado a outro, conjunto com outro (diz-se dos frutos que nascem nestas condições); incõe, enconho” (AULETE, 1980c, p.1940). Ambas as obras lexicográficas ainda trazem a etimologia da palavra, de acordo com o dicionário etimológico de Nascentes, sendo essa originária do Tupi *i kõe*, aquele que é gêmeo.

Voltando o olhar para o agrupamento de *banana felipe*, apenas as formas *filipe* e *filipinho* foram encontradas. No que tange à *filipe*, Aulete (1980c) e Houaiss (2009, p. 896) apresentam acepções similares relacionadas às sementes do algodão que ficam grudadas umas nas outras devido ao ataque da lagarta-rosada, esse último acrescentando também um segundo significado, “formação semelhante a dois diamantes emendados”. Nesse caso, do mesmo modo que ocorre com gêmea, inferimos que o significado passou também a ser atribuído não só para as bananas, mas para outros produtos como o café, o morango, entre outros. *Filipinho*, registrada pelo mesmo dicionário, aparece como uma variante baiana que quer dizer o mesmo que fruto inconho.

De todas as designações agrupadas em *mabaça*, somente ela foi documentada em Aulete (1980c, p. 2199) e em Houaiss (2009, p. 1206), os quais a caracterizam como um brasileirismo proveniente do Quimbundo, com as seguintes acepções, respectivamente: “aderente a outro (falando do homem, animal ou fruto); gêmeo. O mesmo que “irmão ou irmã gêmea”, apresentando, ainda, as formas *babaça*, *babaço* e *cabaça* como suas variantes, contudo, nenhuma delas foi registrada no *corpus* utilizado neste trabalho.

Já no que concerne às demais denominações, essas não possuem entrada nas obras lexicográficas pesquisadas ou as acepções não dizem respeito às bananas, aos frutos, aos homens ou aos animais grudados, como é o caso de *conha*, *cunha*, *conde*, *casada*, *casal*, *irmã* etc. Contudo, salientamos novamente que muitos significados como, por exemplo, de juntar, pregar, colar, entre outros, passaram a ser utilizados para qualificar as bananas, resultando, assim, em banana junta, bananas pregadas e coladas.

Dando início à análise de produtividade, o *corpus* constituído por inquéritos realizados com 996 informantes possibilitou o registro de 1.108 respostas dadas para nomear duas bananas que nascem grudadas, as quais são trazidas em números absolutos e percentuais na Tabela 7.

Tabela 7 – Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | N° DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeo / gêmeos / gêmio / irmã gêmeas | 652 | 58,84% |
| banana felipe / banana filipe / banana filipinho / banana filipa / felipe / felipes / felipinha / felipinho / felipo / felipão / filipa / filipe / filipim / filipinho | 160 | 14,44% |
| RP | 89 | 8,03% |
| outras | 53 | 4,78% |
| banana geme / geme / gemi / gemis / banana gemas / gema / gemas | 41 | 3,7% |
| inconho / inconha / iconha / enconha / banana incõe / incõe / inquem / banana inquem | 34 | 3,07% |
| banana grudada / bananinha grudada / grudada / grudadas | 19 | 1,71% |
| engemada / engemadas / ingemada / gemada | 18 | 1,62% |
| banana emendada / emendada / emendadas | 12 | 1,08% |
| mabaça / mabaças / mabaço / mabá / mambaça / mombaça / nadaça / nabaça | 11 | 0,99% |
| banana coin / coin / banana conha / conha / banana cunha / cunha | 8 | 0,72% |
| banana junta / bananas juntas / junta / juntas | 8 | 0,72% |
| banana filipada / filipada / filipadas | 3 | 0,27% |
| Total | 1.108 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Com base nos dados apresentados, constatamos que a variante *banana gêmea*, com as respectivas formas agrupadas, é a mais utilizada no português do Brasil, totalizando 652 respostas, o que corresponde a 58,84%, ou seja, a grande parte dos dados. Como a segunda forma mais recorrente, porém com menos expressividade, *banana felipe* possui 160 ocorrências e o percentual de 14,44%. No que tange às demais formas lexicais, essas também se mostram significativas, entretanto, possuem menores índices, a saber: *outras* com 53 realizações (4,78%), *banana geme* com 41 (3,7%), *inconho* com 34 (3,07%), *banana grudada* com 19 (1,71%), *engemada* com 18 (1,62%), *banana emendada* com 12 (1,08%), *mabaça* com 11 (0,99%), *banana coin* e *banana junta* com 8 (0,72%) e, como a menos utilizada, tem-se *banana filipada* com apenas 3 respostas (0,27%). Observa-se ainda elevado número de *respostas prejudicadas*

(8,03%), se comparado com o percentual da maioria das formas lexicais respondidas, o que pode estar atrelado, assim como a grande quantidade de *outras*, ao fato de a questão em estudo pertencer a um campo semântico mais voltado para o ambiente rural e o ALiB investigar a fala urbana, em que os informantes, principalmente os jovens, não possuem largo conhecimento sobre o campo e, desse modo, não sabem designar ou até mesmo nunca viram o que lhes é perguntado, como relata o informante 1 de Bagé-RS:

INQ. – Você já viu que banana às vezes gruda uma na outra, não gruda? É difícil, mas às vezes fica uma grudadinha na outra, você já viu isso?

INF. – Não, nunca vi.

INQ. - Você saberia o nome disso, ou não?

INF.- União. (248-1 – Bagé-RS)

Corroborando com a fala do informante gaúcho, o informante 1 de Taubaté-SP dá a seguinte resposta:

INQ.- Que nome vocês dão?

INF.- O nome eu nunca... nunca ninguém me comentô não. Eu conheço vários tipo de banana, mas esse... a ge... eu nunca comi, eu nunca vi falá nessa banana não.

INQ.- Quando você vê que nome você daria pra ela?

INF.- Não, que a turma comenta é que nem... tem essa banana nanica que ela nasce agrudada que a turma comenta que num pode comê em uma pessoa só senão é perigoso dá dor de barriga, várias coisa que a turma comenta. Agora tem a banana vermelhona mesmo que a turma comenta que é grudada, mas num é, é uma casca só que a turma fala que é a banana vermelha.

INQ.- E o nome dela então seria banana...

INF.- É, a turma comenta como banana vermelha [...]. (175-1 – Taubaté-SP)

Com base na resposta do jovem paulista, observamos que, mesmo não sabendo o nome que se dá para as bananas grudadas, ele tece um comentário que reflete uma das superstições que existem no imaginário popular acerca do que pode acontecer com uma pessoa que venha a comer uma banana dupla. Assim como esse, vários foram os relatos

feitos como, por exemplo, o dos informantes 2 de Itapetininga-SP e 3 de São Domingos-GO sobre o risco de ter filhos gêmeos ou grudados:

- INF.- Então... é banana gêmea, né?
 INQ.- É! Tem alguma história, pode comer?
 INF.- Segundo... falam que num é bom comê, né?
 INQ.- Por quê?
 INF.- Ah, ela. Porque você pode engravidá e nascê com o nenê grudado um no outro, né?
 INQ.- Ai, grudado!
 INF.- É!
 INQ.- Nossa!
 INF.- Gêmios, né?
 INQ.- E daí faz o quê?
 INF.- Eu num como! ((risos))
 INQ.- E se tiver que comer faz o quê?
 INF.- Desgruda uma da outra.
 INQ.- Desgruda uma da outra e come as duas?
 INF.- Não, come uma só.
 INQ.- E a outra faz o quê?
 INF.- A outra cê dá pa... pa alguém comê, acho! ((risos))
 INQ.- Dá pra alguém ou joga fora?
 INF.- É!
 INQ.- Ah!
 INF.- Eu num... eu nunca cheguei a comê, nunca tive corage de comê a banana quando é grudada em duas. Porque na minha família meu vô era bananero, sabe?
 INQ.- Aham.
 INF.- Ele mexia só com banana.
 INQ.- Aham.
 INF.- Né... então a gente ouvia falá. Eu nunca tive corage de comê assim, banana grudada!
 INQ.- Aham! Vai que acontece, né?
 INF.- Tem gente que fala ai, criança gêmeos! Outro fala ai, cuidado que nasce grudado um co outro, né?
 INQ.- Hum.
 INF.- Aquelas criança que nasce grudado, né?
 INQ.- Aham! (177-2 – Itapetininga-SP)
- INF.- Gema.
 INQ.- E aqui tem algum outro nome? Tem alguma superstição quando a gente...?

INF.- Tem. Mulher não pode comer, não, diz que senão, se criar o, se tiver filho, é gemu, aqui ninguém come isso aí, até os home tem superstição de comer...

INQ. Pra não nascer gêmeos?

INF.- É, mas isso aí é só pra... (119-3 – São Domingos-GO)

Ou ainda, sobre dar sorte:

INF.- Gêmeas.

INQ.- Você já ouviu alguma história dessas bananas?

INF.- É bom cê cumê as duas, disse que dá sorte.

INQ.- Você já comeu?

INF.- Cê passa até mal ca banana, mais dá sorte. ((risos)) Porque tem umas grandona, né. Tem aquelas banana maçã, que elas é gordinha assim, mais elas... grudada, né, diz que dá sorte. (155-2 – Andradina-SP)

Os excertos de fala apresentados refletem as histórias que são passadas boca a boca, as quais evidenciam a grandiosidade da cultura popular que, na maioria das vezes, é criada e preservada na tradição oral que, assim como o léxico, configura-se como um tesouro linguístico.

Descritos os resultados sob uma perspectiva geral, passamos para a análise dos dados por região.

Tabela 8 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------|-------------------|---|
|-----------|-------------------|---|

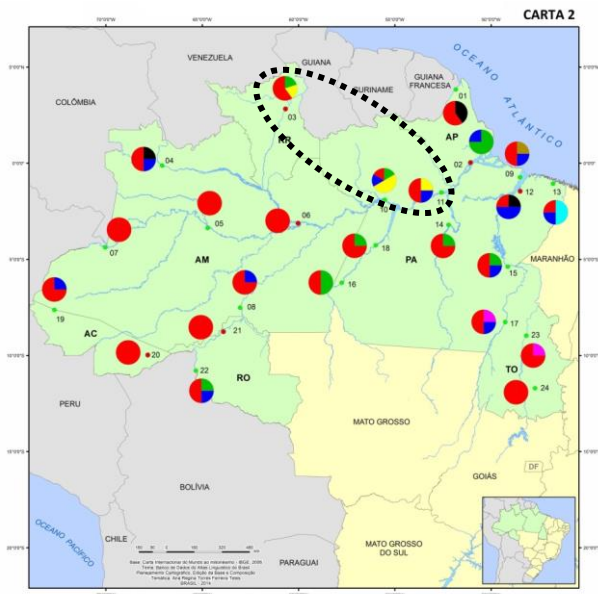
| | | |
|--|-----|------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas | 62 | 62% |
| RP | 13 | 13% |
| banana geme / geme / gemi / gemis | 11 | 11% |
| banana emendada / emendada | 5 | 5% |
| outras | 4 | 4% |
| incõe | 2 | 2% |
| engemada / gemada | 2 | 2% |
| grudadas | 1 | 1% |
| Total | 100 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 8, verificamos que na Região Norte foram registradas sete formas para denominar as bananas que nascem grudadas, totalizando 100 respostas distribuídas pelos sete estados, sendo 42 no Pará, 20 no Amazonas, 9 no Amapá, 8 no Acre, 8 em Rondônia, 8 em Tocantins e 5 em Roraima.

Consoante o resultado geral dos dados, a variante *banana gêmea* é a majoritária entre os nortistas com 62% das respostas, sendo a mais utilizada em todos os estados da região. *Banana geme*, por sua vez, aparece como a segunda designação mais produtiva com 11 ocorrências (11%). Possuindo menor índice, mas na terceira posição de produtividade, *banana emendada* perfaz 5% das realizações, seguida das variantes *banana pregada* (001-3 – Oiapoque-AP), *coladas* (001-4 – Oiapoque-AP), *pachuraca* (004-3 – São Gabriel da Cachoeira-AM) e *bananas casadas* (012-3 – Belém-PA), que foram agrupadas em outras (4%) pela baixa ocorrência. Já as denominações *incõe* e *engemada* somam 2 registros cada (2%) e, como *hápx legomena*, há o registro de *grudadas*, realizada em Soure (ponto 009 – PA).

Com a leitura da Carta 2 (APÊNDICE J), podemos observar a distribuição das variantes na Região Norte. Dessa forma, constatamos que a variante majoritária *banana gêmea* está difundida por toda a região, sendo utilizada como resposta de pelo menos um informante de cada ponto, exceto na capital amapaense (ponto 002-Macapá – AP) onde a forma lexical predominante é *banana geme*. Ao olhar para a segunda designação mais produtiva, *banana geme*, verificamos que essa está presente apenas em parte do território nortista, sendo encontrada nos estados de Rondônia, Roraima, Pará e Amapá. Inferimos que a presença dessa variante pode estar relacionada com a migração de nordestinos, tendo em vista que na Região Nordeste ela se mostra significativa. *Banana emendada*, por sua vez, apresenta uma arealização, como ilustra a figura a seguir, na cor amarela.

Figura 1 – Arealização da variante *banana emendada* na Região Norte

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Nesse viés, verificamos que essa forma lexical aparece apenas em dois estados, sendo eles: Roraima e Pará, mostrando-se mais expressiva entre os paraenses de Óbidos (ponto 010) e Soure (ponto 011). As formas *engemada* e *incõe*, ambas com duas realizações cada, estão situadas na parte leste da região, do mesmo modo que *grudadas*, a qual possui apenas um registro no ponto 009-Soure – PA.

Tabela 9 – Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / | 204 | 59,48% |

| | | |
|--|-----|-------|
| gêmeo / gêmeos / irmã gêmeas | | |
| banana felipe / banana filipinho / felipe / felipinha / filipinho / felipo / filipa / filipe / filipim / filipinho | 36 | 10,5% |
| RP | 28 | 8,16% |
| geme / gemi / gemis / banana gemas / gema / gemas | 26 | 7,58% |
| engemada / engemadas / ingemada / gemada | 15 | 4,37% |
| outras | 13 | 3,79% |
| mabaça / mabaças / mabaço / mabá / mambaça / mombaça / nadaça | 10 | 2,92% |
| banana coin / coin / conha / banana cunha / cunha | 6 | 1,75% |
| inconha | 2 | 0,58% |
| grudadas | 1 | 0,29% |
| emendada | 1 | 0,29% |
| banana junta | 1 | 0,29% |
| Total | 343 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao voltar o olhar para o Nordeste, atestamos que essa é a região que mais se mostra heterogênea, tendo em vista que, das 12 variantes agrupadas e documentadas em todo o Brasil, 11 foram utilizadas pelos informantes nordestinos²⁷, as quais perfazem o total de 343 respostas, dessas 110 na Bahia, 49 no Ceará, 48 em Pernambuco, 42 no Maranhão, 24 na Paraíba, 20 no Piauí, 20 no Rio Grande do Norte, 16 em Alagoas e 14 em Sergipe.

Dentro desse contexto, analisamos que, da mesma forma que no cenário nacional, as variantes mais produtivas são *banana gêmea*, perfazendo mais da metade das respostas com 204 registros (59,48%), e *banana felipe* com 36 ocorrências (10,5%). *Geme* aparece como a terceira forma mais utilizada com o montante de 26 respostas (7,58%). As demais formas mostram-se menos produtivas, já que possuem percentuais abaixo de 5%, sendo elas: *engemada* com 15 respostas e 4,37%; *outras* que engloba as variantes *banana agarrada*, *agarrada*, *banana pregada*, *bananas pregadas*, *pregada*, *banana apregada*, *apregada*, *aleijada*, *banana conde*, *macha*, *pegada*, *irmãs siamesas* e *coladas* somando 13 respostas e 3,79%; *mabaça* com 10 e 2,92%;

²⁷ Apenas a variante *banana filipada*, e seus agrupamentos, não foi documentada na Região Nordeste.

banana coin com 6 e 1,75%; *inconha* com 2 e 0,58%; e, por fim, *grudadas*, *emendada* e *banana junta* que possuem ocorrência única e percentual de 0,29%. Dentre todas as respostas, 28 (8,16%) foram consideradas como prejudicadas.

Tendo como base a carta linguística 2A (APÊNDICE K), observamos a disposição das variantes documentadas no espaço geográfico. Desse modo, vemos que a forma *banana gêmea* encontra-se amplamente difundida pela região, sendo a mais produtiva em todos os estados, concorrendo, de certa maneira, apenas com *banana felipe* na Bahia.

Banana felipe, como mencionado anteriormente, mostra-se muito presente na fala dos informantes baianos, sendo utilizada por pelo menos um indivíduo em 14 dos 22 pontos de inquérito. Além disso, essa forma lexical foi encontrada fora desse estado em apenas dois pontos de Sergipe próximos à divisa, a saber: 079-Aracaju (informante 2) e 080-Estância (informantes 1, 3 e 4), o que mais uma vez corrobora com a divisão dialetal de Nascentes (1953). Dentro desse contexto, também chamamos atenção para a variante *mabaça* e seus agrupamentos, uma vez que essa se configura como uma variante baiana, pois não aparece em nenhuma outra região, com exceção de um único registro em Pedra Azul – MG (ponto 129), o que pode ser explicado pelo fato de se tratar de uma localidade próxima da divisa entre os estados da Bahia e de Minas Gerais. Como já mencionado anteriormente, de acordo com os dicionários Aulete (1980c) e Houaiss (2009), *mabaça* é uma variação de *babaça*, palavra de origem banta, mais especificamente da língua quimbundo, falada em Angola, que certamente foi trazida pelos africanos no período de colonização do Brasil e incorporada ao léxico do português.

Banana gême, no que lhe concerne, também se mostra bastante disseminada, levando em consideração que só não foi documentada nos estados de Alagoas e Piauí. Entretanto, cabe ressaltar que, mesmo com ampla difusão essa designação, possui diferentes níveis de produtividade nos estados em que ocorre. Assim, podemos observar que está mais presente no território classificado por Nascentes (1953) como a área do falar nordestino.

Analisando a distribuição das demais variantes, *engemada* aparece em menor escala como resposta de informantes do Maranhão, do Piauí e da Bahia. *Banana coin* apresenta-se com seis registros distribuídos entre os estados da Bahia e do Maranhão. *Inconha*, com duas ocorrências foi resposta dos informantes 2 e 3 de Caravelas – BA (ponto 102), localidade que está próxima ao sudeste onde essa forma

lexical é mais produtiva. Já, com respostas únicas, *grudadas*, *emendadas* e *banana junta* foram registradas, respectivamente, em Ipu – CE (ponto 042), em Tuntum – MA (ponto 030) e em Euclides da Cunha – BA (ponto 083).

Ao mudar de perspectiva e passar a investigar a realidade linguística da Região Centro-Oeste, observa-se que essa não apresenta grandes diferenças como pode ser visualizado por meio da Tabela 10.

Tabela 10 – Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeos | 63 | 53,85% |
| banana felipe / banana filipe / banana filipa / felipe / filipa / filipe | 40 | 34,19% |
| gemi / gemis / gema | 4 | 3,42% |
| banana filipada / filipada / filipadas | 3 | 2,56% |
| RP | 3 | 2,56% |
| outras | 2 | 1,71% |
| banana emendada / emendada | 2 | 1,71% |
| Total | 117 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Como consta na tabela apresentada acima, foram obtidas 117 respostas junto aos 96 informantes centro-oestinos, das quais: 46 em Goiás, 41 no Mato Grosso e 30 no Mato Grosso do Sul.

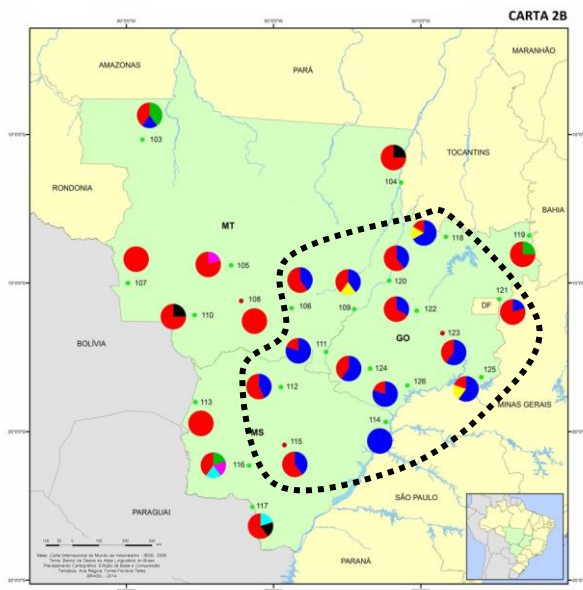
Nessa região, assim como nas demais, a variante majoritária é *banana gêmea*, totalizando 63 respostas, o que corresponde a 53,85%. Na segunda posição aparece *banana felipe* com 40 ocorrências e 34,19%, a qual se mostra muito mais produtiva no Centro-Oeste do que no Nordeste onde atingiu apenas 10,5%. De modo oposto, a terceira forma mais produtiva, *gemi*, apresenta-se com menos expressividade do que na fala dos nortistas e nordestinos, perfazendo o montante de quatro realizações e 3,42%. Com três registros e 2,56% aparece *banana filipada* que, por sua vez, configura-se como uma variante centro-oestina, visto que foi documentada apenas nessa região. Como as formas menos produtivas, somando apenas duas ocorrências e 1,71%, temos *banana emendada* e *outras*, que agrupa as segundas respostas *aleijadas* e *melis*. Destacamos também que três respostas foram consideradas prejudicadas pelo fato de os informantes 1 dos pontos 104 – São Félix

do Araguaia (MT), 110 – Cáceres (MT) e 117 – Ponta Porã (MS) relataram não saber o nome dado para o item em questão.

Feita a descrição quantitativa dos dados, passamos a olhar para a distribuição diatópica das variantes por meio da Carta 2B (APÊNCICE L).

Ao analisar a carta linguística, observamos que as duas formas mais produtivas, *banana gêmea* e *banana felipe*, ocorrem nos três estados do Centro-Oeste, entretanto, a primeira abrange toda a região, enquanto a segunda não é registrada com tanta frequência na parte oeste do território investigado, o que nos leva a inferir a existência de uma possível área lexical no que tange à variante *banana felipe*, como podemos ver na Figura 2, indicada pela cor azul.

Figura 2 – Arealização da variante *banana felipe* na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Em relação à distribuição de *gemi*, constatamos que essa certamente aparece na região por influência dos nortistas e nordestinos, tendo em vista que 3 das 4 respostas dadas foram registradas nos pontos 103 (Aripuanã – MT) e 119 (São Domingos – GO), os quais estão localizados próximos às fronteiras entre as regiões.

No que se refere às demais variantes documentadas, elas encontram-se distribuídas com menor intensidade pela região, a saber: *banana filipada* ocorre nos estados de Goiás e Mato Grosso; *banana emendada* se encontra no Mato Grosso do Sul em localidades relativamente próximas ao Paraguai (116 – Nioaque e 117 – Ponta Porã); e, com respostas únicas, *aleijada* ocorre em Diamantino – MT (ponto 105-2) e *melis* emerge na fala do informante 3 de Nioaque – MS (ponto 116), que a considera como uma forma em desuso, como podemos verificar no excerto extraído de seu inquérito:

- INF.- Nó falava gemis.
 INQ.- Tem outro nome por aqui?
 INF.- Quando é gemi tem a melis que fala, né.
 INQ.- Como?
 INF.- Melis.
 INQ.- Melis?
 INF.- É.
 INQ.- Banana melis?
 INF.- É, ou gemi, né.
 INQ.- Hã. O que é mais comum?
 INF.- É gemi.
 INQ.- Gemi.
 INF.- Aham.
 INQ.- Esse melis o senhor usa ele?
 INF.- Não. Não.
 INQ.- Quem é que usava esse?
 INF.- Ah, de antigamente falava, né.
 INQ.- É banana...
 INF.- Melis. (116-3 – Nioaque-MS)

Diante do cenário linguístico apresentado, podemos afirmar que as variantes tipicamente utilizadas no Centro-Oeste são *banana gêmea* e *banana felipe*, já que as demais formas mostraram-se pouco significativas. Nesse sentido, levando em consideração a expressividade de *banana felipe* na fala dos centro-oestinos, observamos, ao analisar os inquéritos dos informantes, que acontece uma espécie de brincadeira relacionada à banana e à variante em questão. Por exemplo, ao encontrar duas bananas que nasceram grudadas, a pessoa poderia entregá-las para um colega e esse, então, teria que lhe dar um presente. A seguir, trazemos o relato de um informante sobre a brincadeira:

- INF.- É... eles fala filipe.
 INQ.- Tem outro nome pra isso?

INF.- Não. Eu conheço por filipe, cê pega uma banana filipada dá pra você, cê tem que pagá um prêmio pra ele, né... um presente.

INQ.- Ah é?

INF.- “Te passei um filipe, tem que me pagá.”

INQ.- Tem essa história aqui, senhor Odenir?

INF.- Tem, tem.

INQ.- Que legal. Aqui na Barra é assim?

INF.- Na barra e em todo lugar, do povo antigo.

INQ.- É os antigos falavam isso?

INF.- É. (109-3 – Barra do Garças-MT)

Inferimos que em outras regiões a brincadeira também pode ser conhecida, entretanto, mais pelos informantes da segunda faixa etária, ao considerar a maior possibilidade desses terem vivido no ambiente rural e, conseqüentemente, visto com mais frequência esse tipo de banana.

A seguir, apresentamos as variantes de *banana dupla* na Região Sudeste.

Tabela 11 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeo / gêmeos / gêmio / irmã gêmeas | 198 | 55,46% |
| banana felipe / felipe / felipes / felipo / | 69 | 19,33% |

| | | |
|---|-----|-------|
| filipe | | |
| RP | 27 | 7,56% |
| inconha / iconha / banana incõe / incõe | 25 | 7% |
| outras | 17 | 4,76% |
| banana grudada / grudada | 10 | 2,8% |
| banana junta / bananas juntas / junta / juntas | 6 | 1,68% |
| banana conha / conha | 2 | 0,56% |
| gemada | 1 | 0,28% |
| nabaça | 1 | 0,28% |
| emendada | 1 | 0,28% |
| Total | 357 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

De acordo com os dados da Região Sudeste, foram obtidas 180 respostas em São Paulo, 99 em Minas Gerais, 57 no Rio de Janeiro e 21 no Espírito Santo, somando 357 registros.

Dentro desse contexto, a variante mais produtiva é *banana gêmea* com 198 ocorrências e 55,46%, seguida de *banana felipe* com 69 e 19,33%. As demais formas mostram-se menos numerosas e serão apresentadas por ordem de produtividade: *inconha* com 25 realizações e 7%; *outras*, que engloba as designações *banana germinada*, *banana geminada*, *geminada*, *aleijada*, *banana transgênica*, *colada*, *irmã siamesas*, *irmãs* e *siamês*, com 17 e 4,76%; *banana grudada* com 10 e 2,8%; *banana junta* com 6 e 1,68%; *banana conha* com 2 e 0,56%; e, com ocorrências únicas, *gemada*, *nabaça* e *emendada* perfazendo 0,28% cada. Cabe ainda destacar o elevado registro de RP, as quais totalizam 7,56%.

Sob a perspectiva diatópica, a Carta 2C (APÊNDICE M) revela que *banana gêmea* é a mais produtiva em todos os estados e que está amplamente distribuída por toda a região. *Banana felipe*, no que lhe concerne, só não é documentada na fala dos cariocas e se mostra muito presente no estado de São Paulo, onde alcança 26,67% das respostas. Ainda sobre essa variante, não se faz possível delimitar uma arealização, porém fica evidente que ela se concentra mais no sudoeste da região.

Já a forma lexical *inconha*, que até então não havia se mostrado expressiva nas demais regiões, configura-se como a terceira mais difundida, porém com realizações que parecem convergir para a parte litorânea, e proximidades, de São Paulo e do Rio de Janeiro, não sendo utilizada pelos informantes mineiros e capixabas.

No que diz respeito às demais formas obtidas na região, *banana grudada* só não é realizada no Espírito Santo, sendo oito de seus dez

registros em São Paulo. *Banana junta* também só não é dada como resposta pelos capixabas e se faz presente na fala de três cariocas (194-2 – São João da Barra; 206-3 – Parati e 198-3 – Macaé), dois paulistas (172-1 – Piracicaba e 186-3 – Registro) e um mineiro (138-2 – Belo Horizonte). *Banana conha*, com duas ocorrências, aparece como primeira resposta dos informantes 4 de São Mateus – ES (ponto 189) e de Parati – RJ (ponto 206). Por fim, caracterizadas como *hápax legomena*, registram-se: *gemada*, *emendada* e *nabaça*, que ocorrem, respectivamente, em São Mateus – ES (189-1), Bernardino de Campos – SP (170-4) e em Pedra Azul – MG (129-2), essa última podendo ser explicada pela proximidade com a Região Nordeste, onde *mabaça* e formas agrupadas configuram-se como uma variante baiana.

Apresentamos, na sequência, as variantes de *banana dupla* na Região Sul.

Tabela 12 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 043 - banana dupla

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeos | 125 | 65,45% |
| RP | 18 | 9,42% |
| outras | 17 | 8,9% |
| banana felipe / felipe / filipe / felipão | 15 | 7,85% |
| banana grudada / bananinha grudada / grudada | 7 | 3,66% |
| inconho / enconha / incõe / inquem / banana inquem | 5 | 2,62% |
| banana emendada / emendadas | 3 | 1,57% |
| juntas | 1 | 0,52% |
| Total | 191 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 12, podemos visualizar a produtividade das variantes utilizadas na Região Sul. Desse modo, constatamos a documentação de 191 respostas nos três estados sulistas, delas: 75 no Paraná, 75 no Rio Grande do Sul e 41 em Santa Catarina.

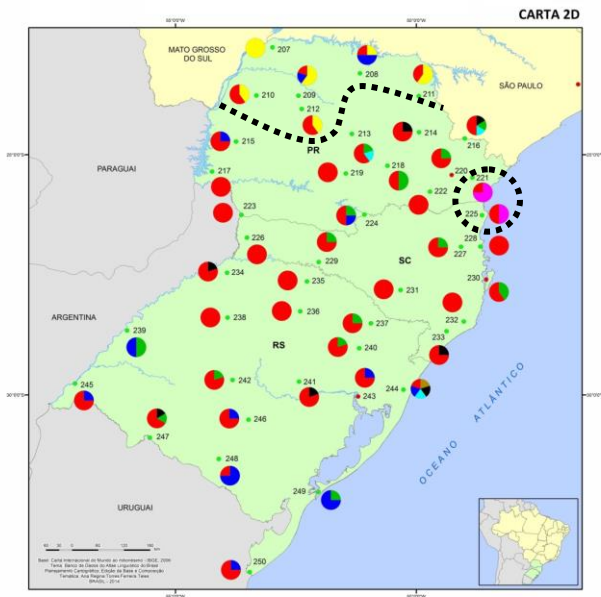
Do mesmo modo que nas demais regiões do país, no Sul, a denominação *banana gêmea* também foi a mais realizada com o total de 125 ocorrências (65,45%), o que equivale a quase dois terços de todas as respostas obtidas. Já as demais variantes se mostram com baixos índices, a saber: *outras*, que agrupa as formas *banana aleijada*, *aleijada*,

banana dupla, dupla, banana pegada, banana pegadas, pegada, dois dedo, dois dedos, banana defeituosa, casal, coladas, irmãs, macho e fêmea, siamesas e unida, com 17 registros e 8,9%; *banana felipe* com 15 e 7,85%; *banana grudada* com 7 e 3,66%; *inconho* com 5 e 2,62%; *banana emendada* com 3 e 1,57%; e *juntas* com 1 e 0,52%. Além da grande quantidade de RP que atinge 9,42%.

A partir da leitura da Carta 2D (APÊNDICE N), conseguimos ver o modo como as variantes estão dispostas geograficamente. Dessa maneira, certificamos que *banana gêmea* é a forma que aparece por todo o território como resposta de pelo menos um informante de cada localidade, exceto nos pontos 207 – Nova Londrina (PR), 239 – São Borja (RS) e 249 – São José do Norte (RS).

No que tange às formas *banana felipe* e *inconho*, verificamos que essas, de modo contrário, não ocorrem por todo o Sul e se restringem a certos espaços, conforme Figura 3, indicadas nas cores amarela e rosa, respectivamente.

Figura 3 – Arealização das variantes *banana felipe* e *inconho* na Região Sul



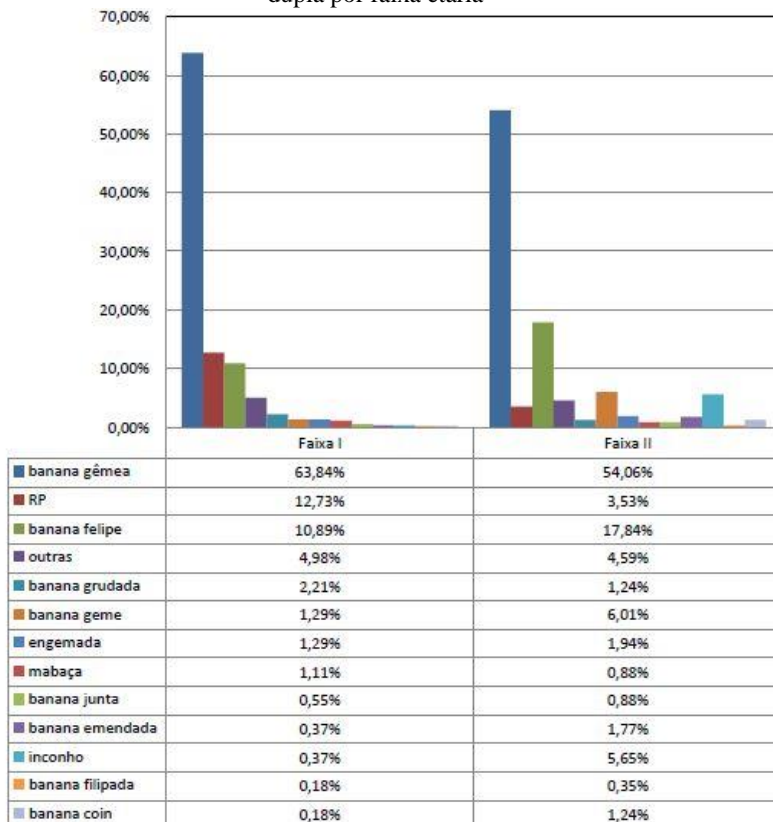
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Com as isoléxicas traçadas, identificamos que *banana felipe* é registrada apenas no norte paranaense, o que inferimos ter relação com sua colonização paulista ao levar em conta a grande produtividade dessa variante em São Paulo, corroborando com a hipótese já apresentada por pesquisadores, como Altenhofen (2008, p. 11), de que a variedade falada no Paraná seria um possível prolongamento da variedade paulista. Por seu lado, *incho* aparece em duas localidades litorâneas, uma no Paraná e outra em Santa Catarina, sendo elas os pontos 221 – Morretes e 225 – São Francisco do Sul, o que também torna a associação com o cenário sudestino possível, haja vista que essa região documenta *incho* com grande expressividade no litoral paulista e carioca.

Dentre as formas menos recorrentes, observamos que essas estão dispersas pela região.

Finalizada a descrição diatópica, mudamos de perspectiva e passamos a analisar os dados referentes às variáveis independentes controladas neste estudo, sexo e faixa etária.

Gráfico 3 – Distribuição das variantes registradas para a questão 043 - banana dupla por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao analisar o Gráfico 3, observamos que a dimensão diageracional pode estar atrelada à escolha das variantes utilizadas pelos indivíduos das diferentes faixas etárias, levando em consideração que, apesar de no contexto geral a preferência ser por *banana gêmea*, há disparidade no uso de algumas formas.

Nesse viés, primeiramente, chamamos atenção para as RP que, de certo modo, confirmam a inferência feita anteriormente sobre o fato de, principalmente, os informantes da faixa I não saberem e/ou não conhecerem o referente do item lexical em estudo, gerando uma resposta prejudicada. Posto isso, torna-se possível cogitar a hipótese de que, no contexto em que os dados do ALiB se inserem, as questões do campo

semântico Atividades Agropastoris são mais produtivas quando aplicadas aos informantes da segunda faixa etária por esses supostamente terem tido mais contato com o ambiente rural.

Na sequência, verificamos que os informantes da faixa I, embora seja a designação adotada pela maioria dos colaboradores, utilizam mais a variante *banana gêmea* do que os da faixa II (I – 63,84% e II – 54,06%). Além dessa forma, os jovens também demonstram maior uso de *banana grudada*.

Já, ao explorar as predileções dos indivíduos da segunda faixa etária, constatamos que, das 12 denominações documentadas, cinco são mais produtivas em suas falas, a saber: *banana felipe*, *banana geme*, *inconho*, *banana emendada* e *banana coin*, as quais, muitas vezes, são consideradas pelos próprios informantes como mais usuais entre os mais velhos e também variantes do interior. Seguem alguns dos comentários epilinguísticos a esse respeito:

INF.- Felipe.

INQ.- Conhece por algum outro nome?

INF.- Gêmeas, as menina fala banana gêmeas, a felipe.

INQ.- Você fala felipe? Não conhece outro nome?

INF.- Não, não. (106-4 – Poxoréu-MT)

INF.- Aqui no interiô chama cunha.

INQ.- É?

INF.- O nome é cunha, podia chamá é gêmeas, mas num chama não.

INQ.- Não chama não, né?

INF.- Não, as duas banana cunha, é assim que o pessoal do interior... (095-3 – Jequié-BA)

INF.- Olha! Eu vô falá um negócio que você vai rir: minha mãe, ela falava incõe. Já ouviu esse nome ((risos))? ((inint.)) eu acho que até ela pronunciava errado essa palavra, mas eu tamém conheço assim, num sei.

INQ.- E como que a senhora chama?

INF.- Ah, eu? Eu chamo... ah, eu chamo de gêmias.

INQ.- Não manteve o que a mãe falava?

INF.- Não, porque eu olho assim e tenho a impressão de sê gêmias, então.. eu falo assim.

INQ.- Eu acho tão bonito o nome que a sua mãe falava. Pouca gente ainda fala.

INF.- Eu nunca mais ouvi, a não ser minha mãe, nunca mais ouvi. (174-4 – Bragança Paulista-SP)

INF.- ((risos)) A gente fala incõe. Incõe ocê vai ri. ((risos))

INQ.- Não, eu já conhecia.

INF.- Banana incõe, incõe, eu acho que é isso, é. Aí eu falava pra eles né, banana incõe. "Ai caipira, num é banana incõe não, é banana gêmea." (180-4 – Caraguatatuba-SP)

INF.- Ó, eles fala assim ((risos)) banana inquéu ou gêmeas, mas mai no sítio falava que ela era inquéu, num sei o que que era isso né, e que as pessoas não podia comê as duas, se comesse as duas nascia o nenê gêmios. Quando casasse nascia gêmios, né. Então quase num... era até jogado fora, ninguém usava ou então tirava uma usava e a outra jogava.

INQ.- E esse nome aí, inquéu, a senhora não ouve mais falar aqui.

INF.- Não, nunca mais, ninguém nem sabe o que que é só minha mãe que falava "ai ói, tem uma banana inquéu aí não pode mechê com ela" agora já fala que é gêmios, né, puque já mudô as coisa, né, mas era inquéu, né. (186-4 – Registro-SP)

INF.- É banana gêmeas, que eles falam, né.

INQ.- Não tem outro nome? Que você ouvia o teu pai falar ou tua madrasta...

INF.- É filipim que eles falam, né. Filipinho... é!

INQ.- Qual que é o nome mais comum que você ouve as pessoas falarem hoje?

INF.- É banana gêmeas. Eles fala mais gêmeas, é.

INQ.- E flipinho seria então...

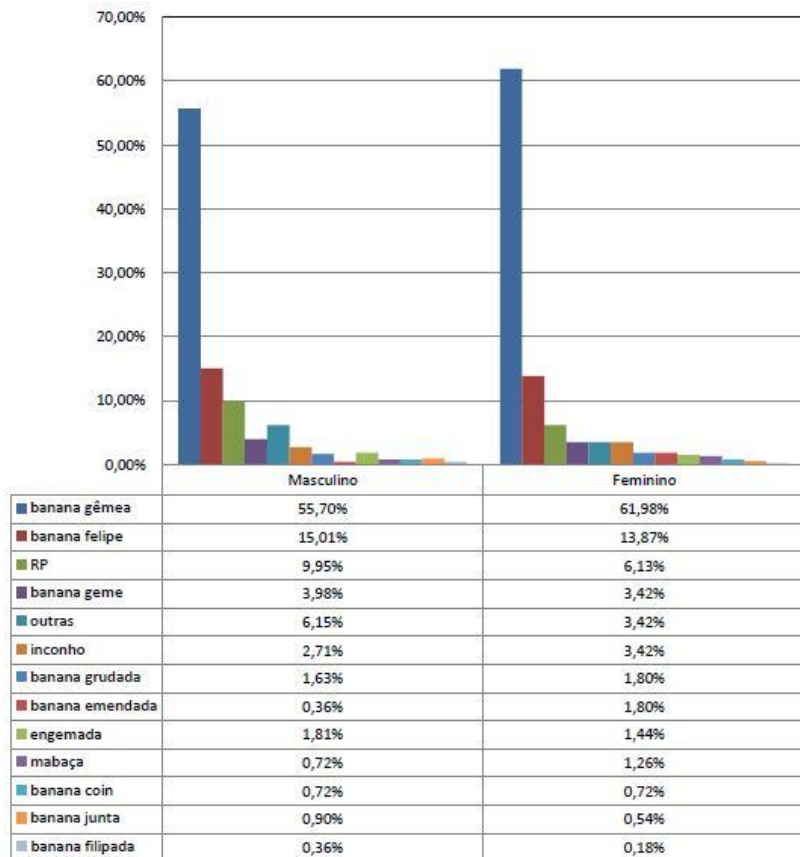
INF.- Filipinho é só assim mai da roça, né. O pessoal fala: "Ah, achei um filipinho", aí a gente vai vê é ((inint.)) duas frutinha garrada, né. (190-4 – Vitória-ES)

Assim, fica evidente que a faixa etária é um condicionador significativo para a escolha lexical dos informantes quanto ao item aqui

investigado, visto que há variantes preferidas por cada faixa etária e, ainda, algumas que se mostram neutras por serem utilizadas de modo, relativamente, semelhante.

Passamos agora a apresentar a correlação de uso das variantes da *banana dupla* com a dimensão diasssexual.

Gráfico 4 – Distribuição das variantes registradas para a questão 043 - banana dupla por sexo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

No que tange à variável sexo, observamos que o número total de respostas dadas por homens e mulheres é equivalente 553 e 555, respectivamente.

Dentro desse contexto, inferimos que o sexo não é o principal condicionador para as escolhas lexicais, no que se refere ao item aqui analisado, entretanto, é possível visualizar algumas preferências. Ambos os sexos utilizam de modo majoritário a forma *banana gêmea*, porém as mulheres mais, assim como acontece com as lexias *emendada* e *inconho*. Já os homens possuem maior percentual de ocorrências das variantes *banana felipe*, *outras* e também de *respostas prejudicadas*. Para finalizar, fica claro que as demais variantes apresentam produtividades muito semelhantes, o que impossibilita considerá-las como mais usadas por um ou outro sexo.

Retornando para uma visão diatópica, com o intuito de visualizar a arealidade das duas variantes mais produtivas, apresentamos as considerações acerca das áreas ocupadas por *banana gêmea* e *banana felipe*.

Por meio da Carta 2E (APÊNDICE O), podemos dizer que a variante *banana gêmea* está presente em todas as regiões brasileiras, recobrando o extenso território nacional, com pequenas exceções. Assim, torna-se interessante observar a intensidade com que essa forma ocorre. Para isso, elaboramos a Carta 2G (APÊNDICE Q), cuja graduação de cores mostra que, na maioria das localidades onde foi registrada, *banana gêmea* foi resposta de pelo menos dois informantes, o que mais uma vez revela sua alta produtividade.

Já, sobre a arealidade de *banana felipe*, Carta 2F (APÊNDICE P), verificamos que, de modo contrário, essa forma não se encontra amplamente difundida pelo país, tendo em vista que se concentra mais no centro do Brasil, englobando muitos pontos das regiões Centro-Oeste e Sudeste (com ênfase principalmente em São Paulo) e, em menor escala, nas regiões Nordeste e Sul, onde é documentada em parte da Bahia e de Sergipe e no norte do Paraná, respectivamente. Ao verificar a intensidade da variante, vemos, por meio da Carta 2H (APÊNDICE R) que ela é bastante intensa na maioria dos pontos em que ocorre, mostrando-se significativa no falar do centro brasileiro.

Tendo em vista a distribuição de *banana felipe*, bem como o significado atribuído pelos dicionários pesquisados, inferimos que essa arealização está relacionada ao cultivo do algodão e ao nome dado para as sementes que sofrem o ataque da lagarta-rosada, uma vez que, de acordo com o site da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão

(ABRAPA)²⁸, os estados considerados como maiores produtores, em grande parte, coincidem com os que mais realizam a variante *banana felipe*, mostrando, dessa forma, que, possivelmente, a lexia que era utilizada apenas para as sementes do algodão passou também a ser usada para outros produtos agrícolas, como o café e a banana, e até mesmo para minerais como, por exemplo, o diamante.

Diante da análise feita, concluímos que o item lexical investigado pela questão 043 do QSL do ALiB é poliforme, entretanto, a forma *banana gêmea* se destaca no cenário dos falares brasileiros pelo seu elevado percentual, se comparado com as demais denominações registradas. Além disso, com base nas cartas de arealidade relativas à *banana felipe*, fica clara a existência de uma arealização dessa variante quando olhamos para todo o Brasil, já que se restringe a um território específico, o qual engloba parte de quatro regiões brasileiras. No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, constatamos que a faixa etária se mostra um condicionador mais significativo do que o sexo, levando em consideração que os dados mostraram percentuais distintos de preferências entre os informantes de faixa I e de faixa II, enquanto que entre os sexos se apresentaram com certa semelhança. Por fim, cabe destacar que as obras lexicográficas registram poucas variantes, se comparadas à quantidade de formas encontradas no *corpus* aqui utilizado, o que revela, mais uma vez, a importância dos estudos dialetológicos para o aprimoramento de tais obras.

5.3 QUESTÃO 178 – CARNE MOÍDA

Pertencente ao campo semântico *Alimentação e Cozinha*, a questão 178 busca documentar as designações dadas para “a carne depois de triturada na máquina?” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

No cenário geral das respostas obtidas, foram registradas 28 variantes e todas foram consideradas para análise e agrupadas conforme o quadro a seguir:

²⁸ No site da ABRAPA é possível visualizar uma tabela que apresenta os dados relativos à produção de algodão no Brasil, por região e estado, entre os anos de 2008 e 2017, podendo também ser feita uma filtragem que apresenta dados desde 1976. Disponível em: <<https://www.abrapa.com.br/Paginas/dados/algodao-no-brasil.aspx>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

Quadro 4 - Variantes documentadas para a questão 178 - carne moída e seus agrupamentos

| RÓTULOS | VARIANTES AGRUPADAS |
|---------------|--|
| carne moída | carne moída / moída |
| picadinho | picadinho / picadim / carne picada / picada |
| carne passada | carne passada / passada / carne passada na máquina / passada na máquina |
| carne ralada | carne ralada / ralada / boi ralado / vaca ralada |
| guisado | guisado |
| outras | carne ruída / carne processada / processada / carne batida / batida / batido / desfiada / chapisco / patê / triturada / emprensada / bisado / bisato |
| RP | não soube / não lembrou / item não obtido / questão não formulada / problemas na gravação |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Para realizar os agrupamentos foram levados em consideração:

(i) Formas relacionadas aos adjetivos moído, picado, passado e ralado: carne moída > moída; carne passada > passada; picadinho > carne picada; carne ralada > ralada, entre outras;

(ii) Formas com até cinco ocorrências, rotuladas de “outras”: carne ruída, carne processada, patê etc.

Dessa forma, somamos seis rótulos, acrescidos das respostas prejudicadas (RP), a serem cartografados. Salientamos que, na legenda das cartas monodimensionais, serão apresentadas apenas as variantes agrupadas e registradas em cada uma das cinco regiões.

Para dar início à análise, primeiramente, examinamos se as obras lexicográficas utilizadas como referência nesta dissertação documentam as variantes produzidas pelos informantes que constituem nosso *corpus*.

Assim, a variante *carne moída* que é amplamente conhecida no Brasil não se encontra dicionarizada em nenhuma das obras lexicográficas consultadas, contudo há em todos os dicionários entradas tanto para carne quanto para moído. Além do não registro da lexia já mencionada, também há a ausência de documentação de outras variantes coletadas por meio dos inquéritos do ALiB, a saber: *carne picada*, *carne passada*, *passada na máquina*, *carne passada na máquina*, *carne ralada*, *ralada*, *boi ralado*, *vaca ralada*, *carne ruída*, *carne processada*, *processada*, *carne batida*, *emprensada*, *bisato* e *bisado*; e, ainda, aquelas que possuem entrada, porém com outro sentido como, por exemplo, *passada*, *batido*, *batida* e *desfiada*.

Como uma das palavras dicionarizadas, há o vocábulo *picadinho*, o qual está presente tanto em Houaiss (2009) quanto em Aulete (1980d) com as seguintes acepções: “1 picado em pequenos pedaços <carne bem p.> [...] 3 B guisado de carne em pedacinhos, ou moída, com ou sem molho” (HOUAISS, 2009, p. 1487) e “iguaria picada: picado miúdo: Picadinho de carne” (AULETE, 1980d, p. 2802).

Guisado, por sua vez, é caracterizado por Aulete (1980c, p. 1813) como um brasileirismo referente ao “picadinho de carne fresca ou de charque”, ao passo que, com o mesmo significado, em Houaiss (2009) é reconhecida como uma variante apenas do Sul do Brasil.

Passando para a análise de produtividade, junto aos 996 informantes, foram inventariadas 1.093 respostas para nomear a carne depois de triturada na máquina, as quais podemos visualizar, em números absolutos e percentuais, por meio da Tabela 13.

Tabela 13 – Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 178 - carne moída

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| carne moída / moída | 918 | 83,99% |
| picadinho / picadim / carne picada / picada | 50 | 4,57% |
| guisado | 45 | 4,12% |
| carne ralada / ralada / boi ralado / vaca ralada | 39 | 3,57% |
| carne passada / passada / carne passada na máquina / passada na máquina | 15 | 1,37% |
| outras | 13 | 1,19% |
| RP | 13 | 1,19% |
| Total | 1.093 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Diante dos dados, observamos que a variante *carne moída* e seu agrupamento é a forma majoritária e quase categórica no português falado no Brasil, com 918 ocorrências e 83,99% das realizações. Com índices muito baixos, se comparados com o da variante mais produtiva, temos: *picadinho*, como a segunda forma mais produtiva, com 50 respostas e 4,57%; *guisado* com 45 e 4,12%; *carne ralada* com 39 e 3,57%; *carne passada* com 15 e 1,37% e, por fim, *outras* e *RP* com 13 registros e 1,19%, respectivamente. Com esse panorama, podemos inferir que o item investigado é comum na vida dos informantes inquiridos, tendo em vista o baixíssimo índice de respostas prejudicadas.

Além disso, constatamos também que há uma variante que predomina e se destaca nos falares brasileiros.

Depois de exibidos os dados sob uma perspectiva macro, iniciamos a análise dos dados por região.

Tabela 14 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 178 - carne moída

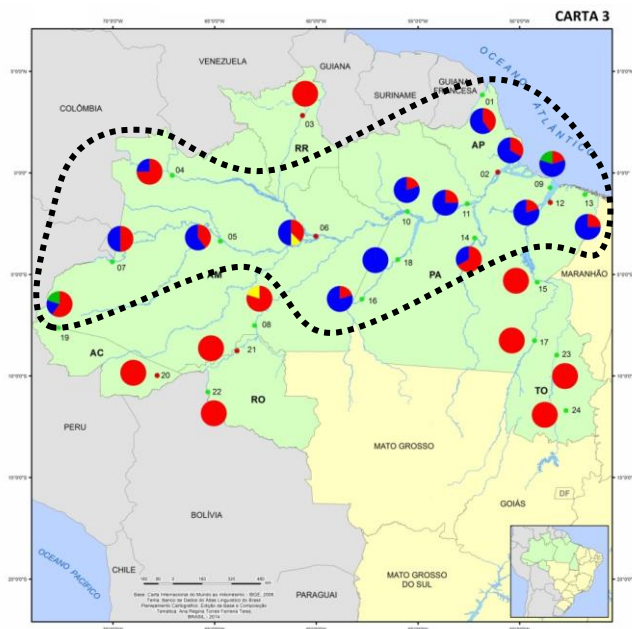
| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---------------------------|-------------------|--------|
| carne moída / moída | 64 | 56,14% |
| picadinho / picadim | 46 | 40,35% |
| RP | 2 | 1,75% |
| carne ralada / boi ralado | 2 | 1,75% |
| Total | 114 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 14, observamos que na Região Norte, foram obtidas 114 respostas, das quais 46 no Pará, 28 no Amazonas, 11 no Amapá, 9 no Acre, 8 em Rondônia, 8 no Tocantins e 4 em Roraima. Dentre todas as respostas registraram-se apenas 3 formas para denominar a carne depois de triturada na máquina, sendo *carne moída* a mais produtiva com 64 ocorrências e perfazendo a maior parte dos dados com 56,14%. *Picadinho*, como a segunda mais produtiva e com grande expressividade entre os nortistas, sendo a forma majoritária no Pará e no Amapá, totalizando 46 registros e 40,35%. E, por último, com baixíssimo índice, o rótulo *carne ralada* possui dois registros, assim como as respostas prejudicadas.

Voltando o olhar para a distribuição espacial das variantes no Norte, por meio da Carta 3 (APÊNDICE S), constatamos que *carne moída* só não é registrada como resposta por um informante no ponto 018 – Itaituba (PA), demonstrando-se, assim, que é bastante utilizada na região. No tocante a *picadinho*, essa só não foi documentada nos estados de Roraima, Rondônia e Tocantins, formando, nesse sentido, uma arealização, como podemos observar na Figura 4, representada pela cor azul.

Figura 4 – Arealização da variante *picadinho* na Região Norte



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Sobre a área dialetal formada por *picadinho*, também constatamos que ela corresponde ao falar amazônico proposto por Nascentes (1953).

Já o rótulo *carne ralada*, com menor incidência que as demais variantes, possui dois registros, ambos como segundas respostas, sendo um para *boi ralado* em Humaitá (ponto 008 – AM) e outro para *carne ralada* em Manaus (ponto 006 – AM), a qual não é considerada pelo informante que a utilizou como uma variante nortista a partir do seguinte comentário:

INQ.- Tem outro jeito de chamar essa carne aqui?
 INF.- Não, tem gente que chama carne ralada, né, pessoal de fora, né, que vem de fora, do Sul. (006-4 – Manaus-AM)

Diante das considerações feitas, podemos inferir que há certa uniformidade lexical na Região Norte no que diz respeito ao item aqui

analisado, tendo em vista que duas formas são as predominantes no território.

Passamos então a analisar as variantes de carne moída registradas na Região Nordeste.

Tabela 15 – Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 178 - carne moída

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| carne moída / moída | 300 | 92,31% |
| carne passada / passada / carne passada na máquina / passada na máquina | 12 | 3,69% |
| RP | 7 | 2,15% |
| outras | 4 | 1,23% |
| boi ralado | 1 | 0,31% |
| picadinho | 1 | 0,31% |
| Total | 325 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

De acordo com os trazidos pela Tabela 15, verificamos que na Região Nordeste foram documentadas cinco variantes dentre o total de 325 respostas obtidas nos inquéritos realizados junto aos nove estados investigados, a saber: 96 na Bahia, 48 no Ceará, 48 em Pernambuco, 39 no Maranhão, 25 na Paraíba, 20 no Piauí, 20 no Rio Grande do Norte, 17 em Alagoas e 12 em Sergipe.

Dentro desse cenário, a variante *carne moída* pode ser considerada como categórica, tendo em vista que ela corresponde a 92,31% das respostas, somando 300 realizações. No que diz respeito às demais variantes, essas também se mostram presentes na região, porém com menor percentual, assim, temos *carne passada* com 12 ocorrências e 3,69%; *outras* com 4 e 1,23%; e, como *hápx legomena*, *boi ralado* e *picadinho* perfazendo 0,31% cada. Além das RP que totalizaram 7 registros e 2,15%.

A partir da leitura da Carta 3A (APÊNDICE T), podemos analisar o modo como as variantes se distribuem pela Região Nordeste. Desse modo, a variante *carne moída* foi registrada em todos os pontos do território nortista e, na maioria deles, como resposta de todos os informantes. *Carne passada*, com menor produtividade, porém como a segunda mais utilizada, está presente na fala de baianos (082-4, 091-4, 093-2, 093-3, 093-4, 094-1, 094-2, 096-1, 102-2, 102-3), de um alagoano (077-3) e de um maranhense (028-3). Embora grande parte do uso dessa variante esteja concentrada na Bahia, não é possível delimitar uma área dialetal que corresponda a essa designação. As formas

agrupadas em *outras*, por sua vez, se espalham pela região e dizem respeito às variantes *processada* (059-3 – Patos-PB), *carne ruída* (065-2 – Olinda-PE), ambas como primeiras respostas, *carne processada* (075-2 – Santana do Ipanema-AL) e *batida* (092-4 – Santana-BA), como segundas respostas. Já as formas com ocorrência única *boi ralado* e *picadinho* estão localizadas, respectivamente, em São João dos Patos – MA (031-2) e em Turiaçu – MA (025-4). Sobre essa última, inferimos que seu registro se deve por influência dos falares nortistas, onde *picadinho* possui grande produtividade, levando em consideração a proximidade do ponto onde foi documentada com a Região Norte.

Ao mudar a perspectiva e olhar para a Região Centro-Oeste, constatamos que o cenário não difere muito, como podemos visualizar por meio da Tabela 16.

Tabela 16 – Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 178 - carne moída

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--------------------------|-------------------|-------|
| carne moída / moída | 96 | 93,2% |
| boi ralado / vaca ralada | 6 | 5,83% |
| picadinho | 1 | 0,97% |
| Total | 103 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

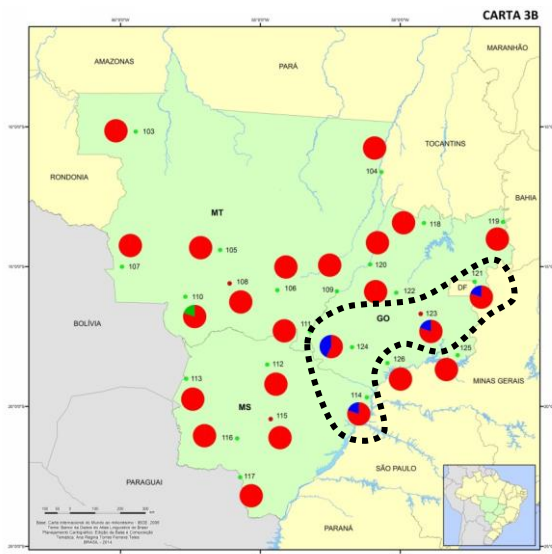
No Centro-Oeste, foram documentadas 103 respostas para a questão 178 do QSL distribuídas entre os três estados da região, assim, obtivemos 41 registros em Goiás, 37 no Mato Grosso e 25 no Mato Grosso do Sul.

Semelhante ao panorama linguístico nordestino, no que tange à carne depois de triturada na máquina, no Centro-Oeste *carne moída* também se mostra como categórica, totalizando 96 respostas e 93,2% dos dados. Como a segunda mais produtiva, porém com baixo percentual, aparece *boi ralado / vaca ralada* com 6 realizações e 5,83% e, por fim, como resposta única tem-se *picadinho* que corresponde a 0,97%. Salientamos que dentre os centro-ocidentais todos souberam designar o que lhes foi perguntado, não sendo documentada nenhuma resposta prejudicada.

Por meio da Carta 3B (APÊNDICE U), observamos que a variante *carne moída* recobre toda a região, sendo documentada nas 24 localidades investigadas. No que diz respeito à distribuição de *boi ralado / vaca ralada*, essas foram registradas principalmente no estado de Goiás e em um ponto do Mato Grosso do Sul, todas como segundas

respostas com exceção de *vaca ralada* que foi a terceira resposta do informante 4 de Jataí – GO (ponto 124). Sobre essa variante, analisamos também que essa apresenta uma arealização no Centro-Oeste, como ilustra a Figura 5, representada pela cor azul.

Figura 5 – Arealização da variante *boi ralado* / *vaca ralada* na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Picadinho, por sua vez, possui apenas uma ocorrência na fala do informante 1 de Cáceres – MT (ponto 110), o que não faz dela uma variante típica do Centro-Oeste brasileiro.

Continuando a análise das variantes documentadas em cada uma das regiões, passamos a fazer a apresentação e análise dos dados obtidos na Região Sudeste.

Tabela 17 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 178 - carne moída

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|------------------------------------|-------------------|--------|
| carne moída / moída | 311 | 89,11% |
| carne ralada / ralada / boi ralado | 26 | 7,45% |
| outras | 5 | 1,43% |
| RP | 4 | 1,15% |
| passada / passada na máquina | 3 | 0,86% |
| Total | 349 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Conforme a Tabela 17, a qual traz os dados relativos à Região Sudeste, obtivemos 349 respostas, sendo dessas 168 em São Paulo, 102 em Minas Gerais, 58 no Rio de Janeiro e 21 no Espírito Santo.

Dentro desse cenário, *carne moída* mais uma vez se mostra como a forma predominante totalizando 311 respostas e 89,11%. Como a segunda forma mais produtiva, contudo, com índice bem abaixo da variante lexical de maior ocorrência, aparece *carne ralada* com 26 realizações e 7,45% dos dados. As demais designações apresentaram percentuais abaixo de 2%, a saber: *outras* com 5 respostas e 1,43% e *passada* com 3 e 0,86%. Além disso, ainda foram documentadas 4 respostas prejudicadas, correspondentes a 1,15% dos dados.

No que concerne à diatopia, a Carta 3C (APÊNDICE V) revela que *carne moída* está presente nos quatro estados da região como resposta de pelo menos um informante de cada ponto de inquérito, o que a caracteriza como amplamente difundida. *Carne ralada* e seus agrupamentos só não foi registrada no Espírito Santo e se mostrou com maior produtividade em São Paulo e em Minas Gerais do que no Rio de Janeiro. Sobre essa variante, cabe destacar que, com exceção de uma primeira resposta em Formiga – MG (ponto 141-3), todas foram obtidas como segundas e terceiras respostas e também que, das 26 ocorrências, 24 foram de *boi ralado*, uma de *carne ralada* em Capão Bonito – SP (ponto 182-3) e uma de *ralada* em Passos – MG (ponto 140-3).

Levando em consideração o fato de *boi ralado* ser, na maioria das vezes, utilizada como segundas e terceiras respostas e, possivelmente, não ser tão corriqueira quanto *carne moída*, poderíamos pensar que se trata de uma designação utilizada em tom de brincadeira, entretanto, essa afirmação não procede, como podemos observar por meio do comentário feito por um informante de São Paulo.

INF.- Carne muída.

INQ.- Não tem outro nome por aqui?

INF.- Boi ralado.

INQ.- Mas esse é só de brincadeira, né?

INF.- É (risos).

INQ.- Ou quando você chega e tem aqui você diz pra mãe?

INF.- Não, porque eu trabalhei em açogue e lá de vez em quando aparecia uns lá e... “dá um boi ralado, dá meio quilo de boi ralado”. (165-1 – Presidente Prudente-SP)

Já as formas agrupadas em *outras* dizem respeito às variantes *desfiada*, *chapisco*, *patê*, *processada* e *triturada*, cujos registros foram, respectivamente, em Patos de Minas – MG (ponto 136-4), em Vitória – ES (ponto 190-1), em Itanháem – SP (ponto 183-3), em Nova Friburgo – RJ (ponto 197-4) e em Franca – SP (ponto 154-4), sendo todas segundas respostas, exceto *desfiada*.

No que tange à *passada* e *passada na máquina*, a primeira possui dois registros em São João da Barra – RJ (194-3 e 194-4) e a segunda, com apenas uma ocorrência, em Macaé – RJ (198-3), o que as fazem estar concentradas na região litorânea do Rio de Janeiro.

Por fim, as RP foram obtidas nos pontos 132-3 (Pirapora – MG), 147-4 (Poços de Caldas – MG), 166-3 (Marília – SP) e 196-1 (Três Rios – RJ).

A seguir, apresentamos os dados e a análise das respostas sobre *carne moída* na Região Sul.

Tabela 18 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 178 - carne moída

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------------------|-------------------|--------|
| carne moída / moída | 147 | 72,77% |
| guisado | 45 | 22,28% |
| boi ralado | 4 | 1,98% |
| outras | 4 | 1,98% |
| carne picada / picada | 2 | 0,99% |
| Total | 202 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Na Região Sul somaram-se 202 registros distribuídos entre os três estados da região: no Rio Grande do Sul foram coletadas 88 respostas, no Paraná 70 e em Santa Catarina 44.

Entre os sulistas a variante mais produtiva também foi *carne moída*, com 147 realizações e 72,77%, percentual esse que não se

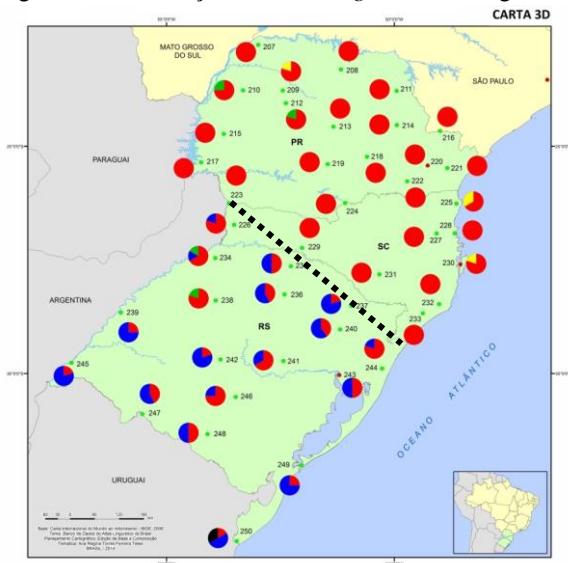
mostra tão elevado quanto nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, porém ainda assim alto. *Guisado* mostra-se como a segunda forma majoritária com 45 ocorrências e 22,28% e as demais formas possuem baixo percentual, sendo elas: *boi ralado* e *outras* com 4 respostas cada e 1,98 e *carne picada* com 2 registros e 0,99%.

Na perspectiva diatópica, a Carta 3D (APÊNDICE W) mostra que, assim como em todas as regiões brasileiras, *carne moída* encontra-se distribuída pelo Sul e presente em todas as localidades estudadas.

Ao olhar para a variante *guisado*, observamos que essa é muito produtiva entre os gaúchos, sendo a forma majoritária e correspondente a 50% das respostas obtidas no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, constatamos que apenas em Ijuí (ponto 238) essa designação não foi utilizada, local esse em que a forma mais produtiva foi *carne moída*.

Ainda no que diz respeito a *guisado*, por estar concentrada em parte da Região Sul, verificamos que forma uma arealização, a qual engloba todo o Rio Grande do Sul e o oeste de Santa Catarina, como podemos verificar por meio da Figura 6, na cor azul.

Figura 6 – Arealização da variante *guisado* na Região Sul



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao traçar essa isoglossa, constatamos uma divisão entre os falares sulistas que vai ao encontro das duas grandes variedades existentes no Sul, de acordo com Altenhofen (2008). Segundo o autor,

[...] se distinguem duas grandes arealizações que demarcam os territórios de uso de duas grandes variedades do português em contato: a variedade gaúcha (ou rio-grandense) e a paranaense, provavelmente mais próxima da idéia de “falar sulino” a que se refere Nascentes, uma vez que se pode hipotetizá-la como um prolongamento da variedade paulista. (ALTENHOFEN, 2008, p. 11)

Além de constatar a heterogeneidade dos falares, observamos que, no que tange ao item lexical em estudo, a fala do gaúcho pode possuir traços do espanhol, tendo em vista, nesse contexto, que os hispanofalantes também utilizam a lexia *guisado*, entretanto, para designar certo tipo de preparação com molho, podendo ter sido adotada no Brasil pelo fato de, na maioria das vezes, a carne moída ser feita ao molho, ou seja, com tipo de preparação semelhante ao que os falantes de espanhol chamam de *guisado*.

A variante *boi ralado*, com quatro ocorrências mostra-se presente no Paraná, em Terra Boa (209-3), e em Santa Catarina, em São Francisco do Sul (225-1 e 225-3) e em Florianópolis (230-3).

As designações agrupadas em *outras*, são: *emprensada*, *batido*, *bisato* e *bisado*, as quais foram registradas, respectivamente, nos pontos 210-4 (Umuarama-PR), 212-3 (Campo Mourão-PR), 238-4 (Ijuí-RS) e 234-3 (Três Passos-RS). Sobre a variante *batido*, vale ressaltar que o informante a caracterizou como uma forma rural ou até mesmo antiga ao tecer o seguinte comentário:

INF.- Carne moída.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- É... no... lá no sítio chamava... por exemplo, batido, né, que lá geralmente batia, né, num era na máquina, aí chamava batido, né.

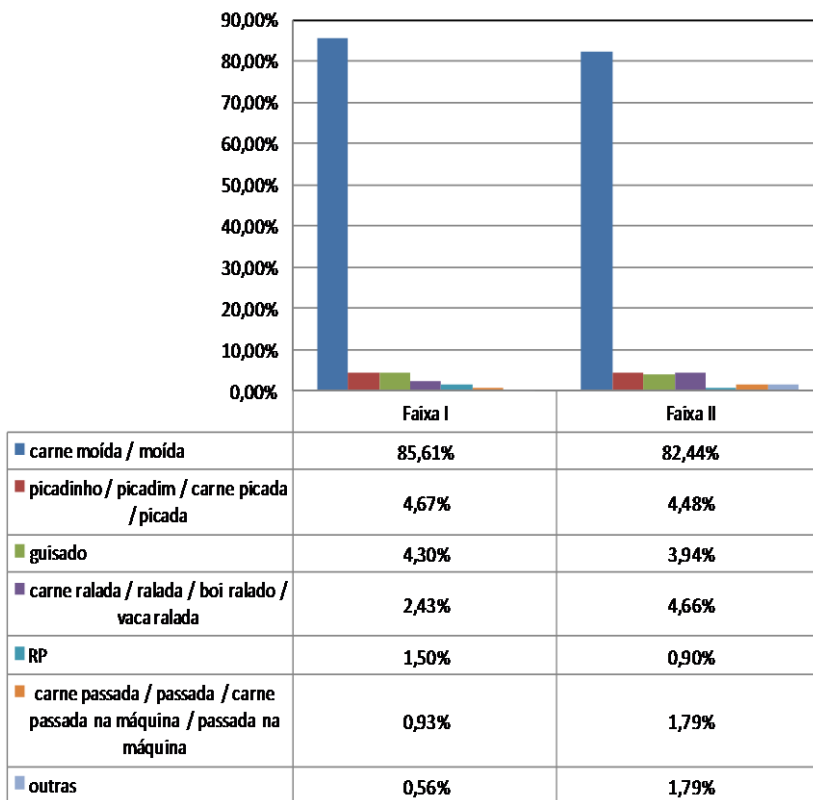
INQ.- Carne batida?

INF.- É carne batida. (212-3 – Campo Mourão-PR)

Já *carne picada* e *picada*, agrupadas sob o mesmo rótulo e com apenas uma ocorrência cada, foram documentadas no Chuí – RS (250-1 e 250-4).

Depois de contemplada a análise diatópica, passaremos para a análise das variáveis sexo e faixa etária.

Gráfico 5 – Distribuição das variantes registradas para a questão 178 - carne moída por faixa etária



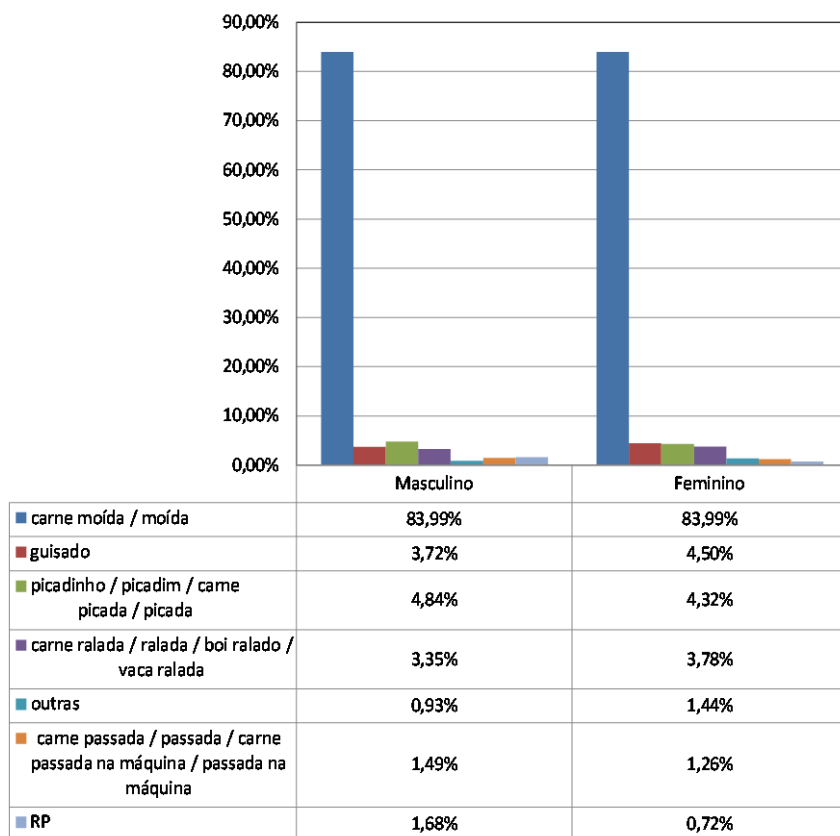
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao analisar o Gráfico 5, constatamos que a variável faixa etária parece não estar influenciando muito as escolhas lexicais dos informantes, tendo em vista que os dados são semelhantes entre uma e outra faixa, com exceção ao que concerne a *carne ralada* e seus

agrupamentos, a qual se mostra como uma variante preferida pelos informantes da faixa II.

Ressaltamos ainda, que o total de respostas dado por faixa etária também é equivalente, haja vista que a faixa I obteve 535 registros enquanto a faixa II somou 558. Desse modo, fica claro que o item lexical aqui investigado é conhecido tanto pelos mais jovens quanto pelos mais velhos, o que também pode ser comprovado pelo baixo índice de respostas prejudicadas em ambas as faixas etárias.

Gráfico 6 – Distribuição das variantes registradas para a questão 178 - carne moída por sexo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao voltar o olhar para a variável sexo, observamos que os

homens, com 537 registros, e as mulheres, com 556, totalizam números próximos junto ao montante de 1.093 respostas.

Podemos observar, por meio do Gráfico 6, que a variante preferida por ambos os sexos é *carne moída*, o que não ocorre com as designações *guisado* e *picadinho*, tendo em vista que são utilizadas de modo inverso pelos sexos, já que *guisado*, mesmo com pouca diferença, é a segunda mais utilizada pelas mulheres e a terceira pelos homens, enquanto *picadinho* é a segunda mais produtiva na fala dos informantes do sexo masculino e a terceira no do sexo feminino.

Todavia, além da disparidade já apresentada, verificamos que os percentuais para cada variante documentada é semelhante, o que faz a dimensão diasssexual ser pouco significativa no condicionamento das designações dadas para a carne depois de triturada na máquina.

Voltando para a diatopia, buscando apresentar a arealidade das três variantes mais realizadas, serão feitas as considerações sobre as áreas ocupadas por *carne moída*, *picadinho* e *guisado*.

Analisando a Carta 3E (APÊNDICE X), podemos confirmar que a variante *carne moída* está presente em todo o Brasil, já que apenas não foi registrada em Itaituba – PA (ponto 018). Sabendo dessa ampla difusão, a Carta 3H (APÊNDICE AB) traz a intensidade com que essa variante é realizada pelo país. Assim, torna-se possível observar que ela aparece na fala dos quatro informantes em quase todo o território brasileiro, possuindo menor intensidade apenas nas partes em que *picadinho* e *guisado* também se mostram significativas, a saber: em parte do Norte e no Rio Grande do Sul, respectivamente.

Sobre a arealidade de *picadinho*, a Carta 3F (APÊNDICE Y) revela que essa variante se concentra na Região Norte, recobrando parte do Acre, do Amazonas, do Pará e do Amapá, formando, assim, uma faixa que vai de leste a oeste. Além da forte presença entre os nortistas, há também ocorrências isoladas no Nordeste, que se junta à arealização mais abrangente, no Centro-Oeste e no Sul. A fim de verificar a intensidade com que essa forma ocorre, recorreremos à Carta 3I (APÊNDICE AC), a qual mostra que *picadinho* é bastante intensa no Norte, principalmente no leste amazonense e no oeste paraense, sendo menos produtiva no Acre, no noroeste do Amazonas e nas localidades das demais regiões, onde houve baixa ocorrência. Portanto, podemos inferir que *picadinho* é uma variante tipicamente nortista, tendo em vista a alta produtividade, bem como sua arealização nesse território.

Já, no que tange à área ocupada por *guisado*, a Carta 3G (APÊNDICE Z) mostra que essa variante está concentrada no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina, corroborando, dessa forma,

com uma das hipóteses apresentadas por Altenhofen (2002) que diz respeito ao prolongamento do falar rio-grandense para o oeste de Santa Catarina e, em alguns casos, para o Sudoeste do Paraná. Ao verificar a intensidade dessa forma no território gaúcho e catarinense, verificamos, por meio da Carta 3J (APÊNDICE AD), que a variante é reproduzida por três ou quatro informantes na maioria dos pontos de inquérito, principalmente, na região de fronteira com o Uruguai, o que corrobora com a inferência de que essa variante pode ser utilizada devido ao contato existente entre o português e o espanhol. Os locais onde *guisado* é dada como resposta de apenas um informante são: São Miguel do Oeste – SC (ponto 226), Três Passos – RS (ponto 234), Osório – RS (ponto 244) e Santana do Livramento – RS (ponto 246), e o local onde não há ocorrência dessa designação é Ijuí –RS (ponto 238).

Com base na análise realizada, podemos concluir que há várias maneiras de denominar a carne depois de triturada na máquina e que a cartografia possibilitou a visualização de algumas das possíveis áreas dialetais brasileiras, mostrando, ao contrário de Nascentes (1953), que os falares sulistas e nortistas não são homogêneos. Constatamos ainda que a variante *carne moída* é amplamente conhecida por todo o Brasil, sendo, em algumas regiões, utilizada de modo semicategórico, e também que o baixo índice de RP revela o quão é conhecido o item lexical em estudo. Em relação às variáveis independentes, os resultados evidenciaram que nem a faixa etária e nem o sexo condicionam as respostas dos informantes, tendo em vista a equiparidade dos percentuais obtidos.

Por fim, cabe destacar que as obras lexicográficas abrangem duas das três formas mais produtivas, sendo elas *picadinho* e *guisado*. Todavia, não há entrada em nenhum dos dicionários consultados para *carne moída* e nem ao menos essa está presente na entrada existente para a lexia carne, como é o que corre, por exemplo, com carne de sol. Nesse sentido, sabemos das dificuldades dessas obras em abranger todas as lexias existentes na língua, contudo, é necessário rever ao menos a inclusão de palavras que se mostram muito produtivas na língua e no cotidiano brasileiro. Ainda no que se volta para as obras lexicográficas, cabe destacar que Houaiss (2009) mostra certa ligação com a dialetologia e a geolinguística, pois na entrada de *picadinho* traz *guisado* como um brasileirismo, e na entrada de *guisado* apresenta a informação diatópica de que se trata de uma variante do Sul do Brasil.

5.4 QUESTÃO 184 - GLUTÃO

O item lexical investigado pela pergunta 184 do QSL integra o campo semântico *Alimentação e Cozinha* e busca as designações utilizadas para nomear “uma pessoa que normalmente come demais” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Com base no levantamento das respostas obtidas pelos 996 inquéritos constituintes do *corpus* utilizado, foram registradas 129 variantes a serem cartografadas, algumas das quais foram agrupadas como ilustra o Quadro 5.

Quadro 5 – Variantes documentadas para a questão 184 - glutão e seus agrupamentos

| RÓTULOS | VARIANTES AGRUPADAS |
|----------------|--|
| comedor | comedor / comedora / come muito / come demais |
| comilão | comilão / comelão / comilões / comilona / comeludo |
| danado | danado / danadão / danadeza |
| esfomeado | esfomeado / esfomeada |
| guloso | guloso / gulosos / gulosa / gula / tem o mal da gula / comeu de gula |
| morto de fome | morto de fome / morta de fome / morrendo de fome |
| acanaiado | acanaiado / acanaiaida / canaiada / acanalhado |
| exagerado | exagerado / exagerada |
| glutão | glutão / glutona |
| faminto | faminto / faminta / fominto |
| esganado | esganado / esganada / esganosa |
| olhudo | olhudo / olhuda / olho grande / olho grosso / olho maior que a barriga / tem o olho maior que a barriga / come com os olhos |
| zolphudo | zolphudo / zolphuda / zolpho grande / zoiúdo / zoiúda / zóio gordo / zóio grande / zoião / zói maior do que a barriga / bicho do zoião |
| fominha | fominha |
| outras | enfamiado / samiado / sob posto / passa fome / amundiçado / amundiçada / amindiçado / mudiçado / amurissado / animal / cavalo / cavalinho / cavalado / acavalado / esgalmido / isgalameda / esgolepado / galosa / glutanaria / glutoso / obesa / sem estilo / tem a solitária na barriga / usurado / ganancioso / jumento / mal educado / barrigão / miseravão / bocão / bom de boca / boca nervosa / barriga quebrada / bucho quebrado / desesperado / ganado / gulodice / larido / apetitoso / surrão / afobado / britadeira / estômago de avestruz / fomenta / ganancioso / ganança / gorda / guela / sabiado / acistroso / barriga de sete almoço / juquinha / maluco / sem educação / tarado / draga / fome ruim / saco sem fundo / boi latão / angorrento / angurrento / bom de garfo / dilatada / galgo / galga / louco de fome / louca de fome / ambiciosa por comida / bucho laciado / galanducho / amuriento / dá um prejuízo doido / esganifado / uiúdo |
| RP | não soube / não lembrou / item não obtido / questão não formulada / problemas na gravação |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Para realizar o agrupamento nos baseamos em alguns critérios, os quais serão detalhados a seguir:

(i) Variantes morfológicas que apresentam grau aumentativo ou flexão de gênero e flexão de número: esganado > esganada; faminto >

faminta; exagerado > exagerada; guloso > gulosos; danado > danadão; comilão > comilões, dentre outras.

(ii) Formas compostas por advérbios intensificadores: comedor > come muito, come demais.

(iii) Fraseologismos: olhudo > tem o olho maior que a barriga; guloso > tem o mal da gula etc.

(iv) Variantes cognatas: danado > danadeza; guloso > gula; acanaiado > canaiada etc.

(v) Variantes fonológicas provenientes dos processos de palatalização e iotização: zolhudo > zoiúdo; acanaiado > acanalhado, dentre outros.

(vi) Formas que apresentam o abaixamento da vogal pretônica: comilão > comelão.

(vii) Formas com até cinco respostas, rotuladas em “outras”: galgo, louco de fome, ganancioso, surrão etc.

Com base nesses critérios para agrupamento, reduzimos as 129 denominações documentadas para 15 rótulos a serem cartografados, além das respostas prejudicadas (RP).

Depois de detalhados os agrupamentos, buscamos averiguar se as lexias documentadas para denominar o item lexical em estudo constam em dicionários, bem como as acepções trazidas.

Comedor foi documentada por Aulete (1980a) e por Houaiss (2009, p. 499), o qual a traz como uma lexia do século XIII para “que ou que come muito; comilão”.

A palavra *comilão* aparece dicionarizada nas três obras de referência utilizadas neste estudo. Cunha (2007, p. 199) propõe que se trata de uma palavra proveniente do latim e com mesma etimologia do verbo comer. Já Houaiss (2009, p. 500) e Aulete (1980a, p. 769) apresentam acepções parecidas, sendo, respectivamente, “que ou que come muito; glutão” e “comedor voraz; glutão”.

Integrando o mesmo rótulo que a lexia abordada anteriormente, *comilona* é documentada apenas por Aulete (1980a, p. 769) com significação semelhante, a saber: “diz-se de mulher que come muito; glutona. F. fem. de comilão”.

O vocábulo *danado* é abordado por Houaiss (2009, p. 594) em uma de suas acepções como “que gosta muito; louco <d. por chocolate>”.

Esfomeado, por sua vez, é apresentada por Cunha (2007, p. 363) como uma lexia do século XVIII com a mesma etimologia que fome, desse modo, oriunda do latim *fame#s*. Houaiss (2009, p. 807) a define

como “que ou aquele que sente muita fome; esfaimado, faminto, e Aulete (1980b, p. 1372) a considera um adjetivo sinônimo de “esfaimado, faminto, cheio de fome”.

A lexia *guloso* é trazida por Cunha (2007, p. 401) na mesma entrada que *gula*, significando “excesso no comer e no beber”. Já Houaiss (2009, p. 1001) apresenta entradas específicas para cada palavra, porém com significados próximos, sendo assim, *gula* é abordada como o “vício de comer e beber em excesso; glotonaria”, *guloso* como “o que ou aquele que se sente atraído por gulodices; 2 que ou aquele que tem o vício da gula; gulodice” e, por fim, *gulosa* como “aquela que gosta de gulodices”, tratando-se do feminino de guloso.

Morto de fome mostra-se documentada por Houaiss (2009, p. 1320) na entrada da palavra morto com a acepção “tomado por; em grau intenso; cheio <m. de tristeza> <m. de fome>”.

A palavra *glutão* aparece nas três obras lexicográficas e é considerada por Cunha (2007) como uma lexia do século XIV vinda do latim. Em Aulete (1980c) e em Houaiss (2009) possuem significados parecidos que dizem respeito a “que ou aquele que come em excesso e com avidez; voraz” (HOUAISS, 2009, p. 975).

Faminto é registrada tanto por Aulete (1980b) quanto por Houaiss (2009) com significados parecidos, sendo “que tem muita fome; esfomeado” (HOUAISS, 2009, p. 871).

O vocábulo *esganado* aparece nas três obras de referência. Assim, Cunha (2007, p. 377) a traz na mesma entrada que *gana*, “grande apetite ou vontade”, com etimologia proveniente do castelhano datada de 1813. Já Houaiss (2009) e Aulete (1980b) trazem acepções semelhantes que dizem respeito a quem come muito, sendo variante de *comilão*, por exemplo.

Fominha só não é abordada por Cunha (2007), porém Houaiss (2009, p. 913) traz acepção relacionada à pessoa que come demais, a saber: “esfomeado; sôfrego <um f. daqueles que não vai aguentar esperar pelo jantar>”.

Dentre as formas agrupadas em *outras*, apenas as variantes *esgalamido*, *gulodice*, *galgo* e *apetitoso* encontram-se dicionarizadas, as quais serão detalhadas a seguir.

Houaiss (2009) e Aulete (1980b) possuem entradas para *esgalamido*, ambos caracterizando-a como um brasileirismo que diz respeito a quem come muito, a *comilão*. No que tange à informação diatópica, Houaiss (2009, p. 808) diz se tratar de um brasileirismo da Região Nordeste com etimologia de origem obscura.

O vocábulo *gulodice* é considerado por Cunha (2007) como do século XVI, sendo apresentada na mesma entrada que gula. Já Houaiss (2009, p. 1001) traz entrada própria, entretanto com aceção “m. q. gula”.

Galgo, no que lhe concerne, é abordado tanto por Houaiss (2009) quanto por Aulete (1980c) e é tido por ambos como um brasileirismo do Rio Grande do Sul correspondente a faminto, sedento por algo.

Já a lexia *apetitoso* é documentada pelos três dicionários, os quais trazem os seguintes significados: “que se deixa dominar pelos seus apetites” (HOUAISS, 2009, p. 158), “vontade de comer” (CUNHA, 2007, p. 57) e “que se deixa dominar por seus desejos e apetites; caprichoso” (AULETE, 1980a, p. 286).

Dentre as demais formas, *exagerado*, *olho grande*, *come com os olhos*, *amundiçado*, *animal*, *cavalo*, *cavalinho*, *cavalado*, *acavalado*, *obesa*, *usurado*, *jumento*, *bocão*, *desesperado*, *surrão*, *afobado*, *ganancioso*, *gorda*, *maluco* e *draga* também aparecem nos dicionários aqui usados, porém sem nenhuma associação ao item lexical investigado. Sobre as formas aqui não mencionadas, essas não se mostram presentes em nenhuma das obras lexicográficas utilizadas.

Para iniciar a análise de produtividade e da distribuição das designações registradas, primeiramente apresentamos um panorama geral dos dados obtidos em todo o Brasil e, em seguida, fazemos uma análise mais detalhada trabalhando por região.

Assim, no cenário brasileiro, junto aos 996 informantes, foram obtidas 1.298 respostas para designar a pessoa que come demais, como é possível observar por meio da Tabela 19.

Tabela 19 – Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------|-------------------|---|
|-----------|-------------------|---|

| | | |
|--|-------|--------|
| guloso / gulosos / gulosa / gula / tem o mal da gula / comeu de gula | 665 | 51,23% |
| comilão / comelão / comilões / comilona / comeludo | 218 | 16,8% |
| outras | 94 | 7,24% |
| morto de fome / morta de fome / morrendo de fome | 55 | 4,24% |
| esfomeado / esfomeada | 54 | 4,16% |
| esganado / esganada / esganosa | 50 | 3,85% |
| olhudo / olhuda / olho grande / olho grosso / olho maior que a barriga / tem o olho maior que a barriga / come com os olhos | 28 | 2,16% |
| RP | 27 | 2,08% |
| comedor / comedora / come muito / come demais | 23 | 1,77% |
| faminto / faminta / fominto | 16 | 1,23% |
| zolphudo / zolphuda / zolpho grande / zoiúdo / zoiúda / zóio gordo / zóio grande / zoião / zói maior do que a barriga / bicho do zoião | 15 | 1,16% |
| fominha | 14 | 1,08% |
| danado / danadão / danadeza | 12 | 0,92% |
| acanaiado / acanaiada / canaiada / acanahado | 12 | 0,92% |
| exagerado / exagerada | 9 | 0,69% |
| glutão / glutona | 6 | 0,46% |
| Total | 1.298 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Conforme os dados apresentados, observamos que sob uma perspectiva macro que a variante mais utilizada pelos brasileiros é *guloso*, somando 665 respostas e 51,23% do total. Como a segunda forma mais recorrente e com produtividade expressiva se tem *comilão* que perfaz 218 registros e 16,8%. *Outras*, por sua vez, se mostra com elevado número, tendo em vista o montante de 94 ocorrências e 7,24%. Em seguida, aparecem três variantes de modo concorrente, a saber: *morto de fome*, com 55 realizações e 4,24%, *esfomeado*, com 54 e 4,16%, e *esganado*, com 50 e 3,85%. Já sobre as demais formas lexicais, constatamos que essas, apesar de significativas, apresentam baixos percentuais, sendo elas: *olhudo*, com 28 respostas e 2,16%, *comedor*, com 23 e 1,77%, *faminto*, com 16 e 1,23%, *zolphudo*, com 15 e 1,16%, *fominha*, com 14 e 1,08%, *danado* e *acanaiado*, com 12 e 0,92% cada, *exagerado*, com 9 e 0,69%, e, por fim, *glutão*, com 6 e 0,46%. Além disso, acrescentam-se as respostas consideradas prejudicadas, as quais totalizaram 27 ocorrências e 2,08%.

Diante desse cenário, podemos afirmar que o item lexical investigado possui grande poliformismo e, ainda, que o maior número de respostas do que de informantes se deve ao fato de a maioria dos indivíduos terem falado mais de uma designação, haja vista que se tratam de adjetivos que, geralmente, apresentam maior número de variantes.

Feita a descrição sob uma perspectiva geral, passaremos a expor os dados em um viés regional, iniciando pelos dados da Região Norte.

Tabela 20 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-------------------------------|-------------------|--------|
| guloso / gulosa / gula | 69 | 57,5% |
| comilão / comilona | 25 | 20,83% |
| esfomeado / esfomeada | 7 | 5,83% |
| outras | 6 | 5% |
| RP | 4 | 3,33% |
| danado / danadão | 3 | 2,5% |
| comedor | 2 | 1,67% |
| morto de fome / morta de fome | 2 | 1,67% |
| exagerado | 1 | 0,83% |
| faminto | 1 | 0,83% |
| Total | 120 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 20, verificamos que na Região Norte foram documentadas nove formas distintas para denominar quem come demais dentre o montante de 120 respostas coletadas nos sete estados nortistas, das quais 53 no Pará, 23 no Amazonas, 11 no Amapá, dez no Tocantins, nove no Acre, nove em Rondônia e cinco em Roraima.

Consoante a produtividade brasileira, entre os nortistas as duas variantes mais utilizadas também são *guloso*, com 69 registros e 57,5%, o que corresponde a maioria dos dados, e *comilão*, totalizando 25 respostas e 20,83%, cujo percentual também se mostra significativo, uma vez que as demais formas documentadas possuem índices abaixo de 5%.

Dentre as designações menos recorrentes aparece *esfomeado*, com sete ocorrências e 5,83%; *outras*, com seis e 5%; *danado*, com três e 2,5%; *comedor* e *morto de fome*, com duas e 1,67% cada; e, como *hápax legomena*, *exagerado* e *faminto*, perfazendo 0,83% do total obtido. Cabe destacar também que foram documentadas quatro respostas consideradas prejudicadas.

Voltando o olhar para a diatopia, observamos na Carta 4 (APÊNDICE AD) que a variante mais produtiva, *guloso*, está distribuída por toda a região, sendo dada como resposta em todos os pontos de inquérito, não se mostrando como a mais expressiva apenas em Roraima, onde a forma predominante é *comilão*.

Do mesmo modo que a forma majoritária, *comilão* também está presente em todos os estados nortistas, porém com diferentes níveis de produtividade. Cabe salientar que essa designação é a mais realizada apenas em Roraima, sendo a segunda mais usada no Acre, no Pará, no Amazonas, em Rondônia e no Tocantins e a menos produtiva no Amapá.

No que diz respeito às variantes com menores índices, *esfomeado* é registrada mais na parte central e leste da região abrangendo os estados do Amapá (001-3 – Oiapoque), do Pará (009-4 – Soure, 010-4 – Óbidos, 017-3 – Conceição do Araguaia, 018-1 – Itaituba, 018-2 – Itaituba) e do Tocantins (023-1 – Pedro Afonso). *Outras* engloba as variantes *enfamiado* (009-1 – Soure-PA), *samiado* (024-3 – Natividade-TO), *passa fome* (006-2 – Manaus-AM), *gulodice* (019-4 – Cruzeiro do Sul-AC), *dá um prejuízo doido* (014-2 – Altamira-PA) e *sob posto* (013-3 – Bragança-PA). Destacamos que as formas agrupadas no rótulo *outras*, apesar da baixa ocorrência, também fazem parte dos usos linguísticos dos informantes, como podemos observar por meio de alguns trechos retirados das transcrições dos inquéritos:

INF.- Samiado.

INQ – Esfomeado?

INF – Samiado, guloso.

INQ – É aquele que come demais?

INF – É... (024-3 – Natividade-TO)

INF. – Sob pósto, porque o camarada sob pósto comeu demais, ele já pecô.

INQ. – Conhece também outra forma?

INF. – Não, não, não. (013-3 – Bragança-PA)

A denominação *danado*, por sua vez, está localizada apenas em dois pontos da parte norte, a saber: 001-1 – Oiapóque-AM, 001-3 – Oiapóque-AM, como primeiras respostas, e 009-4 – Soure-PA, como terceira resposta. *Morto de fome* foi utilizada apenas como segundas respostas em Manaus-AM (006-2) e em Pedro Afonso-TO (023-3). *Comedor*, por sua vez, foi usada tanto como primeira quanto como segunda resposta em Porto Velho-RO (021-3) e em Boa Vista-RR (003-

3), respectivamente. Por fim, *exagerado* e *faminto* foram realizadas em Manaus-AM (006-1) e em Óbidos-PA (010-1), nessa ordem.

Feitas essas considerações, fica clara a impossibilidade de estabelecer áreas dialetais na Região Norte por meio desse item lexical.

Passaremos agora a apresentar e analisar as variantes de *glutão* obtidas na Região Nordeste.

Tabela 21 – Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| guloso / gulosos / gulosa / gula / tem o mal da gula | 187 | 48,45% |
| comilão / comelão / comilões / comilona / comeludo | 71 | 18,39% |
| outras | 28 | 7,25% |
| morto de fome / morta de fome | 20 | 5,18% |
| esfomeado / esfomeada | 19 | 4,92% |
| comedor / comedora / come muito / come demais | 15 | 3,89% |
| RP | 12 | 3,11% |
| acanaiado / acanaçada / canaiada / acanalhado | 11 | 2,85% |
| olhudo / olhuda / olho grande / olho grosso | 10 | 2,59% |
| glutão / glutona | 3 | 0,78% |
| exagerado / exagerada | 3 | 0,78% |
| faminto / faminta | 3 | 0,78% |
| zoião / bicho do zoião | 2 | 0,52% |
| danado | 2 | 0,52% |
| Total | 386 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao voltar o olhar para a Região Nordeste, observamos que há um maior número de variantes documentadas, somando 386 respostas com 13 designações distintas, distribuídas entre os estados. Assim, o estado da Bahia fez o montante de 108 respostas, o de Pernambuco 58, o do Ceará 56, o do Maranhão 41, o da Paraíba 33, o do Rio Grande do Norte 28, o do Piauí 26, o de Alagoas 22 e o de Sergipe 14.

Diante desse cenário, constatamos que as variantes mais produtivas são *guloso*, com 187 ocorrências (48,45%), e *comilão*, com 71 registros (18,39%). *Outras* aparece como a terceira forma mais utilizada totalizando 28 documentações e 7,25% dos dados.

Dentre as designações que somam entre 10 e 20 ocorrências se têm *morto de fome*, com 20 e 5,18%, *esfomeado*, com 19 e 4,92%, *comedor*, com 15 e 3,89%, *acaniado*, com 11 e 2,85%, e *olhudo*, com 10 e 2,59%. No que diz respeito às formas lexicais de menor incidência, essas apresentam percentuais abaixo de 1%, o que as caracteriza como sendo pouco utilizadas entre os nortistas, a saber: *glutão*, *exagerado* e *faminto*, com 3 registros e 0,78% cada, e *zoião* e *danado*, com 2 ocorrências e 0,52% cada.

Para analisar os dados diatopicamente, tomamos como base a Carta 4A (APÊNDICE AE), a qual mostra que a variante mais expressiva, *guloso*, está difundida por toda a região, não sendo utilizada apenas em Tuntum-MA (ponto 030), em Balsas-MA (ponto 032), em Natal-RN (ponto 053), em Exu-PE (ponto 062), em Limoeiro-PE (ponto 064) e em Caravelas-BA (ponto 102).

Comilão também se faz bastante significativa entre os nordestinos e aparece como resposta em grande parte dos pontos de inquérito, sendo a segunda forma mais produtiva em Alagoas, na Bahia, no Ceará, na Paraíba e em Pernambuco, o que revela sua grande propagação.

No que tange às designações agrupadas sob o rótulo *outras*, constatamos que essas são registradas em todos os estados do Nordeste e, em sua maioria, dadas como resposta por apenas um informante como mostra o Quadro 6.

Quadro 6 – Variantes da Região Nordeste agrupadas em *outras* (QSL 184 - glutão)

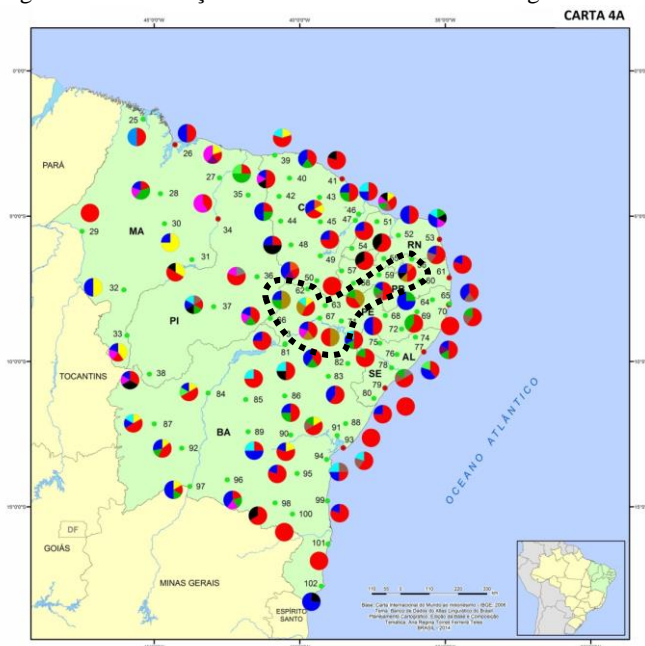
| VARIANTE | LOCALIDADE | PONTO- |
|----------|------------|--------|
|----------|------------|--------|

| | | INFORMANTE |
|-----------------------------------|--|-----------------------|
| <i>amundiçado</i> | Itaporanga – PB | 058-4 |
| <i>amundiçada</i> | Santana do Ipanema – AL | 075-2 |
| <i>amundiçado</i> | Garanhuns – PE | 072-1 |
| <i>mundiçado</i> | Arapiraca – AL | 076-2 |
| <i>amurissado</i> | Garanhuns – PE | 072-2 |
| <i>animal</i> | Mossoró – RN | 051-3 |
| <i>cavalo</i> | Piripiri – PI / Patos – PB / Recife – PE | 035-3 / 059-3 / 070-1 |
| <i>cavalinho</i> | Cratêus-CE | 044-4 |
| <i>cavalado</i> | Limoeiro – PE | 064-3 |
| <i>acavalado</i> | Patos – PB | 059-3 |
| <i>esgalamido</i> | Piripiri – PI / Sobral – CE / Canindé – CE | 035-1 / 040-4 / 043-1 |
| <i>galosa</i> | Exu – PE | 062-4 |
| <i>glutanaria</i> | União dos Palmares – AL | 074-4 |
| <i>glutoso</i> | Natal – RN | 053-1 |
| <i>obesa</i> | Propriá – SE | 078-4 |
| <i>sem estilo</i> | Afrânio – PE | 066-1 |
| <i>tem a solitária na barriga</i> | Bacabal – MA | 028-1 / 028-4 |
| <i>usurado</i> | Jacobina-BA / Santo Amaro – BA | 086-3 / 091-3 |
| <i>ganancioso</i> | Canto do Buriti – PI | 037-4 |
| <i>jumento</i> | Patos – PB | 059-3 |
| <i>mal educado</i> | Jeremoabo – BA | 082-3 |
| <i>passa fome</i> | Caetité – BA | 096-1 |
| <i>samiado</i> | Santana – BA | 092-1 |
| <i>barrigão</i> | Jeremoabo – BA | 082-3 |
| <i>miseravão</i> | Carinhanha – BA | 097-3 |
| <i>bocão</i> | Jeremoabo – BA | 082-3 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

O grande número de *outras* reflete, de certo modo, a liberdade que os informantes têm no nível lexical da língua, tendo em vista que esses podem empregar as palavras de diferentes modos, seja criando novas lexias e significados como também modificando os já existentes, fazendo, dessa forma, com que a língua se adapte às suas necessidades.

As variantes *morto de fome*, *esfomeado*, *comedor* e *olhudo*, com produtividades semelhantes, também aparecem distribuídas por grande parte do território nordestino, ao contrário do que ocorre com *acanaiado*, que é dada como resposta apenas por pernambucanos e paraibanos, formando, assim, uma arealização dessa designação como ilustra a Figura 7, na cor mostarda.

Figura 7 – Arealização da variante *acaniado* na Região Nordeste

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Já sobre as formas com baixíssimos índices, *exagerado* foi registrada em Piripiri-PI (035-4), em Barra-BA (084-2), como primeiras respostas, e em Maceió-AL (077-4), como segunda resposta. *Faminto* foi documentada em Quixeramobim-CE (045-3), em Crato-CE (050-3), como segundas respostas, e em Campina Grande-PB (060-3), como quarta resposta. *Glutão* apareceu em Brejo-MA (027-3), em Crato-CE (050-1), como primeiras respostas, e em União dos Palmares-AL (074-3), como segunda resposta. *Danado* se mostrou presente apenas em Turiagu-MA (025-1 e 025-2), como primeiras respostas. E, por fim, *zoião* foi utilizada em Propriá-SE (078-1), como primeira resposta, e em Picos-PI (036-1), como segunda resposta.

A seguir apresentamos e analisamos as variantes de glutão na Região Centro-Oeste.

Tabela 22 – Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------|-------------------|---|
|-----------|-------------------|---|

| | | |
|--|-----|--------|
| guloso / gulosa | 55 | 43,31% |
| comilão / comilona | 24 | 18,9% |
| outras | 17 | 13,39% |
| esfomeado / esfomeada | 8 | 6,3% |
| danado / danadeza | 7 | 5,51% |
| esganado / esganada | 4 | 3,15% |
| morto de fome / morta de fome | 3 | 2,36% |
| faminto / fominto | 2 | 1,57% |
| olho grande / tem o olho maior que a barriga | 2 | 1,57% |
| acanaiado | 1 | 0,79% |
| zói maior do que a barriga | 1 | 0,79% |
| fominha | 1 | 0,79% |
| comedor | 1 | 0,79% |
| Total | 127 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 22, podemos observar que entre os centro-ocidentinos também há um grande número de variantes utilizadas, somando 13 formas distintas. Dentro desse contexto, foram obtidas 127 respostas junto aos três estados da região, sendo que o Mato Grosso totalizou 52 respostas, Goiás 45 e o Mato Grosso do Sul 30.

Ao analisar o panorama linguístico da região, verificamos que, em geral, esse não difere muito do encontrado nas demais regiões. Nesse sentido, a variante mais produtiva é *guloso*, com 55 ocorrências e 43,31%, seguida por *comilão*, com 24 e 18,9%, e *outras*, com 17 e 13,39%. Já as demais variantes tiveram baixo índice e serão apresentadas por ordem de produtividade: *esfomeado*, com 8 ocorrências e 6,3%; *danado*, com 7 respostas e 5,51%; *esganado*, com 4 registros e 3,15%; *morto de fome*, com 3 realizações e 2,36%; *faminto* e *olho grande*, com 2 respostas cada e 1,57%; e *acanaiado*, *zói maior do que a barriga*, *fominha* e *comedor*, com registros únicos e 0,79%.

Na Carta 4B (APÊNDICE AF), observamos como as designações documentadas no Centro-Oeste se comportam espacialmente. Assim, constatamos que *guloso*, a mais produtiva, aparece em todos os pontos de inquérito, com exceção do ponto 126 – Quirinópolis-GO, onde a mais corriqueira é *comilão*. Por sua vez, a forma lexical *comilão* foi registrada nos três estados, sendo mais produtiva no Mato Grosso e em Goiás do que no Mato Grosso do Sul. Já as variantes agrupadas em *outras* somam considerável número de ocorrências e se distribuem pela região, conforme se pode melhor visualizar por meio do Quadro 7.

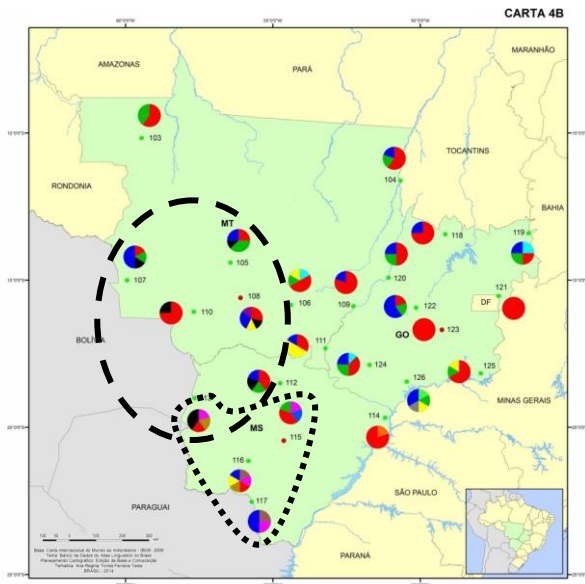
Quadro 7 – Variantes da Região Centro-Oeste agrupadas em *outras* (QSL 184 - glutão)

| VARIANTE | LOCALIDADE | PONTO-INFORMANTE |
|-------------------------|--|-----------------------|
| <i>barriga quebrada</i> | Aripuanã – MT | 103-3 |
| <i>comeu de gula</i> | Cáceres – MT | 110-3 |
| <i>desesperado</i> | Goiás – GO | 122-3 |
| <i>ganado</i> | Vila Bela da Santíssima Trindade – MT | 107-1 |
| <i>gulodice</i> | Diamantino – MT / Aruanã – GO | 105-2 / 105-4 / 120-3 |
| <i>larido</i> | Diamantino – MT / Poxoréu – MT / Coxim – MS | 105-1 / 106-4 / 112-4 |
| <i>samiado</i> | São Domingos – GO / São Félix do Araguaia – MT | 119-3 / 104-2 |
| <i>apetitoso</i> | Jataí – GO | 124-4 |
| <i>bom de boca</i> | Quirinópolis – GO | 126-1 |
| <i>esgolepado</i> | Catalão – GO | 125-2 |
| <i>isgalameda</i> | Aripuanã – MT | 103-1 |
| <i>passa fome</i> | Campo Grande – MS | 115-2 |
| <i>surrão</i> | Jataí – GO | 124-3 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Dentre as variantes menos produtivas, *danado* e *esganado* se destacam por apresentarem realizações no território centro-oestino, como ilustra a Figuras 8, em preto e rosa, respectivamente.

Figura 8 – Arealização das variantes *danado* e *esganado* na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A respeito dessas variantes, inferimos que *danado* pode ser uma forma linguística trazida do Nordeste para a Região Norte que, possivelmente, se expandiu, seguindo o curso dos rios até as áreas produtoras de borracha no Acre e em Rondônia, para os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Já, no que concerne a *esganado*, acreditamos que essa designação possui influência gaúcha, paulista e mineira, tendo em vista que indivíduos dessas localidades se deslocaram para o Mato Grosso do Sul ao longo da história e levaram consigo suas marcas culturais e linguísticas, uma vez que tanto no Rio Grande do Sul quanto em São Paulo e em Minas Gerais essa variante é bastante expressiva.

Sobre as demais formas com baixa incidência, *esfomeado* foi realizada em Poxoréu-MT (106-4), em Cuiabá-MT (108-1), em Alto Araguaia-MT (111-1, 111-2 e 111-4), em Quirinópolis-GO (126-2), em Catalão-GO (125-1) e em Nioaque-MS (116-2). *Morto de fome* aparece em São Domingos-GO (119-1), em Jataí-GO (124-2) e em Poxoréu-MT (106-4). Pertencente ao mesmo rótulo, *olho grande* foi dada como segunda resposta em Corumbá-MS (113-1) e *tem o olho maior que a barriga* foi usada como terceira resposta em Nioaque-MS (116-2). *Faminto* e *fominto*, também totalizando duas ocorrências, foram

utilizadas, respectivamente, em Nioaque-MS (116-1) e em Ponta Porã-MS (117-4).

Para finalizar, as *hápax legomena acanaiado*, *zói maior do que a barriga*, *fominha*, *exagerado* e *comedor* foram registradas em Quirinópolis-GO (126-1), em Paranaíba-MS (114-2), em Campo Grande-MS (115-2), em Cuiabá-MT (108-2) e em Quirinópolis-GO (126-3), nessa ordem.

Ao voltar o olhar para a Região Sudeste, o cenário linguístico permanece semelhante como podemos analisar na Tabela 23.

Tabela 23 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| guloso / gulosa / gula | 248 | 58,91% |
| comilão / comelão / comilona | 53 | 12,59% |
| outras | 25 | 5,94% |
| esganado / esganada | 19 | 4,51% |
| morto de fome / morta de fome / morrendo de fome | 18 | 4,28% |
| fominha | 11 | 2,61% |
| olhuda / olho grande / olho maior que a barriga / come com os olhos | 10 | 2,38% |
| esfomeado | 9 | 2,14% |
| RP | 9 | 2,14% |
| zoiúda / zóio gordo / zóio grande / zoião | 7 | 1,66% |
| comedor | 4 | 0,95% |
| exagerado | 3 | 0,71% |
| faminto / faminta | 3 | 0,71% |
| glutão | 2 | 0,48% |
| Total | 421 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Com base nos dados apresentados, verificamos que o Sudeste é a região com maior número de respostas, totalizando 421 registros. Nesse sentido, São Paulo é o estado que possui o maior montante, com 220 respostas, seguido de Minas Gerais com 119, Rio de Janeiro com 60, e Espírito Santo com 22.

Dentro desse contexto, a variante mais produtiva é *guloso* com 248 ocorrências e 58,91%, o que corresponde a mais da metade de todos os dados. Na sequência, aparece *comilão* com 53 e 12,59%. As demais formas mostram-se menos numerosas e serão apresentadas por ordem de produtividade: *outras* com 25 realizações e 5,94%; *esganado* com 19 e

4,51%; *morto de fome* com 18 e 4,28%; *fominha* com 11 e 2,61%; *olhuda* com 10 e 2,38%; *esfomeado* com 9 e 2,14%; *zoiúda* com 7 e 1,66%; *comedor* com 4 e 0,95%; *exagerado* e *faminto* com 3 e 0,71%; e *glutão* com 2 e 0,48%. Além dessas, soma-se também as RP que totalizaram 9 registros e 2,14%.

Sob a perspectiva diatópica, a Carta 4C (APÊNDICE AG) revela que *guloso* é a variante mais expressiva em todos os estados e que está propagada por toda a região. *Comilão*, no que lhe diz respeito, só não é a segunda mais utilizada pelos cariocas, pois esses preferem a forma *olhudo*. Sobre as denominações agrupadas em *outras*, essas perfazem considerável montante e se distribuem pela região, como é possível visualizar no Quadro 8.

Quadro 8 – Variantes da Região Sudeste agrupadas em *outras* (QSL 184 - glutão)

| VARIANTE | LOCALIDADE | PONTO-INFORMANTE |
|--------------------------------|--------------------------------------|-----------------------|
| <i>afobado</i> | Itararé – SP | 181-2 |
| <i>boca nervosa</i> | Campos dos Goytacazes – SP | 195-1 |
| <i>bocão</i> | Taubaté – SP | 175-2 |
| <i>britadeira</i> | Araraquara – SP | 163-1 |
| <i>estômago de avestruz</i> | São Paulo – SP | 179-1 |
| <i>fomenta</i> | Macaé – RJ | 198-1 |
| <i>ganancioso</i> | Itajubá – MG / Guaratinguetá – SP | 149-3 / 176-1 |
| <i>ganança</i> | Assis – SP | 169-1 |
| <i>gorda</i> | Ouro Preto – MG / Itanhaém – SP | 142-1 / 183-2 |
| <i>guela</i> | Belo Horizonte – MG | 138-1 |
| <i>gulodice</i> | Bauru – SP / Rio de Janeiro – RJ | 167-3 / 202-1 |
| <i>sabiado</i> | Patos de Minas – MG | 136-3 |
| <i>acistroso</i> | Ribeira – SP | 185-2 |
| <i>barriga de sete almoços</i> | Adamantina – SP | 162-2 |
| <i>juquinha</i> | Marília – SP | 166-4 |
| <i>samiado</i> | Januária – MG | 127-4 |
| <i>sem educação</i> | Campina Verde – MG / Araraquara – SP | 137-3 / 137-4 / 163-3 |
| <i>tarado</i> | Belo Horizonte – MG | 138-3 |
| <i>fome ruim</i> | Janaúba – MG | 128-2 |
| <i>saco sem fundo</i> | Bernardino de Campos – SP | 170-1 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ainda sobre as formas agrupadas em *outras*, há informantes que reconhecem que a forma mais utilizada é *guloso*, porém afirmam também usar outra designação, como no trecho a seguir.

INF.- Guloso.

INQ.- Num tem outro nome?

INF.- O certo é guloso num é, ((inint.)) a gente chama de sem ducação. (137-3 – Campina Verde-SP)

Dando continuidade, *esganado*, também com presença significativa, não é dada como resposta pelos capixabas e se mostra mais produtiva entre os mineiros e paulistas do que entre os cariocas. *Morto de fome*, com percentual próximo ao da variante anterior, não foi documentada no Rio de Janeiro e nem no Espírito Santo, além disso, caracteriza-se como uma lexia bastante utilizada pelos paulistas se comparados com os mineiros que a utilizam apenas uma vez como a terceira resposta do informante 4 de Januária. *Fominha* chama atenção pelo fato de ser muito mais produtiva no Sudeste do que nas demais regiões em que também é encontrada, contudo, entre os sudestinos, essa também só se mostra corriqueira na fala dos informantes de São Paulo e Minas Gerais. *Esfomeado*, apesar da baixa ocorrência, só não é encontrada na fala dos capixabas e *zoiúda*, por outro lado, só se mostra produtiva na fala dos paulistas, formando, portanto, uma arealização dessa variante.

Dentre as formas menos produtivas, *comedor* foi registrada em Janaúba-MG (128-3 e 128-4), em Montes Claros-MG (131-4) e em Januária-MG (127-4). *Exagerado* localiza-se em Piracicaba-SP (172-2), em Taubaté-SP (175-4) e em Andradina-SP (155-1). Já *faminto* foi dado como resposta em Piracicaba-SP (172-4), em Caraguatatuba-SP (180-3) e em Macaé-RJ (198-2). Por fim, como a denominação menos recorrente, *glutão* foi documentada em Presidente Epitácio-SP (161-4) e em Nova Friburgo-RJ (197-4).

Por fim, tratamos das variantes de *glutão* na Região Sul.

Tabela 24 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 184 - glutão

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------------|-------------------|--------|
| guloso / gulosa | 106 | 43,44% |

| | | |
|---|-----|--------|
| comilão / comelão / comilona | 45 | 18,44% |
| esganado / esganada / esganosa | 27 | 11,07% |
| outras | 18 | 7,38% |
| morto de fome | 12 | 4,92% |
| esfomeado / esfomeada | 11 | 4,51% |
| faminto / faminta | 7 | 2,87% |
| olho grande | 6 | 2,46% |
| zoldo / zoldada / zoldo grande / zoldada | 5 | 2,05% |
| fominha | 2 | 0,82% |
| RP | 2 | 0,82% |
| come demais | 1 | 0,41% |
| exagerado | 1 | 0,41% |
| glutão | 1 | 0,41% |
| Total | 244 | 100% |

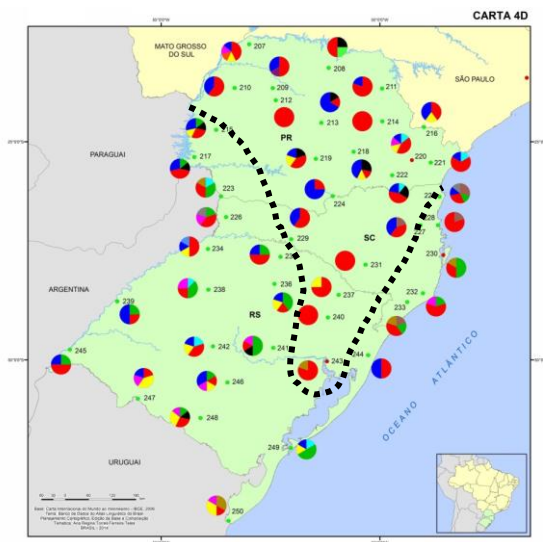
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A Tabela 24 traz a produtividade das variantes obtidas na Região Sul. Nesse viés, constatamos a documentação de 244 respostas nos três estados sulistas, sendo: 104 no Paraná, 89 no Rio Grande do Sul e 51 em Santa Catarina.

Assim como em todo o cenário linguístico brasileiro, entre os informantes do Sul as variantes mais utilizadas são *guloso*, com 106 registros e 43,44%, e *comilão*, com 45 realizações e 18,44%. Na terceira posição de produtividade, consoante os resultados do Sudeste, tem-se *esganado* perfazendo 27 ocorrências e 11,07%. Dentre as formas com percentuais abaixo de 10% foram documentadas: *outras* com 7,38% (18 respostas), *morto de fome* com 4,92% (12 respostas), *esfomeado* com 4,51% (11 respostas), *faminto* com 2,87% (7 respostas), *olhudo* com 2,46% (6 respostas), *zoldo* com 2,05% (5 respostas), *fominha* com 0,82% (2 respostas) e *come demais*, *exagerado* e *glutão* com 0,41% cada (1 resposta). Além das respostas prejudicadas que tiveram 2 registros (0,82%).

Pela leitura da Carta 4D (APÊNDICE AH), conseguimos visualizar a variação diatópica existente no Sul. Dentro desse contexto, observamos que *guloso*, variante majoritária, está propagada por toda a região, só não sendo utilizada no ponto 249 – São José do Norte-RS. *Comilão* também aparece distribuída pelo território sulista como a segunda mais utilizada pelos paranaenses e catarinenses. No que diz respeito à terceira variante mais utilizada, observamos a possibilidade de traçar uma isoléxica a partir da variante *esganado*, como mostra a Figura 9, representada pela cor verde.

Figura 9 – Arealização da variante *esganado* na Região Sul



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Dentro desse contexto, Altenhofen (2002), buscando reconhecer as possíveis áreas dialetais do Sul, propõe hipóteses das possíveis fotografias geolinguísticas da região, das quais duas nos são interessantes neste momento. A primeira refere-se ao desdobramento da área rio-grandense que avança pelo oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná e a segunda diz respeito aos avanços rio-grandenses, entretanto, dessa vez para o leste de Santa Catarina.

Assim, ao analisar a Figura 9, constatamos que a variante *esganado* confirma duas das hipóteses de Altenhofen (2002), uma vez que *esganado* é mais produtiva no Rio Grande do Sul e passa a ser utilizada também nas áreas do Paraná e de Santa Catarina para onde os gaúchos se deslocaram, formando, dessa forma, uma área dialetal de influência rio-grandense, a qual, de certo modo, ao subir a região se choca com a variedade paulista-paranaense que avança de modo oposto com a variante *morto de fome*, cuja distribuição se concentra quase que exclusivamente no Paraná. Portanto, verificamos, mais uma vez, a homogeneidade dos falares sulistas que, conforme estudiosos como Koch (2000), possui ao menos duas grandes áreas, a paranaense e a rio-grandense, sendo Santa Catarina um território de transição.

No que se refere às formas lexicais de baixa ocorrência agrupadas em *outras*, verificamos que essas, se somadas, possuem índices significativos e se mostram presentes por todo o Sul. Nesse sentido, será exibido o Quadro 9 que traz o detalhamento das variantes agrupadas, bem como onde e por quem foram produzidas.

Quadro 9 – Variantes da Região Sul agrupadas em *outras* (QSL 184 - glutão)

| VARIANTE | LOCALIDADE | PONTO- INFORMANTE |
|-----------------------------|-------------------------------------|----------------------|
| <i>angorrento</i> | Chuí – RS | 250-1 / 250-4 |
| <i>boi latão</i> | Toledo – PR | 215-1 |
| <i>bom de garfo</i> | Curitiba – PR | 220-3 |
| <i>dilatada</i> | Vacaria – RS | 237-2 |
| <i>galgo</i> | Santana do Livramento – RS | 247-2 |
| <i>galga</i> | Caçapava do Sul – RS | 246-4 |
| <i>gorda</i> | Três Passos – RS | 234-2 |
| <i>louco de fome</i> | Passo Fundo – RS / Santa Maria – RS | 236-3 / 242-2 |
| <i>louca de fome</i> | Santana do Livramento – RS | 247-1 |
| <i>ambiciosa por comida</i> | São José do Norte – RS | 249-4 |
| <i>bucho laciado</i> | Adrianópolis – PR | 216-4 |
| <i>galanducho</i> | Imbituva – PR | 218-3 |
| <i>passa fome</i> | Nova Londrina – PR | 207-1 |
| <i>amuriento</i> | Bagé – RS | 248-3 |
| <i>esganifado</i> | Guarapuava – PR | 219-1 |
| <i>uiudo</i> | Bagé – RS | 248-1 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

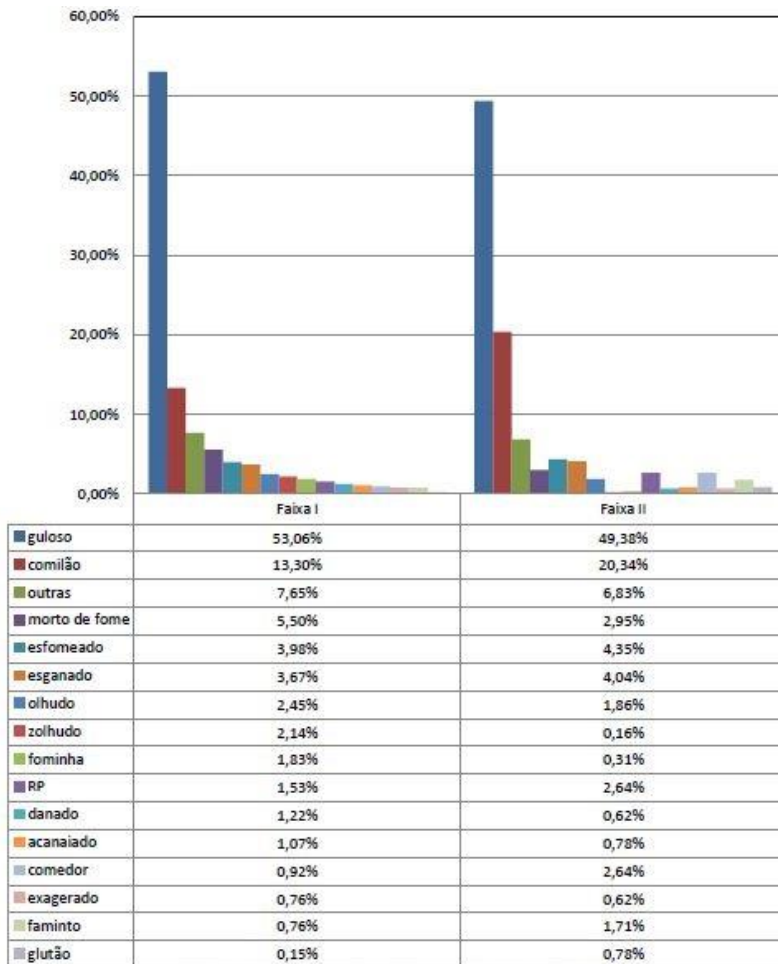
Esfomeado, no que lhe concerne, está presente nos três estados, porém com maior produtividade na fala dos informantes do Rio Grande do Sul do que na dos indivíduos do Paraná e de Santa Catarina.

Para finalizar, têm-se as variantes com menos ocorrências. Assim, *faminto* localiza-se em Ijuí – RS (238-3), em Santa Maria – RS (242-4), como primeiras respostas, em Curitiba – PR (220-4), em Morretes – PR (221-3), em Lapa – PR (222-2), em Barracão – PR (223-3) e em São José do Norte – RS (249-2), como segundas respostas. *Olho grande* foi registrada em Criciúma – SC (233-2), como primeira resposta, em Florianópolis – SC (230-3), em Porto Alegre – RS (243-4), em Chuí – RS (250-1 e 250-2), como segundas respostas, e em Barracão – SC (223-3), como terceira resposta. Agrupadas sob o mesmo rótulo, *zolphudo* foi documentada em Itajaí – SC (228-1), *zolphuda* em São Francisco do Sul – SC (225-1) e em Criciúma – SC (233-2), *zolpho*

grande em Blumenau – SC (227-1) e *zoiúdo* em São Francisco do Sul – SC (225-4). *Fominha* aparece como segundas respostas apenas em Londrina – PR (208-1 e 208-2). Com ocorrências únicas, *glutão* localiza-se em Nova Londrina – PR (207-3), *exagerado* em Três Passos – RS (234-4) e *come demais* em Terra Boa – PR (209-4).

Feita a análise diatópica, mudamos de perspectiva e passamos a observar as variáveis independentes, faixa etária e sexo.

Gráfico 7 – Distribuição das variantes registradas para a questão 184 - glutão por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Ao analisar o Gráfico 7, observamos que a variável faixa etária não se mostra muito expressiva, tendo em vista que os resultados se mostram semelhantes. Dessa forma, cabe destacar que, dentre o montante de 1.298 respostas, 654 foram realizadas pela faixa I e 644 dadas por informantes da faixa II, ou seja, uma leve tendência de substituição da forma *comilão* pela forma *guloso* entre os mais jovens.

Nesse sentido, constatamos que a variante mais utilizada por ambas as idades é *guloso* e que as demais formas, em geral, também se

assemelham. Contudo, podemos destacar algumas designações são de preferência de uma ou outra faixa como, por exemplo, *morto de fome*, *olhudo*, *zollhudo*, *fominha* e *danado*, que são mais utilizadas pelos jovens; e *comedor*, *faminto* e *glutão* que estão mais presentes na falada dos informantes de 50 a 65 anos.

Embora as diferenças não sejam tão grandes, as preferências apontam para a existência de variação diageracional e essa é perceptível pelos informantes como podemos verificar com base nos comentários eplinguísticos:

INF.- Comelão, gluta, como é que é... glutão ((risos)).

INQ.- Glutão? O que usa mais aqui falar?

INF.- Comelão.

INQ.- Glutão quem que falava, o senhor mesmo, a mãe, o pai?

INF.- A mãe, né?

INQ.- O senhor usa mais o quê?

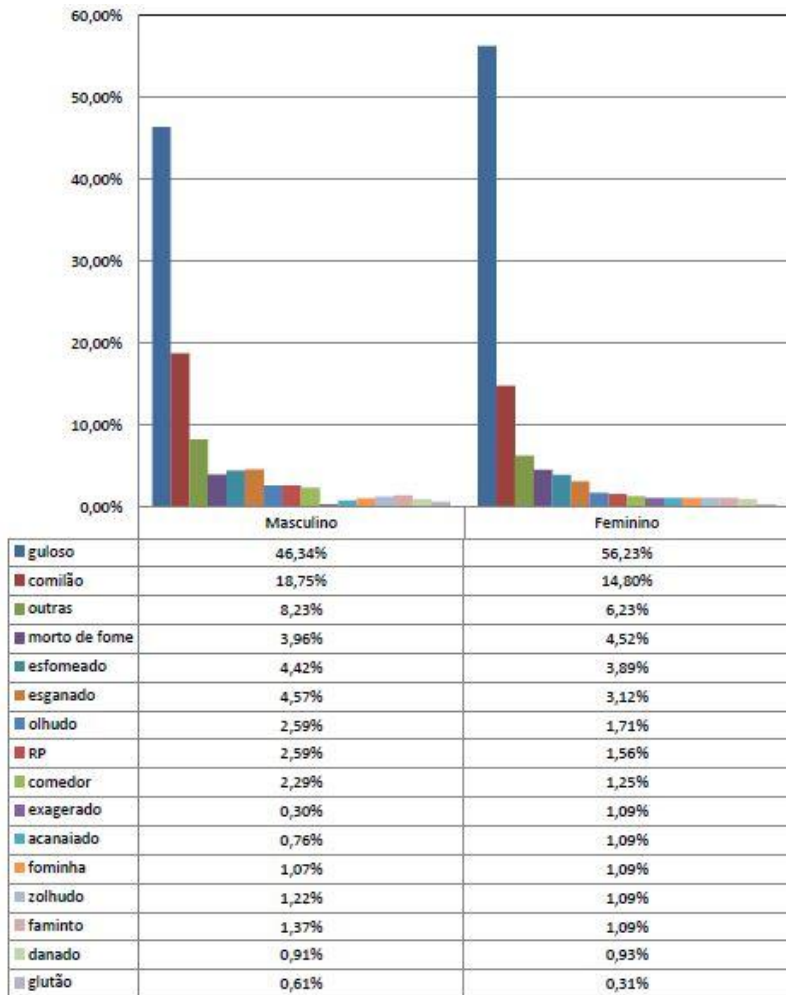
INF.- Comelão, né? (207-3 – Nova Londrina-PR)

INF.- Um fala guloso, né.

INQ.- Que mais?

INF.- Acistroso, né, que os antigo fala. (185-2 – Ribeira-SP)

Posto isso, fica evidente que há certa variação diageracional relacionada ao item em estudo, todavia, não podemos afirmar que essa variável é uma grande condicionadora das respostas, haja vista que as formas documentadas são utilizadas de modo, relativamente, equitativo.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Sobre a variável sexo, constatamos que os homens e as mulheres totalizam quantidades semelhantes de respostas, a saber: 656 e 642, respectivamente.

Pelos dados trazidos no Gráfico 8, verificamos que o sexo, assim como a faixa etária, não se mostra como grande influenciador nas escolhas lexicais dos informantes, pois os resultados se assemelham. Entretanto, é possível considerar algumas preferências como *guloso*,

exagerado e *acanaiado*, por parte das mulheres, e *comilão*, *olhudo* e *comedor*, por parte dos homens, por exemplo.

Para finalizar, vale mencionar que grande parte das variantes registradas não varia expressivamente no que diz respeito à dimensão diasssexual.

Retornando para uma visão diatópica, serão apresentadas as considerações acerca das áreas ocupadas por *guloso*, *comilão*, *esganado*, *danado*, *acanaiado* e *fominha*.

Por meio da Carta 4E (APÊNDICE AI), constatamos que a variante *guloso* recobre todo o território nacional, mostrando-se presente, dessa forma, em todas as regiões brasileiras, com pequenas exceções. Assim, torna-se interessante analisar a intensidade com que essa forma ocorre, para isso recorreremos à Carta 4I (APÊNDICE AM), cuja gradação de cores nos mostra que, na maior parte do Brasil, *guloso* é utilizada por pelo menos dois informantes de cada ponto de inquérito, o que mais uma vez revela sua alta expressividade.

Sobre a arealidade de *comilão*, Carta 4F (APÊNDICE AJ), vemos que essa forma também é encontrada em todas as regiões brasileiras, porém de modo menos abrangente que *guloso*. Ao analisar a intensidade com que ocorre, Carta 4J (APÊNDICE AN), observamos que *comilão* não é muito intensa, tendo em vista que na maioria das localidades é utilizada por um ou dois indivíduos, sendo apenas em Cândido de Abreu – PR (ponto 213) utilizada por todos os informantes.

Levando em consideração a distribuição de *esganado*, Carta 4G (APÊNDICE AK), verificamos que essa denominação não se encontra amplamente difundida pelo país, tendo em vista que se concentra nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Além disso, sobre essa variante, podemos inferir que ela é proveniente do Rio Grande do Sul e que sua disseminação acompanha o caminho de deslocamento dos gaúchos até o Mato Grosso do Sul. Acerca dessa inferência, percebemos que ela ganha corpo ao analisar a Carta 4K (APÊNDICE AO), cuja gradação de cores reflete que no Rio Grande do Sul é onde *esganado* é mais intensa, com pontos em que até três informantes a utilizaram como resposta, enquanto nos demais estados é usada, na maioria, por apenas um indivíduo.

No que tange à área ocupada por *danado*, *fominha* e *acanaiado*, constatamos que cada uma dessas designações possui áreas específicas de abrangência, assim, *danado* aparece com maior vivacidade no Centro-Oeste, porém também é registrada em pontos específicos do Norte e Nordeste. *Fominha*, por sua vez, se concentra mais no centro do Brasil, com documentações no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste. Por fim, *acanaiado* parece ser uma forma tipicamente nordestina, pois se

circunscreve a essa região, com exceção de um único registro no Centro-Oeste.

Perante a análise feita, concluímos que o item lexical investigado pela questão 184 do QSL do ALiB é o mais poliforme entre todos os outros abordados neste estudo. Constatamos, diante desse cenário, que a forma *guloso* se destaca nos falares brasileiros pelo seu elevado percentual, se comparado com as demais denominações registradas. Ademais, com base nas cartas de arealidade fica claro a existência de áreas dialetais provenientes das lexias *esganado*, *danado*, *acanaiado* e *fominha*, uma vez que essas ficam restritas a territórios específicos. Sobre as variáveis extralinguísticas, inferimos que nenhuma delas atua significativamente no condicionamento das respostas, tendo em vista a equivalência dos resultados. Para terminar, ressaltamos que os dicionários registram poucas variantes, se comparadas à quantidade de formas documentadas.

5.5 QUESTÃO 131 - FILHO MAIS MOÇO

A questão 131 pertence ao campo semântico *Ciclos da Vida* e busca as denominações para “o filho que nasceu por último” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Com o levantamento feito junto às respostas coletadas por meio de 996 inquéritos, somamos 57 variantes consideradas e agrupadas neste estudo conforme o Quadro 10.

| RÓTULOS | VARIANTES AGRUPADAS |
|----------------|--|
| caçula | caçula / caçulo / caçulinha / caçulinho / filho caçulo |
| derradeiro | derradeiro |
| mais novo | mais novo / mais nova |
| último filho | último filho / filho último / último / última filha / último da casa |
| raspa de tacho | raspa de tacho / raspa do tacho / raspinha de tacho / rapa de tacho / rapa do tacho / raspa tacho / rapinha de tacho / rapinha do tacho |
| temporão | temporão |
| bebê | bebê / bebê da família / filho bebê |
| nenê | nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa |
| outras | filho de rama / fim de rama / fim de ramo / final de rama / final do ramo / pequenininho da família / ponta do ramo / ponta de raiz / resto de parição / resto do tacho / restinho de tacho / contrapeso / crueirinho / raspa do caco / indez / indezinho / xodó / menor / ninhadero / filhinho de papai / fim do tacho / fundo do tacho / rabo do tacho / mais pequeno / menor / mais jovem / mais moço |
| RP | não soube / não lembrou / item não obtido / questão não formulada / problemas na gravação |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Cabe ressaltar que o agrupamento foi feito com base em alguns parâmetros, os quais são descritos a seguir:

(i) Formas perifrásticas: raspa de tacho > raspa tacho; nenê > nenê da casa; bebê > bebê da família, dentre outras.

(ii) Variantes morfológicas que apresentam grau e flexão de gênero: último filho > última filha; caçula > caçulinha; mais novo > mais nova etc.

(iii) Formas com até cinco ocorrências, rotuladas em “outras”: filho de rama, ninhadeiro, menor etc.

Feitos os agrupamentos, obtivemos o total de nove rótulos a serem cartografados, além das RP que se somam para fins de cálculos percentuais. Desse modo, na legenda das cartas monodimensionais serão mostradas apenas as variantes registradas em cada uma das regiões do Brasil.

Para melhor entender o uso de cada forma documentada, averiguamos se essas constam em dicionários, bem como as acepções trazidas.

Caçula é encontrada nas três obras lexicográficas utilizadas como referência neste estudo com acepções parecidas. Nesse sentido, Cunha (2007, p. 134) traz que se trata de um adjetivo de dois gêneros do século XIX proveniente do Quimbundo *kazuli*, com o seguinte significado: “o mais moço dos filhos ou dos irmãos”. Ainda com o mesmo sentido, Aulete (1980a) e Houaiss (2009) acrescentam que se trata de um brasileirismo.

Agrupado sob o mesmo rótulo que a lexia explanada anteriormente, *caçulo* é documentada apenas por Houaiss (2009) sendo o mesmo que *caçula*.

O vocábulo *derradeiro* também aparece nos três dicionários com acepções não específicas para o filho que nasceu por último, porém com significado que cabe ser atribuído para esse. Dessa forma, Houaiss (2009, p. 619) define como “que não é sucedido por nenhum outro do seu gênero, de sua espécie”. Aulete (1980b, p. 978), por sua vez, classifica como um adjetivo referente ao “que fica ou vem atrás, depois; o último; o restante”.

A palavra *último*, como proposto por Cunha (2007, p. 801), vem do latim *ulti(mus)* e passou a ser empregada a partir do século XIV para o “que está ou vem depois”. Dentro desse contexto, tanto Houaiss (2009) quanto Aulete (1980e) também possuem entrada para essa lexia, contudo, não abordam que essa pode adjetivar o substantivo filho.

Temporão é defendida por Houaiss (2009, p. 1826) como um brasileirismo que “diz-se de o filho que nasce muito depois do irmão que imediatamente o precede ou muito tempo após o casamento dos pais”. Já, no que concerne as outras duas obras, essas trazem que se trata de um adjetivo utilizado para qualificar o que acontece fora do tempo próprio.

Dentre as demais formas, *bebê*, *nenê*, *indez*, *xodó* e *menor* também aparecem nos dicionários aqui usados, contudo, sem nenhuma relação com o item lexical investigado. E as demais variantes aqui não mencionadas não estão dicionarizadas.

Iniciando a análise de produtividade, o *corpus* utilizado possibilitou o registro de 1.156 respostas dadas pelos 996 informantes para denominar o filho que nasceu por último, as quais serão apresentadas por meio da Tabela 25.

Tabela 25 – Produtividade geral das variantes documentadas no Brasil para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|-------|
| caçula / caçulo / caçulinha / caçulinho / | 830 | 71,8% |

| | | |
|---|-------|-------|
| filho caçulo | | |
| mais novo / mais nova | 107 | 9,26% |
| raspa de tacho / raspa do tacho / raspinha de tacho / rapa de tacho / rapa do tacho / raspa tacho / rapinha de tacho / rapinha do tacho | 44 | 3,81% |
| RP | 40 | 3,46% |
| último filho / filho último / último / última filha / último da casa | 39 | 3,37% |
| outras | 34 | 2,94% |
| nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa | 31 | 2,68% |
| derradeiro | 19 | 1,64% |
| temporão | 7 | 0,61% |
| bebê / bebê da família / filho bebê | 5 | 0,43% |
| Total | 1.156 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Com base nos dados apresentados, verificamos que a forma mais utilizada é *caçula* e seus agrupamentos, tendo em vista que perfaz 830 do total de 1.156 respostas, o que corresponde a 71,8% dos dados. Como a segunda variante mais produtiva, aparece *mais novo* com 107 registros e percentual de 9,26%. Já as demais designações documentadas aparecem com índices abaixo de 5%, o que revela a grande expressividade da forma majoritária, sendo elas: *raspa de tacho* com 44 realizações e 3,81%, *último filho* com 39 e 3,37%, *outras* com 34 e 2,94%, *nenê* com 31 e 2,68%, *derradeiro* com 19 e 1,64%, *temporão* com 7 e 0,61% e *bebê* com 5 e 0,43%. Além disso, temos ainda as *respostas prejudicadas* que totalizaram 40 ocorrências e 3,46%, número esse que se aproxima ao das variantes menos produtivas.

Feita a descrição geral, damos início à análise dos dados por região.

Inicialmente tratamos dos dados obtidos na Região Norte.

Tabela 26 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|-----------------|-------------------|--------|
| caçula / caçulo | 90 | 85,71% |
| mais novo | 7 | 6,67% |

| | | |
|--------------|-----|-------|
| último filho | 5 | 4,76% |
| outras | 2 | 1,9% |
| derradeiro | 1 | 0,95% |
| Total | 105 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio da Tabela 26, constatamos que na Região Norte foram registradas cinco formas para designar o item lexical em estudo, somando 105 respostas, sendo 43 no Pará, 23 no Amazonas, nove no Acre, nove em Rondônia, oito no Amapá, oito no Tocantins e cinco em Roraima.

Assim como no cenário geral dos dados, no Norte a variante *caçula* também é a mais produtiva com 90 ocorrências e 85,71%, sendo a mais utilizada em todos os estados da região. Com baixos percentuais, se comparados com o da variante majoritária, aparecem as denominações *mais novo* com sete respostas e 6,67%, *último filho* com cinco e 4,76%, *outras* com duas e 1,9% e *derradeiro* com ocorrência única e 0,95%. Salientamos que nenhuma resposta foi tida como prejudicada entre os nortistas.

No que tange à distribuição diatópica das variantes no Norte do Brasil, a Carta 5 (APÊNDICE AP) mostra que *caçula* recobre toda a região, fazendo-se presente em todos os pontos de inquérito como resposta de pelo menos um informante. A variante *mais novo*, como a segunda mais produtiva, foi realizada em sete localidades, a saber: Benjamin Constant – AM (007-1), Marabá – PA (015-2), Conceição do Araguaia – PA (017-2), Porto Velho – RO (021-2), Pedro Afonso – TO (023-2), como primeiras respostas; Boa Vista – RR (003-4) e Manaus – AM (006-2), como segundas respostas. *Último filho* foi obtido nos estados do Acre (Rio Branco – 020-1 e 020-4), do Amazonas (Manaus – 006-3) e do Pará (Soure – 009-3 e Óbidos – 010-3). Já as designações agrupadas em *outras* dizem respeito às variantes *filho de rama* e *final de rama*, as quais foram registradas, respectivamente, em Altamira – PA (014-3) e em Rio Branco – AC (020-4). Por fim, *derradeiro*, com apenas uma realização, foi documentada em Oiapoque – AP (001-4), que se localiza no extremo norte do país.

Feitas essas considerações e observada a distribuição das variantes pela região, fica clara a impossibilidade de traçar isoléxicas na região para variante de *filho mais moço* na Região Norte.

A seguir apresentaremos os dados da Região Nordeste.

Tabela 27 – Produtividade das variantes documentadas na Região Nordeste para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|---|-------------------|--------|
| caçula / caçulo / caçulinha / caçulinho | 263 | 75,36% |
| mais novo | 40 | 11,46% |
| RP | 16 | 4,58% |
| derradeiro | 12 | 3,44% |
| outras | 12 | 3,44% |
| último filho / filho último / último | 5 | 1,43% |
| raspinha do tacho | 1 | 0,29% |
| Total | 349 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A Tabela 27 traz a produtividade das variantes registradas na Região Nordeste. Assim, constatamos seis formas para denominar o filho que nasceu por último dentre as 349 respostas obtidas nos nove estados investigados, das quais 98 na Bahia, 56 no Ceará, 51 em Pernambuco, 40 no Maranhão, 26 no Rio Grande do Norte, 24 na Paraíba, 22 no Piauí, 19 em Alagoas e 13 em Sergipe.

Do mesmo modo que na Região Norte, no Nordeste a variante *caçula* é majoritária apresentando elevado percentual em relação às demais formas, uma vez que somou 263 respostas e 75,36% enquanto a segunda mais produtiva, *mais novo*, perfaz o total de 40 realizações e 11,46% dos dados. No que tange às outras designações encontradas na região, essas possuem menor índice de produtividade, sendo elas: *derradeiro* e *outras*, ambas com 12 (3,44%); *último filho*, com cinco (1,43%); e *raspinha de tacho*, com uma ocorrência (0,29%). Além dessas, ainda, foram coletadas 16 respostas consideradas prejudicadas (RP).

Com base na Carta 5A (APÊNDICE AQ), podemos analisar a maneira como as variantes se dispõem pelo território nordestino. Assim, constatamos que a variante mais utilizada, *caçula*, está difundida por toda a região, recobrando todos os pontos de inquérito. Sobre a designação *mais novo*, essa também está presente em todos os estados do Nordeste não sendo a segunda forma mais utilizada apenas no Rio Grande do Norte, onde as formas agrupadas em *outras* se sobressaem. *Derradeiro*, por sua vez, perfaz os estados de Alagoas, da Bahia, do Ceará, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, porém com pouca difusão em cada um desses, visto seu baixo percentual. Já o rótulo *outras* compreende as variantes *filho de rama* (Caicó-RN – 055-3), *fim de rama* (Sobral-CE – 040-3), *fim de ramo* (Mossoró-RN – 051-3), *final*

do ramo (Natal-RN – 053-3), *pequeninho da família* (Fortaleza-CE – 041-2), *ponta de raiz* (Jeremoabo-BA – 082-4), *ponta de ramo* (Petrolina-PE – 073-3), *resto de parição* (Itaberaba-BA – 090-2), *resto do tacho* (Caetité-BA – 096-2), *contrapeso* (Jeremoabo-BA – 082-4), *cruerinho* (Santana do Ipanema-AL – 075-4), *raspa do caco e indez* (ambas em Jeremoabo-BA – 082-3).

Para finalizar, as formas de menor incidência *último filho* (027-2 – Brejo-MA, 029-4 – Imperatriz-MA, 052-2 – Angicos-RN, 065-4 – Olinda-PE e 099-4 – Ilhéus-BA) e *raspinha de tacho* (098-2 – Vitória da Conquista-BA), assim como as demais, também não apresentam arealidade específica, visto que a primeira se espalha pela região e a última possui apenas uma realização.

Continuando a apresentação e análise dos resultados, tratamos na sequência das variantes de *filho mais moço* na Região Centro-Oeste.

Tabela 28 – Produtividade das variantes documentadas na Região Centro-Oeste para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| caçula / caçulo / caçulinha / filho caçulo | 94 | 87,04% |
| mais novo | 4 | 3,7% |
| último filho / filho último / último | 4 | 3,7% |
| rapa do tacho | 3 | 2,78% |
| derradeiro | 1 | 0,93% |
| temporão | 1 | 0,93% |
| outras | 1 | 0,93% |
| Total | 108 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Na Região Centro-Oeste, podemos observar, por meio dos dados trazidos pela Tabela 28, que a variante *caçula* mostra-se muito mais expressiva do que as demais, somando 94 respostas e 87,04% do montante total da região. Dentro desse contexto, as demais designações mostram-se com baixíssimos índices, totalizando menos do que cinco realizações cada, a saber: *mais novo* e *último filho* com quatro ocorrências e 3,7% cada, *rapa do tacho* com três e 2,78% e, como *hápax legomena*, *derradeiro*, *temporão* e *outras* com 0,93% cada.

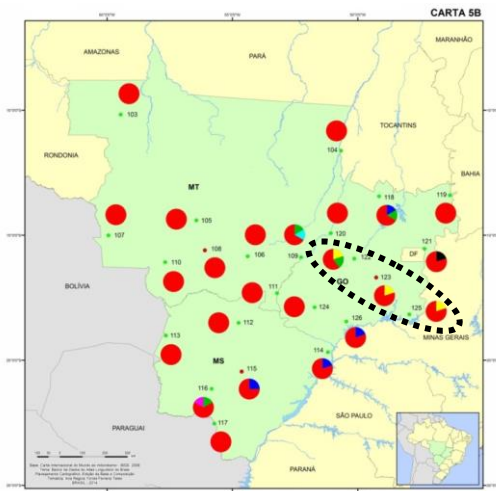
Portanto, constatamos que entre os centro-oestinos há o uso, de certo modo, semicatórico de *caçula*, deixando as demais denominações com índices irrisórios se comparados com *caçula*.

Diante desse cenário linguístico, analisamos com base na Carta 5B (APÊNDICE AR) que a forma predominante está presente em todos os pontos de inquérito, sendo, em grande parte desses, a única variante

dada como resposta por todos os informantes, principalmente na parte norte, oeste e centro-oeste da região, onde *caçula* é unânime.

No que diz respeito às demais variantes registradas, verificamos que essas se concentram mais na parte leste e sul da região. Assim, *mais novo*, com quatro ocorrências, aparece como primeira resposta do informante 2 de Paranaíba – MS (ponto 114), do informante 1 de Campo Grande – MS (ponto 115), do informante 1 de Porangatu – GO (ponto 118) e do informante 4 de Quirinópolis – GO (ponto 126). A resposta *último filho*, também com quatro realizações, foi registrada nos três estados do Centro-Oeste, porém com duas ocorrências em Goiás (118-3 – Porangatu e 122-3 – Goiás), como primeiras respostas, uma no Mato Grosso (109-3 – Barra do Garças), como segunda resposta, e uma no Mato Grosso do Sul (116-4 – Nioaque), como terceira resposta. *Rapa do tacho*, por sua vez, forma uma arealização no estado de Goiás, foi produzida nos pontos 122-2 (Goiás), 123-2 (Goiânia) e 125-3 (Catalão), como é possível visualizar por meio da Figura 10, na cor amarela.

Figura 10 – Arealização da variante *rapa do tacho* na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Já as designações com ocorrência única *derradeiro*, *temporão* e *outras* (referente à variante *xodó*) aparecem, respectivamente, em Formosa – GO (121-4), em Nioaque – MS (116-4) e em Barra do Garças – MT (109-1).

Apresentamos a seguir os dados da Região Sudeste.

Tabela 29 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| caçula / caçulo | 264 | 72,73% |
| mais novo / mais nova | 32 | 8,82% |
| raspa de tacho / rapa de tacho / rapa do tacho / rapinha de tacho / rapinha do tacho | 26 | 7,16% |
| RP | 19 | 5,23% |
| outras | 10 | 2,75% |
| último filho / filho último / último | 8 | 2,2% |
| derradeiro | 2 | 0,55% |
| temporão | 2 | 0,55% |
| Total | 363 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

No Sudeste, de acordo com os dados apresentados pela Tabela 29, constatamos que foram sete as formas utilizadas para designar o filho que nasceu por último. Na região, todas as respostas totalizaram 363 registros, dos quais 179 em São Paulo, 104 em Minas Gerais, 55 no Rio de Janeiro e 25 no Espírito Santo.

No que tange à produtividade das variantes registradas, *caçula* é a que possui o maior número de realizações, com o montante de 264 respostas e percentual de 72,73%. Do mesmo modo que nas demais regiões, as outras variantes documentadas possuem menores índices em comparação com a mais produtiva. Assim, *mais novo*, como a segunda forma com maior número de ocorrências, perfaz 8,82% dos dados, o que corresponde a 32 respostas. Em seguida, aparece a forma *raspa de tacho*, e seus agrupamentos, com 26 e 7,16%.

As demais denominações possuem percentual menor que 5%, a saber: *outras* com 10 registros e 2,75%, *último filho* com oito e 2,2% e, por fim, *derradeiro* e *temporão* com dois e 0,55% cada. Além dessas, têm-se as respostas consideradas prejudicadas, cujo percentual é de 5,23% dos dados.

Para averiguar a distribuição diatópica das variantes documentadas, recorreremos à carta linguística 5C (APÊNDICE AS). Ao analisar a carta, fica evidente que *caçula* está difundida por todo o território, caracterizando-se como a variante majoritária em todos os estados da Região Sudeste. *Mais novo* também está distribuída pela região e só não é a segunda mais produtiva em São Paulo, onde a mais produtiva é *raspa de tacho*. Aliás, *raspa de tacho* é a terceira forma

mais recorrente na Região Sudeste, apresentando-se bastante produtiva entre os paulistas e os mineiros na comparação com os cariocas e capixabas.

Dentre as designações menos produtivas, o rótulo *outras* engloba as variantes *menor* (204-3 – Arraial do Cabo-RJ), *ninhadero* (187-4 – Cananéia-SP), *resto do tacho* (127-4 – Januária-MG e 150-1 – Jales-SP), *restinho de tacho* (189-3 – São Mateus-ES), *filhinho de papai* (174-2 – Bragança Paulista-SP), *fim do tacho* (137-2 – Campina Verde-MG), *fundo do tacho* (150-3 – Jales-SP), *rabo do tacho* (141-3 – Formiga-MG) e *xodó* (135-1 – Uberlândia-MG). A forma *último filho*, no que lhe concerne, só não foi registrada no Espírito Santo e mostrou-se com maior incidência no estado de São Paulo do que nos demais. Já *temporão* (195-2 – Campos dos Goytacazes e 197-1 – Nova Friburgo-RJ) e *derradeiro* (147-1 – Poços de Caldas-MG e 170-1 – Bernardino de Campos-SP), com duas ocorrências cada, foram dadas como primeiras respostas.

Por fim, apresentamos os dados obtidos na Região Sul.

Tabela 30 – Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 131 - filho mais moço

| VARIANTES | Nº DE OCORRÊNCIAS | % |
|--|-------------------|--------|
| caçula | 119 | 51,52% |
| nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa | 31 | 13,42% |
| mais novo | 24 | 10,39% |
| último filho / filho último / último / | 17 | 7,36% |

| | | |
|---|-----|-------|
| última filha / último da casa | | |
| raspa de tacho / raspa do tacho / rapa do tacho | 14 | 6,06% |
| outras | 9 | 3,9% |
| RP | 5 | 2,16% |
| bebê / bebê da família / filho bebê | 5 | 2,16% |
| temporão | 4 | 1,73% |
| derradeiro | 3 | 1,3% |
| Total | 231 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A Tabela 30 traz a produtividade das designações documentadas na Região Sul. Diante dos dados, verificamos que foram obtidas nove variantes dentre o total de 231 respostas coletadas junto aos três estados sulistas, sendo 94 no Paraná, 85 no Rio Grande do Sul e 52 em Santa Catarina.

Ao analisar o panorama linguístico do Sul, constatamos que a variante *caçula* é a mais utilizada na região, assim como em todo o Brasil, somando 119 realizações e o percentual de 51,52%. Como a segunda forma mais produtiva se tem *nenê* com 31 respostas e 13,42%. *Mais novo*, por sua vez, possui 24 registros e 10,39%, o que faz dessa a terceira forma com maior nível de incidência. Já as demais variantes totalizaram percentuais abaixo de 10%, a saber: *último filho* com 17 realizações e 7,36%, *raspa de tacho* com 14 e 6,06%, *outras* com nove e 3,9%, *bebê* com cinco e 2,16%, *temporão* com quatro e 1,73% e *derradeiro* com três e 1,3%. Ainda, somam-se a essas as RP com cinco ocorrências e 2,16%.

Cabe destacar, dentro desse contexto, que as variantes *nenê* e *bebê* caracterizam-se como típicas dos falares do Sul, tendo em vista que só foram documentadas nesse território.

Para analisar a distribuição espacial das designações documentadas, recorreremos à Carta 5D (APÊNDICE AT), a qual mostra que *caçula* está presente nos três estados da região de modo equivalente. A variante *nenê* também está distribuída pelo Sul, mostrando-se como a segunda forma majoritária no Paraná e no Rio Grande do Sul e como a terceira mais produtiva em Santa Catarina. Assim, observamos que *nenê*, de certo modo, muda o cenário que vinha sendo apresentado nas demais regiões, uma vez que em todas as outras *mais novo* segue a forma predominante, enquanto no Sul essa passa a ser a terceira forma que está mais difundida pelo território. Sobre a distribuição de *último filho*, inferimos que essa se mostra mais significativa nos estados de Santa Catarina e do Paraná, nessa ordem, do que no Rio Grande do Sul,

onde só foi documentada em Erechim (235-2) e no Chuí (250-4). *Raspa de tacho*, por sua vez, também não apresenta uma arealidade específica, entretanto é mais produtiva entre os gaúchos do que entre os paranaenses e catarinenses.

Dentre as formas menos recorrentes, *outras* agrupa as variantes *indezinho* (221-3 – Morretes-PR), *mais jovem* 240-4 – Flores da Cunha-RS), *mais moço* (228-4 – Itajaí-SC, 243-3 – Porto Alegre-RS, 243-4 – Porto Alegre-RS e 247-3 – Santana do Livramento-RS), *menor* (247-1 – Santana do Livramento-RS e 250-1 – Chuí-RS) e *mais pequeno* (230-3 – Florianópolis-SC), acerca da qual o informante florianopolitano tece o seguinte comentário reforçando o uso da variante respondida:

INQ.- E o filho que nasceu por último?

INF.- É o filho que nasceu por último é o caçula.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- Aqui, o manezin aqui, eles tratam o mais pequeno, esse é o filho mais pequeno meu, não quero mais outro, mais pequeno, mais pequeno quer dizer que é o mais novo. (230-3 – Florianópolis-SC)

Dando continuidade, *bebê* possui três ocorrências no Rio Grande do Sul (234-1 – Três Passos, 236-2 – Passo Fundo e 244-4 – Osório), uma no Paraná (223-2 – Barracão) e uma em Santa Catarina (229-2 – Concórdia). A respeito do uso dessa variante, bem como de *nenê*, o informante do Paraná destaca que essa não é aplicada pelo fato de o filho ser criança, com pouca idade, mas realmente por ser o filho que nasceu por último.

INF.- Nenê, sempre nenê, né, da família, último filho.

INQ.- Tem outros nomes? Você falou...

INF.- Não, nenê da família que diz ó bebê da família, nem que tenha uns quarenta ano, mas é o nenê da família.

INQ.- ((risos)).

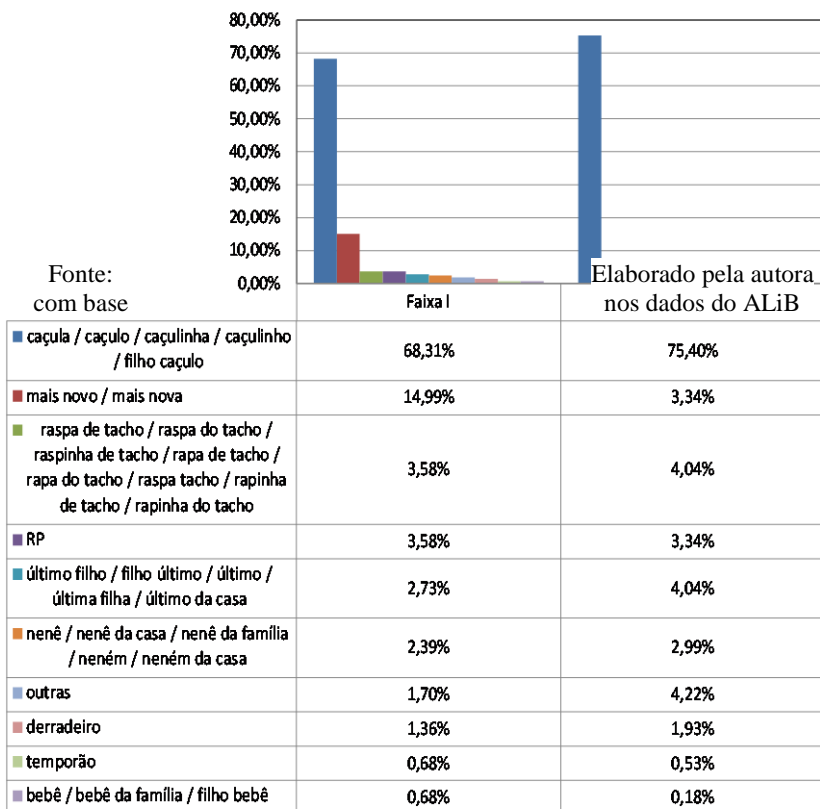
INF.- Eu sempre fui em casa, o meu irmão tem vinte e cinco, né, e minha mãe diz: “é o meu nenê” ((risos)). (223-2 – Barracão-PR)

Temporão, por sua vez, também está distribuída pela região, apesar do baixo índice, sendo registrada em Lapa – PR (222-4), em

Tubarão – SC (232-2) e em Porto Alegre (243-2), como primeiras respostas, e em Londrina (208-4), como quarta resposta. Por fim, *derradeiro*, como a menos produtiva foi realizada em Barracão – PR (223-3), em Itajaí – SC (228-3) e em Tubarão – SC (232-4).

Finalizada a descrição diatópica dos dados referentes à questão 131 do QSL – *filho mais moço*, damos início à análise das variáveis extralinguísticas controladas por este estudo.

Gráfico 9 – Distribuição das variantes registradas para a questão 131 - filho mais moço por faixa etária



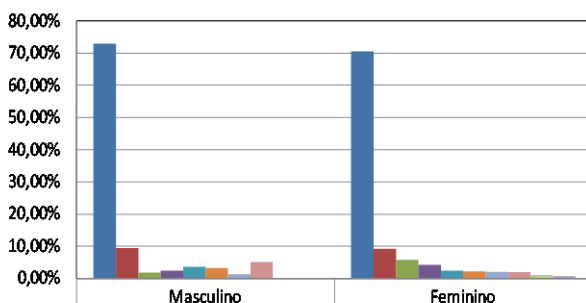
Por meio do Gráfico 9, constatamos que a variável faixa etária pode estar influenciando as escolhas lexicais dos informantes, principalmente no que diz respeito ao uso das variantes *caçula* e *mais novo*.

No contexto geral dos dados, verificamos que a forma mais utilizada pelas duas faixas etárias é *caçula*, entretanto, a faixa II (74,4%) possui maior percentual de uso do que a faixa I (68,31%). Já no que diz respeito à designação *mais novo*, essa parece ser a mais condicionada diageracionalmente, tendo em vista que é a segunda com maior índice de produtividade entre os mais jovens, com 14,99%, enquanto aparece com apenas 3,34% na fala dos informantes de 50 a 65 anos.

Diante das informações apresentadas, podemos inferir que a variante *mais novo* pode, futuramente, apontar para uma mudança linguística, pois essa ganha espaço entre os indivíduos que conduzem as mudanças enquanto *caçula*, de certa forma, passa a ser menos utilizada por esses, se comparados com os informantes da faixa II. Contudo, trata-se de uma inferência que poderá ser comprovada ou refutada apenas por meio de pesquisas futuras.

Salientamos, ainda, que as demais formas registradas possuem usos equivalentes entre as idades.

Gráfico 10 – Distribuição das variantes registradas para a questão 131 - filho mais moço por sexo



| Variantes | Masculino | Feminino |
|---|-----------|----------|
| caçula / caçulo / caçulinha / caçulinho Fonte: / filho caçulo | 73,02% | 70,63% |
| mais novo / mais nova | 9,35% | 9,17% |
| raspa de tacho / raspa do tacho / raspinha de tacho / rapa de tacho / rapa do tacho / raspa tacho / rapinha de tacho / rapinha do tacho | 1,76% | 5,77% |
| último filho / filho último / último / última filha / último da casa | 2,47% | 4,24% |
| outras | 3,53% | 2,38% |
| nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa | 3,17% | 2,21% |
| derradeiro | 1,23% | 2,04% |
| RP | 5,11% | 1,87% |
| temporão | 0,18% | 1,02% |
| bebê / bebê da família / filho bebê | 0,18% | 0,68% |

Elaborado

pela autora com base nos dados do ALiB

Com vistas à dimensão diasssexual, constata-se que as mulheres, com 589 registros, totalizam um maior número de respostas do que os homens que perfazem o total de 567, junto ao montante total de 1.156 lexias documentadas.

Por meio dos dados trazidos no Gráfico 10, é possível observar que o sexo também pode estar influenciando a escolha de determinadas variantes, como é o caso de *raspa de tacho* e *último filho*.

Nesse viés, a forma *raspa de tacho* é mais utilizada pelas mulheres, com 34 registros, do que pelos homens, com apenas 10 ocorrências. A variante *último filho* também é mais significativa entre as mulheres, com 4,24%, do que entre os homens, com 2,47%. Portanto, mais uma vez, fica clara a importância da análise dessa variável, bem como a diferença entre os falares masculinos e femininos, como já destacado por autores como Labov (2008).

Para finalizar, vale mencionar que as demais variantes registradas não se mostram significativas no que diz respeito à variável analisada.

Voltando para uma análise diatópica, procuramos também verificar a arealidade de algumas variantes. Assim, optamos por fazer a análise das três formas mais produtivas pelo Brasil e também das formas que aparecem concentradas em determinado território. Primeiramente, serão apresentadas as considerações sobre a variante *caçula* e, em seguida, as de *mais novo*, *raspa do tacho*, *bebê* e *nenê*.

Por meio da Carta 5E (APÊNDICE AU), torna-se possível observar que a designação *caçula* é amplamente conhecida e utilizada por todo o Brasil, não sendo registrada apenas em dois dos 250 pontos de inquérito que integram o *corpus* desta dissertação, a saber: 219 – Guarapuava-PR e 236 – Passo Fundo-RS²⁹. Ao visualizar a Carta 5I (APÊNDICE AY), podemos compreender a intensidade dessa variante pelo país, o que mostra, mais uma vez, sua forte presença em todo o território nacional, sendo um pouco menos intensa na Região Sul e em algumas localidades do Nordeste e do Sudeste.

No que tange à arealidade de *mais novo*, verificamos na Carta 5F (APÊNDICE AV) que essa também está presente por todo o país, porém com menos incidência no Norte e no Centro-Oeste do que nas demais regiões. Ao analisar na Carta 5J (APÊNDICE AZ) a intensidade em que essa forma se distribui, nota-se que ela não é utilizada de modo intenso,

²⁹ No ponto 219 foram registradas as variantes *nenê* e *mais novo* e, no ponto 236, as formas *rapa do tacho*, *bebê*, *nenê* e *mais novo*.

tendo em vista que em nenhum ponto de inquérito foi realizada por todos os informantes e na maioria das localidades foi dada como resposta por apenas um indivíduo. Entretanto, em alguns pontos das regiões Nordeste, Sudeste e Sul, onde é mais frequente, podemos observar que essa designação já vem sendo dada como resposta por dois ou três informantes, o que reforça a inferência de que *mais novo* pode vir a ganhar mais vivacidade na fala dos brasileiros futuramente.

Com base na Carta 5G (APÊNDICE AW), observamos a arealidade de *raspa de tacho*, a qual não se mostra presente em todo o Brasil, já que recobre apenas localidades das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e apenas um ponto da Bahia próximo à fronteira com Minas Gerais. No que diz respeito à intensidade dessa designação, a Carta 5K (APÊNDICE BA) mostra que essa possui entre uma e duas respostas por ponto de inquérito, o que a caracteriza como pouco intensa.

No que concerne ao território recoberto por *bebê* e *nenê*, a Carta 5H (APÊNDICE AX) revela que essa constitui uma área dialetal que engloba os três estados da Região Sul. Acerca dessa arealização, podemos inferir que se trata de uma variante que acompanha os deslocamentos dos gaúchos, sendo, desse modo, proveniente dos falares rio-grandenses, tendo em vista que está difundida em boa parte do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e no sul e oeste do Paraná, não atingindo o norte paranaense, pelo fato desse possuir grande influência paulista.

Diante do exposto, concluímos que há várias maneiras de designar o filho que nasceu por último, caracterizando-se como poliforme. Levando em consideração a análise feita, fica claro que todas as variantes se distribuem pelo território brasileiro, ou ao menos por grande parte dele, com exceção das formas *bebê* e *nenê*, as quais se destacam por formarem uma área dialetal no Sul, cuja delimitação não coincide com a da área estabelecida por Nascentes (1953) como pertencente aos falares sulistas. Sobre as variáveis independentes, os resultados evidenciam que tanto o sexo quanto a faixa etária se mostram como condicionadores das escolhas lexicais feitas pelos informantes, haja vista que os usos diferem entre os homens e as mulheres, bem como entre indivíduos da faixa I e da faixa II. Para finalizar, cabe destacar que a pesquisa lexicográfica mostrou que os dicionários abrangem apenas parte das variantes documentadas, deixando de registrar lexias de uso recorrente no português falado no Brasil como, por exemplo, *raspa de tacho*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a análise apresentada nesta dissertação, os dados confirmam a diversidade linguística existente no português falado no Brasil.

Por meio das cartas linguísticas que elaboramos, é possível observar como as variantes documentadas para os itens lexicais abordados estão distribuídas pelas cinco regiões brasileiras. Assim, primeiramente, buscamos apresentar um panorama geral do que foi documentado no português falado no Brasil e constatamos que na questão 194-*semáforo* as duas formas mais recorrentes foram *sinál* e *semáforo*; para a questão 043-*banana dupla* verificamos que a forma predominante foi *banana gêmea*, a qual perfaz mais da metade de todos os dados; na questão 178-*carne moída* constatamos que a designação *carne moída* pode ser considerada como semicategórica, tendo em vista seu elevado percentual; já para a questão 184-*glutão* a denominação mais registrada foi *guloso*; e, por fim, na questão 131-*filho mais moço* a variante mais produtiva foi *caçula*. Depois, procedemos à análise sob uma perspectiva micro, ou seja, de cada região, buscando desvendar particularidades, o que nos mostrou que, muitas vezes o cenário geral não coincide com as especificidades de cada território.

Retomando as perguntas e hipóteses de pesquisa, chegamos às seguintes constatações:

(i) Como é possível identificar áreas dialetais do português do Brasil?

Perante as análises feitas, pudemos identificar algumas áreas dialetais relativas aos itens lexicais estudados, sendo elas regionais ou até mesmo gerais, no nível do Brasil. Desse modo, verificamos que, exceto a questão 194, todas as questões investigadas revelaram certas arealizações, as quais, em geral, mostram relação com aspectos históricos como é o caso, por exemplo, de *banana felipe* que está ligada ao cultivo do algodão e de *esganado* que se disseminou juntamente com o deslocamento dos gaúchos.

Posto isso, fica claro que a hipótese de que as áreas dialetais podem ser identificadas com base no levantamento das variantes lexicais no espaço geográfico e na consideração de que variantes regionais revelam estreita relação com a composição étnico-cultural regional pode ser atestada.

(ii) Quais dimensões extralinguísticas podem estar atreladas às escolhas lexicais dos falantes?

Diante das variáveis independentes controladas, depreendemos que, no cenário geral, ambas as dimensões podem estar ligadas às escolhas dos falantes, tendo em vista que na questão 194-*semáforo* a variável sexo atua como um condicionador, pois os homens utilizam mais a variante *semáforo*, enquanto as mulheres preferem a forma *sinál*; na questão 043-*banana dupla* a faixa etária mostra-se como uma variável significativa, uma vez que, das 12 denominações documentadas, cinco são mais produtivas na fala dos informantes da segunda faixa etária, a saber: *banana felipe*, *banana geme*, *inconho*, *banana emendada* e *banana coin*; e, na questão 131-*filho mais moço* tanto a dimensão diageracional quanto a diassexual são relevantes, considerando que a variante *mais novo* é a segunda com maior índice de produtividade entre os mais jovens e a quinta mais utilizada pelos informantes de 50 a 65 anos, além disso, o sexo também parece influenciar nos usos de *raspa de tacho* e *último filho*, os quais são preferidos pelas mulheres.

Feitas essas considerações, concluímos que é coerente a hipótese de que, embora a diatopia seja a dimensão mais favorável à variação lexical, as dimensões sociais, sexo e faixa etária, também se mostram influenciadoras das escolhas lexicais feitas pelos falantes.

(iii) Levando em consideração as diversas variantes documentadas para cada item lexical em estudo, existem vocábulos que não estão registrados em obras lexicográficas?

Os itens lexicais investigados mostraram-se, em geral, muito poliformes, o que gera uma grande quantidade de lexias, muitas delas não documentadas pelos dicionários. Nesse sentido, verificamos que em todas as questões as obras lexicográficas registram poucas variantes, em comparação com a quantidade de formas encontradas no *corpus* do ALiB e, em alguns casos, como o das variantes *carne moída* e *raspa de tacho*, variantes corriqueiras no português falado no Brasil.

Diante desse cenário, sabemos que abarcar todas as palavras existentes na língua não é uma tarefa fácil, entretanto, se faz necessário rever e incluir ao menos as lexias que se mostram produtivas no cotidiano brasileiro, reforçando, desse modo, a importância das pesquisas dialetológicas como suporte e fonte de informação que podem ser utilizadas para o aperfeiçoamento dessas obras, assim como já são usadas como base, por exemplo, para indicar quando uma palavra é um regionalismo.

Portanto, podemos comprovar a hipótese de que as obras lexicográficas, por mais abrangentes que sejam, não contemplam todas as palavras existentes na fala, principalmente aquelas menos frequentes

na língua, ou que dizem respeito a aspectos linguístico-etnográficos regionais menos visíveis, ou que são relativamente novas.

Com a finalização deste trabalho, pudemos observar como certas comunidades linguísticas se comportam, bem como realizar um registro da diversidade linguística no Brasil no que tange ao português, o que vem a contribuir para as pesquisas voltadas para o campo dos estudos lexicais e geolinguísticos, podendo futuramente agregar conhecimento aos próximos volumes do Atlas Linguístico do Brasil a serem publicados.

REFERÊNCIAS

ABRAPA. Associação Brasileira dos produtores de algodão. **Algodão no Brasil**. Disponível em:

<https://www.abrapa.com.br/Paginas/dados/algodao-no-brasil.aspx>.

Acesso em: 27 nov. 2018.

AGUIAR, Afonso. **História automível**: quando foi instalado o primeiro semáforo elétrico. Disponível em: <http://www.e-konomista.pt/artigo/quando-foi-instalado-o-primeiro-semaforo-eletrico/>.

Acesso em: 24 abr. 2018.

AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). **A Geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005.

AGUILERA, Vanderci de A. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? Um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 41. Salvador: Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, 2010. p. 291-309.

AGUILERA, Vanderci de A. Os nomes para o interruptor de luz na Região Sul do Brasil: signo arbitrário ou motivado?. In: AGUILERA, V. de A.; DOIRON, Maranúbia P. B. (Orgs.). **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. 1. ed. Cascavel; Londrina: EDUNIOESTE; EDUEL, 2016, v. 1, p. 107-120.

AGUILERA, Vanderci de A. Uma análise da variação lexical no campo da vida urbana. In: XVIII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina ALFAI, 2017, Bogotá. **Trabajos Finales para la memoria**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2017. v. 1. p. 1-13.

ALBUQUERQUE, Naiara. **Qual a origem do primeiro semáforo de trânsito no mundo**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/20/Qual-a-origem-do->

primeiro-sem% C3% A1foro-de-tr% C3% A2nsito-no-mundo. Acesso em: 24 abr. 2018.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Orgs.). **Español y português: fronteiras e contatos**. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. **Nueva Revista de Filología Hispánica**. México, D. F. & Austin, Texas, 2015, jan./ jun. 1961. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/hacia-los-conceptos-de-lengua-dialecto-y-hablas-0/html/00ec1fec-82b2-11df-acc7-002185ce6064_3.html. Acesso em: 11 abr. 2018.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: Hucitec, 1982 [1920].

ARAGÃO, Maria do S. S. de. Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: dados do ALiB. In: RAZKY, Abdelhak et al. (Orgs.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 127-142.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980a. v. 1.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980b. v. 2.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980c. v. 3.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980d. v. 4.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980e. v. 5.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico na capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012. p. 49-78.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas**. Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário Contemporâneo de Português**. Petrópolis: Vozes, 1992.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**. n. 2, 1998. p. 81-118.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v. 1. p. 13- 22.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, jul. 2009, p. 123-144. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4452/4598>
. Acesso em: 18 abr. 2018.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **Revista Delta**, v.15, 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 abr. 2018.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. **GELNE: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste**, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.ufm.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em: 19 abr. 2018.

CARDOSO, Suzana A. M. da S.; MOTA, Jacyra A. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 15-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. et al. **Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Projeto ALiB: balanço de 20 anos. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. et al. (Orgs.). **Documentos 7: ALiB: 20 anos de história**. Salvador: Quarteto, 2016. p. 11-17.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOFARD, Amanda. As variantes para sinal no interior nortista: afinal, o que revelam os dados do Projeto ALiB?. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 3, 2014. Londrina: UEL. **Anais III CIDS**. Londrina, 2014. p. 690-699. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1272464-Paineis/>. Acesso em: 4 dez. 2017.

CHOFARD, Amanda. A região Sudeste e a variação lexical: sinaleiro, semáforo ou sinal?. In: Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 3, 2014. Maringá. **Anais III CIELLI**. Maringá: UEM, 2014. p. 116-119. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0BzcWVyuWkVVklBdkIwQ1dTWXc/view>. Acesso em: 4 dez. 2017.

CHOFARD, Amanda. Sinaleiro, semáforo ou sinal: a variação lexical com os dados do Projeto ALiB. In: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 10, 2014. Londrina. **Anais do X SEPECH**. Londrina: UEL, 2014. p. 304-316. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarioanais.htm>. Acesso em: 4 dez. 2017.

CHOFARD, Amanda; LOURENÇO, Dayse de Souza. Designações para semáforo: um estudo a partir dos dados do ALiB na região Centro-Oeste. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 6, n. 18, 2016. p. 400-411. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/24/28092016104956.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2017.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Ed. da Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia linguística. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1982.

COSTA, Daniela de S. S.; ISQUERDO, Aparecida N. “Menino”, “guri”, “piá”, “curumim” e “moleque” nas capitais brasileiras: contribuições do projeto ALiB. In: RAZKY, Abdelhak et al. (Orgs.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 143-163.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIAS, Flávia, M. P. de C. Léxico, estrangeirismos e empréstimos: fatores que determinam a identidade sociocultural de um povo. In: ARAGÃO, Maria do S. S. de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009. p. 41-49.

FAUSTO, Maria Luiza. **Você já viu duas bananas dentro de uma única casca???**. Disponível em: <http://expedicaovida.com.br/voce-ja-viu-duas-bananas-dentro-de-uma-unica-casca/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A.M. **A Dialetoologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

HÁPAX. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/h%C3%A1pax>. Acesso em: 17 mai. 2018.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 99-115.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 mai. 2018.

ISQUERDO, Apare. N. (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil e Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany Fraide. Tabus linguísticos: um estudo no campo léxico do corpo humano. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M.; PAIM, Marcela, M. T. (Orgs.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 219-230.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a.M.: TFM, 2000. p. 55-69.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MACEDO, Rebeca Louzada. A variação lexical na região Sul: semáforo, sinal ou sinaleira? **Web-Revista Sociodiaeto**, v. 4, n. 12, 2014. p. 178-191. Disponível em: <http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/17/31052014024444.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2018.

MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MARGOTTI, Felício W.; ZIBETTI, Erica M. O. Variantes lexicais de "manco" na região sul do Brasil: o que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)? In: COSTA, Daniela de S. S.; BENÇAL, Dayme R. (Orgs.). **Nos caminhos do léxico**. 1. ed. Campo Grande: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016, v. 1. p. 251-274.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

O ESTADO DE S. PAULO. **Primeiro semáforo de SP foi instalado no Brás**. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,primeiro-semaforo-de-sp-foi-instalado-no-bras-imp-,1005848>. Acesso em: 24 abr. 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 7-9.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 9-11.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, 2011. p. 143-159. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7963/6411>. Acesso em: 17 abr. 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação diageracional nos dados do projeto ALiB. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M.; PAIM, Marcela, M. T. (Orgs.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 281-301.

PAIM, Marcela Moura Torres. As designações para conjuntivite nos dados do Projeto ALiB: revelações diageracionais. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2013. p. 146-155. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/29371>. Acesso em: 29 mai. 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: a produção de 20 anos. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. et al. (Orgs.). **Documentos 7**: ALiB: 20 anos de história. Salvador: Quarteto, 2016. p. 191-253.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 23 abr. 2018.

RAZKY, Abdelhak. A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 2, 2013, p. 247-270. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659/140> 16. Acesso em: 18 abr. 2018.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO. **Quem inventou o semáforo?**. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-inventou-o-semaforo/>. Acesso em: 24 abr. 2018.

RIBEIRO, Silvana S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. **Um estudo rural vs urbano na fala do homem urbano: perspectiva geolinguística**. Disponível em: http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2007_g/textos/17.htm. Acesso em: 3 dez. 2018.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, n. 2, jul./dez.2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Cento-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. **[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

SILVA, Maria E. B. da. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 115-121.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Florianópolis: Publicação do Centro de Estudos Filológicos, n. 4, 1955.

SINAL DE TRÂNSITO. **O primeiro semáforo**. Disponível em: http://www.sinaldetransito.com.br/curiosidades_foto.php?IDcuriosidade=35&alt. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUSA, Adriana Maria de Jesus. **Aspectos léxicos semânticos do ciclo da vida na Bahia e no Amazonas: a visão do projeto ALiB**. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

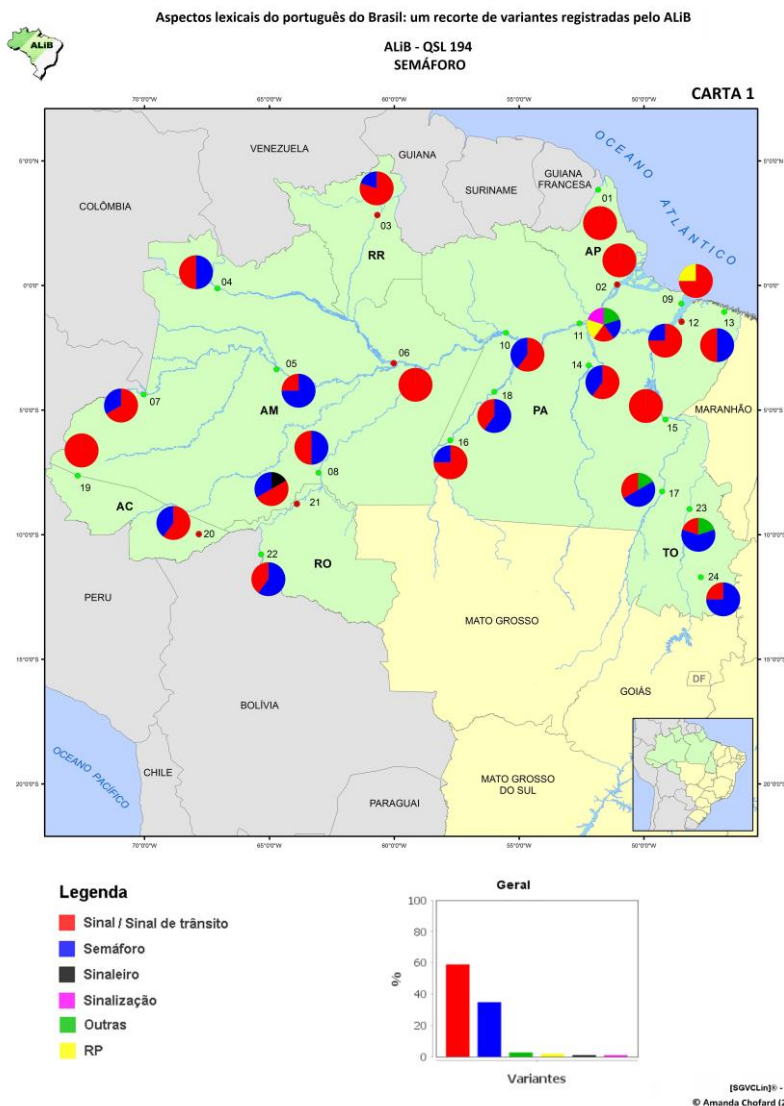
VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

YIDA, Vanessa. **Um estudo lexical sobre o campo semântico Alimentação e Cozinha**. 2006. Monografia (Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

YIDA, Vanessa. **O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

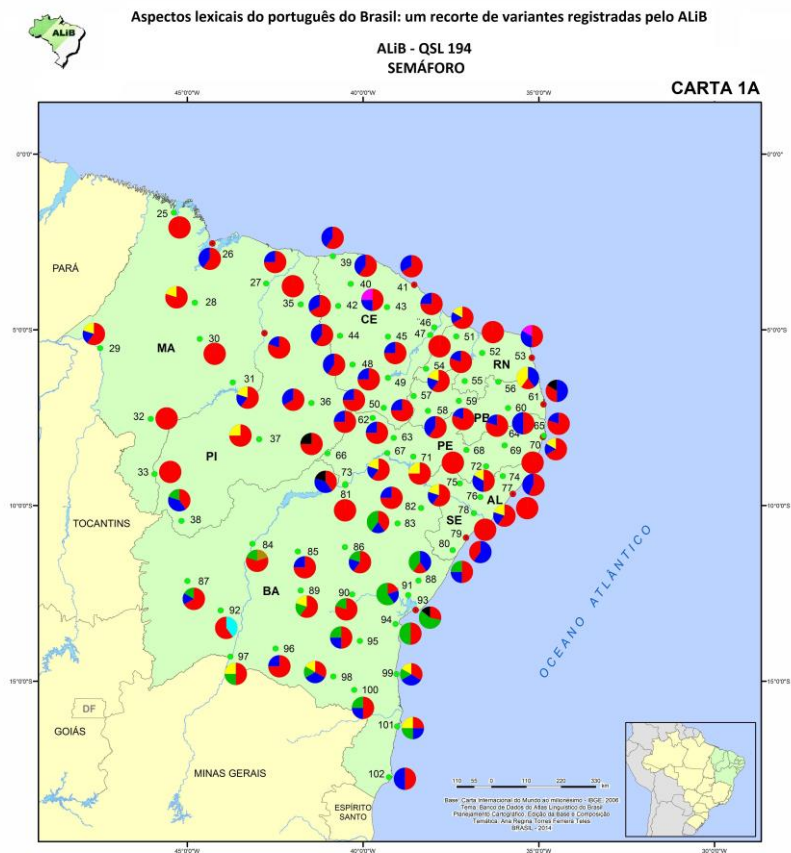
APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta 1 - ALiB QSL 194: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

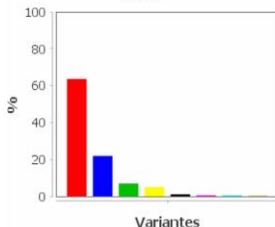
APÊNDICE B – Carta 1A - ALiB QSL 194: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste



Legenda

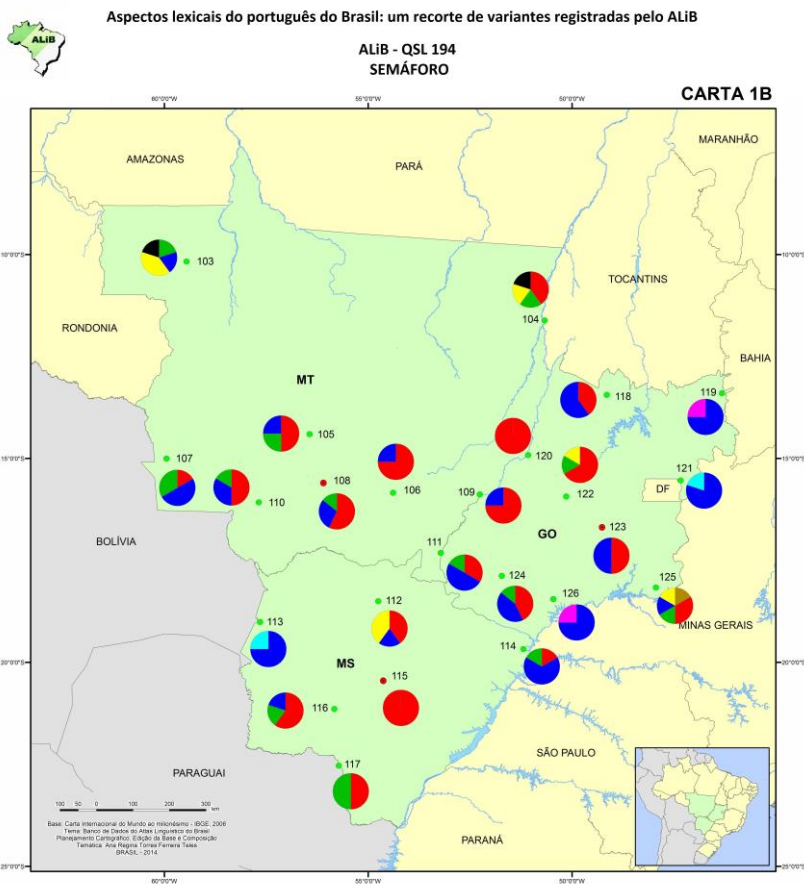
- Sinal / Sinal de luz / Sinal de trânsito / Sinal luminoso
- Semáforo
- Sinaleira
- Farol
- Sinalização / Sinalização de trânsito
- Sinaleiro
- Outras
- RP

Geral



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

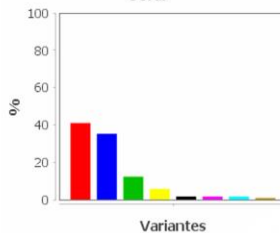
APÊNDICE C – Carta 1B - ALiB QSL 194: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste



Legenda

- Sinaleiro
- Semáforo
- Sinal / Sinal de trânsito
- Farol
- Sinalização
- Sinaleira
- Outras
- RP

Geral



[SGVCLin]® - 2015

© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

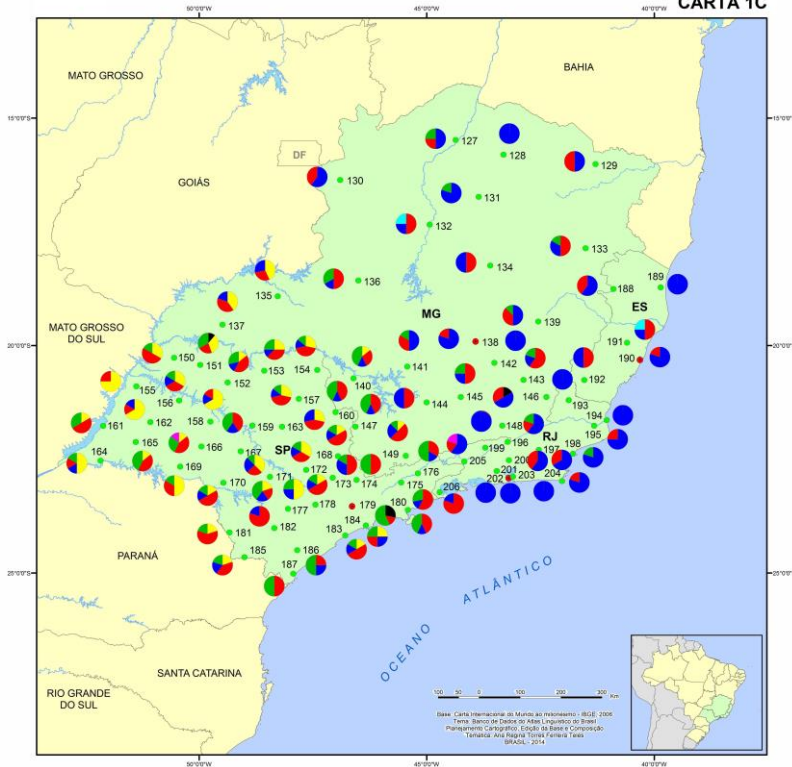
APÊNDICE D – Carta 1C - ALiB QSL 194: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 194
SEMÁFORO

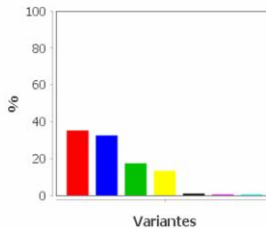
CARTA 1C



Legenda

- Semáforo
- Sinal / Sinal luminoso / Sinal de trânsito
- Farol
- Sinaleiro
- Sinalização
- Outras
- RP

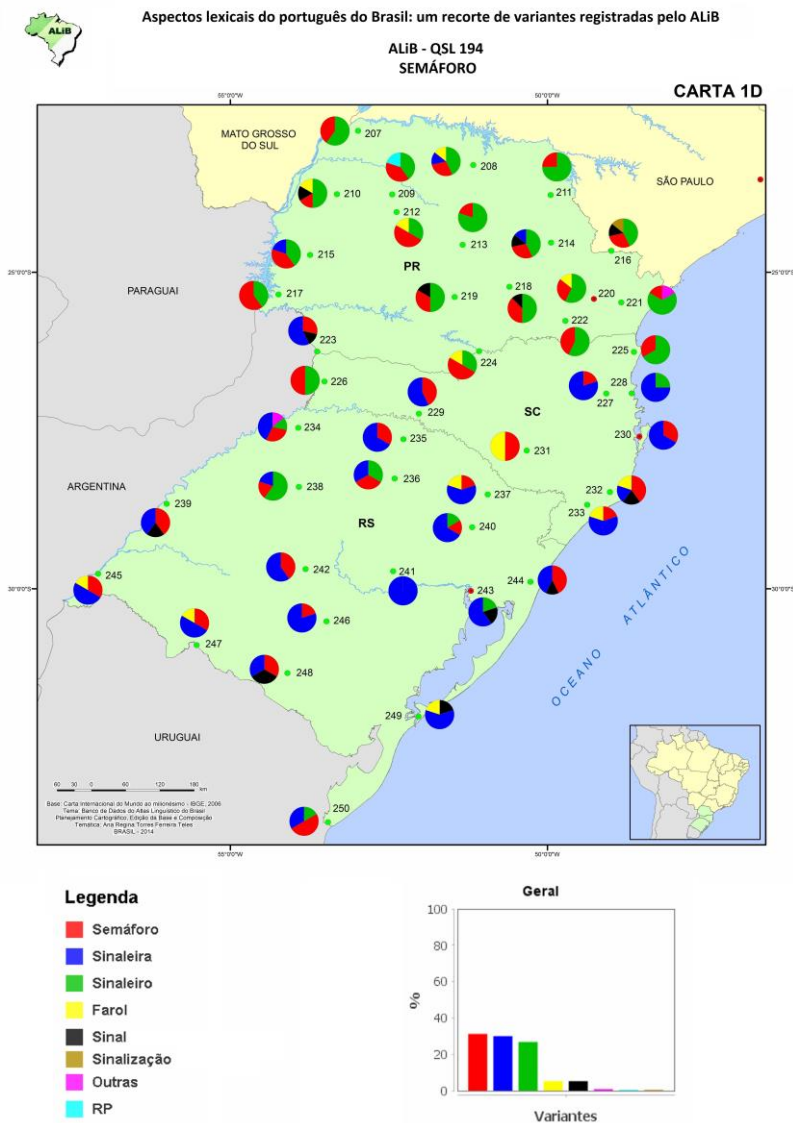
Geral



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE E – Carta 1D - ALiB QSL 194: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul



APÊNDICE F – Carta 1E - ALiB QSL 194: Arealidade da variante sinal



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 194
AREALIDADE DA VARIANTE SINAL

CARTA 1E



Legenda

- Sinal / Sinal de luz / Sinal de trânsito / Sinal luminoso

[SGVCLin]# - 2915
© Amanda Chofard (2018)

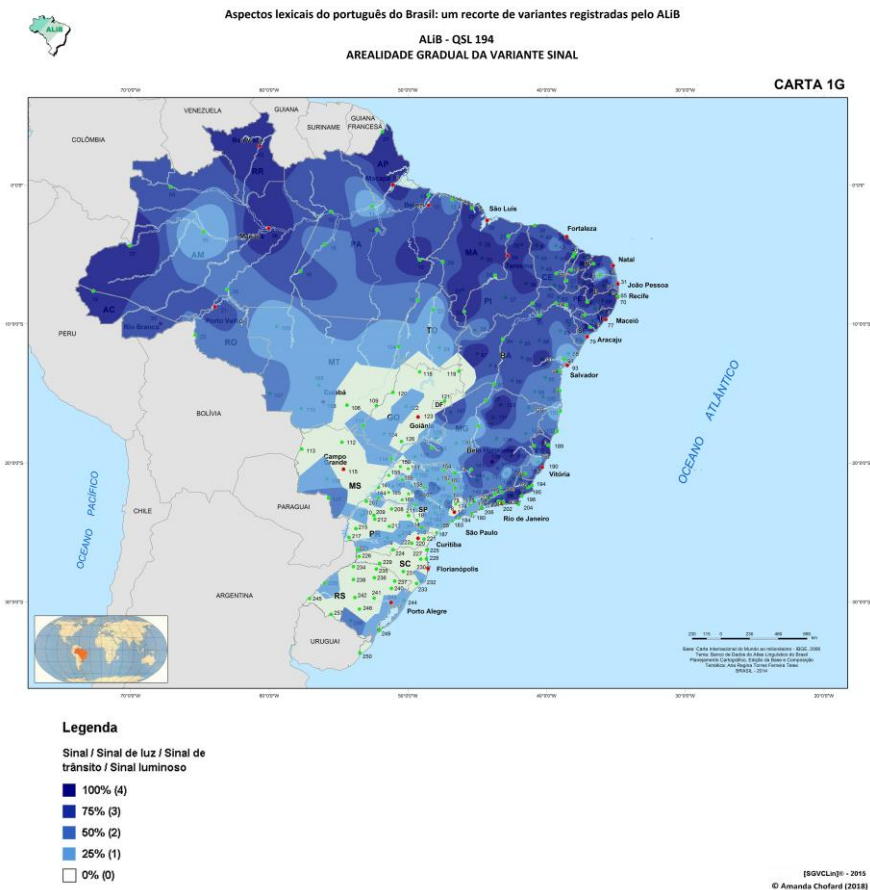
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE G – Carta 1H - ALiB QSL 194: Arealidade da variante semáforo



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE H – Carta 1G - ALiB QSL 194: Arealidade gradual da variante sinal



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

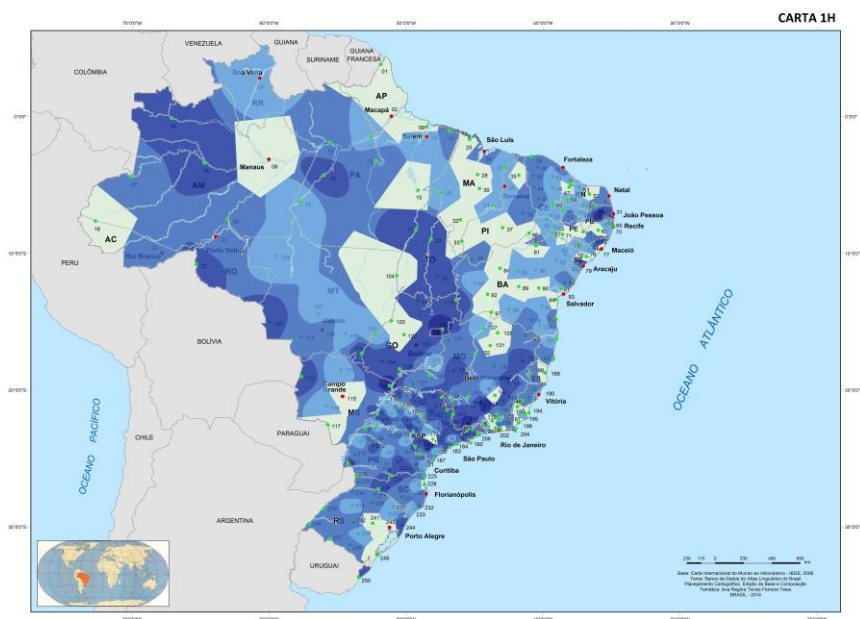
APÊNDICE I – Carta 1H - ALiB QSL 194: Arealidade gradual da variante semáforo



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 194

AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE SEMÁFORO



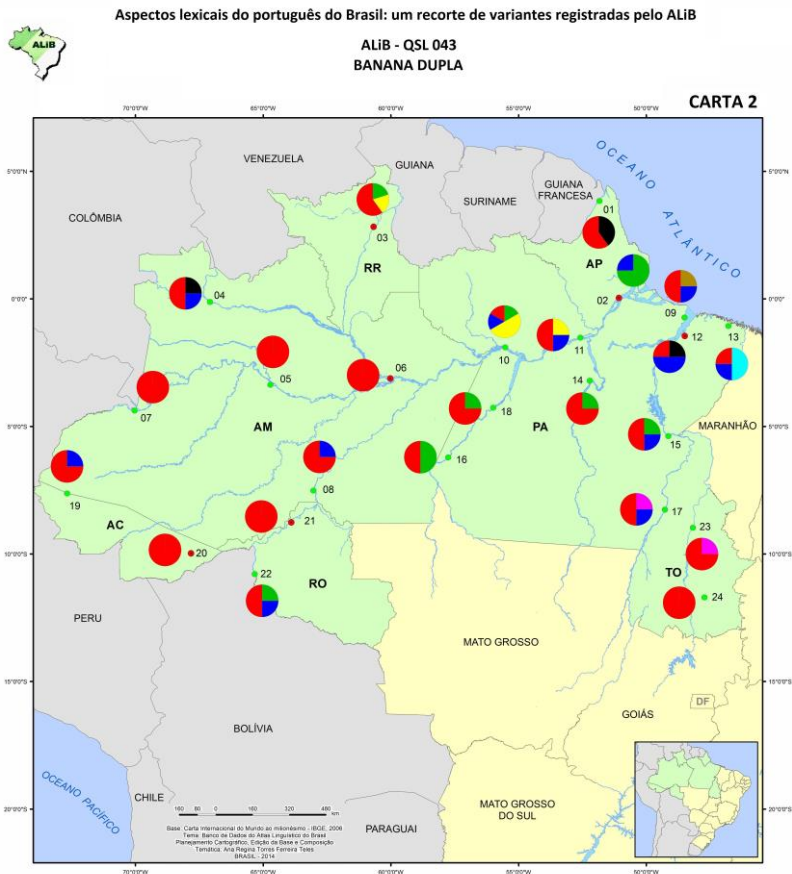
Legenda

Semáforo

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLiN (2014)

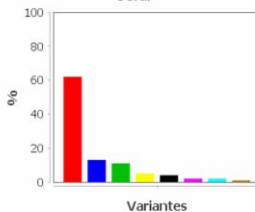
APÊNDICE J – Carta 2 - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte



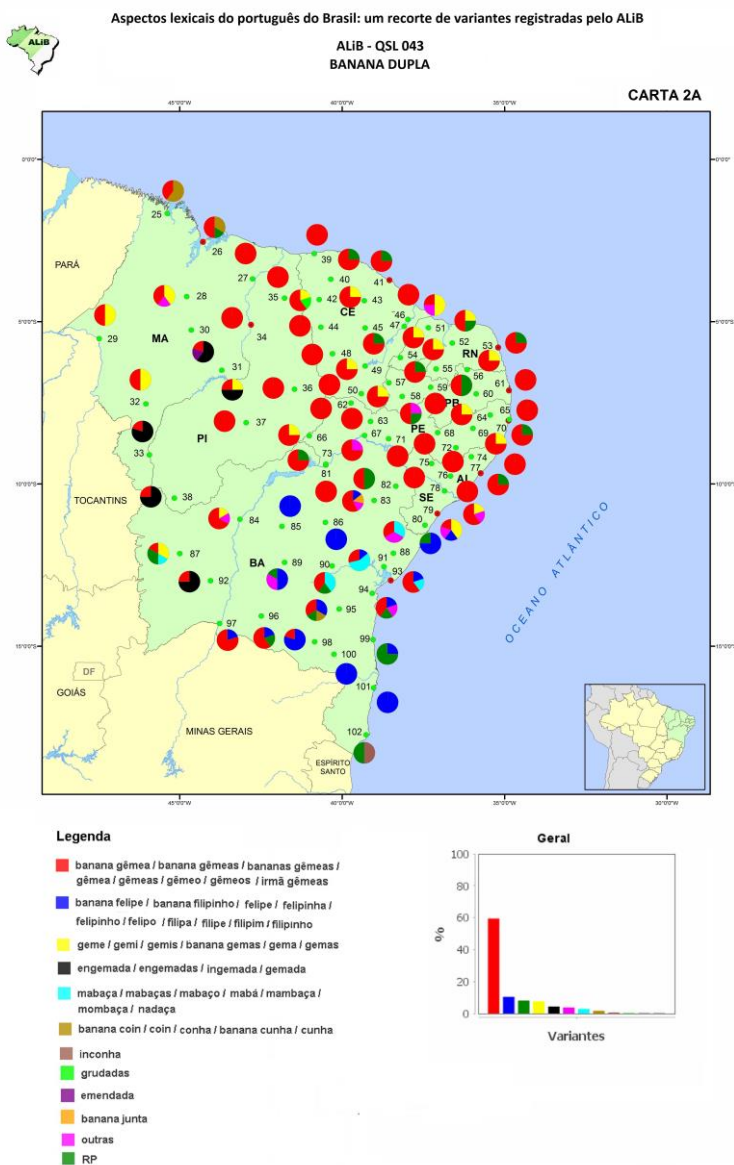
Legenda

- banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas
- banana geme / geme / gemi / gemis
- banana emendada / emendada
- engemada / gemada
- incôde
- grudadas
- outras
- RP

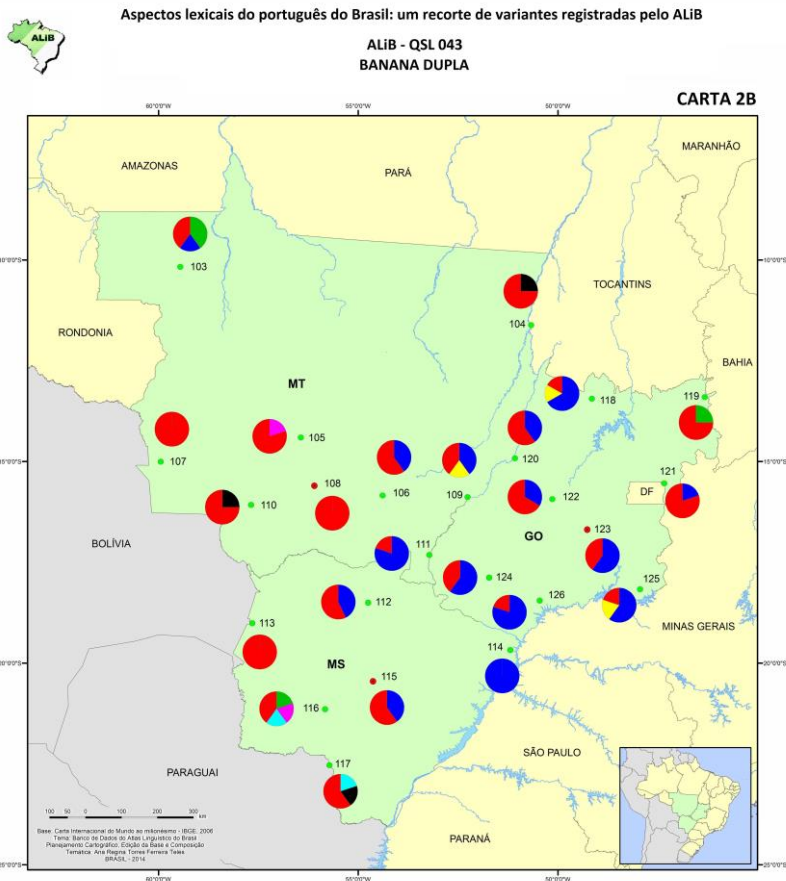
Geral



APÊNDICE K – Carta 2A - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste

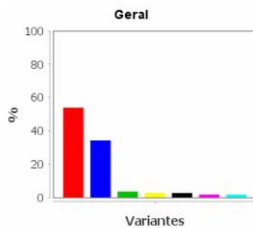


APÊNDICE L – Carta 2B - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste



Legenda

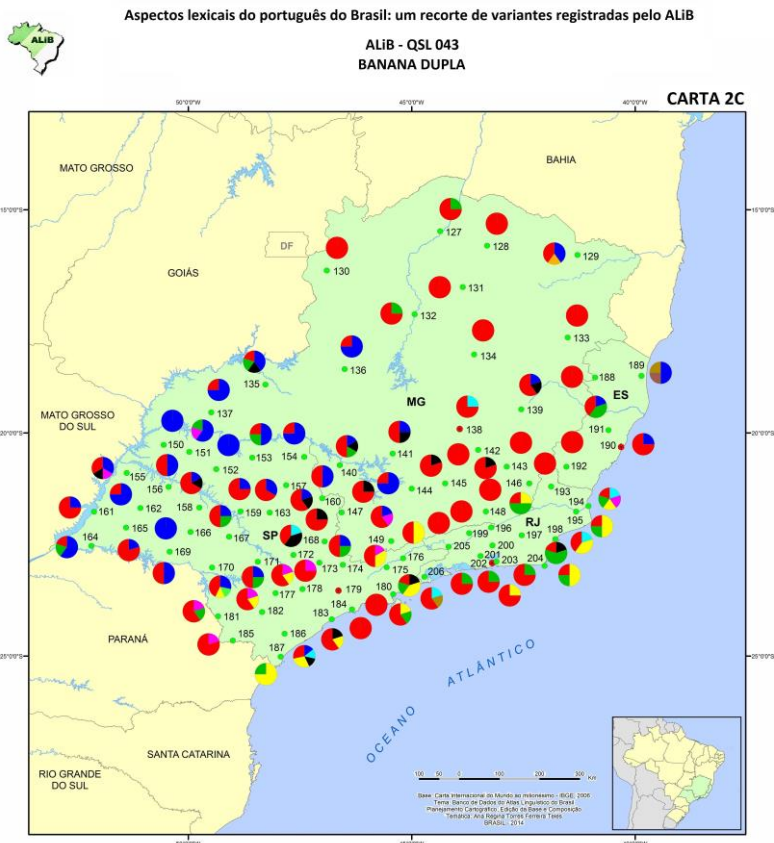
- banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeos
- banana filipe / banana filipe / banana filipa / filipe / filipa / filipe
- gemi / gemis / gema
- banana filipada / filipada / filipadas
- banana emendada / emendada
- outras
- RP



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE M – Carta 2C - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin (2014)

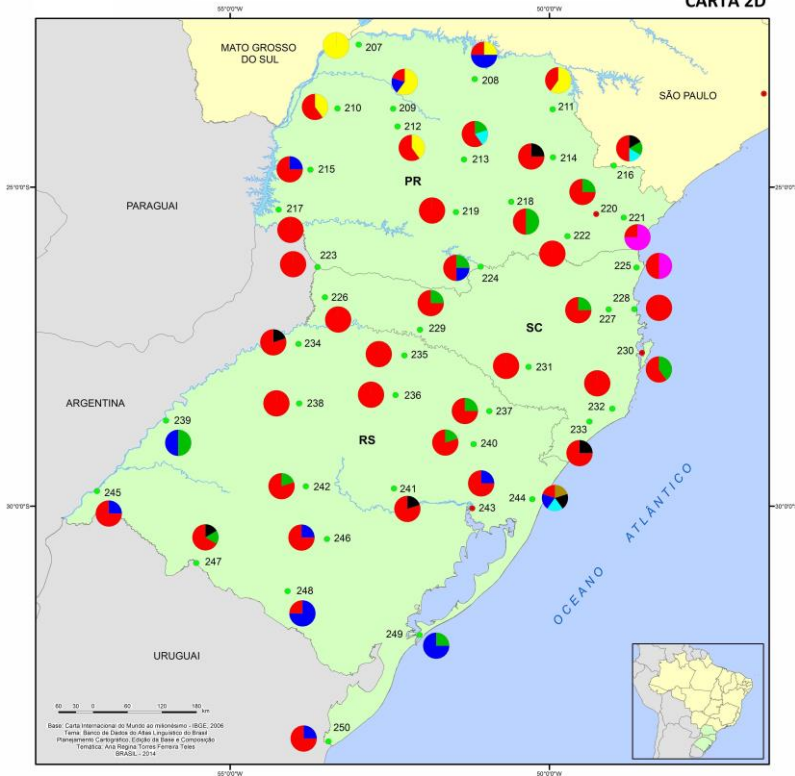
APÊNDICE N – Carta 2D - ALiB QSL 043: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 043
BANANA DUPLA

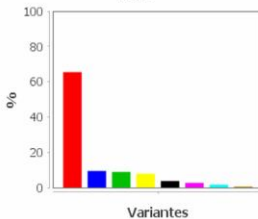
CARTA 2D



Legenda

- banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeos
- banana felipe / felipe / filipe / felipão
- banana grudada / bananinha grudada / grudada
- inconho / enconha / incõe / inquem / banana inquem
- banana emendada / emendadas
- juntas
- outras
- RP

Geral



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

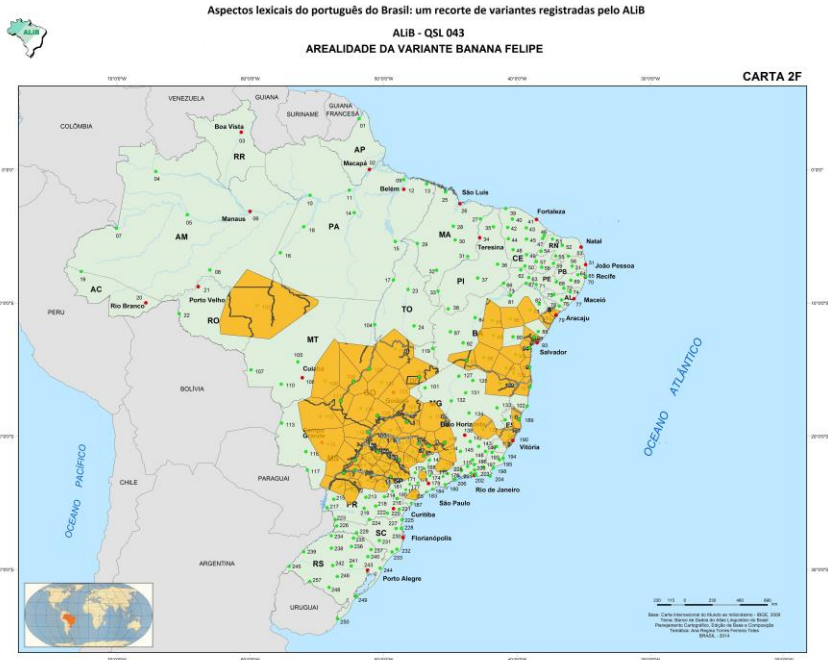
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin (2014)

APÊNDICE O – Carta 2E - ALiB QSL 043: Arealidade da variante banana gêmea



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE P – Carta 2F - ALiB QSL 043: Arealidade da variante banana felipe



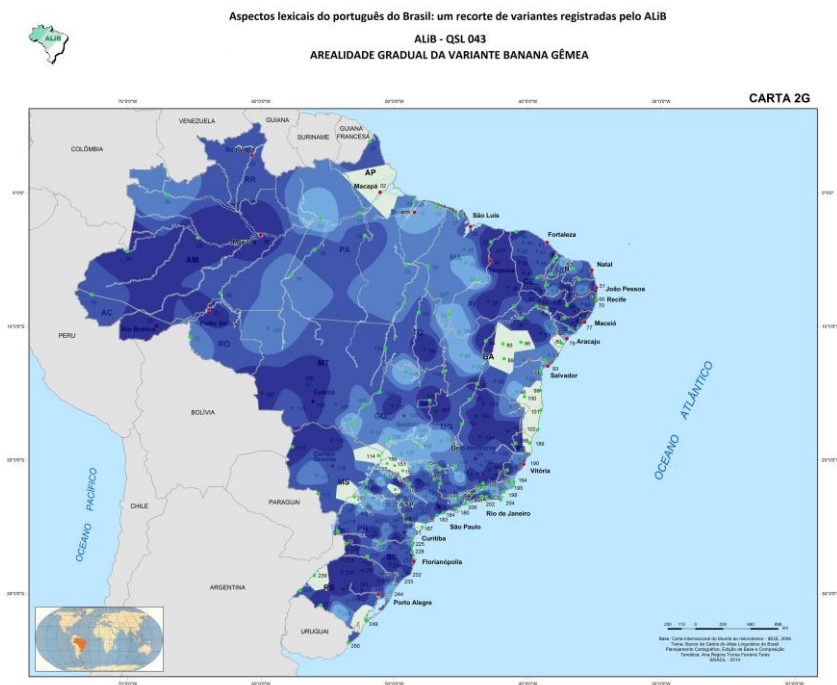
Legenda

- banana felipe / banana filipe / banana filipinho / banana filipa / felipe / felipes / felipinha / felipinho / felipo / felipão / filipa / filipe / filipim / filipinho

[SGVCLin] - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE Q – Carta 2G - ALiB QSL 043: Arealidade gradual da variante banana gêmea



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

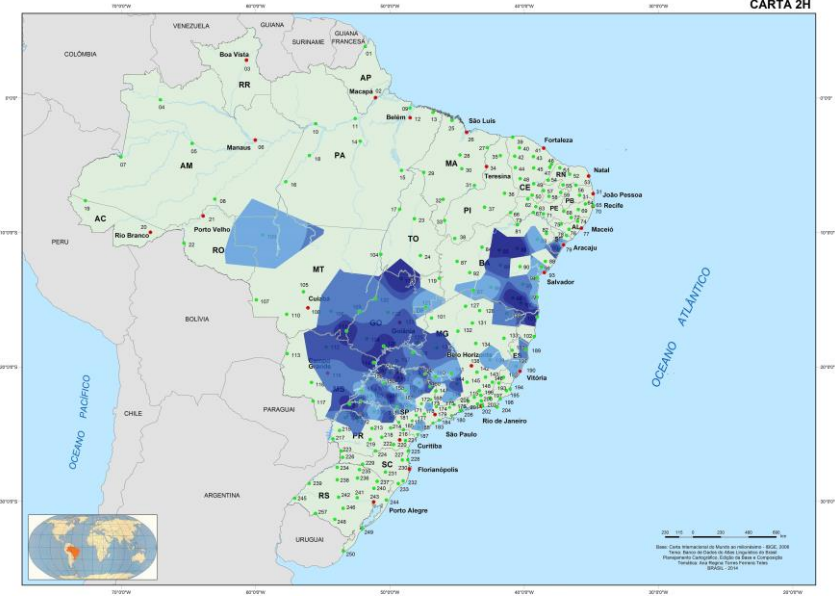
APÊNDICE R – Carta 2H - ALiB QSL 043: Arealidade gradual da variante banana felipe



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 043
AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE BANANA FELIPE

CARTA 2H



Legenda

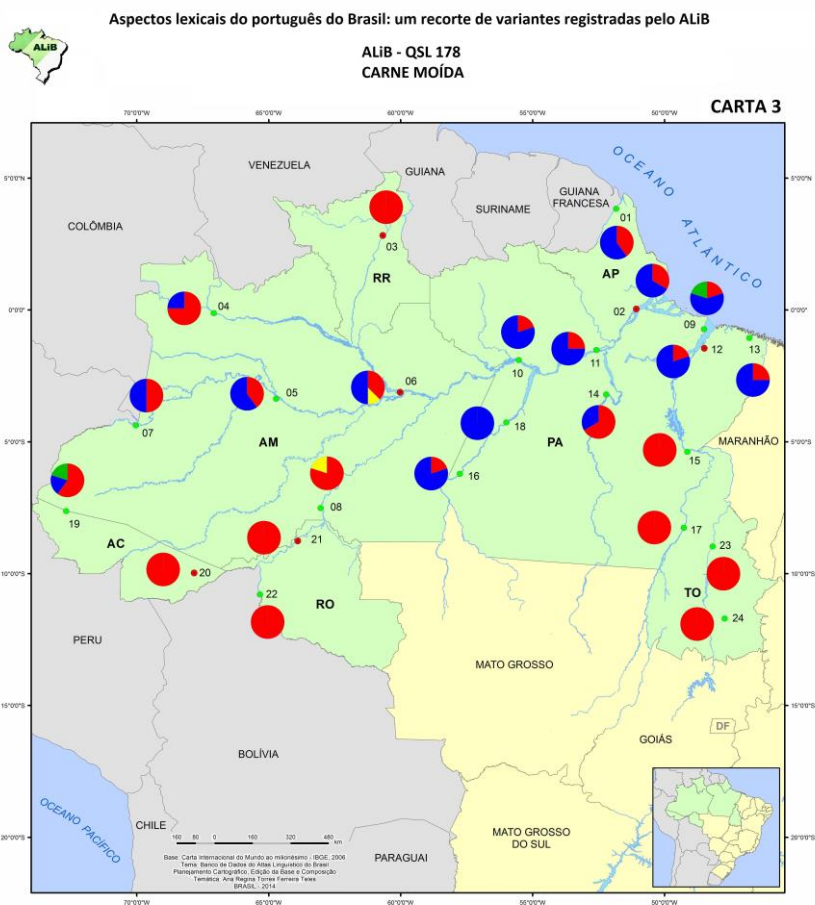
banana felipe / banana flipe /
banana filipinho / banana filipa /
felipe / felipes / felipinha /
felipinho / felipo / felipão / filipa /
filipe / filipim / filipinho

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin] - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

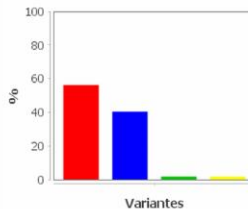
APÊNDICE S – Carta 3 - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte



Legenda

- carne moída / moída
- picadinho / picadim
- carne ralada / boi ralado
- RP

Geral

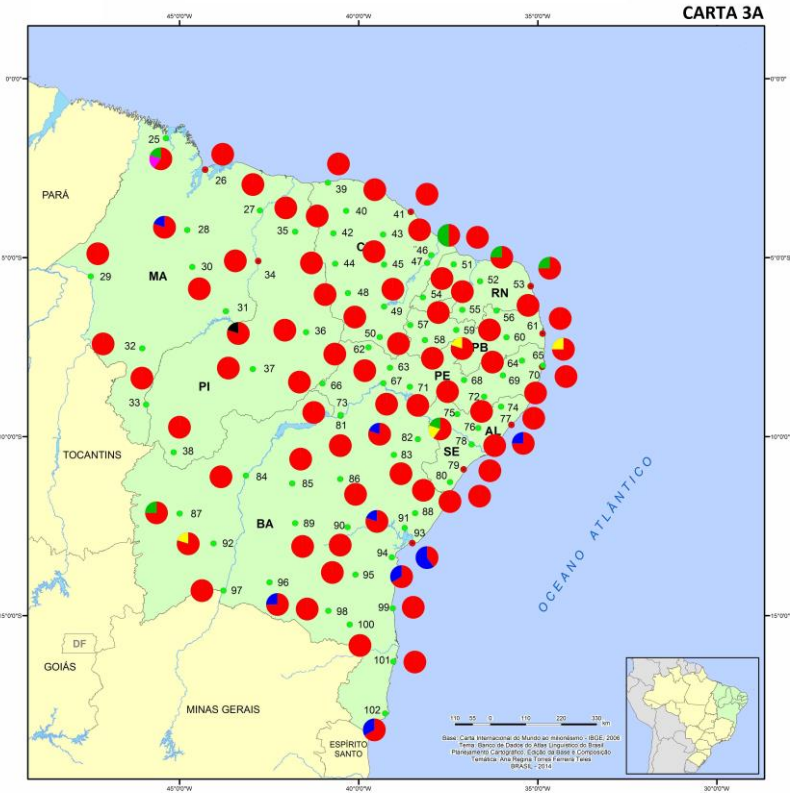


APÊNDICE T – Carta 3A - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

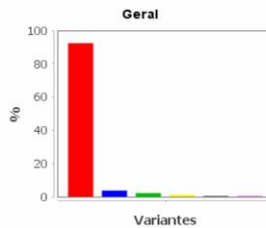


ALiB - QSL 178
CARNE MOÍDA



Legenda

- carne moída / moída
- carne passada / passada / carne passada na máquina / passada na máquina
- boi ralado
- picadinho
- outras
- RP



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin (2014)

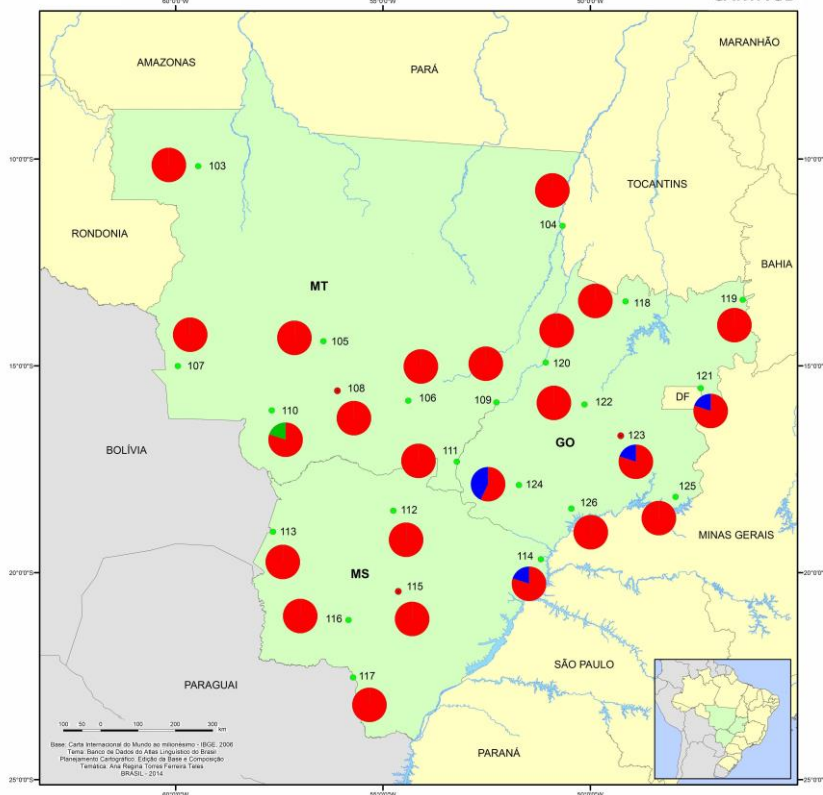
APÊNDICE U – Carta 3B - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



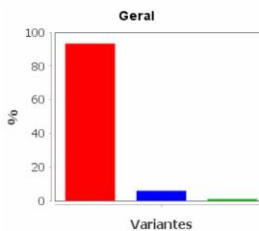
ALiB - QSL 178
CARNE MOÍDA

CARTA 3B



Legenda

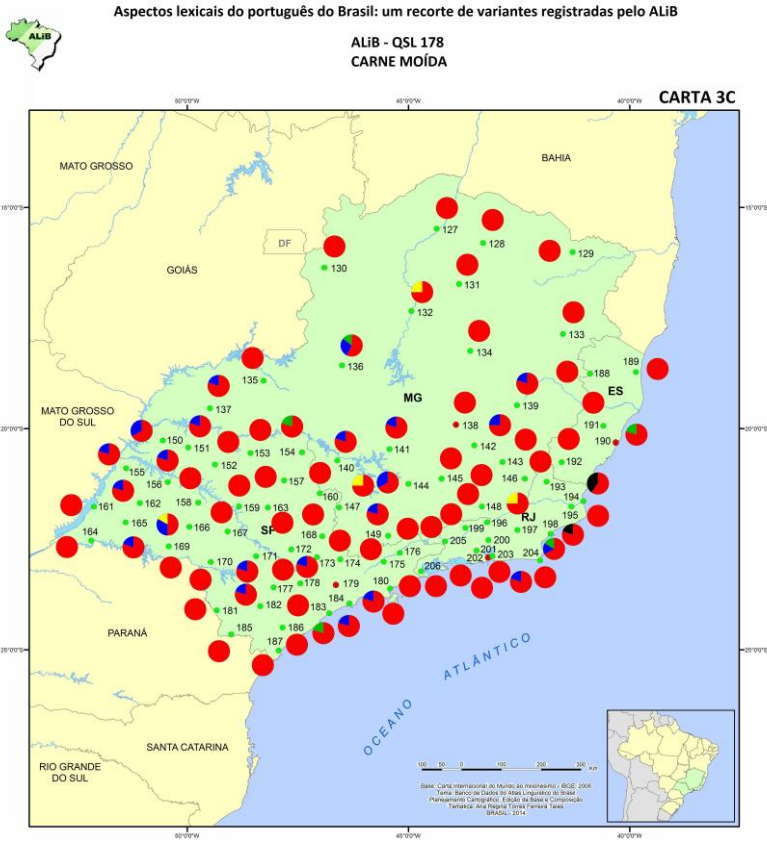
- carne moída / moída
- boi ralado / vaca ralada
- picadinho



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

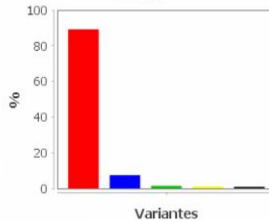
APÊNDICE V – Carta 3C - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste



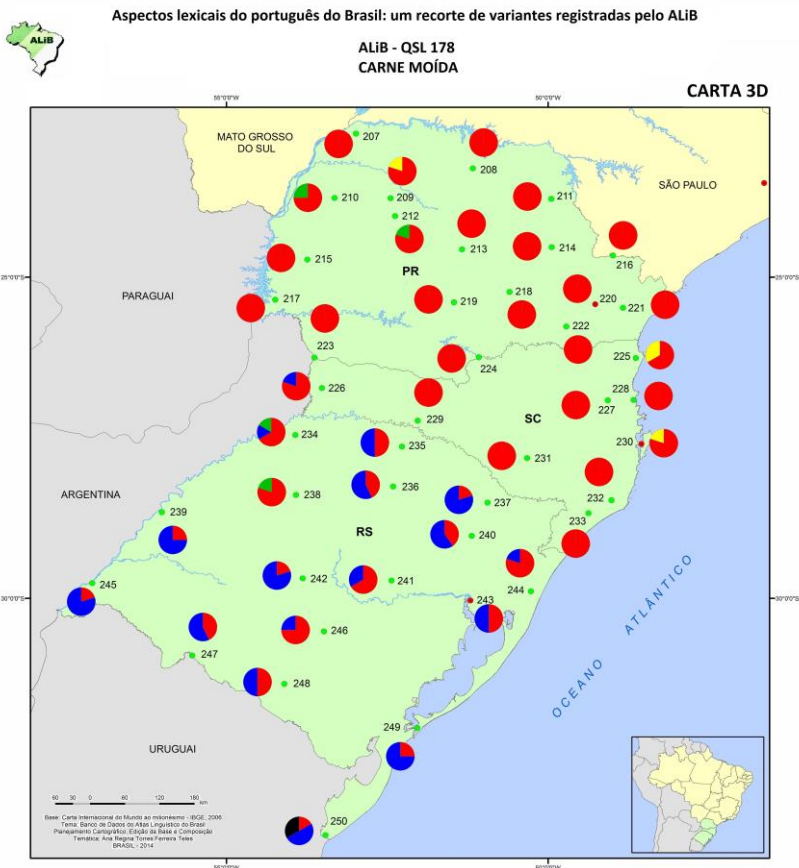
Legenda

- carne moída / moída
- carne ralada / ralada / boi ralado
- passada / passada na máquina
- outras
- RP

Geral



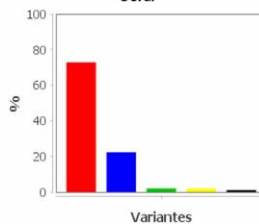
APÊNDICE W – Carta 3D - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul



Legenda

- carne moída / moida
- guisado
- boi ralado
- carne picada / picada
- outras

Geral



APÊNDICE X – Carta 3E - ALiB QSL 178: Arealidade da variante carne moída

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 178
AREALIDADE DA VARIANTE CARNE MOÍDA

CARTA 3E



Legenda

carne moída / moída

ISOVLIN® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE Y – Carta 3F - ALIB QSL 178: Arealidade da variante picadinho



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE Z – Carta 3G - ALiB QSL 178: Arealidade da variante guisado



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 178
AREALIDADE DA VARIANTE GUIASADO

CARTA 3G



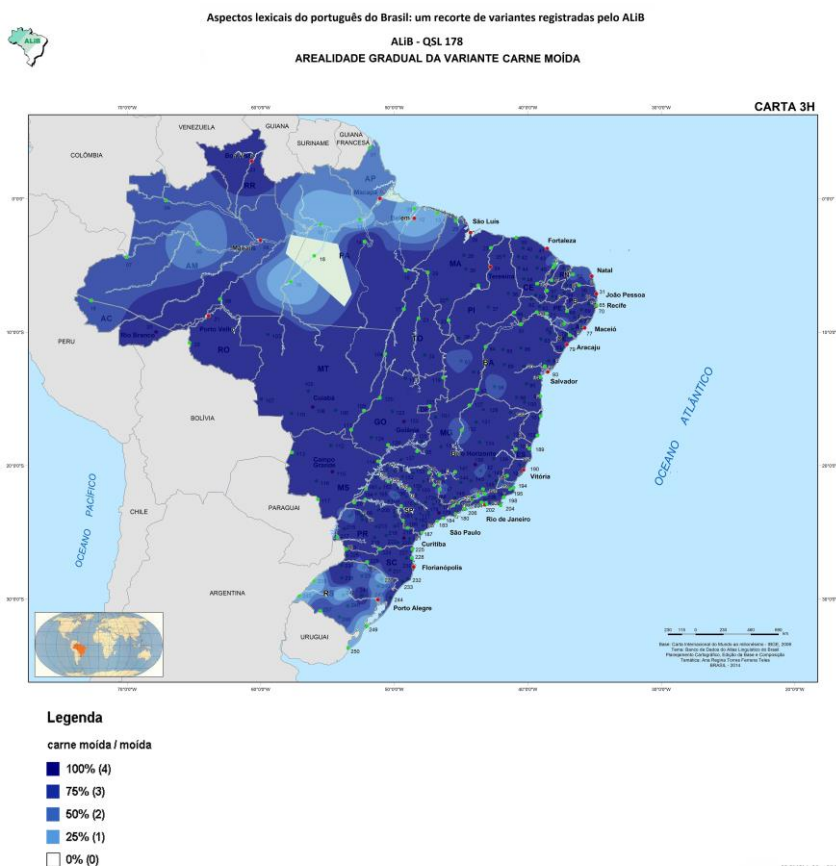
Legenda

 guisado

SGVCLin® - 2915
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin (2014)

APÊNDICE AA – Carta 3H - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante carne moída



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

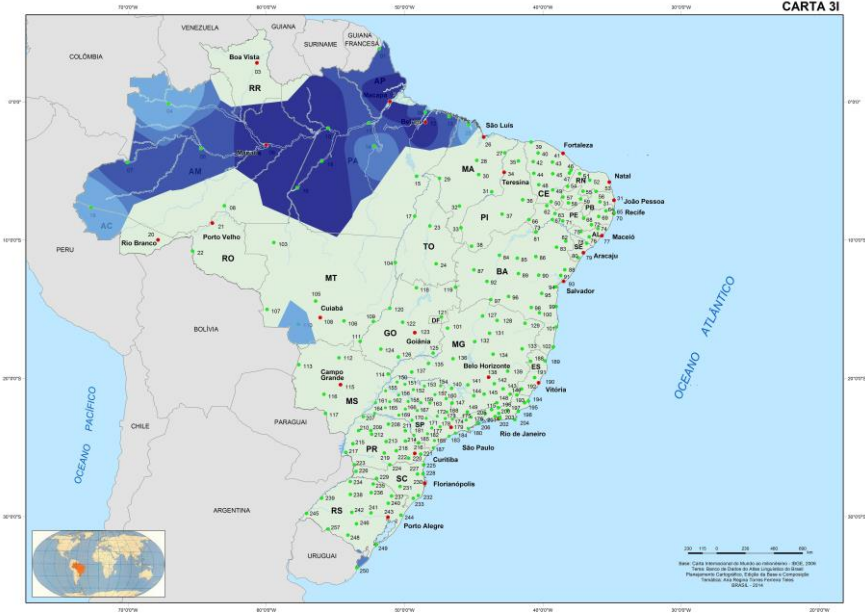
APÊNDICE AB – Carta 3I - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante picadinho

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 178
AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE PICADINHO



CARTA 3I



Legenda

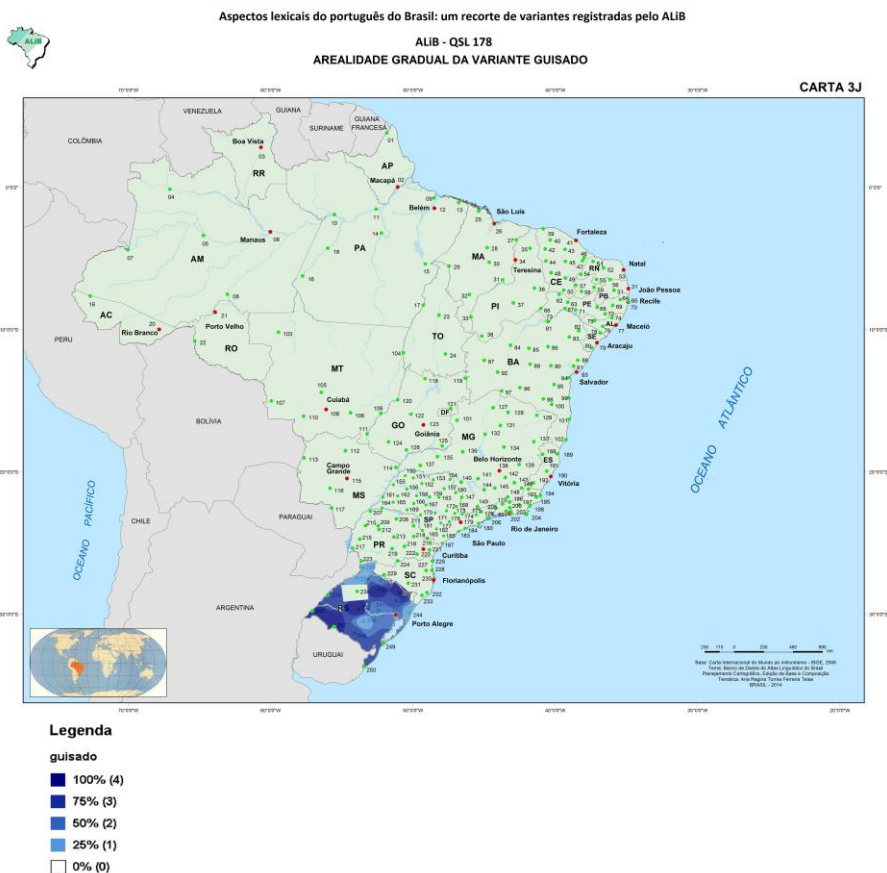
picadinho / picadim / carne
picada / picada

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin] 2015
© Amanda Chafard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AC – Carta 3J - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante guisado



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

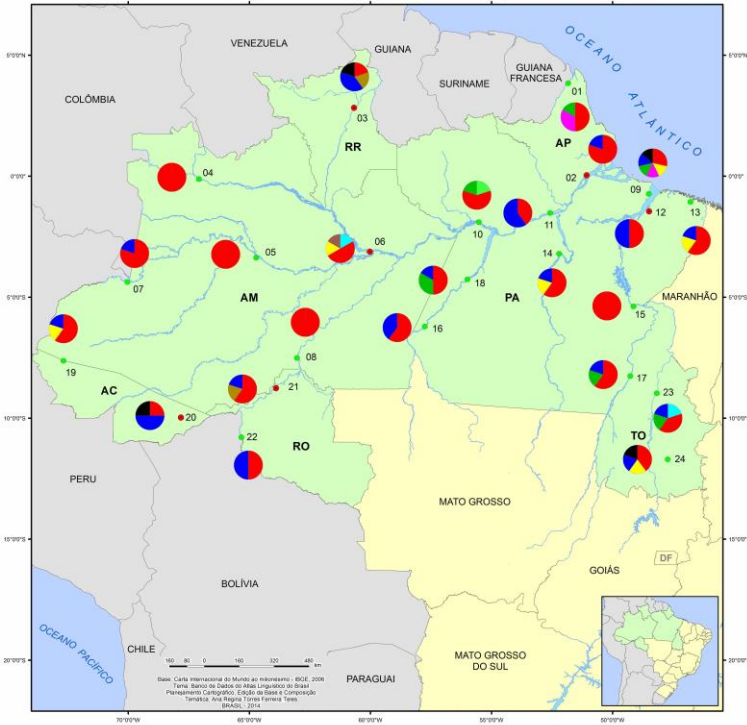
APÊNDICE AD – Carta 4 - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 184
GULOSO



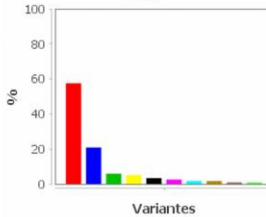
CARTA 4



Legenda

- guloso / gulosa / gula
- comilão / comilona
- esfomeado / esfomeada
- danado / danadão
- morto de fome / morta de fome
- comedor
- exagerado
- faminto
- outras
- RP

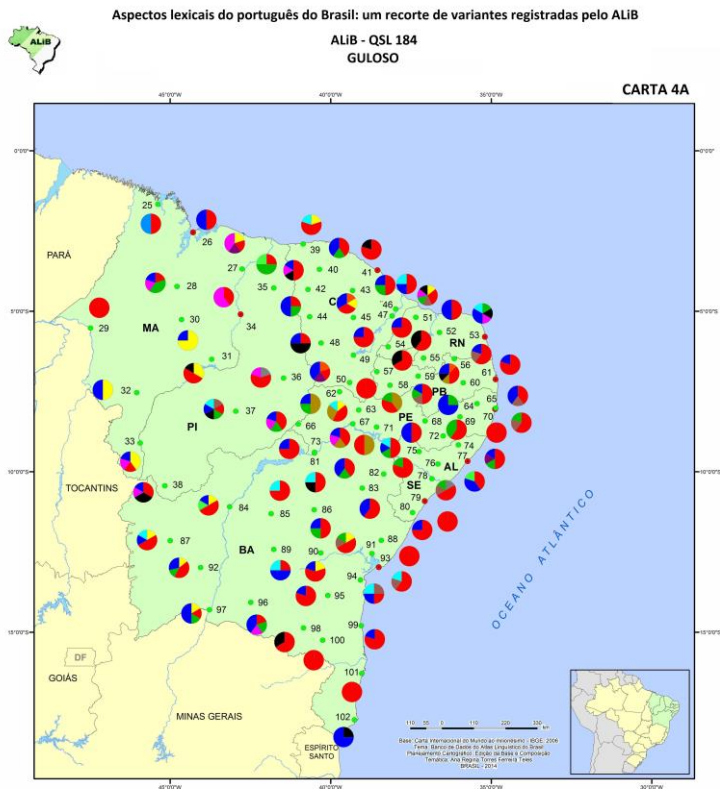
Geral



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofar (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

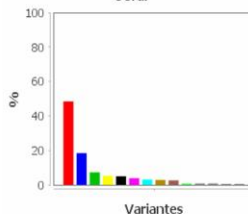
APÊNDICE AE – Carta 4A - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste



Legenda

- guloso / gulosos / gulosa / gula / tem o mal da gula
- comilão / comelião / comilões / comilona / comeludo
- morto de fome / morta de fome /
- esfomeado / esfomeada
- comedor / comedora / come muito / come demais
- acanaiado / acanaiaida / canaiada / acanalhado
- olhudo / olho grande / olho grosso
- exagerado / exagerada
- faminto / faminta
- glutão / glutona
- danado
- zóião / bicho do zóião
- outras
- RP

Geral



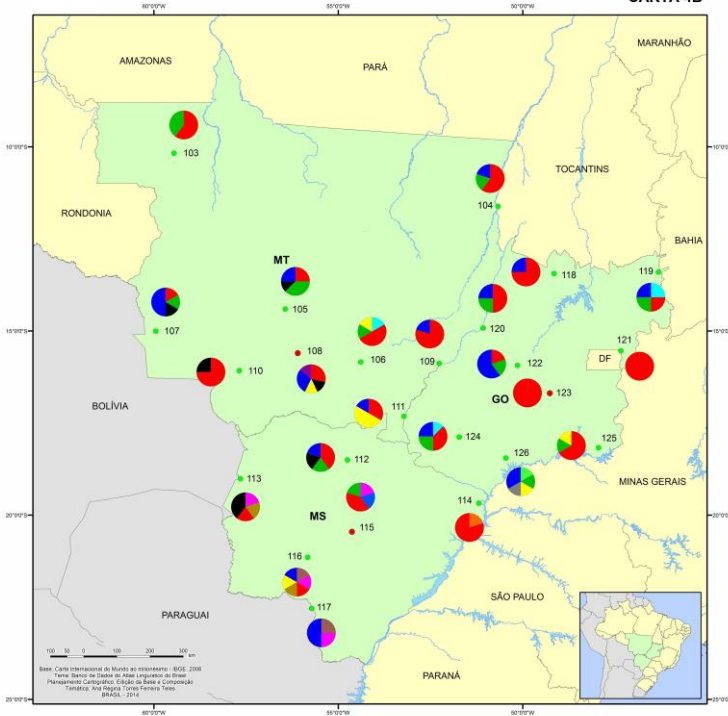
APÊNDICE AF – Carta 4B - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 184
GULOSO

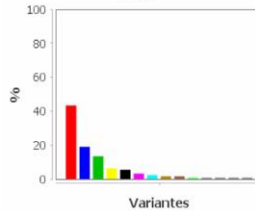
CARTA 4B



Legenda

- guloso / gulosa / comeu de gula
- comilão / comilona
- esfomeado / esfomeada
- danado / danada
- esganado / esganada /
- morto de fome / morta de fome /
- olho grande / tem o olho maior que a barriga
- faminto / fomitno
- acanaiado
- zói maior do que a barriga
- fominha
- exagerado
- comedor
- outras

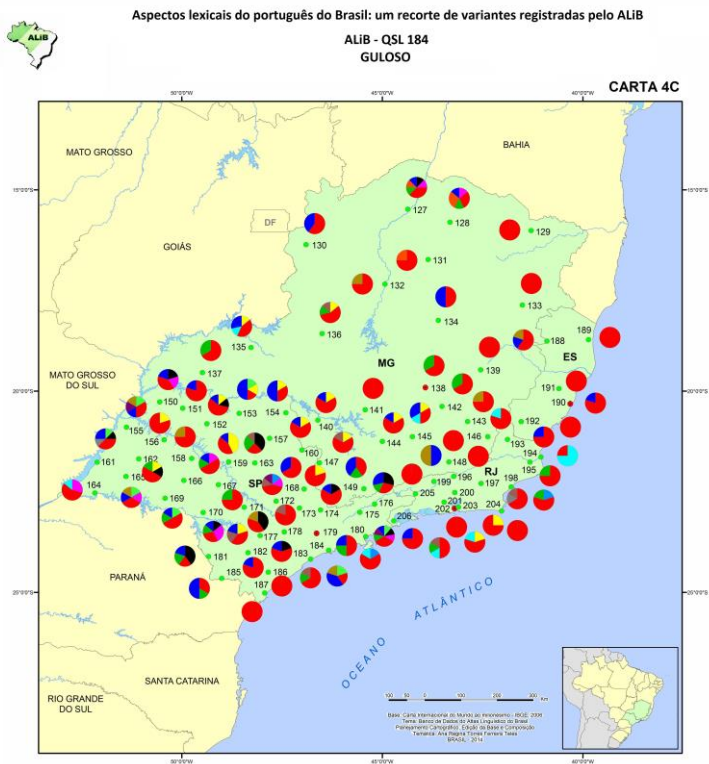
Geral



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AG – Carta 4C - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Sudeste



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

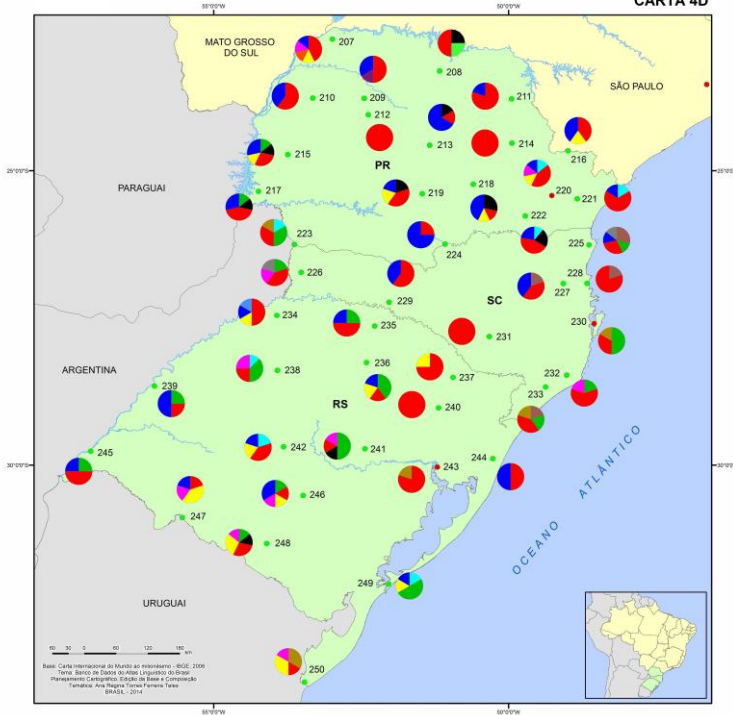
APÊNDICE AH – Carta 4D - ALiB QSL 184: Distribuição diatópica das variantes na Região Sul

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 184
GULOSO



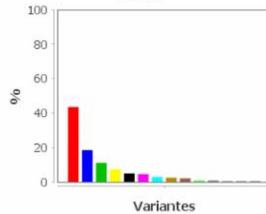
CARTA 4D



Legenda

- guloso / gulosa
- comilão / comelão / comilona
- esganado / esganada / esganosa
- morto de fome
- esfomeado / esfomeada
- faminto / faminta
- olho grande
- zolhudo / zolhuda / zolho grande / zoiúdo
- fominha
- glutão
- exagerado
- come demais
- outras
- RP

Geral



[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

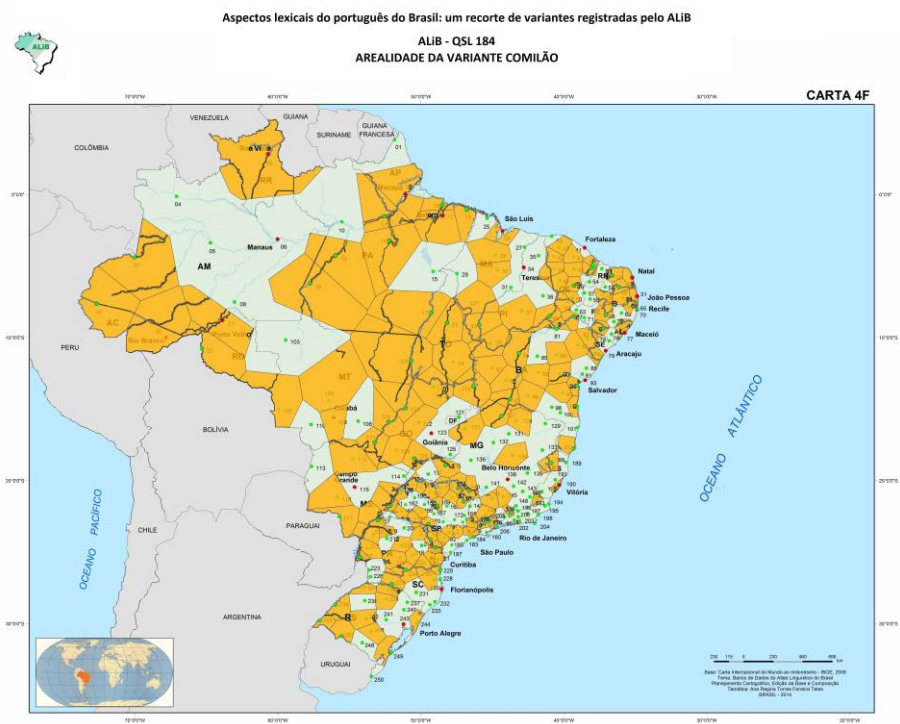
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AI – Carta 4E - ALiB QSL 184: Arealidade da variante guloso



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AJ – Carta 4F - ALiB QSL 184: Arealidade da variante comilão



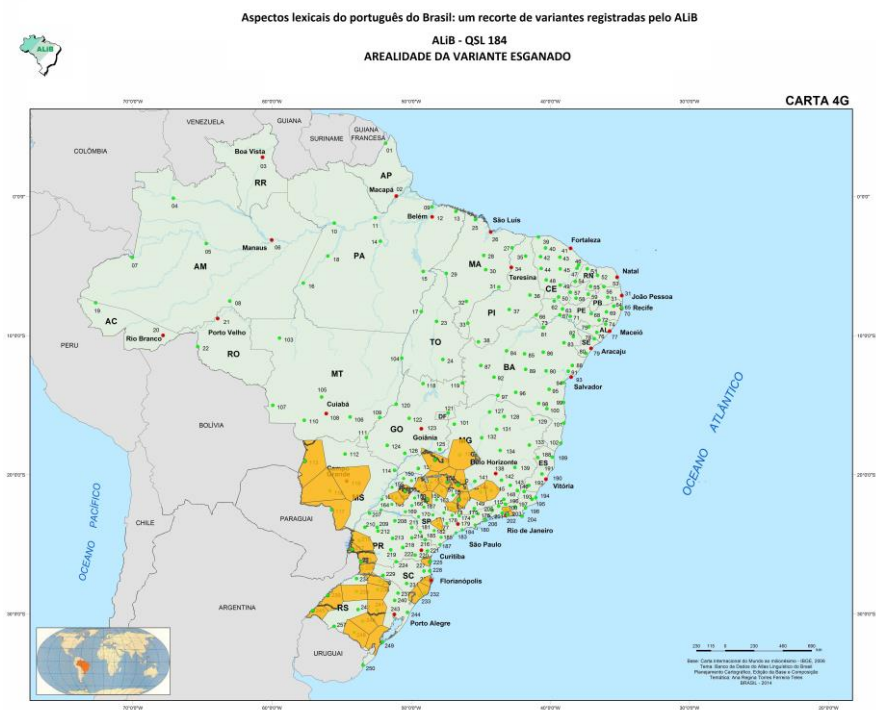
Legenda

- comilão / comelão / comilões / comilona / comeludo

[SOVCLin] - 2015
© Amanda Chorford (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AK – Carta 4G - ALiB QSL 184: Arealidade da variante esganado



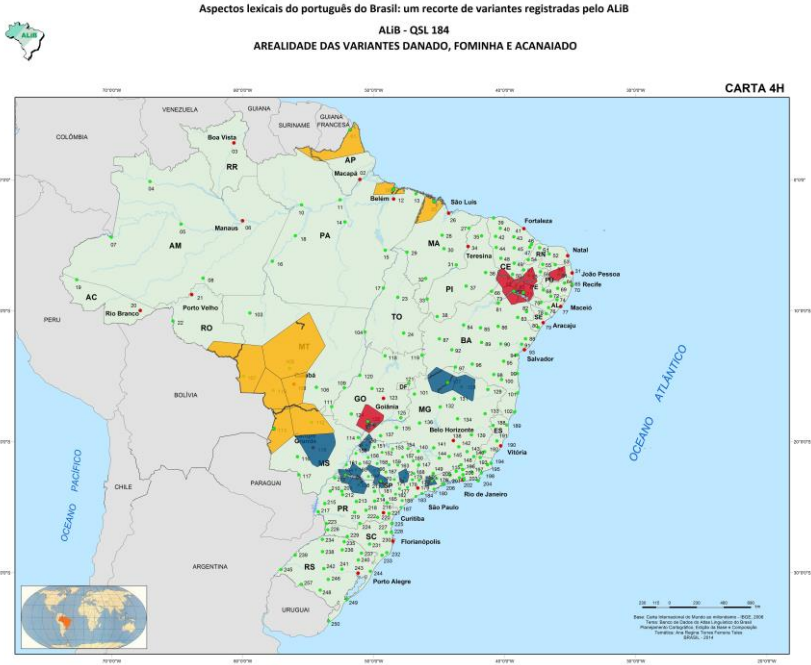
Legenda

- esganado / esganada / esganosa

[SGVCLin] - 2015
© Amanda Chofar (2018)

Fonte: Elaborada pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AL – Carta 4H - ALiB QSL 184: Arealidade das variantes danado, acanaiado e fominha



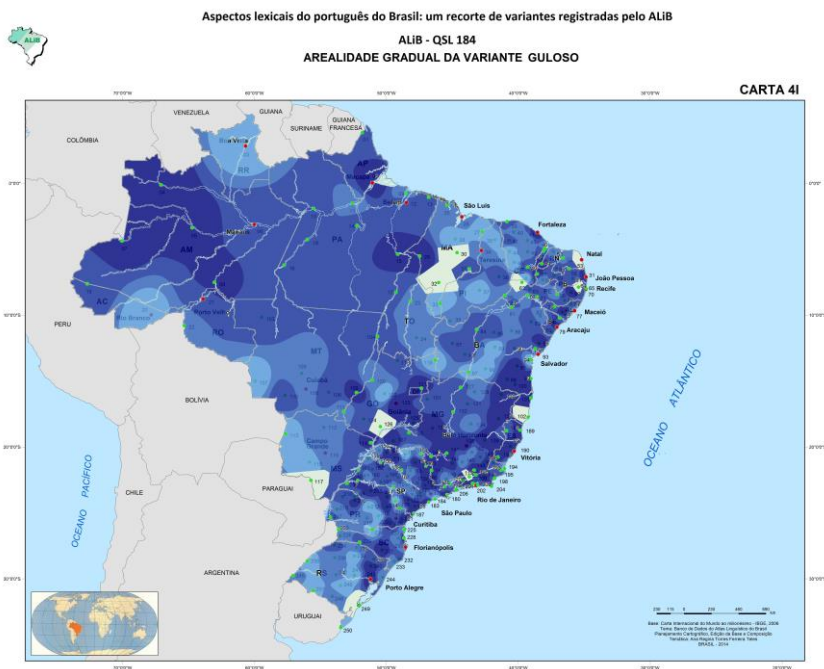
Legenda

- danado / danadão / danazeza
- fominha
- acanaiado / acanaia / canaia / acanalhado

ISGVLin3® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* ISGVLin (2014)

APÊNDICE AM – Carta 4I - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante guloso



Legenda

guloso / gulosos / gulosos / gula /
 / tem o mal da gula / comeu de
 gula

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin] - 2015
 © Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AN – Carta 4J - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante comilão

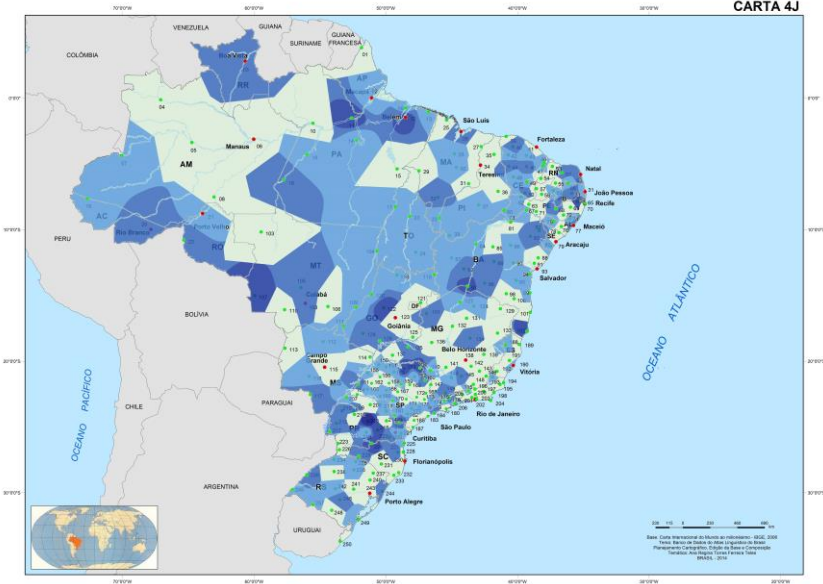
Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 184

AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE COMILÃO



CARTA 4J



Legenda

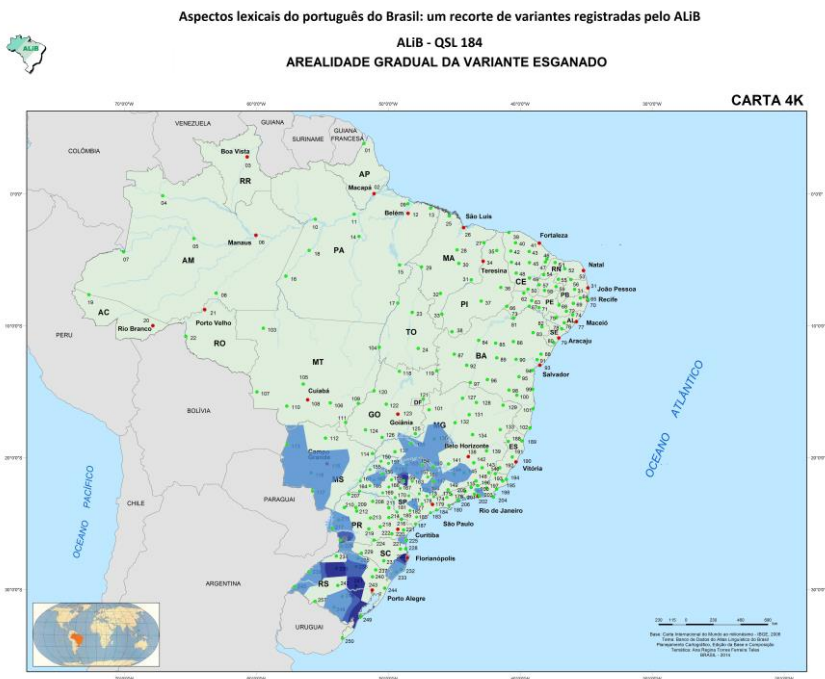
comilão / comelão / comilões / comilona / comeludo

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin]© - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AO – Carta 4K - ALiB QSL 184: Arealidade gradual da variante esganado



Legenda

esganado / esganada / esganosa

- 100% (3)
- 66% (2)
- 33% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin]® - 2015
 © Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

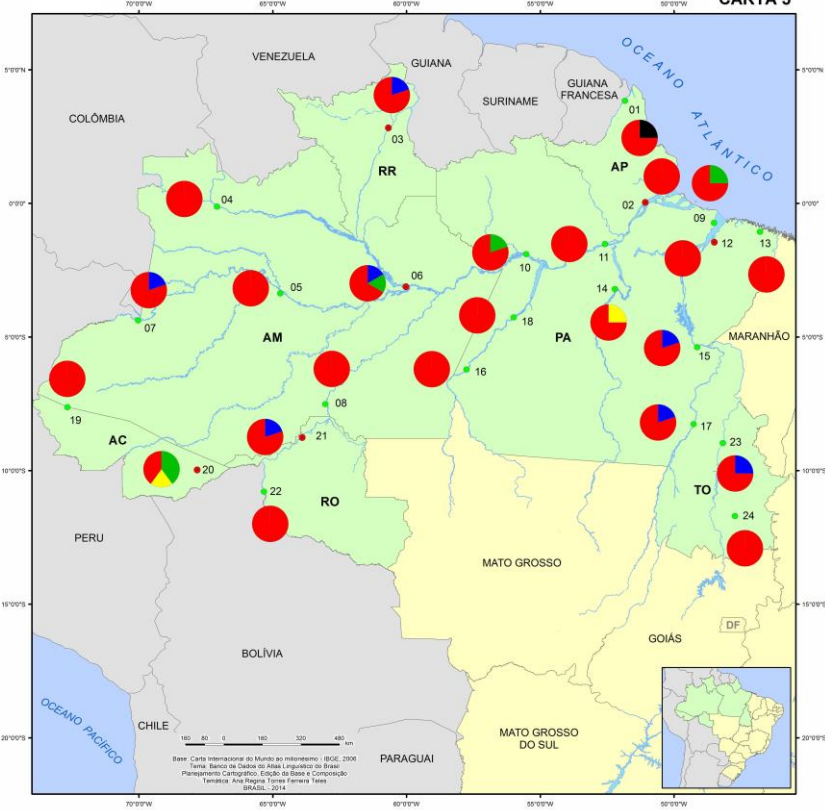
APÊNDICE AP – Carta 5 - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Norte

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 131
FILHO MAIS MOÇO

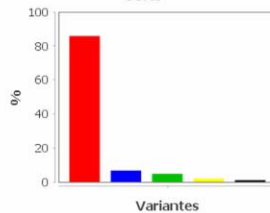
CARTA 5



Legenda

- caçula / caçulo
- mais novo
- último filho
- derradeiro
- outras

Geral

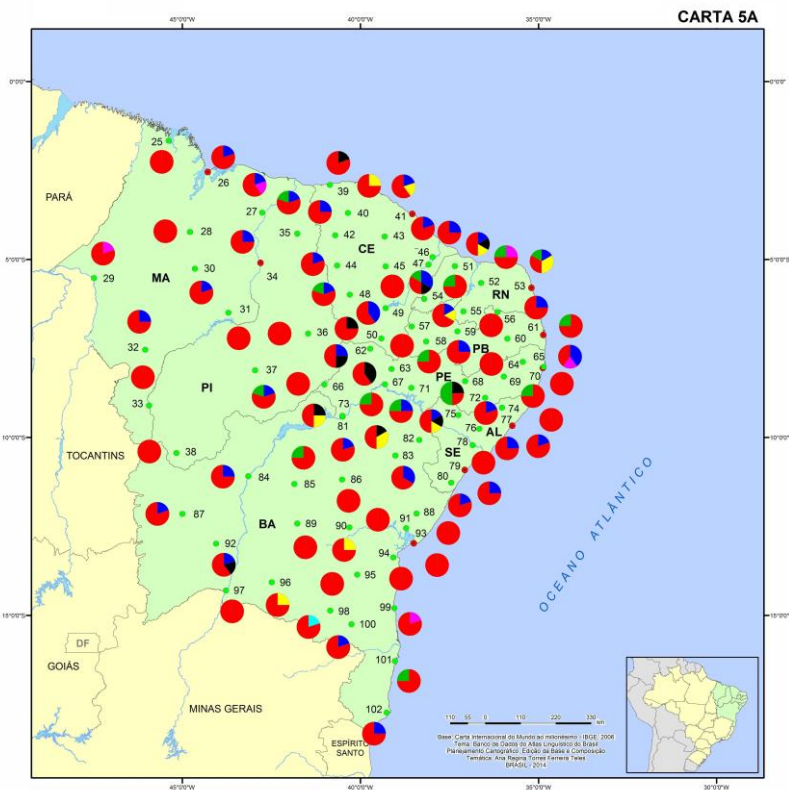


Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)
 APÊNDICE AQ – Carta 5A - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica
 das variantes na Região Nordeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



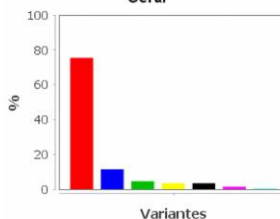
ALiB - QSL 131
 FILHO MAIS MOÇO



Legenda

- caçula / caçulo / caçulinha / caçulinho
- mais novo
- derradeiro
- último filho / filho último / último
- raspinha de tacho
- outras
- RP

Geral



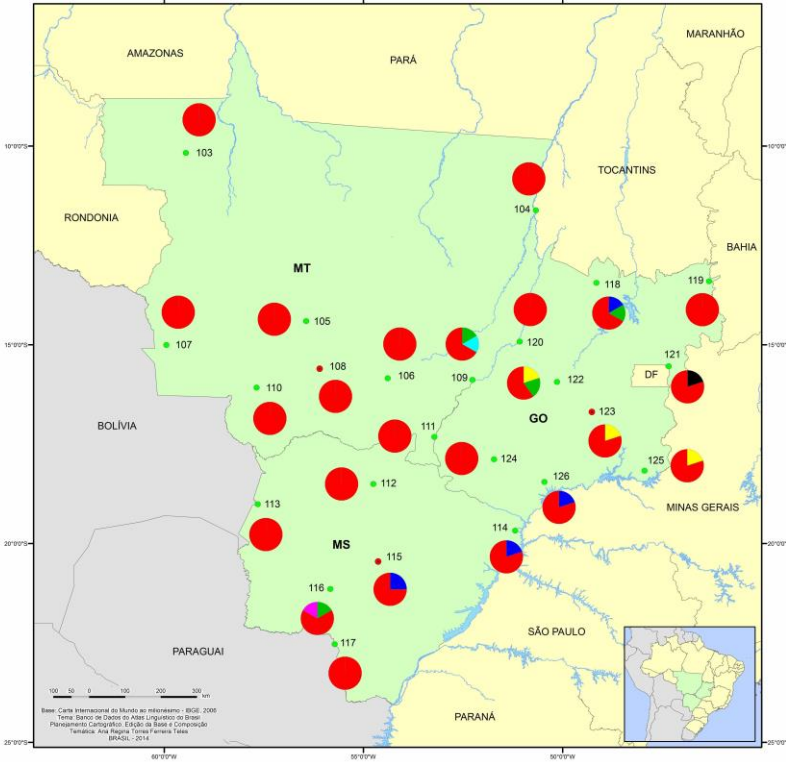
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)
APÊNDICE AR – Carta 5B - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das variantes na Região Centro-Oeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



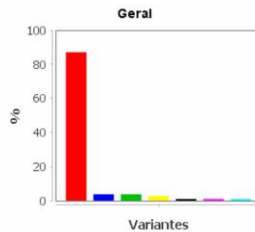
ALiB - QSL 131
FILHO MAIS MOÇO

CARTA 5B



Legenda

- caçula / caçulo / caçulinha / filho caçulo
- mais novo
- último filho / filho último / último
- rapa do tacho
- derradeiro
- temporão
- outras



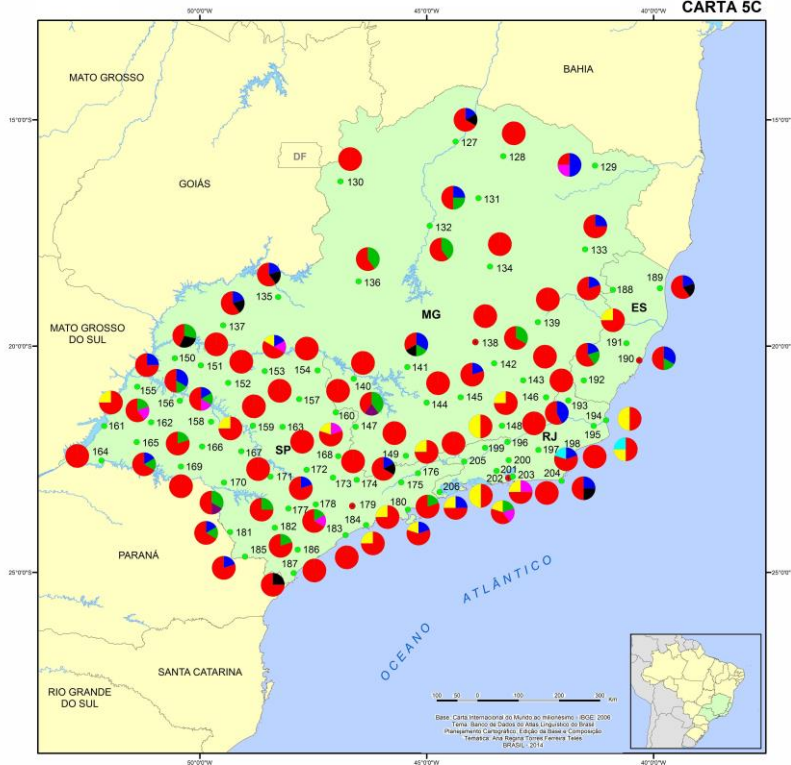
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)
 APÊNDICE AS – Carta 5C - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das
 variantes na Região Sudeste

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 131
 FILHO MAIS MOÇO

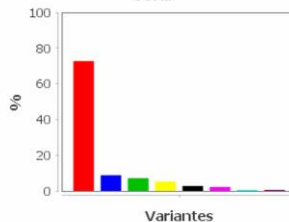
CARTA 5C



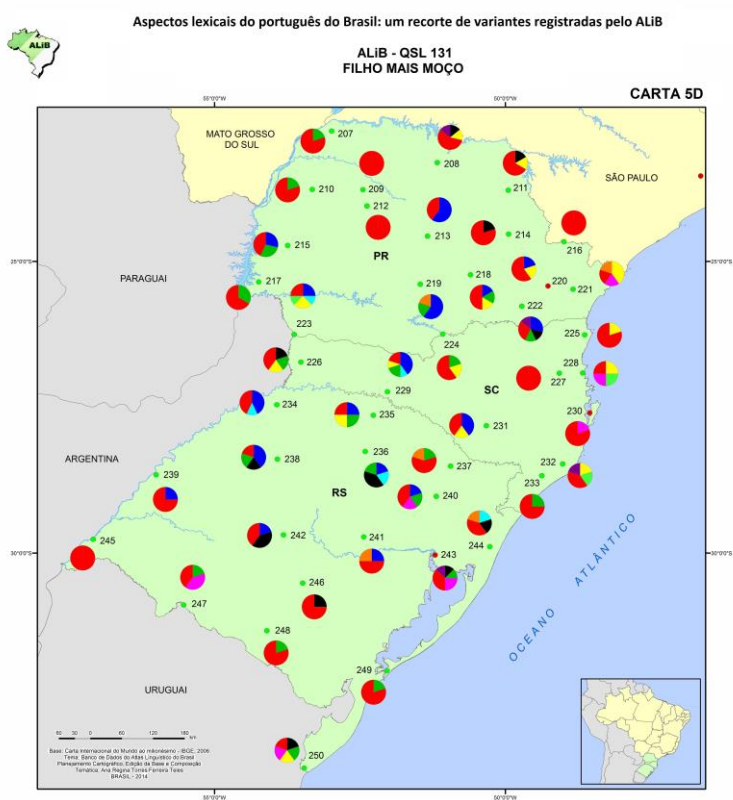
Legenda

- caçula / caçulo
- mais novo / mais nova
- raspa de tacho / rapa de tacho / rapa do tacho / rapinha de tacho / rapinha do tacho
- último filho / filho último / último
- temporão
- derradeiro
- outras
- RP

Geral



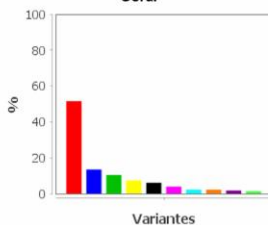
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)
 APÊNDICE AT – Carta 5D - ALiB QSL 178: Distribuição diatópica das
 variantes na Região Sul



Legenda

- caçula
- nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa
- mais novo
- último filho / filho último / último / última filha / último da casa
- raspa de tacho / raspa do tacho / rapa do tacho
- bebê / bebê da família / filho bebê
- temporão
- derradeiro
- outras
- RP

Geral



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)
 APÊNDICE AU – Carta 5E - ALiB QSL 178: Arealidade da variante
 caçula



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AV – Carta 5F - ALiB QSL 178: Arealidade da variante mais novo



Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 131
AREALIDADE DA VARIANTE MAIS NOVO

CARTA 5F



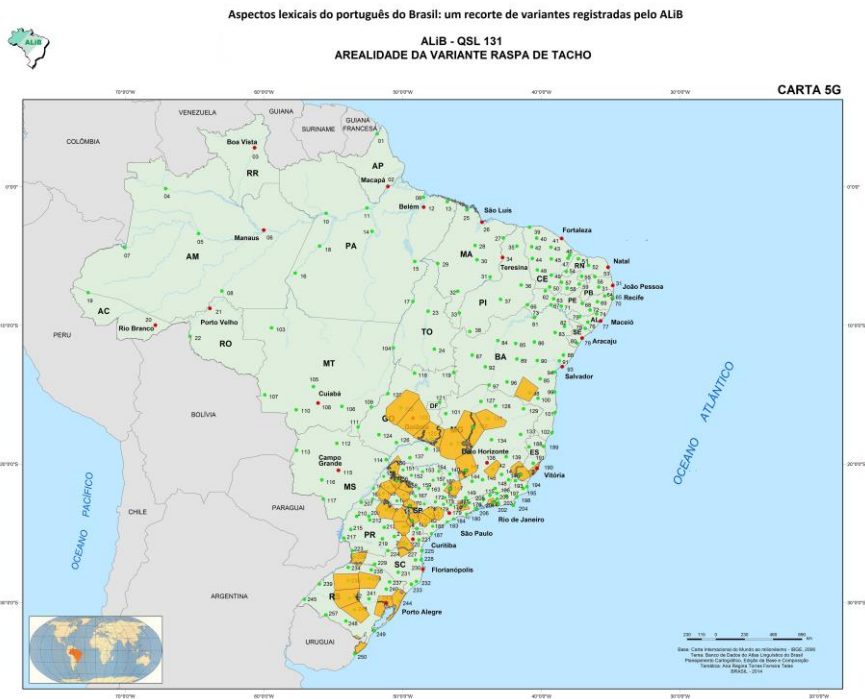
Legenda

mais novo / mais nova

[SGVCLin]© - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AW – Carta 5G - ALiB QSL 178: Arealidade da variante raspa de tacho



Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

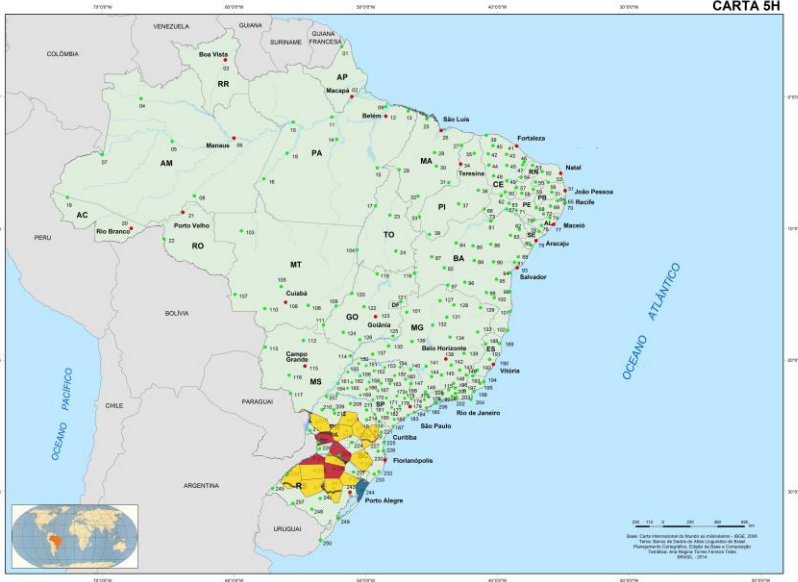
APÊNDICE AX – Carta 5H - ALiB QSL 178: Arealidade da variante bebê e nenê

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 131
AREALIDADE DAS VARIANTES BEBÊ E NENÊ

CARTA 5H



Legenda

- bebê / bebê da família / filho
bebê, nenê / nenê da casa /
nenê da família / nenê /
nenê da casa
- nenê / nenê da casa / nenê da
família / nenê / nenê da casa
- bebê / bebê da família / filho
bebê

[SGVCLin] v. 2015
© Amanda Choufard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE AY – Carta 5I - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante caçula



Legenda

caçula / caçulo / caçulinha /
caçulinho / filho caçulo

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

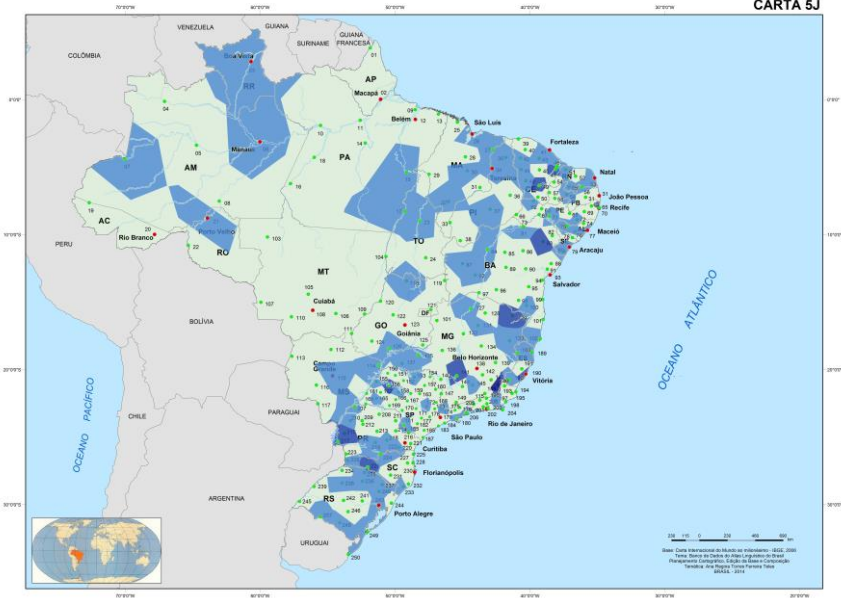
APÊNDICE AZ – Carta 5J - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante mais novo

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB

ALiB - QSL 131
AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE MAIS NOVO



CARTA 5J



Legenda

mais novo / mais nova

- 100% (3)
- 66% (2)
- 33% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin]© - 2915
© Amanda Chofard (2018)

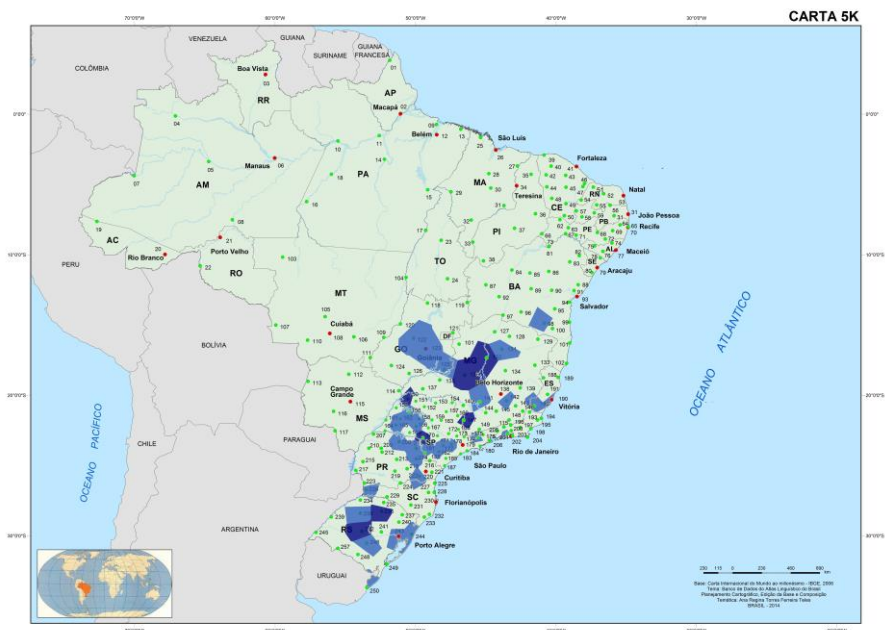
Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

APÊNDICE BA – Carta 5K - ALiB QSL 178: Arealidade gradual da variante raspa de tacho

Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB



ALiB - QSL 131
AREALIDADE GRADUAL DA VARIANTE RASPA DE TACHO



Legenda

raspa de tacho / raspa do tacho / raspinha de tacho / rapa de tacho
rapa do tacho / raspa tacho / raspinha de tacho / rapinha de tacho

- 100% (2)
- 50% (1)
- 0% (0)

[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do *software* SGVCLin (2014)

ANEXOS

ANEXO A – Rede de pontos do ALiB

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil
Rede de pontos**Legenda:**

Em itálico: capitais

| REGIÃO NORTE |
|-----------------------------|
| Amapá |
| 1. Oiapoque |
| 2. <i>Macapá</i> |
| Roraima |
| 3. <i>Boa Vista</i> |
| Amazonas |
| 4. São Gabriel da Cachoeira |
| 5. Tefé |
| 6. <i>Manaus</i> |
| 7. Benjamin Constant |
| 8. Humaitá |
| Pará |
| 9. Soure |
| 10. Óbidos |
| 11. Almeirim |
| 12. <i>Belém</i> |
| 13. Bragança |
| 14. Altamira |
| 15. Marabá |
| 16. Jacareacanga |
| 17. Conceição do Araguaia |
| 18. Itaituba |
| Acre |
| 19. Cruzeiro do Sul |
| 20. <i>Rio Branco</i> |
| Rondônia |
| 21. <i>Porto Velho</i> |
| 22. Guajará Mirim |
| Tocantins |
| 23. Pedro Afonso |
| 24. Natividade |
| Região Nordeste |
| Maranhão |
| 25. Turiçu |
| 26. <i>São Luís</i> |
| 27. Brejo |
| 28. Bacabal |
| 29. Imperatriz |
| 30. Tuntum |
| 31. São João dos Patos |
| 32. Balsas |
| 33. Alto Parnaíba |

| |
|----------------------------|
| Piauí |
| 34. <i>Teresina</i> |
| 35. Piripiri |
| 36. Picos |
| 37. Canto do Buriti |
| 38. Corrente |
| Ceará |
| 39. Camocim |
| 40. Sobral |
| 41. <i>Fortaleza</i> |
| 42. Ipu |
| 43. Canindé |
| 44. Crateús |
| 45. Quixeramobim |
| 46. Russas |
| 47. Limoeiro do Norte |
| 48. Tauá |
| 49. Iguatu |
| 50. Crato |
| Rio Grande do Norte |
| 51. Mossoró |
| 52. Angicos |
| 53. <i>Natal</i> |
| 54. Pau dos Ferros |
| 55. Caicó |
| Paraíba |
| 56. Cuité |
| 57. Cajazeiras |
| 58. Itaporanga |
| 59. Patos |
| 60. Campina Grande |
| 61. <i>João Pessoa</i> |
| Pernambuco |
| 62. Exu |
| 63. Salgueiro |
| 64. Limoeiro |
| 65. Olinda |
| 66. Afrânio |
| 67. Cabrobó |
| 68. Arcoverde |
| 69. Caruaru |
| 70. <i>Recife</i> |
| 71. Floresta |

| |
|---------------------------------------|
| 72. Garanhuns |
| 73. Petrolina |
| Alagoas |
| 74. União dos Palmares |
| 75. Santana do Ipanema |
| 76. Arapiraca |
| 77. <i>Maceió</i> |
| Sergipe |
| 78. Propriá |
| 79. <i>Aracaju</i> |
| 80. Estância |
| Bahia |
| 81. Juazeiro |
| 82. Jeremoabo |
| 83. Euclides da Cunha |
| 84. Barra |
| 85. Irecê |
| 86. Jacobina |
| 87. Barreiras |
| 88. Alagoinhas |
| 89. Seabra |
| 90. Itaberaba |
| 91. Santo Amaro |
| 92. Santana |
| 93. <i>Salvador</i> |
| 94. Valença |
| 95. Jequié |
| 96. Caetité |
| 97. Carinhanha |
| 98. Vitória da Conquista |
| 99. Ilhéus |
| 100. Itapetinga |
| 101. Santa Cruz Cabralia |
| 102. Caravelas |
| Região Centro-Oeste |
| Mato Grosso |
| 103. Aripuanã |
| 104. São Félix do Araguaia |
| 105. Diamantino |
| 106. Poxoréu |
| 107. Vila Bela da Santíssima Trindade |
| 108. <i>Cuiabá</i> |
| 109. Barra do Garças |
| 110. Cáceres |
| 111. Alto Araguaia |
| Mato Grosso do Sul |
| 112. Coxim |
| 113. Corumbá |
| 114. Paranaíba |
| 115. <i>Campo Grande</i> |
| 116. Nioaque |

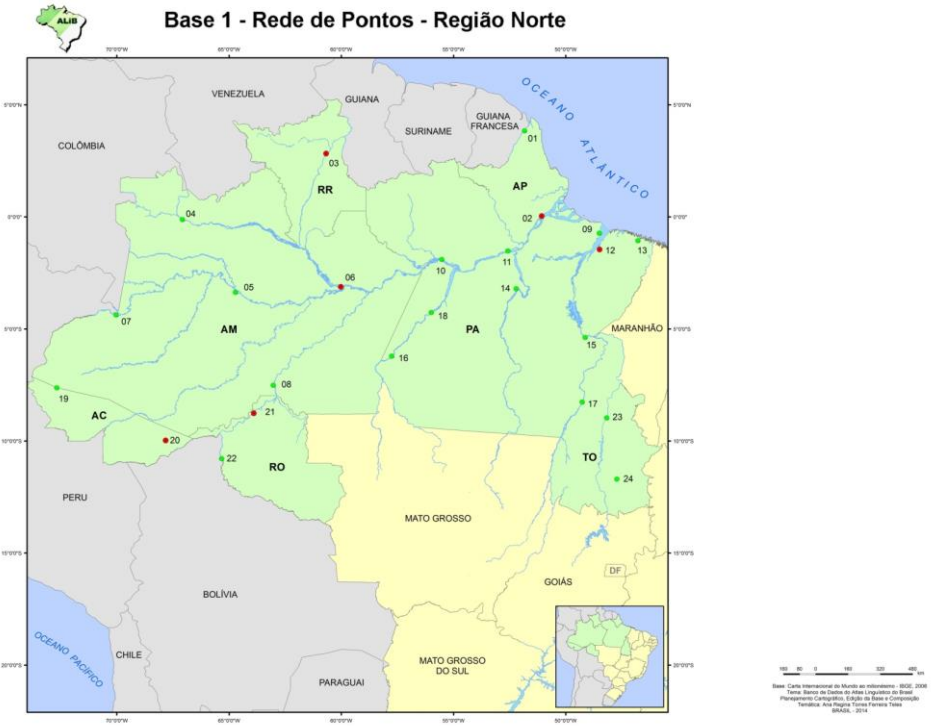
| |
|----------------------------|
| 117. Ponta Porã |
| Goiás |
| 118. Porangatu |
| 119. São Domingos |
| 120. Aruanã |
| 121. Formosa |
| 122. Goiás |
| 123. <i>Goiânia</i> |
| 124. Jataí |
| 125. Catalão |
| 126. Quirinópolis |
| Região Sudeste |
| Minas Gerais |
| 127. Januária |
| 128. Janaúba |
| 129. Pedra Azul |
| 130. Unaí |
| 131. Montes Claros |
| 132. Pirapora |
| 133. Teófilo Otoni |
| 134. Diamantina |
| 135. Uberlândia |
| 136. Patos de Minas |
| 137. Campina Verde |
| 138. <i>Belo Horizonte</i> |
| 139. Ipatinga |
| 140. Passos |
| 141. Formiga |
| 142. Ouro Preto |
| 143. Viçosa |
| 144. Lavras |
| 145. São João del Rei |
| 146. Muriaé |
| 147. Poços de Caldas |
| 148. Juiz de Fora |
| 149. Itajubá |
| São Paulo |
| 150. Jales |
| 151. Votuporanga |
| 152. São José do Rio Preto |
| 153. Barretos |
| 154. Franca |
| 155. Andradina |
| 156. Araçatuba |
| 157. Ribeirão Preto |
| 158. Lins |
| 159. Ibitinga |
| 160. Mococa |
| 161. Presidente Epitácio |
| 162. Adamantina |
| 163. Araraquara |

| |
|-----------------------------|
| 164. Teodoro Sampaio |
| 165. Presidente Prudente |
| 166. Marília |
| 167. Bauru |
| 168. Moji Mirim |
| 169. Assis |
| 170. Bernardino de Campos |
| 171. Botucatu |
| 172. Piracicaba |
| 173. Campinas |
| 174. Bragança Paulista |
| 175. Taubaté |
| 176. Guaratinguetá |
| 177. Itapetininga |
| 178. Sorocaba |
| 179. São Paulo |
| 180. Caraguatatuba |
| 181. Itararé |
| 182. Capão Bonito |
| 183. Itanhaém |
| 184. Santos |
| 185. Ribeira |
| 186. Registro |
| 187. Cananéia |
| Espírito Santo |
| 188. Barra de São Francisco |
| 189. São Mateus |
| 190. Vitória |
| 191. Santa Teresa |
| 192. Alegre |
| Rio de Janeiro |
| 193. Itaperuna |
| 194. São João da Barra |
| 195. Campos dos Goytacazes |
| 196. Três Rios |
| 197. Nova Friburgo |
| 198. Macaé |
| 199. Valença |
| 200. Petrópolis |
| 201. Nova Iguaçu |
| 202. Rio de Janeiro |
| 203. Niterói |
| 204. Arraial do Cabo |
| 205. Barra Mansa |
| 206. Parati |

| |
|----------------------------|
| 207. Nova Londrina |
| 208. Londrina |
| 209. Terra Boa |
| 210. Umuarama |
| 211. Tomazina |
| 212. Campo Mourão |
| 213. Cândido de Abreu |
| 214. Piraí do Sul |
| 215. Toledo |
| 216. Adrianópolis |
| 217. São Miguel do Iguaçu |
| 218. Imbituva |
| 219. Guarapuava |
| 220. Curitiba |
| 221. Morretes |
| 222. Lapa |
| 223. Barracão |
| Santa Catarina |
| 224. Porto União |
| 225. São Francisco do Sul |
| 226. São Miguel do Oeste |
| 227. Blumenau |
| 228. Itajaí |
| 229. Concórdia |
| 230. Florianópolis |
| 231. Lages |
| 232. Tubarão |
| 233. Criciúma |
| Rio Grande do Sul |
| 234. Três Passos |
| 235. Erechim |
| 236. Passo Fundo |
| 237. Vacaria |
| 238. Ijuí |
| 239. São Borja |
| 240. Flores da Cunha |
| 241. Santa Cruz do Sul |
| 242. Santa Maria |
| 243. Porto Alegre |
| 244. Osório |
| 245. Uruguaiana |
| 246. Caçapava do Sul |
| 247. Santana do Livramento |
| 248. Bagé |
| 249. São José do Norte |
| 250. Chuí |

| |
|-------------------|
| Região Sul |
| Paraná |

ANEXO B – Base cartográfica da Região Norte

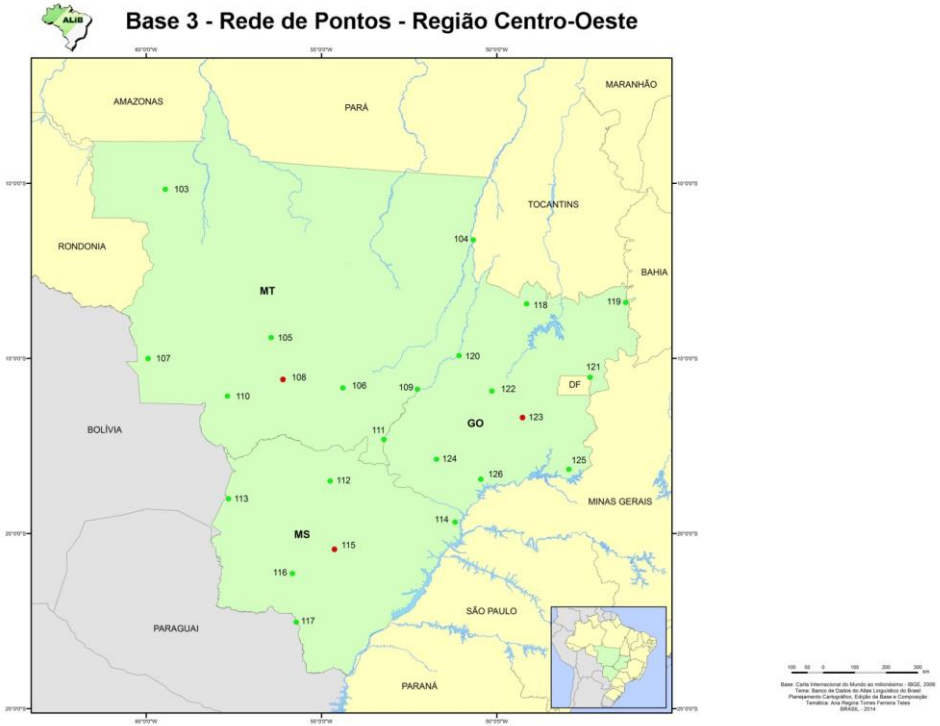


Fonte: Equipe de cartografia linguística do Projeto ALiB

ANEXO C – Base cartográfica da Região Nordeste



ANEXO D – Base cartográfica da Região Centro-Oeste



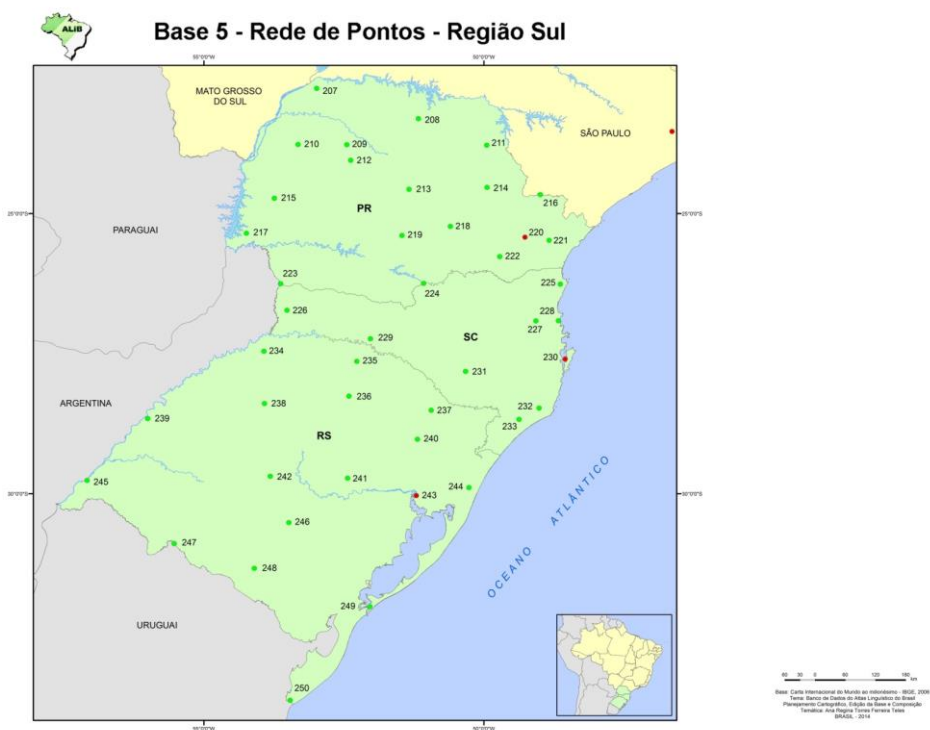
Fonte: Equipe de cartografia linguística do Projeto ALiB

ANEXO E – Base cartográfica da Região Sudeste



Fonte: Equipe de cartografia linguística do Projeto ALiB

ANEXO F – Base cartográfica da Região Sul



Fonte: Equipe de cartografia linguística do Projeto ALiB

ANEXO G – Base cartográfica do Brasil



Fonte: Equipe de cartografia linguística do Projeto ALiB